MARCIO GODINHO

OS DOZE GUARDIÕES CELESTIAIS

Crônicas Lemurianas

OS FILHOS DAS ESTRELAS

PRIMEIRA PARTE

LIVRO 1



Os Filhos das Estrelas

Primeira Parte

Livro 1



Os12Guardiões
Celestiais

Copyright © 2018 by Marcio Godinho
Os Doze Guardiões Celestiais
Os Filhos das Estrelas – Primeira Parte
1ª Edição

ISBN-10: 1980973784
ISBN-13: 978-1980973782
ASIN: B07CSJ6FD2
Todos os direitos reservados.

https://os12guardioes.com.br
Facebook e Instagram: @os12guardioes

OS FILHOS DAS ESTRELAS

PRIMEIRA PARTE

LIVRO 1

Os12 Guardiões Celestiais

"Num exercício meditativo que passei a chamar ‘Experimento de Eu Superior', encontrei a obra que agora ponho nas mãos do querido leitor!" - Marcio GODINHO.

Ramatis, mentor querido e inspirador da série
Os Doze Guardiões Celestiais!



Claudio Gianfardoni

CAPÍTULO UM

A Fúria de Gaia

Há duzentos e cinquenta mil anos, o planeta Terra foi assolado por um cataclismo avassalador.

O Grande Cataclismo, conhecido pelos lemurianos como a "Fúria de Gaia", fora um fenômeno de proporções planetárias que arrasou o continente onde a civilização lemuriana primeva reinara por centenas de milhares de anos.

Os lemurianos eram, já naquela época, a civilização mais avançada que o planeta Terra viu florescer. Mesmo aos dias de hoje, apesar de nos considerarmos tecnologicamente avançados, somos dez por cento daquilo que eles um dia foram!

A Raça Lemuriana havia se tornado soberba, orgulhosa, gananciosa, arrogante... Aprendera a utilizar seus conheci- mentos de modo a obter vantagens e as negociações, antes éticas, agora se tornavam algo obscuro, repletas de más intenções.

Tecnologicamente mais avançada usava de seu conhecimento para subjugar seu próprio povo, especialmente aqueles que se lhes estavam um passo atrás. Quem podia mais, mandava mais; até que se tornaram os lemurianos, verdadeiros Senhores da Morte!

As vidas inocentes já não tinham a menor importância e as guerras se tornaram o meio mais fácil de aniquilar o "indesejado" enquanto suas propriedades eram espoliadas.

A riqueza e o poder, estes tomavam lugar no coração do homem lemuriano. Seus relacionamentos já não eram mais baseados no respeito, admiração e fraternidade, mas sim, com base nos interesses mesquinhos, na conspiração, nas alianças espúrias e na mentira contumaz!

Todas as grandes ideias e projetos, antes capazes de trazer inúmeros benefícios para todos, agora eram utilizados sob o comando da mentalidade depredatória e daninha. Os pensamentos luminosos cediam espaço aos macabros planos orientados por mentes maldosas, desconectadas da Consciência Divina, distantes da Fonte Criadora, e por onde as vibrações

cosmoéticas já não eram mais capazes de permear. Uma vez que os lemurianos se comportavam como proprietários do planeta Terra, fauna e flora sofriam terrível e impiedosa ação predatória.

Olvidada de que o planeta Terra é também um organismo vivo e, portanto, totalmente consciente da ação de seus depredadores, ouviu a civilização lemuriana o brado ensurdecedor, no qual o planeta iniciou todo um processo de transformação: As ações humanas deflagraram uma temporada de hecatombes!

Terremotos de grande escala e suas sucessivas réplicas, foram gradualmente fragilizando o imenso Continente de Mu, a terra onde a civilização lemuriana floresceu. Em consequência, erupções vulcânicas seguidas de pequenos, e depois de grandes tsunamis, criaram o lúgubre cenário no qual milhões de indivíduos encontraram seu triste fim.

Numa noite, com o céu repleto de nuvens tóxicas expelidas pelos vulcões, transpassadas por relâmpagos cujos flashes comandavam um espetáculo de horrores, o continente sofreu três grandes sacudidas, esfacelou-se em migalhas e rapidamente foi engolido pelo Oceano Pacífico.

Em meio ao desespero por salvar-se, parte da população correu para os templos religiosos, enquanto outro grupo buscou abrigo nas regiões mais altas. Tudo em vão. Pois nem mesmo os sacerdotes, considerados os "ministros de Deus" seriam capazes de salvar suas próprias vidas.

A natureza estava revolta. Reclamaria milhões de vidas enquanto um número bastante reduzido de indivíduos seria poupado, mas ao alto custo de perder todas as facilidades cotidianas ao ponto de precisar lutar para sua sobrevivência por tempo indeterminado.

Nenhum humano, até então, havia presenciado um cataclismo de tão grandes proporções. Aquilo era inédito para eles. O perfeito cenário do inferno, num triste fim para aqueles que se foram e o desamparo daqueles que ficaram.

A natureza planetária estava fadada a uma profunda transformação, e os seres humanos, com alguma sorte, restariam dizimados! O planeta Terra, numa sequência de suspiros, levaria ao fundo dos oceanos extensas porções de terras, ao mesmo tempo em que traria continentes inteiros, até então submersos, em um verdadeiro processo de recriação geográfica.

Mistificados por seu próprio ego, os lemurianos foram incapazes de compreender as razões que levaram o planeta, de uma única vez, sacudir

continentes inteiros com grande violência, forçando as placas tectônicas umas contra as outras, impondo-lhes uma força descomunal.

Os lemurianos sabiam - embora ignorassem propositadamente - que o planeta Terra era – e ainda é! – um organismo vivo, possuidor de uma alma que se manifesta através dos fenômenos da natureza. Logo, na tentativa de se apropriarem do planeta, este por sua vez, sacudindo-lhes feito poeira, os expurgou de sua face!

Ao longo de várias gerações, os lemurianos deixaram de considerar a sabedoria de seu povo. Tudo aquilo que seus ancestrais haviam presenciado e visto com os próprios olhos, agora era tratado como lenda e superstição. Por isto, eles não sabiam – ou não acreditavam que o planeta Terra costumava realizar, de tempos em tempos, uma espécie de purificação, varrendo de sua face tudo aquilo que por alguma razão havia se tornado incompatível com seu padrão vibracional. E como os lemurianos haviam se tornado, em sua maioria, "hóspedes inconvenientes", seu revés foi terem se tornado a parte principal desta purificação!

Durante o período crítico em que muitos pereceram, pequenos grupos conseguiram migrar para regiões onde as catástrofes foram, por assim dizer, mais piedosas. Porém, a um custo muito alto! Não havia mais tecnologia à disposição. As facilidades do cotidiano haviam ficado para trás. A única coisa que importava era manter-se vivo. Agora, tendo que dedicar quase todas as horas do dia em busca do que se alimentar, a Raça Lemuriana, diminuta e quase extinta, enfraquecida, as- sustada e impotente diante da difícil realidade, mergulharia no mais profundo inverno intelectual. Guardaria, no entanto, a clara lembrança daquele mundo tecnologicamente maravilhoso.

Desprovidos de ferramentas adequadas para a construção de habitações ou até mesmo para as tarefas simples do cotidiano, foram necessárias apenas dez gerações para que a Raça Lemuriana regredisse aos padrões dos hominídeos que viveram há mais de 5 milhões de anos. Não havia sequer vestígios de uma raça avançada, exceto pelos escombros, que em nada lembravam os outrora imponentes templos, edifícios comerciais e habitações luxuosas dando a impressão, aos que por ali passavam, de um simples amontoado natural de rochas: Os lemurianos agora não eram mais do que um bando de trogloditas!

Na medida em que alguns poucos milênios passaram, fauna e flora recompuseram a vida no que passou a ser o novo Continente de Mu. Não se tratava mais de uma gigantesca porção de terras, mas sim, de várias porções insulares, espalhadas pelo Oceano Pacífico.

Por sua vez, os lemurianos se viram reduzidos a pouco mais que cinco mil indivíduos de aparência hirsuta, animalizada, comunicação arcaica e parcialmente conectados à sua realidade Divina. Eram mais animais do que humanos. Não dominavam senão alguns poucos conhecimentos sobre a natureza e viviam amedrontados, com suas consciências repletas de memórias agora convertidas em lendas, relacionadas à fúria planetária lançada sobre as cabeças de seus ancestrais.

Eles também terminaram por perder a longevidade. Antes, viviam cerca de até 2.500 anos. Agora, porém, não chegavam a 150 anos de vida.

Os lemurianos primevos alcançavam cerca de quatro metros e meio de estatura. Após o Grande Cataclismo, devido à escassez de terras e de alimentos, dificilmente chegariam a dois metros de estatura: Geração após geração, sua estatura continuaria a diminuir!

Enquanto os animais agiam em conformidade e equilíbrio com o ecossistema, os lemurianos mais pareciam uma horda de zumbis. Eram uma pálida lembrança daquilo que um dia foram! Estavam reaprendendo o convívio em grupo e compartilhar a comida escassa os mantinha unidos. Na fome e na morte, recomeçavam a caminhada de humanização!

CAPÍTULO DOIS

A Preleção

No entorno do planeta Terra orbitava, desde o início da Era Lemuriana, uma Estação Espacial construída por mãos não humanas. Seus tripulantes eram um tanto especiais e observavam meticulosamente todas as atividades planetárias. Pilhas de relatórios eram obtidas a cada momento e nem mesmo um simples bater de asas de uma borboleta passava despercebido.

Os Doze Guardiões Celestiais consistiam num grupo de Engenheiros Siderais. Eram profundos conhecedores das leis primordiais do Universo, detentores das mais altas outorgas e prerrogativas que lhes facultavam o direito de construir habitações planetárias por toda a Galáxia.

Sabiam precipitar reações físico-químicas junto à natureza planetária e dela extrair a energia pulsante da vida! Manipulavam a Energia Cósmica com absoluta dosimetria e precisão. Ao comando de um simples pensar e sentir, as Forças Cósmicas lhes respondiam de imediato com o fenômeno da ação. Operadores da matriz genético-vibracional, eram capazes de trazer à vida uma simples poeira cósmica.

De algum modo, os Doze Guardiões Celestiais eram, também, pais do planeta Terra. Haviam, sob os auspícios da Consciência Criadora, planejado e executado todo o processo da evolução planetária, desde o período embrionário do planeta até o surgimento do homem. Durante algum período, conviveram lado a lado com a humanidade primeva, de modo que eram, por esta, chamados de deuses.

Milhões de anos antes, os Doze Guardiões Celestiais haviam coordenado uma grande migração de Centelhas Divinas originárias das mais diversas longitudes siderais. Seu objetivo: Contribuir para que o planeta Terra se tornasse a casa de uma humanidade altamente evoluída!

Lançadas como Egos, estas Centelhas Divinas formaram as Raças Protoplasmática e das Sombras, conhecidas por sua manifestação na quarta dimensão, através de corpos astrais: Inexistiam na matéria; não possuíam corpo físico.

Como o planeta Terra consistia num mundo de terceira dimensão, ao passo que as Centelhas Divinas recebiam aprimoramentos com o objetivo

de melhorar sua experiência evoutiva, também eram submetidas a um constante processo de adensamento vibracional a fim de que, uma vez prontas para o despertar, o fizessem diretamente na matéria; no Reino Hominal.

Num intervalo de tempo que somente os Engenheiros Siderais são capazes de mensurar, as Centelhas Divinas, lançadas no planeta Terra como Egos, finalmente despertaram: Era o princípio da humanidade! Restava aos Doze Guardiões Celestiais a tarefa de observa-la sem interferir nos princípios do livre-arbítrio, reportando ao Conselho Estelar todo e qualquer evento que tivesse impacto global.

Na Estação Espacial, KIM, o líder de Os Doze Guardiões Celestiais, aguardava a chegada de seus pares enquanto observava criteriosamente todos os acontecimentos no Grande Continente de Mu.

Tão logo o Grande Cataclismo assolara o planeta Terra, uma reunião fora marcada com urgência. Seria necessário, depois de centenas de milênios, uma intervenção do Alto!

Assim que os demais Guardiões Celestiais se apresentaram, seu líder iniciou uma breve preleção:

- Caros Confrades. Em recente encontro com o Conselho Estelar, foi-nos dada a tarefa da reconstrução planetária em que pese a manutenção da Raça Lemuriana.

Conforme é do conhecimento de todos, após longos milênios os lemurianos alcançaram um inédito patamar de autodestruição.

Estamos envolvidos, há muitas Eras, com o desenvolvimento do ser humano enquanto cidadão cósmico. Como os senhores sabem, recebemos milhões de Centelhas Divinas em seu estado mais puro e, em cumprimento de nossas funções, criamos um complexo veículo espiritual que permitiu a manifestação destas Centelhas Divinas no plano da existência física.

Todos os protocolos recomendados pelo Conselho Estelar foram estritamente observados e, ao fim, dotadas de um equipo psíquico e conectadas a um maravilhoso escafandro carnal, puderam as Centelhas Divinas iniciar seu processo de evolução no planeta Terra.

Num verdadeiro laboratório a céu aberto, estes Egos foram lançados e, seguindo a natureza do Criador, cresceram e se multiplicaram à grande velocidade!

Seus Modelos Organizadores Biológicos foram programados de acordo com a natureza do planeta Terra e, uma vez acionados, cumpriram o papel de materializar os escafandros carnais com absoluta perfeição, dando às Centelhas Divinas a oportunidade de existir na matéria.

Desenvolveram-se de Centelhas Divinas para Egos e finalmente para indivíduos numa assustadora rapidez, assimilando todos os ensinamentos que lhes foram dados. Mais que isto! Foram capazes de aprimorar o conhecimento recebido, alcançando altíssimos padrões tecnológicos e um desenvolvimento cognitivo nunca presenciado no planeta!

Como Centelhas Divinas criadas à perfeita imagem da Consciência Criadora, porém inexperientes, ingênuas, desconhecedoras das Verdades Siderais, aqui chegaram a fim de explorar cada sensação física até que seus sentidos de terceira dimensão pudessem ser devidamente afinados. Uma vez que isto acontecesse, experimentariam as percepções extrassensoriais passando a desenvolvê-las até que alcançassem o mais perfeito grau de alinhamento entre Consciência Física e Superior.

Quando conseguissem alcançar o perfeito alinhamento, tornando-se criaturas despertas, iniciaríamos o processo da miscigenação cósmica, recebendo exilados, mas também missionários de outros orbes siderais. Este processo aconteceu com relativa tranquilidade, já que, possuidores de um intelecto mais avançado, os novos moradores planetários foram capazes de causar, através da multiplicação natural, importantes alterações genéticas, o que proporcionou considerável ampliação em todos os potenciais cognitivo-comportamentais, mas também físicos. Então a humanidade deu um verdadeiro salto quântico!

Neste processo de ascensão evolutiva, deveriam as Centelhas Divinas percorrer um trecho relativamente sinuoso, de modo que experimentassem o seu lado escuridão. Mergulhadas em sua própria sombra, haveriam de trilhar pelo vale do medo e da incerteza, da mentira e manipulação, expostas a todo tipo de sentimentos e comportamentos que elas reconheceriam como a prática do mal, mas que ao fim da jornada, entenderiam como algo imprescindível e necessário para seu próprio despertar!

Guiadas apenas por seu Instinto Divino, tendo sido originadas na perfeição da Consciência Criadora, experimentado a escuridão cósmica e encontrado a luz em seu próprio interior, as Centelhas Divinas

despertariam, n'algum tempo, e, numa rápida ascensão, poderiam vivenciar experiências cada vez mais amplas em orbes superiores até finalmente retornarem ao Seio do Criador.

Contudo, na condição de Guardiões Celestiais, sabíamos da complexidade envolvida num projeto desta magnitude. Tínhamos o mais perfeito juízo de que em algum momento, devido ao livre-arbítrio, a Raça Lemuriana poderia tomar as rédeas de seu próprio destino e, consequentemente, ascender rapidamente ou decair às profundezas umbralinas.

Os Confrades sabem que, desde que o contato com nossos queridos filhos lemurianos foi interrompido, o Conselho Estelar nos recomendou evitar quaisquer intervenções. Como o filho adolescente, certo de que seus conhecimentos são superiores aos de seus pais, os lemurianos acabaram por nos enxergar como criaturas inadequadas e inconvenientes, cujos conselhos e orientações se tornaram, na visão deles, algo impertinente.

Somos signatários do Tratado de Cosmoética. Portanto, não houve outra forma senão o fechamento de todos os nossos postos de integração espalhados pelo planeta Terra.

Neste momento, entretanto, precisamos retomar o contato com aqueles que restaram encarnados. Também será necessário proceder com o resgate espiritual dos que pereceram no cataclismo.

Agora falo em nome do Conselho Estelar, que nos confiou a realização de duas missões especiais:

Primeira Missão: Criar um campo vibracional de isolamento, e nele depositarmos milhões de indivíduos dos mais variados matizes. Desde aqueles que escolheram por livre e espontânea vontade o caminho da autodestruição, àqueles que os seguiram. Também estão incluídos os que, imbuídos das melhores intenções, foram incapazes de agir contra a propagação das ideias maléficas. Responsáveis e cúmplices, partícipes ou não, todos serão encerrados, por tempo indeterminado, nas regiões abissais do Umbral Astralino.

Como iremos preservar seus Modelos Organizadores Biológicos, estes indivíduos estarão aptos a retornar ao mundo físico assim que as condições planetárias se mostrarem mais favoráveis. Por enquanto, ficarão impedidos de aderir ao sistema reencarnatório.

Uma vez que estes indivíduos se encontrem isolados, o padrão vibracional do planeta Terra, atualmente baixíssimo, deverá começar a subir gradualmente até que encontre uma frequência adequada para a proliferação de uma nova humanidade: A Raça Dourada!

Segunda Missão: Projetar de imediato, a roupagem psíquica para 22 Centelhas Divinas - pelo Alto chamados de Os Filhos das Estrelas, grupo de voluntários que já está a caminho deste orbe planetário.

Oriundas de duas constelações próximas, Canis e Órion, seu objetivo consiste em habitar entre os poucos lemurianos que sobreviveram a este cataclismo.

Devido à superioridade intelectual, concorrerão para que a atual Raça Lemuriana não seja extinta! Afinal de contas, sabemos da imensa importância desta raça para a formação de outras subsequentes!

Periodicamente desceremos em Gaia com o intuito de realizar uma série de experimentos genéticos. A finalidade destes experimentos consiste em desenvolver um corpo físico adequado, cujo sistema nervoso permita um número imensamente maior de conexões neurais. Tudo isto deverá ser feito sem que tenhamos de alterar a maior parte dos padrões atuais em se tratando de aparência física, características da pele, aparelho digestório e uma série de outros fatores imprescindíveis à sobrevivência em Gaia! Eles precisam estar perfeitamente adaptados, mas necessitam possuir condições cognitivas superiores, uma vez que se tornarão os líderes das primeiras nações surgidas a partir dos remanescentes deste cataclismo!

Em seguida, KIM disponibilizou relatórios a outros três Guardiões que com ele formavam o Grupo dos Principais. Cada Guardião receberia instruções conforme sua área de especialidade. Os demais Guardiões assumiriam outras funções em seu devido momento.

CAPÍTULO TRÊS

O Conselho Estelar

Localizado no centro galáctico da Via Láctea, distante aproximadamente 24 mil anos-luz do Sistema Solar, encontra-se o Conselho Estelar, responsável por todas as tomadas de decisões que afetam diretamente os mundos existentes no Braço de Órion, onde o planeta Terra se encontra.

Como líder dos Doze Guardiões Celestiais, KIM se reporta e/ou recebe instruções diretamente deste colegiado.

O último chamado do Conselho Estelar havia sido respondido há aproximadamente 10 milhões de anos terrestres, quando o Sistema Solar adentrara a Bolha Local - resultante da explosão de uma supernova. Por ocasião deste chamado, KIM recebera a incumbência de preparar o alvorecer da Raça das Sombras.

Agora, CERB, o Conselheiro Estelar, enviara uma mensagem para Os Doze Guardiões Celestiais solicitando a urgente presença de seu líder. Desta vez, conversariam sobre os eventos que culminaram no cataclismo, suas consequências e as necessárias medidas a serem tomadas.

- Fizestes boa viagem, meu irmão? - pergunta CERB.

- Sim. Obrigado. Para quem trabalha nos confins da galáxia, até que a viagem não foi tão demorada! – responde KIM, espirituoso e bem-humorado - Os Portais Cósmicos, recentemente abertos, funcionam maravilhosamente bem, permitindo alcançar qualquer ponto da galáxia numa pequena fração de tempo!

O Conselheiro Estelar toma para si um dispositivo contendo o Plano de Ajuste Planetário, reservado ao planeta Terra, e então diz:

- Não há tempo! O irmão bem sabe! Temos novas instruções que precisam ser executadas com urgência. Há novos planos para Gaia, no que diz respeito à Raça Lemuriana. Acompanhe-me, por favor. Temos muito o que conversar!

Acomodados numa espécie de sala de reuniões, CERB aciona o projetor holográfico que mostra o plano original destinado à humanidade.

Ambos assistem no mais profundo silêncio.

A projeção holográfica exibe o filme contendo o roteiro original, através do qual a humanidade evoluiria, da Raça Hiperbórea à Raça das Sombras finalmente evoluindo para a Raça Lemuriana.

No roteiro, todo o processo de evolução acontece magnificamente, e, aos lemurianos, presenteados com o magnífico planeta azul, foi dado o direito de conquistar cada palmo de terra, mar e ar. Eles eram os predestinados a alcançar a verdadeira Terra Prometida. Cresceriam sob todos os aspectos - morais e tecnológicos - e seus descendentes experimentariam o auge da Evolução Cósmica, gerando uma auspiciosa civilização de seres beneplácitos, conscientes e espiritualizados.

Ao chegar no topo da evolução, a Raça Lemuriana contribuiria para a formação das Raças Atlante e Ariana. E ao final da Raça Ariana, a humanidade alcançaria o status de Raça Dourada!

- Vedes a perfeição do plano? A Consciência Criadora nos incumbiu a tarefa de povoar um lindo planeta nos confins da galáxia. Percebes, no entanto, onde ocorreu o ponto de cisão?

- Sim. Está claro! - respondeu KIM Houve um ponto de cisão na linha do tempo. Os lemurianos, ao alcançarem razoável patamar de evolução mental, desejaram se tornar independentes criando propositadamente uma distonia no padrão vibracional do planeta.

- Certamente! Essa distonia vibracional criou um colapso no polo magnético do planeta. Os dias e as noites se tornaram extremamente mais curtos, o que resultou no encurtamento do tempo natural de vida de todos os seus habitantes, incluindo fauna e flora. O clima, antes ameno, deu espaço ao surgimento de grandes intempéries, favorecendo o aparecimento de desertos inóspitos. As correntes marítimas se alteraram. Bandos inteiros de aves perderam o senso de direção desviando-se de suas rotas migratórias e, por isto foram parar em locais onde não havia comida adequada, morrendo e se extinguindo. Animais marinhos sofreram algo semelhante em suas rotas migratórias, encontrando em seu destino a escassez de alimentação e clima inadequado para procriar. Enfim, um resultado desastroso para uma humanidade que tinha absolutamente tudo para florescer no mais perfeito equilíbrio! - disse CERB.

O Conselho Estelar havia elaborado um plano magistral, e sob sua supervisão, os Doze Guardiões Celestiais executaram de maneira impecável a tarefa de projetar, equalizar e aprimorar os veículos de manifestação espirituais, através dos quais as Centelhas Divinas se manifestariam no mundo físico e, consequentemente, eclodiriam na humanidade. Mas uma vez que esta eclosão ocorresse, estariam, os Doze Guardiões Celestiais, impedidos de interferir, preservando-se o direito de fazer pequenas e pontuais sugestões, transferências de conhecimento sem, no entanto, interferir a partir deste ponto: A humanidade seria livre para utilizar os conhecimentos conforme bem entendesse, desde que arcasse com todas as consequências caso os utilizasse inadvertidamente!

Retomando a exibição do filme, CERB congela a imagem exatamente onde ocorrera o ponto de cisão na linha do tempo:

- Observe este momento. A linha do tempo parece esticar até o ponto de rebentar-se. Ao rebentar, o planeta sofre uma alteração, invertendo sua trajetória elíptica. O Sistema Solar enfrenta um moderado colapso, porém suficiente para que o Planeta Gêmeo-de-Gaia seja repelido: A violência deste choque foi tamanha que o arrancou de sua trajetória elíptica, mergulhando-o no espaço profundo.

- Sabemos que haverá consequências graves para este ato. Neste caso, quais as vossas recomendações sobre como devemos proceder? - perguntou KIM.

- O Planeta Gêmeo-de-Gaia era por nós considerado a futura casa da humanidade. Um verdadeiro paraíso! Por estar relativamente próximo à Gaia, bastava a corrida espacial acontecer para que a humanidade conseguisse, com relativa facilidade, coloniza-lo! Além disto, possuía condições idênticas à Gaia, de modo que seria possível aos humanos, adentrarem em sua atmosfera sem o uso de quaisquer tipos de equipamentos. Contudo, isto já não mais ocorrerá. Esta será a consequência mais grave, de não ter uma alternativa planetária viável nas proximidades do Sistema Solar. - respondeu CERB.

- Caso a linha do tempo não houvesse sido alterada, qual a estimativa até que a humanidade conseguisse colonizar o Planeta Gêmeo-de-Gaia? - questiona KIM.

- Com os rápidos avanços, a Raça Lemuriana conseguiria colonizar muito rapidamente o Planeta Gêmeo-de-Gaia, de modo que, num futuro

próximo, todas as raças subsequentes seriam capazes de possuir familiares extraterrestres, tal como ocorre em muitas regiões do Universo. Com o rompimento da linha do tempo, será necessário entrarmos com um urgente plano de reestruturação vibracional em Gaia. - diz CERB.

- Este plano implicará em novos cataclismos, ainda que de menor intensidade? - mesmo sabendo a resposta, KIM resolve perguntar, já que possui um profundo amor pela humanidade que ajudou a criar.

- A implicação é bem maior! - responde CERB, gravemente Uma vez que os lemurianos criaram essa distonia vibracional, e tendo provocado o colapso de um planeta vizinho saudável, haverá o efeito rebote, que atingirá Gaia em cheio! A Raça Lemuriana perecerá por longo tempo! Preservaremos, entretanto, um mínimo de indivíduos que passarão, do altíssimo estágio intelectual o qual se encontram, para o mais profundo mergulho no embrutecimento da alma: Uma vez que seu padrão cognitivo comportamental se reduza, isto deverá facilitar vossa intervenção!

- Em que consistirá a nossa intervenção, na condição de Guardiões Celestiais? - pergunta KIM.

- Por não desejarmos que a Raça Lemuriana seja exterminada, pertinentemente os Guardiões deverão descer à superfície de Gaia procedendo com o resgate dos remanescentes. Deverão estabelecer um Marco Zero, que consistirá num ponto seguro em Gaia. Naquele lugar, eles terão uma nova oportunidade. Cabe a vós, na condição de Guardiões Celestiais, o contínuo acompanhamento de Os Filhos das Estrelas. Eles habitarão entre os lemurianos remanescentes e serão responsáveis pelo ressurgimento da Raça Lemuriana! Sua adiantada condição intelectual e sua programação genética farão com que tudo se cumpra naturalmente! - sentenciou CERB.

- E quanto aos lemurianos remanescentes, deveremos interceder em algo?

- Não! Os remanescentes continuarão sendo guiados pela força de seu livre-arbítrio!

- E qual será o destino daqueles que perecerem durante o Cataclismo? - questiona KIM.

- Todos os procedimentos referentes ao resgate, estão minuciosamente descritos no item Primeira Missão, do Plano de Ajuste Planetário! Atentai para o fato de que no momento da chegada de Os Filhos das Estrelas, Gaia

deverá possuir estabilidade vibracional. Do contrário, mesmo sendo possuidores de grande ascensão, enfrentarão sérias dificuldades para cumprir tão importante missão. Eles agora serão vossos filhos! - completou CERB.

A reunião acabara. KIM precisava retornar a seu posto junto aos demais Guardiões Celestiais. Era de grande urgência dar início ao Plano de Ajuste Planetário.

CAPÍTULO QUATRO

O Plano de Ajuste Planetário

Sem tempo a perder, e com Os Filhos das Estrelas em plena viagem sideral a caminho do planeta Terra, KIM convoca ROR, o Segundo Guardião Celestial, especialista na criação de campos magnéticos, equalização vibracional planetária e resgates coletivos.

- Eis-me aqui, irmão KIM, apresentando-me para o trabalho! - Sinalizou ROR assim que adentrou à Sala Panorâmica cuja visão apontava para o já devastado Continente de Mu.

- Chegastes em boa hora, meu bom irmão ROR. Aproveitemos para discutir alguns detalhes sobre a função que deveis desempenhar preliminarmente, antes de iniciar o Plano de Ajuste Planetário.

Apontando para o Oceano Pacífico, em meio às águas, KIM mostra uma porção remanescente do continente de Mu, repleta de vulcões em erupção, despejando imensas quantidades de lava incandescente mar adentro. Restava, entretanto, uma porção insular cercada por dezenas de ilhotas.

- Observe aquela região planetária onde, após o Grande Cataclismo, formou-se um gigantesco anel de fogo. Vedes aqueles arquipélagos? - apontou KIM - Aquele lugar, devido às condições de isolamento, cercadas pelo agora maior oceano do planeta, constituem o local adequado para o **Marco Zero**.

- Perfeitamente! - concordou ROR. Neste momento, embora aquela região ainda sofra com o impacto ambiental ocasionado pelos vulcões ativos, é certo que a natureza se encarregará de estabilizar todo o ecossistema, criando o propício ambiente para o ressurgimento da Raça Lemuriana. Poderemos, em até dois milênios, iniciar o ancoramento de Os Filhos das Estrelas.

Continuavam os Guardiões Celestiais a olhar para o planeta Terra enquanto teciam as estratégias relacionadas ao plano futuro.

Devido às condições pós-cataclismo, a atmosfera planetária havia se tornado mais carregada, piorando a qualidade do ar respirável, enquanto o

solo perdera quase toda a sua fertilidade. No entanto, estes seriam apenas alguns dos incontáveis parâmetros que necessitavam ser recalibrados de modo que o planeta Terra tornasse a ser o berço da vida, conforme acontecera milhões de anos atrás.

- Antes de darmos início à **Primeira Missão**, é necessário que o irmão obtenha um real panorama sobre aqueles que pereceram no Grande Cataclismo. Pois segundo as orientações de CERB, o Conselheiro Estelar, precisamos acondiciona-los de maneira adequada. É, portanto, sua principal tarefa, criar os Umbrais Astralinos naquela região! - disse KIM, referindo-se ao desafio que ROR enfrentaria.

- E quais seriam os parâmetros para a criação destes Umbrais? - perguntou ROR.

- Apesar de já ter transcorrido 1 milênio após o Grande Cataclismo, bilhões dos indivíduos que pereceram, ainda se encontram no mais profundo sofrimento, atormentados por suas consciências, prisioneiros de suas próprias maldades, presos às ações que um dia cometeram. Além disto, é imperioso considerar que um número acentuado de indivíduos, ainda possui força mental suficiente para causar um novo cataclismo. Mas como se encontram em estado de choque, seu poder está comprometido. Isto, porém, é temporário. Logo retomarão suas faculdades mentais! - disse KIM.

- Compreendi! Isto quer dizer que precisamos criar um campo vibracional que suporte as poderosas emissões mentais provocadas por estes indivíduos... - completava ROR, quando foi subitamente interrompido por KIM.

- Milênios na prática da magia das trevas acabaram tornando estes indivíduos extremamente poderosos e nocivos ao equilíbrio planetário. É verdade que sentimos um profundo amor por eles. Mas agora, este amor precisa ser exigente! Eles entrarão numa longa fase de reeducação espiritual, o que implicará grande sofrimento. Mas não se trata de um sofrimento impingido. Eles sofrerão por causa da tão necessária desintoxicação de suas almas! Logo, o que aparenta ser dor, na verdade é libertação! - completa KIM.

- Conforme os padrões cósmicos, os Umbrais Astralinos serão construídos na dimensão ligeiramente superior ao mundo físico. Em suma, estas almas em processo de reeducação habitarão sobre as cabeças daqueles que estarão na superfície de Gaia. Embora muito próximos, os planos físico

e astral estarão completamente isolados um do outro. Por vários milênios, não haverá conexão entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos! - disse ROR.

- Sim! Esta é uma regalia que eles não mais poderão contar! O mundo dos mortos é o verdadeiro e real mundo! É onde a Consciência Criadora molda, a partir dos padrões vibracionais, absolutamente tudo o que possui forma. - completa KIM.

Aquilo que os humanos se convencionaram chamar de "mundo dos mortos" consiste, na verdade, no mundo da imortalidade, já que ao encarnar, a Centelha Divina mergulhará no plano vibracional mais denso. Com isto, ela ocupará um escafandro carnal ou corpo físico e dele se utilizará com o puro e simples propósito da evolução.

Em qualquer parte do universo é absolutamente comum o contato entre seres habitantes das mais diversas dimensões. Pois é desta forma que as instruções oriundas de orbes superiores chegam aos mundos de evolução básica. E foi a subversão deste processo que levou os lemurianos ao próprio desterro.

Com o passar do tempo, devido aos mais diversos matizes de evolução espiritual, os bilhões de seres humanos estavam distribuídos em diversos grupos. Havia seres de grande evolução, mas também havia indivíduos que operavam com grande maestria as correntes inferiores. De outra forma, havia indivíduos altamente inteligentes e outros dotados de intelecto mediano.

A última leva de espíritos migrantes que havia chegado de orbes inferiores, era formada por humanos bastante primitivos. De pouco intelecto e emocionalmente imaturos, logo se tornariam alvos fáceis daqueles inescrupulosos cidadãos cuja vida era dedicada à obtenção do poder sem limites.

Criaram, portanto, um dito mundo superior, onde os mais poderosos viviam, e um mundo inferior, onde civilizações inteiras eram subjugadas, trabalhando diuturnamente para ampliar a riqueza dos primeiros. As nações poderosas eram compostas por indivíduos de instinto predatório enquanto as nações escravas não possuíam outra escolha exceto servir ou morrer: ao fim, de qualquer forma, morreriam de epidemias, fome, miséria...

Dadas às facilidades de comunicação com o mundo espiritual, os lemurianos passaram a utilizar da energia vibracional com o propósito de

adquirirem poder a qualquer custo. A culminância deste gesto infeliz criou uma legião de espíritos escravizados e a banalização da vingança. Neste período, reinaram os magos das trevas!

Agora, sabendo que estes mesmos magos das trevas se encontram entre aqueles que pereceram, e que uma boa parte destes indivíduos lhes serviram como instrumento para as mais cruéis vinganças, contrataram seus serviços ou aliaram-se com o propósito de obter vantagens ilícitas, nada mais natural que sejam lançados num único lugar a fim de que possam decantar toda a energia deletéria da qual foram capazes de mutuamente criar e manipular ao longo dos milênios*: similia similibus curantur!*

- É necessário, nobre irmão ROR, realizar um censo absolutamente preciso em relação aos que pereceram. Precisamos saber com exatidão quantas almas serão lançadas aos Umbrais Astralinos! - incumbiu KIM, continuando as orientações.

- Com relação aos sobreviventes, o que devemos fazer? - questionou ROR.

- Verifique quantos indivíduos restaram vivos e qual estado de saúde gozam no momento. Somente aqueles mais saudáveis serão levados ao Campo de Repovoamento, posto que os demais, ao desencarnarem, também serão encerrados nos Umbrais Astralinos! Contudo, não interfira em absolutamente nada por enquanto! Nossa principal ação é darmos início ao processo de recalibragem do padrão vibracional de Gaia antes de iniciarmos a migração dos sobreviventes! - orientou KIM.

- Em qual momento solicitaremos a cooperação dos Elementais da Natureza? - questionou ROR.

- Enviamos um pedido de mútua cooperação através de seus respectivos Tatwas, e desde então estamos aguardando. Sendo eles os controladores das forças planetárias, precisamos, inclusive, notifica-los sobre nossa intenção de descer à superfície de Gaia. - concluiu KIM.

A resposta dos Elementais da Natureza não tardou a chegar. Aqueles seres da natureza haviam aceito a solicitação de mútua cooperação e iriam, juntamente com Os Doze Guardiões Celestiais, trabalhar no Plano de Ajuste Planetário. Sabendo que a natureza não dá saltos, entre semear e colher, haveria um longo e demorado processo de evolução das coisas, até que finalmente criassem as mais perfeitas condições vibracionais a fim de que o planeta Terra recebesse Os Filhos das Estrelas.

No anexo da Estação Espacial havia um sofisticado laboratório voltado para o desenvolvimento de trajes biotecnológicos. Estes trajes tinham por principal função envolver o sensível corpo fluídico dos Guardiões Celestiais. Na prática, era como simplesmente vestir uma roupa biológica, capaz de lhes dar aparência humana, permitindo-lhes transitar com maior discrição entre a população.

Os padrões utilizados para a construção daqueles trajes, seguiam estritamente as condições planetárias. Isto equivale dizer que um traje desenvolvido para adentrar a atmosfera do planeta Terra, poderia se desintegrar caso fosse utilizado noutro planeta. Essencialmente, um Traje Biotecnológico é com- posto por milhões de informações genéticas, células, tecidos, órgãos e muitas, muitas bactérias!

GUS, o Terceiro Guardião e especialista na construção de trajes biotecnológicos, estava no laboratório compilando as informações recentemente obtidas, tão logo o planeta Terra estabilizara, após o cataclismo. Ao analisar as condições planetárias, seria possível obter parâmetros que permitissem desenvolver um Modelo Organizador Biológico. Por sua vez, o Modelo Organizador Biológico permitiria que escafandros carnais fossem gerados no ventre materno, bastando apenas a junção dos gametas. O Terceiro Guardião estava projetando um dispositivo que tornava autônoma a humanidade, no que diz respeito ao processo de reprodução!

A Raça das Sombras, que havia precedido a Raça Lemuriana, não possuía reprodução sexuada. Logo, por não existirem senão em seus corpos astrais, era desnecessário o desenvolvimento de corpos físicos. Entretanto, este fator de não-reprodução fazia com que Os Doze Guardiões Celestiais necessitassem intervir de maneira contínua. Periodicamente, eles lançavam uma nova leva de Egos de modo que sempre havia a necessidade de descerem até a superfície do planeta Terra.

Agora, porém, devido às instruções de não-intervenção, era necessário introduzir um novo sistema através da reprodução sexuada. Isso traria autonomia, mas também maior responsabilidade para a raça humana!

Havendo o processo de concepção, que por sua vez dá início à frenética multiplicação das células, bastam alguns meses para que um organismo replique outro à sua imagem e semelhança. Sua matriz, o Modelo Organizador Biológico, ditará as características físicas que o

indivíduo terá ao nascer, além de que, conterá absolutamente todas as informações relacionadas às mudanças físicas ao longo da vida!

O Modelo Organizador Biológico possui milhares de outras funções e, a este produto de altíssima tecnologia, GUS denominou "Corpo Emocional". Também é correto chama-lo de Corpo Astral: Os indivíduos da Raça das Sombras usavam-no como pele.

Na sala de equalização vibracional ROR prepara-se para adentrar ao laboratório. Seu objetivo era checar a preparação do traje que vestiria em sua primeira descida à superfície do planeta Terra em milênios.

- Solicitando autorização para entrar em vosso labora- tório! - pediu ROR ao Terceiro Guardião.

- Mas é claro, meu irmão! Entre e fique à vontade! completou GUS - Eu estava aguardando esta visita, pois precisamos colher alguns parâmetros de seu corpo vibracional a fim de calibrarmos devidamente o Traje Biotecnológico. Afinal de contas, você não irá querer sentir nenhum desconforto ao longo da viagem, não é mesmo?

- É verdade! Então vamos resolver essa questão logo, pois ingressarei em Gaia assim que o traje estiver calibrado - assentiu ROR, com tranquilidade.

- Certamente que sim! Contudo, observe que esses trajes foram programados para absorver diversas outras informações relacionadas às condições planetárias. - dizia GUS enquanto realizava os devidos ajustes no traje. - Esta maravilha possui equipamentos de leitura microbiológica, níveis de saturação da atmosfera e outras informações relevantes. Além do mais, ele é capaz de nos enviar dados em tempo real.

- Quer dizer que esses trajes são o que há de mais sofisticado? - brincou ROR, que também já ocupara a função de Terceiro Guardião.

- Sim! O traje está equipado com sensores capazes de perceber cada partícula existente nos ambientes os quais você visitar. Além de regularem as condições internas, protegendo nossos nobres viajantes planetários, nos fornecerão detalha- dos relatórios sobre as vulnerabilidades a que se acharão expostos Os Filhos das Estrelas, tais como doenças por exemplo. Ao concluir a coleta de informações, poderemos desenvolver anticorpos, inserindo os códigos genéticos no Modelo Organizador Biológico. Assim, ao reencarnarem, e ao menor sinal de um ataque microbiológico, seu

sistema imunológico responderá com rapidez e eficiência. – respondeu GUS com aparente seriedade. E completou com um olhar mais sério ainda:

- Ah! Eu ia me esquecendo. Seu traje está equipado com um sistema que o torna biodegradável. E como eu sei que você adora "jogar conversa fora" com os Reis Elementais a ponto de perder a hora, tome cuidado ou estará em apuros: Seu traje irá se desintegrar!

- Está brincando! - disse ROR.

- Sobre jogar conversa fora ou sobre o traje? - questionou GUS, rindo alto.

- Evidentemente, sobre jogar conversa fora! - completou ROR.

- Esta é a maior das verdades! - disse GUS, às gargalha- das. - Da última vez que você desceu à superfície, permaneceu não menos que cinquenta anos planetários conversando com Ghob, o rei dos gnomos.

- E sobre o traje desintegrar? - questionou ROR.

- É brincadeira! - disse GUS, no que ambos riram.

Sabendo que a missão de ROR também consistia em conversar com os Reis Elementais, GUS programou o Traje Biotecnológico a fim de que permitisse a mais perfeita manifestação do Segundo Guardião em quatro ambientes distintos: Fogo, ar, terra e água, posto que ROR visitaria os Reis Elementais adentrando seu habitat natural. Além disto, o traje também não impediria que ROR manifestasse suas percepções hiperssensoriais, de modo que seria possível incursionar, ainda que através da visão psíquica, na dimensão astral, onde agora se encontravam todos aqueles que pereceram no cataclismo.

Acima do laboratório de trajes biotecnológicos, encontra-se a Câmara de Experimentos Psíquicos. Em seu comando, TEF, o Quarto Guardião.

Trata-se de um local vibracionalmente blindado, o que permite criteriosa análise de emissão e recepção de ondas mentais para posterior ajuste no equipo psíquico dos humanos, facultando-lhes captar com maior ou menor intensidade as informações contidas na memória e inconsciente coletivos, mas também, recepcionar toda a gama de informações disponíveis na Consciência Cósmica.

Ademais, a Câmara de Experimentos Psíquicos permitia a simulação dos mais variados tipos de psicosferas planetárias, sendo possível, por exemplo, saber como o psiquismo de um hominídeo reagiria caso ele fosse subitamente inserido numa sociedade tecnologicamente avançada, e mais

especificamente, como Os Filhos das Estrelas reagiriam à drástica mudança de padrão vibracional, imensamente mais baixo em relação ao padrão de seus mundos de origem.

Naquele momento, o Quarto Guardião finalizava os ajustes de uma espécie de capacete com estrutura fina e transparente, cuja função seria analisar as reações neurais de ROR em relação ao ambiente planetário.

Sem bater, ROR adentra à Câmara de Experimentos Psíquicos, no que foi percebido por TEF.

- Seja bem-vindo meu bom irmão! Já estava te aguardando para experimentarmos o Analisador de Reações Neurais. - disse TEF.

- Sou tão barulhento assim? - disparou ROR, em tom de brincadeira.

- Esquecestes que este recinto é blindado? Aqui somos capazes de ouvir até mesmo o spin de uma partícula atômica ou ler pensamentos! - completou TEF.

- Por falar em ler pensamentos, o que temos de novidade? - perguntou ROR.

- Desenvolvemos este simples dispositivo para que possamos compreender melhor como você irá se comportar em relação à psicosfera planetária. Precisamos avaliar o Traje Biotecnológico para em seguida inserirmos os parâmetros por ele fornecidos, no Modelo Organizador Biológico a ser utilizado pelos Filhos das Estrelas.

- Então eu serei a cobaia, é isto? - perguntou ROR expressando, por brincadeira, uma horrorosa cara de espanto.

- Sim! A melhor das cobaias, já que é capaz de descrever com grande habilidade e detalhismo todas as sensações experimentadas pelos humanos! - disse TEF. Por agora, sente-se aqui. Preciso concluir os ajustes.

Ao contrário do que poderíamos pensar, os Engenheiros Siderais precisavam colher diversos parâmetros relacionados não somente ao planeta Terra, mas também ao Sistema Solar. Isto porque o planeta, após o Grande Cataclismo, ao sofrer um desvio de sua trajetória elíptica, passou a receber maior radiação solar, sofrendo sérias alterações atmosféricas, climáticas e ambientais. Todo o seu ecossistema sofrera alguma alteração e, portanto, era necessário realizar um minucioso levantamento de dados, o que garantiria aplicar os ajustes corretos no planeta, de modo a elevar-lhe o padrão vibracional.

Ambos, o Traje Biotecnológico e o Analisador de Reações Neurais funcionavam interligados, e enviavam rapidamente as informações para a Estação Espacial. Além disto, aqueles dispositivos captariam todas as reações de ROR, codificando e imediatamente inserindo os novos dados ao sistema. Isto faria com que, por exemplo, o Traje Biotecnológico criasse memórias emocionais e musculares. Se em dado momento ROR emitisse algum impulso de dor ou qualquer outra reação, imediatamente o sistema reajustaria sua "couraça emocional", reconfigurando o esquema de proteção psíquica, emocional e física. Um simples beliscão enviaria sinais ao Analisador de Reações Neurais, que por sua vez enviava um impulso magnético a ROR, de modo que ele sentisse a intensidade do estímulo.

O Segundo Guardião já sabia da complexidade que enfrentaria lá na superfície da Terra. Embora estivesse vestindo um traje especial, ROR viveria praticamente como um ser humano; se pareceria com um deles de modo que dificilmente seria percebido como um Guardião. Passar por aquela experiência era algo necessário e, pelo futuro da humanidade, ele o faria!

- Ok! Terminamos os ajustes! - disse TEF. - O dispositivo está devidamente calibrado com os últimos parâmetros disponíveis em nosso banco de dados. Desta forma, o irmão não deverá sofrer tanto para se adaptar na superfície do planeta. Evidentemente algumas reações serão notadas, especialmente o processo de envelhecimento natural, programado para ocorrer no Traje Biotecnológico.

- Já que tocastes neste assunto, qual a estimativa de vida útil tanto do Traje Biotecnológico quanto do Analisador de Reações Neurais? - questionou ROR.

- Não esperamos que você conclua todos os levantamentos antes que tenha se passado 1000 anos em Gaia. Então resolvemos programar a longevidade do Traje Biotecnológico para pelo menos 3000 anos! - respondeu TEF.

- Caramba! E o traje suportaria todo este tempo?

- Sim! Desde que não seja necessário passar por nenhuma experiência de risco mais severa, o Traje Biotecnológico será capaz de se autorregenerar. Logo, é imprescindível que o irmão tome cuidado!

- E quanto ao Analisador de Reações Neurais, qual seria o tempo de vida útil? - tornou, ROR, a perguntar.

- Estamos empregando neste dispositivo o que há de mais moderno! Levaria uns 150 mil anos até que a humanidade de hoje fosse capaz de desenvolver apenas um protótipo! O irmão precisa ser muito mais cauteloso com o Traje Biotecnológico! - alertou TEF. - Quanto ao tempo de vida útil, considere o equipamento como "indestrutível"!

- Certamente que sim! Serei cauteloso! – afirmou ROR.

– À propósito, o irmão já sabe quando irá descer à superfície de Gaia? - questionou TEF.

- Estou indo conversar com KIM sobre isso.

- Sentirei saudades de vossa presença na Estação Espacial! assinalou TEF Contudo, sabemos que é temporário! Logo nos reencontraremos para dar continuidade ao Plano de Ajuste Planetário!

De volta à Sala Panorâmica, ROR era aguardado por KIM. O Primeiro Guardião já continha em mãos todas as instruções relacionadas à jornada de ROR pelo planeta Terra.

- Meu bom irmão ROR! Sente-se aqui! Bem sabes que se aproxima o dia em que descerás à superfície do planeta. Logo, precisamos revisar todos os pontos que estabelecemos como imutáveis. É necessário superar etapa por etapa, até obter todos os dados preliminares, com os quais daremos início ao Plano de Ajuste Planetário. - disse KIM.

- Estou ciente, irmão KIM. Ponho-me integralmente a serviço da Consciência Criadora para realizar essa importante missão! Conte com a minha mais completa dedicação! - completou ROR.

- Devo dizer que esta missão será perigosa e contingente. Sabemos que o irmão sofrerá todos os tipos de vicissitudes, especialmente porque já faz algumas centenas de milênios que não desce à superfície de Gaia e, provavelmente conviverá com o choque vibracional. Além disto, a missão terá o prazo mínimo de 1000 anos terrestres, sendo que o irmão não poderá retornar enquanto esse tempo houver esgotado! - disse KIM, expressando um tom grave. - O Traje Biotecnológico será programado para funcionar como um escafandro carnal. Portanto, para retornar à Estação Espacial, o irmão precisará literalmente morrer como morrem os humanos. Assim que cessar as funções vitais do traje, poderemos proceder com o vosso imediato resgate. Tendo em conta que podemos rastreá-lo em qualquer lugar por onde ande, saberemos com exatidão o local e hora em que vos resgataremos!

Então, ambos discutiram cada detalhe do Plano de Ajuste Planetário, definiram o itinerário da longa viagem e estabeleceram o local de pouso da nave que levaria ROR à superfície do planeta Terra.

- Djinn, o rei dos Elementais do Fogo, acabou de receber os procedimentos referentes à sua chegada. Solicitamos a ele a abertura de três Portais Multidimensionais. O primeiro destes portais te colocará no que restou do continente lemuriano. Este vai ser o seu Marco Zero e será aberto em exatos dois anos de Gaia. Portanto, este também é o seu tempo de preparação. - disse KIM.

- E quanto aos outros dois portais? - questionou ROR.

- O segundo Portal Multidimensional te levará no exato local onde os dois grandes continentes se interligam. Finalmente, o terceiro Portal Multidimensional colocará você mais ao Hemisfério Sul de Gaia. Em ambos os lugares você deverá encontrar vários remanescentes da Raça Lemuriana. Ao final desta missão, você voltará, com o auxílio dos Reis Elementais, exatamente ao Marco Zero. - respondeu KIM.

- Há alguma instrução mais específica e que eu deva seguir à risca?

- Apenas uma recomendação: Não interfira, de modo algum, no livre-arbítrio dos remanescentes do cataclismo! Há, no entanto, uma orientação no sentido de que, se eventualmente o irmão for atacado, aja apenas no intuito de preservar a integridade pessoal sem, no entanto, ferir a quem quer que seja! – respondeu KIM, com absoluta veemência.

– Pois qualquer outra atitude, poderá causar sérias anomalias na linha do tempo!

- Ciente! - respondeu ROR. - Darei início aos preparativos e farei os ajustes relacionados à sincronicidade, considerando a abertura dos Portais Multidimensionais!

- Você bem sabe, meu bom irmão, mas não custa nada repetir: Ainda que distantes, todos nós estaremos contigo, ligados pelas vibrações do Amor! - finalizou KIM, com um caloroso e fraternal abraço em ROR, seu irmão de jornada.

Após ouvir as considerações de KIM, o Segundo Guardião agora retorna a seu laboratório particular. Era necessário refletir sobre toda a extensão do Plano de Ajuste Planetário!

Repleto de equipamentos quânticos que permitiam obter detalhes imprescindíveis acerca de qualquer missão na superfície do planeta Terra,

aquele havia sido o espaço favorito de ROR pelos últimos milhões de anos terrestres. A partir daquele lugar, foram planejados incontáveis mecanismos de evolução espiritual largamente utilizados pela humanidade. Mesmo sabendo que passaria apenas um ou dois milênios afastado de seu ambiente predileto, ROR olhou para aquele lugar com um certo tom melancólico.

Enquanto mentalmente revia os passos que compunham o Plano de Ajuste Planetário, o Segundo Guardião passou a compreender a importância de cumprir, levasse o tempo que levasse, cada um dos itens que eram, na verdade, extremamente importantes e, sem sua realização, o Plano de Ajuste Planetário dificilmente evoluiria.

Considerando, na pior das hipóteses, uma falha nesta missão, devido à idade do planeta Terra, os Doze Guardiões Celestiais teriam que, provavelmente, adotar outro planeta como berço da humanidade. Isto porque não haveria tempo suficiente, entre o surgimento da Raça Lemuriana e a culminância da Raça Dourada, sem que o planeta tivesse esgotado seus recursos naturais: A longo prazo, todo o projeto da humanidade estaria comprometido!

O planeta Terra, de tempos em tempos, costuma passar por profundas mudanças em sua superfície. Seus polos se invertem, períodos glaciais intercalam com grandes inundações; florestas inteiras viram deserto e vice-versa. Essas grandes transformações são chamadas de Cataclismos Naturais, sendo justamente entre estes períodos que as civilizações dão seus saltos evolutivos e/ou desaparecem.

Tendo acompanhado a evolução do planeta Terra desde seu nascimento, os Doze Guardiões Celestiais sabiam dizer com exatidão, a época em que os Cataclismos Naturais aconteceriam. Isto lhes proporcionava uma janela de tempo onde, entre um cataclismo e outro, ocorreria o desenvolvimento da Raça Lemuriana. Na prática, um Cataclismo Natural marcaria o início daquela Raça, e outro Cataclismo Natural decretaria o seu fim.

Mas é preciso notar que o último cataclismo não fora algo natural e sim, provocado pelos lemurianos que, ao fazerem isso, acabaram colocando um provável grande Cataclismo Natural a meia-distância de seu desenvolvimento. Isto equivale dizer que a Raça Lemuriana, além de quase ter provocado a sua própria extinção, agora corria o sério risco de ser

destruída num futuro próximo, antes de alcançar seu apogeu! Eis porque o Plano de Ajuste Planetário não poderia, sob nenhum aspecto, sofrer atrasos!

Pronto para a partida, ROR abraçou seus confrades e dirigiu-se à Plataforma de Lançamento, onde toda uma equipe encontrava-se à postos, apenas aguardando pela chegada do Segundo Guardião.

Na antessala havia uma espécie de UTI. Naquele lugar, ROR sofreria uma espécie de "processo de humanização". Ambos, o Traje Biotecnológico e o Analisador de Reações Neurais, vestiriam o sensível corpo fluídico do Segundo Guardião. Esta complexa intervenção estava sob o comando de GUS e TEF, Terceiro e Quarto Guardiões respectivamente.

- Todos os procedimentos serão indolores, meu bom irmão. No entanto, após conectarmos todos os tecidos nervosos, você deverá notar o aparecimento de várias reações emocionais tipicamente humanas. disse GUS. No entanto, você - sabe, todas as percepções hiperssensoriais serão mantidas.

- Façam o que é necessário, meus queridos irmãos! Estou ansioso por iniciar esta missão na esperança de conclui-la no menor tempo que me for possível! - disse ROR, resoluto!

Com a rara habilidade de cirurgiões, GUS e TEF iniciaram os procedimentos para "humanizar" ROR, não levando muito tempo para que o Segundo Guardião estivesse apto a descer na superfície do planeta Terra.

- Prontinho! Agora já pode ir! Iremos monitorar cada passo dado por você! Cuide-se! Ah! E leve consigo nossas melhores vibrações de amor! - disse TEF, após implantar em ROR o Analisador de Reações Neurais.

- Ok meus queridos irmãos! Se estou pronto, então não quero me demorar! Há muito o que ser feito! - disse ROR ao se levantar e rapidamente dirigir-se à Plataforma de Lança- mento.

Orgulhosa pela missão, a equipe aplaudiu demorada- mente aquele que desceria à superfície do planeta e lá permaneceria por não menos que mil anos. ROR acenou e, sem dizer uma única palavra, embarcou na pequena nave. Levava consigo a esperança, alguns equipamentos e uma caixa blindada, para ser entregue a Ghob, Rei dos Gnomos.

Posicionada na Ponte de Mergulho, a nave partiu assim que a sincronicidade acionou os Portais Multidimensionais: O Plano de Ajuste Planetário havia iniciado!

CAPÍTULO CINCO

A Antiga Profecia

Cerca de pelo menos quinhentos mil anos antes, quando a civilização lemuriana estava no ápice de seu desenvolvimento, todo o cabedal de sua sabedoria antiga, antes considerado de cunho sagrado, foi gradualmente sendo desacreditado pelos próprios lemurianos.

Transformadas em lendas, as Verdades Espirituais já não eram mais objeto do interesse da população e os poderosos métodos de cura, harmonização, terapias vibracionais e tudo o mais que estivesse relacionado ao aspecto holístico do homem, terminou por ficar sob os cuidados dos Sacerdotes Kahunas. Deste ponto em diante os lemurianos tornaram-se essencialmente materialistas!

Tomados pela ideia de que eram autossuficientes, os lemurianos cristalizaram o cataclismo que praticamente os exterminaria duzentos e cinquenta mil anos mais tarde. Eles tiveram muito tempo para reverter o processo, mas preferiram insistir em suas escolhas até o fim!

Desde os tempos mais remotos, uma profecia fora transmitida de pai para filho, através das gerações. Segundo a Sabedoria Ancestral Lemuriana, o velho Kahuna, antes que o último dos deuses celestiais deixasse o planeta, questionou-o sobre o futuro da humanidade. Então a entidade, prestes a desaparecer no Portal, sentenciou:

1. Chegará o dia em que a humanidade, após romper com os deuses celestiais, os expulsarão tomando o seu sagrado lugar.

2. Deste dia em diante o homem praticará o mal contra o seu próprio semelhante e, portanto, contra si próprio.

3. Homens poderosos se tornarão os Senhores da Morte.

4. Sacerdotes se devotarão à prática da feitiçaria.

5. A vida humana perderá seu valor diante de tanta ganância.

6. Gaia, num brusco movimento, mudará os rumos da humanidade, aniquilando-a quase por completo.

7. Nem mesmo os bons serão poupados.

8. O velho feiticeiro, aquele que se tornou servo das trevas, assistirá o dia em que a deusa Pele abrirá um Portal por onde os deuses voltarão.

9. Haverá guerra entre os mundos da luz e da escuridão.

10. Após o equilíbrio se reestabelecer, a Raça Dourada surgirá.

Ao finalizar a predição, o último deus celestial adentrou o Portal mergulhando no invisível para não mais ser visto!

Na maior porção de terras remanescentes, conhecida como Grande Ilha de Hur, havia também o maior dos vulcões em plena atividade.

A uma distância segura e protegido pelas montanhas, o vilarejo onde outrora existiu Maaht a maior das metrópoles lemurianas. Tratava-se de um imponente centro comercial que recebia negociantes de todas as partes do planeta. Agora, porém, restava apenas uma pequena comunidade que sobrevivia da pesca e da agricultura.

No platô da montanha mais alta havia um lindo descampado cuja vista apontava para o Vulcão Sagrado. Segundo as tradições, a deusa Pele vivia naquele vulcão. O lugar possuía todas as condições de um pequeno paraíso na Terra. Dava para se ver, ao mesmo tempo, montanha, floresta e mar: Ali a vida recebera uma nova chance para florescer! Uma casa de pedra completava o cenário. Nela, habitava Zym-Hur, o último dos Kahunas.

Zym-Hur fazia parte da raça dos Lemurianos Longevos e como primogênito, recebeu, conforme as tradições, o legado de seu bisavô Zym-Tohr - o único Sacerdote Kahuna nativo de Mu, que havia sobrevivido ao Grande Cataclismo. Tinha Zym-Hur a idade de 410 anos e sua linhagem detinha todos os conhecimentos mais profundos sobre as ciências lemurianas, incluindo as poderosas práticas da magia mais letal, algo que os antigos sacerdotes lemurianos conheciam profundamente, embora apenas alguns tivessem devotado suas vidas à esta prática.

Os membros do clã Zym eram considerados, desde os primórdios da civilização lemuriana, os verdadeiros herdeiros da Terra. Portanto, a palavra Zym significava, no desaparecido idioma lemuriano, "Príncipe de Gaia" ou "Príncipe da Terra". Respeitados - e muito temidos - por seus profundos conhecimentos e pelas habilidades inatas que demonstravam ao controlar as forças da natureza, com o tempo, passaram a manipular um crescente número de séquitos que desejavam obter riquezas em troca de servir aos Zym, mas ao final, haviam se tornado devotos das forças das trevas!

Todos os dias, Zym-Hur mantinha vigilância sobre o Vulcão Sagrado, procurando observar suas atividades. É preciso considerar que, durante toda a sua vida, Zym-Hur havia presenciado algumas erupções com média liberação de fluxo piroclástico e lava incandescente. Cada vez que isto ocorria, a população da Grande Ilha corria sério risco, mas, por outro lado, ele queria estar presente no dia em que a profecia se cumprisse: Zym-Hur não se afastaria daquele local ainda que houvesse risco de morte! Sabendo que se tratava do último Sacerdote Kahuna, e sabendo que seu clã havia se devotado às práticas nefastas, tinha certeza de que a profecia se cumpriria, n'algum momento, bem diante de seus olhos!

Num dos momentos em que costumava meditar pela manhã, Zym-Hur pensou:

Eis que me encontro aqui, há vários ciclos solares, reencarnando continuamente, preso à Roda de Samsara... Meus poderes enfraquecem na medida em que o tempo passa e, desde o Grande Cataclismo, todos os servos de Zym se tornaram meros amontoados de almas, inúteis para a poderosa magia que por muito tempo meu clã dominou!

A reputação daquele Kahuna era enorme! Temido e respeitado, sempre que descia ao vilarejo, era muitíssimo bem recebido pela pequena população que, com medo de receber a Oração da Morte, oferecia-lhe diversos bens de consumo, mantimentos e outros objetos. Em troca, dava-lhes a proteção espiritual necessária, já que naqueles tempos, havia hordas inteiras de espíritos semi-materializados, vagando por todos os lugares no planeta Terra: Eram verdadeiras almas penadas - Espíritos Subconscientes que atormentavam dia e noite os vivos, acusando-lhes de terem provocado o Grande Cataclismo.

Certamente, está ocorrendo alguma mudança vibracional no corpo de Gaia. Pois tenho travado verdadeira luta interna a fim de manter, sob meus domínios, o equilíbrio vibracional do vilarejo. E ainda que ninguém solicite algum serviço de maior complexidade, realizar coisas absolutamente simples têm me causado extremo cansaço físico... Além disto, eu já não possuo o controle de minha falange de Espíritos Subconscientes... Sou um mago desprovido de todo o seu poder! - continuava a pensar.

Os Kahunas possuíam grandes habilidades no que diz respeito ao contato com o mundo espiritual. Eram hábeis telepatas, caminhavam sobre o fogo, executavam rituais de chuva, e de fato faziam com que chovesse...

Dominavam as forças da natureza. Como médicos, eram capazes de soldar ossos de uma fratura exposta em apenas alguns segundos, curar doenças ou transmutar energias, criar campos vibracionais de proteção e sabiam conjurar palavras de poder. Também sabiam como equilibrar vibracionalmente imensas áreas de plantações, de modo que suas colheitas eram sempre fartas!

A força dos Kahunas não vinha somente das habilidades naturais e do conhecimento sobre magia. Vinha também da capacidade que alguns possuíam em sequestrar e manter cativos os Espíritos Subconscientes almas penadas de indivíduos que morriam nas condições mais adversas e, logo após sua morte, ficavam em estado letárgico por um espaço de tempo, tornando-se, portanto, de fácil captura. Os Kahunas usavam-nos, dentre outras coisas, como armas, lançando-os para cima daqueles que recebiam a Oração da Morte.

Embora não soubesse, Zym-Hur podia sentir que algo estava prestes a acontecer, já que sua vasta falange de Espíritos Subconscientes parecia não lhe responder de maneira tão eficaz como antigamente.

De fato, os Reis Elementais haviam iniciado, a pedido de KIM - o líder dos Doze Guardiões Celestiais, todos os preparativos a fim de que o Plano de Ajuste Planetário fosse executado. E esta precipitação poderia ser sentida por todos os seres vivos, em qualquer longitude planetária. Além disto causava, nos bilhões de Espíritos Subconscientes que vagavam pelo planeta, uma forte sensação de entorpecimento.

Após encerrar sua meditação, Zym-Hur pôs-se em pé e rumou em direção ao penhasco, de onde podia avistar livremente o Vulcão Sagrado. Havia dias, a fumaça constante se tornara mais espessa e cinzenta.

Será mais um falso aviso da deusa Pele? - pensou.

Colocando-se de cócoras, desta vez decidiu aguar- dar por mais tempo, na esperança de que o Vulcão Sagrado lhe desse um sinal mais contundente. Porém, tomado por uma forte intuição de que o Vulcão Sagrado logo entraria em atividade, postou-se altivo, conjurando em voz alta, as seguintes palavras:

- Ó grande e magnífica deusa do Vulcão Sagrado, dai-me a honra de tua presença! Manda-me um sinal claro e irei até vós, caminhando por sobre teu manto incandescente! Poderoso Djinn, rei dos Elementais do Fogo, torna-me teu filho agora mesmo e me permite adentrar ao ventre de Mãe

Gaia! Fazei, ó Grandes Irmãos Sagrados, com que a profecia se cumpra diante de meus olhos, pois bem sabeis que sou o último Kahuna a pisar sobre a terra!

Apesar de sua voz ter ecoado por todo o vale, entretanto não foi suficiente para provocar sequer uma mínima alteração nas atividades do Vulcão Sagrado: A deusa Pele lhe ignorava por completo!

- Ahhhhhhhh... por que não me ouvem? Acaso este sacerdote já não é capaz de evocar nem mesmo um pobre Espírito Subconsciente? Meus poderes se esvaíram? Já não serei mais capaz de andar por sobre o fogo?- gritava compulsivamente.

Zym-Hur vivera toda a vida naquele lugar. Havia lançado a Oração da Morte para alguns poucos indivíduos considerados prejudiciais, que andavam atormentando famílias inteiras pelos lugares por onde passavam: Cedo ou tarde, para alívio geral do povo, aqueles indivíduos seriam alcançados pelo poder do Sacerdote Kahuna! Contudo, Zym-Hur também fazia o bem. Auxiliava as pessoas, atuava como curandeiro e já havia salvo muitas vidas. Deste modo, mesmo tendo lançado a Oração da Morte, ceifando a vida daqueles indivíduos, ainda assim o povo considerava-o um grande benfeitor!

Enquanto gritava, absorto, olhando para o Vulcão Sagrado, não foi capaz de perceber a chegada de uma jovem que, vindo do vilarejo, lhe pediria auxílio.

Mais ao longe, dois homens observavam a cena. Eles logo perceberiam algo esquisito se passando com o Kahuna. Eram Merih e Tilo, os irmãos mais velhos da jovem. Eles a haviam acompanhado, pois a viagem do vilarejo ao platô era perigosa e repleta de acontecimentos sinistros.

Ao perceber a presença da inesperada visitante, Zym-Hur volta-se para ela com o olhar possesso, mergulhado na mais profunda ira por ter sido ignorado pela deusa Pele.

- Quem é você! - perguntou à moça em tom ligeiramente alterado.

Mas numa rápida tomada de consciência, e ao perceber que seria desastroso caso alguém se lhe descobrisse o sumiço de poder, tratou de mudar suas feições, adotando novamente a aparência do sacerdote poderoso.

Paralisada pelo medo de possivelmente ter descoberto algo indesejado, a jovem empalideceu e quase perdeu as forças do corpo. No entanto,

manteve-se ali, olhando fixamente para o Kahuna, já que tinha o propósito de pedir sua ajuda.

- Ah! Eu a conheço! Jamais poderia esquecer destes olhos tão expressivos! Os mais iluminados de Hur! Mas diga-me, linda Yan-Mei - é este o seu nome, não? em que posso servi-la?

Ainda muito assustada, mas resoluta, respirou fundo e, sustentando o olhar, falou:

- Caro Sacerdote, sim, este é de fato o meu nome! Venho aqui pedir vossa ajuda! Caso não lembre, sou aquela que, logo após nascer, contraiu séria doença. Meus pais recorreram aos vossos serviços e então fui salva da morte! Hoje meus pais já estão mortos, vitimados pelo pescador e invasor de terras Loo-Ni-Fehr, o infame. Aquele homem tem me perseguido desde então, com a promessa de me dar riquezas em troca de um casamento. No entanto, eu não posso desposar o assassino de meus pais!

- Ele matou seus pais? Aquelas duas criaturas maravilhosas, que não faziam mal a ninguém! - questionou o Kahuna.

- Sim! Meus pais jamais permitiriam que eu me casasse com um homem tão asqueroso, mesquinho e vil. Embora ele tenha posses, não há ali um único pingo de amor e sim, de cobiça! - respondeu a jovem.

Naquele instante, a mente de Zym-Hur viajou no tempo em que conhecera os pais de Yan-Mei. Eram criaturas adoráveis e costumavam hospedar o Kahuna sempre que este descia ao vilarejo para ministrar suas curas. Ambos, sorriso e olhar luminoso da pequena Yan-Mei, tornavam o ambiente simples, local de maravilhosas energias onde Zym-Hur adorava permanecer enquanto estava no vilarejo.

Enquanto estive aqui, venerando a deusa Pele e aguardando por seu sinal, as pessoas a quem amava, pereceram nas mãos de outrem! Além disto, agora que descobri não ter mais poderes, pelo menos não com a mesma intensidade, o que poderei fazer por esta pobre criatura? - pensou Zym-Hur.

— Jovem Yan-Mei. Diga-me, quem são aqueles dois lá ao fundo?

- São meus irmãos. A única família que me sobrou! Não queriam que viesse até o senhor, mas diante da promessa de que viria sozinha, resolveram me acompanhar.

- Chame-os para que venham até aqui. Quero vê-los! Se são filhos de seus pais, então eu os quero tão bem quanto!

Rapidamente a jovem se afastou do Kahuna e, indo em direção de seus irmãos, chamou-os para que se aproximas- sem, pois Zym-Hur queria vê-los.

- Não, irmã querida! Ficaremos por aqui! Por res- peito e temor ao Poderoso Zym-Hur, preferimos ficar longe! Diga-lhe apenas que o reverenciamos por seu absoluto poder! - respondeu Merih.

- Novamente sentirei vergonha? Terei mentir que àquele a quem vim pedir ajuda? Acha que não os vi zombando dele? - disse Yan-Mei, dando-lhes as costas.

Ao voltar para a presença do Kahuna, Yan-Mei, envergonhada, explicou-lhe que os irmãos eram pessoas tímidas, muito reservadas e, portanto, suplicou a Zym-Hur que desconsiderasse o comportamento deles.

- Há apenas um tipo de criatura que recusa estar na presença de um Sacerdote Kahuna: Aquela que tem ou sente culpa pelo mal que fez a outrem e, portanto, teme receber a Oração da Morte. - disse Zym-Hur.

- Mas não é o caso deles, meu generoso senhor! Meus irmãos são bons. Além disto, eu havia dito, são a única coisa que me restou. Sem eles, estarei sozinha no mundo! - explicou Yan-Mei, quase em tom de súplica, com medo que Zym-Hur tomasse a recusa de sua presença como algo ofensivo.

Enquanto ouvia, Zym-Hur fazia uma leitura telepática da jovem. Assim, foi capaz de captar as ondas mentais de Yan-Mei, compreendendo que suas razões eram de fato sinceras.

- Está certo, linda Yan-Mei. Estou disposto a auxiliá-la! Apenas diga-me: Você não quer casar-se com ele, cor- reto?

- Correto! Eu não desejo me casar com o assassino de meus pais, mas também preciso que cessem as constantes investidas por parte dele. Pois ele me constrange, mesmo diante de meus irmãos, que ficam estáticos, sem reação alguma. Acredito que temam uma desgraça ainda maior!

- Pois volte! Vá ao encontro deste tal Loo-Ni-Fehr e informe que o velho Kahuna deseja sua presença até o próximo perigeu lunar. Diga-lhe que venha ter comigo, sob pena de receber a oração mais terrível, aquela que todos temem! - sentenciou o Kahuna, em tom firme.

Um fio de eletricidade correu pelo corpo de Yan-Mei. Seus pés e mãos gelaram imediatamente. O medo lhe tomara por completo, paralisando seu corpo. Não podia mais voltar atrás. Ela havia ido até Zym-Hur com o firme

propósito de lhe pedir auxílio. Agora teria que levar o recado ao homem que matara seus pais, e de quem sofria constantes assédios desde então.

- Agora deixem-me só! Vão logo! Irei aguardar a visita do infame!

A pobre moça voltou correndo ao encontro dos irmãos, apavorada, mas ao mesmo tempo sentindo-se aliviada, pois estava certa de que se livraria do terrível destino que era desposar o assassino de seus pais.

Os três olharam ao longe para o Kahuna, vendo-o entrar em sua casa. E rumaram para o vilarejo a fim de que Yan-Mei pudesse entregar o recado!

Enquanto desciam pela trilha pedregosa, Yan-Mei seguia pensativa. Estava preocupada com o que assistira antes de sua presença ser percebida pelo Kahuna. É verdade que ela desejava, com todas as suas forças, livrar-se de Loo-Ni-Fehr. Mas agora pesava-lhe a dúvida sobre se Zym-Hur de fato seria capaz de ajuda-la.

- Está preocupada, querida irmãzinha? Acaso não confias mais no poder do grande sacerdote? - retrucou Merih, o irmão mais velho, enquanto soltava uma forte gargalhada, levando Tilo ao riso.

Angustiada, Yan-Mei continuou em silêncio. Ela sabia que, caso o Kahuna falhasse, haveria apenas uma opção para ela, e não seria casar-se com Loo-Ni-Fehr.

Se o auxílio de Zym-Hur falhar, não haverá outra escolha exceto tirar minha própria vida! O que terei eu a perder? Não será melhor uma boa e rápida morte a uma vida inteira de sofrimento, desposada e tendo filhos de um verme asqueroso? - pensava a pobre moça ao ser novamente provocada pelo irmão:

- Não ouvistes o que te perguntei? Afinal de contas, por qual razão gritava o todo-poderoso? Acaso os deuses o abandonaram? Perdera ele todo o poder? - perguntou Merih, em tom sarcástico.

Continuava, Yan-Mei, mergulhada em seus pensa- mentos, de modo que foi incapaz de ouvir a nova provocação de Merih.

Ao perceber que havia sido ignorado, Merih interrompe bruscamente a caminhada e, pegando-a firmemente pelos braços, deu-lhe forte sacudida, desconcertando a moça que, de tão concentrada, sequer entendeu a razão de tal ato.

- Para com isso! O que está acontecendo? Por que me sacudiu desta forma? Estou aqui pensando, preocupada com meu futuro, com esta situação terrível! Te peço: Me deixa quieta! - respondeu aos prantos.

- Olha para mim! - exigiu Merih.

- Nãaoo!

- Olha para mim agora! - disse o irmão, segurando Yan-Mei pela cabeça, obrigando-lhe a olhar para seus olhos.

Chorando copiosamente, Yan-Mei mal conseguia encarar o irmão.

— O que vou dizer, será pela última vez! Não repetirei mais, entendeu?

- Você está me machucando! O que houve contigo? Cadê aquele irmão que costumava me dar tão bons conselhos?

- Sei que Loo-Ni-Fehr matou nossos pais e sofro por causa disto. Mas já foi! Já aconteceu! Não há nada que possamos fazer para trazer de volta nossos pais! A única forma que vejo para que todos possamos viver em paz, é você aceitar casar-se com ele! - disse Merih com tom autoritário.

— Jamais aceitarei! Prefiro a morte! Loo-Ni-Fehr é - um covarde, assassino e invasor de terras. Por que eu aceitaria ter o pior sujeito deste mundo como meu esposo?

- Querida irmã! Temos ainda mais alguns dias de caminhada até o vilarejo. Sugiro que pense bem no que está prestes a fazer. Depois de entregar o recado de Zym-Hur, aí sim será um caminho sem volta! - ameaçou Merih.

De modo repentino, Merih havia alterado seu comportamento. Era, antes da visita ao Kahuna, alguém que costumava dar bons conselhos. No entanto, agora se transformara num sujeito autoritário e agressivo.

- Por que está ansioso e agressivo, meu irmão? Tuas mãos tremem e estão frias. Teus olhos estão esquisitos! Você parece ter sido tomado por uma daquelas almas penadas! - disse Yan-Mei num tom bastante incisivo!

- É! Parece que estou! Mas estou sentindo medo também! Temos que optar por uma saída pacífica, o que será melhor para todos nós! - alegou Merih.

- Temos que optar por uma saída justa, honesta e que não vise o sofrimento de uma única pessoa para a conveniência de todas as outras! É assim que vejo as coisas! Não posso aceitar fazer parte de uma grande injustiça! Aliás, que a injustiça exista, isto é compreensível diante de todas as imperfeições humanas, mas não serei conivente com tudo isso! - concluiu Yan-Mei, encerrando o assunto.

Aquele era o primeiro de três dias de uma longa caminhada. Já estava anoitecendo quando resolveram se abrigar numa velha ravina cuja vista,

bem ao longe mostrava o vilarejo.

Naquela noite, Yan-Mei demoraria a dormir, recostada à parede da ravina, usando como abrigo parte da abundante vegetação que havia naquele lugar. Estava de olhos fechados, porém acordada. Seus irmãos, num sono pesado, ressonavam.

Em meio à noite, Yan-Mei foi repentinamente despertada por um cochicho entre Merih e Tilo. A fim de escutar a conversa, manteve-se quieta, como que estivesse a dormir.

- O que faremos agora, uma vez que nossa irmã não aceitará se casar com Loo-Ni-Fehr? Temo que ele mate a todos! - cochichou Tilo.

- Também tenho este medo! No entanto, existe a possibilidade de que Zym-Hur realmente tenha perdido seus poderes a ponto de não conseguir ajuda-la. Neste caso, nossa irmã reconsideraria casar-se com o infame, de modo que todos seríamos poupados! - argumentou Merih.

- Talvez você esteja certo! Vamos voltar a dormir antes que nossa irmã nos flagre nesta conversa!

- Eu tenho um plano! Deixe isso comigo! - disse Merih, voltando a dormir.

Ao ouvir a conversa entre os dois irmãos, o coração de Yan-Mei disparou!

O que eles estão tramando? Que plano é este? Será que Loo-Ni-Fehr está envolvido? Preciso descobrir do que se trata! - pensou Yan-Mei, perdendo o sono pelo resto da noite.

Ao amanhecer, seguiram viagem e, a julgar pelo silêncio de Yan-Mei, ambos os irmãos entenderam que ela não ouvira a conversa.

A viagem de retorno ao vilarejo transcorreu de maneira tranquila, silenciosa e sem nenhum inconveniente. Entretanto, os três irmãos mantiveram-se angustiados durante todo o trajeto.

Chegaram no vilarejo ao final do terceiro dia.

- Agora que chegamos, vamos todos para casa! Estou cansado e com muita fome! - disse Merih aos demais.

- Nada disso, meu irmão! Antes de ir para casa, levarei o recado a Loo-Ni-Fehr. Vai comigo ou desta vez irei sozinha?

- Minha irmã, leve o recado amanhã ou talvez de- pois! Vamos descansar por hoje! - disse Merih, tentando dissuadir Yan-Mei.

- Escute, Merih! Eu não caminhei por todos estes dias para simplesmente desistir no último instante! Portanto, saiba que vou agora mesmo resolver isto! Somente assim conseguirei descansar. Meu coração já não suporta mais tanta angústia e me admira que você, meu irmão mais velho, em vez de me proteger, ao contrário, me empurra cada vez mais para as mãos de um assassino vil e sanguinário, ganancioso e usurpador das terras que um dia foram ocupadas por nossos antepassados!

- Está bem! Vá! Mas vá sozinha! Desta vez não te acompanho! - disse Merih.

- Está certo! É justo! Afinal de contas, isto é um problema meu! É minha vida e felicidade que estão em jogo!

Tendo dito aos irmãos, Yan-Mei seguiu em direção ao espraiado, onde residia Loo-Ni-Fehr.

A noite era breu. A Lua não havia aparecido e a trilha que levava à casa de Loo-Ni-Fehr, envolta por árvores, mal podia ser vista.

O infame se recostava no alpendre de seu casarão, cercado de capangas mal-encarados e, avisado por um destes sobre a repentina chegada de alguém, eis que adverte em voz alta:

- Quem vem lá a uma hora destas? Já vou avisando que se anuncie imediatamente, pois do contrário, terá sérios problemas! - disse o homem, ao tempo que seus capangas já se posicionaram para atacar, caso fosse necessário.

- Ora, ora! E desde quando Loo-Ni-Fehr tem medo de jovens e inofensivas mulheres? - disse Yan-Mei, soltando uma gostosa gargalhada ao repentinamente surgir da escuridão.

- Mas que grata surpresa! Imagino que veio trazer a boa notícia, não é mesmo? Por favor, entre! Minha casa muito em breve será sua! Não há razão para tanta cerimônia entre futuros noivos!

- De fato eu lhe trago uma notícia, mas não posso garantir que seja boa para você!

- Deixa eu ver se entendi. Você está vindo até minha casa, uma hora dessas, para fazer-me algum tipo de ameaça? É isto ou lhe interpretei mal?

- De forma alguma. Eu não vim aqui para fazer ameaças, mas para trazer-lhe um recado.

Loo-Ni-Fehr estava nitidamente irritado com aquela conversa. Ele não estava acostumado a ser confrontado por ninguém, muito menos por uma

jovem mulher, ainda mais diante de seus homens.

- E quem poderia mandar recados através de ti? Por favor, eu gostaria de...

Subitamente foi interrompido por Yan-Mei que, de um tom levemente cínico, agora resolveu subir o tom da conversa e, com firmeza, respondeu a Loo-Ni-Fehr:

- Escute homem! Eu venho em nome do velho Kahuna, aquele que muitas vezes socorreu as pessoas do vila- rejo. Ele era amigo de minha família e sempre foi recebido por meus pais como mais um membro familiar. Infelizmente, nos últimos tempos Zym-Hur nos privou de sua tão generosa companhia, o que nos deixou vulneráveis! - disparou Yan-Mei.

O infame quase teve um ataque de nervos! Começou a tremer todinho até que Baku, o mais desengonçado dentre seus capangas, rapidamente veio ao seu encontro, auxiliando-o a sentar, pois via a hora do homem se estabacar ao chão. Os demais, que antes ostentavam a aparência de sujeitos durões, agora murmuravam uns aos outros, tomados pelo medo de receber algo que viesse do velho Kahuna.

- E... e... e... o que ele quer comigo? - gaguejou o agora totalmente acovardado Loo-Ni-Fehr.

- Depois que eu sair daqui - e não irei me demorar, vá trocar as roupas, homem! Pois já estou sentindo o odor de seus excrementos! Eu sempre soube que todo homem valentão, no fundo não passa de um grande covarde! Então, aqui vai o recado de Zym-Hur: Ele quer a sua presença até o perigeu lunar! Você bem sabe o que é isso, pois vive da pesca! O Kahuna quer conversar contigo e advertiu que, caso não vá ao encontro dele, então será lançada a mais terrível oração sobre a sua cabeça!

Para seu desespero, agora o infame não sabia o que fazer, já que para todas as outras coisas, seus homens eram capazes de resolver num piscar de olhos. Rapidamente entendera que truculência e força bruta eram inócuas diante do poder de Zym-Hur. Olhava ao redor e tudo o que conseguia ver era um emaranhado de luzes piscando. Seus ouvidos zumbiam. Seu coração batia de maneira descompassada: Loo-Ni-Fehr havia desmaiado.

Vendo toda a cena acontecer, e rindo por dentro, Yan-Mei sentenciou:

- Todos vocês agora me escutem! Zym-Hur se tornou meu protetor! Portanto, avisem Loo-Ni-Fehr que, caso ele resolva tocar um único dedo em mim ou em qualquer membro de minha família, estará automaticamente

sentenciado! Vale para antes ou depois da conversa que ele tiver com o velho Kahuna, isto se ele sobreviver até o dia em que esta conversa acontecerá! E não se esqueçam: Vocês, por servirem a Loo-Ni-Fehr, também estão incluídos nisto!

Os capangas se desesperaram! Vários deles trataram de pegar suas coisas e simplesmente debandaram, deixando seu patrão ali mesmo, desacordado. Pois tinham grande respeito e temor por Zym-Hur.

Após dar o recado, Yan-Mei desapareceu pela mesma trilha por onde havia chegado. No caminho de volta, vinha dando gargalhadas sobre como conseguiu fazer o destemido Loo-Ni-Fehr borrar-se todo ao ponto de desmaiar!

Eis a minha receita para curar os valentões: Zym-Hur! - pensou ao mesmo tempo em que ria alto!

Vários dias se passaram sem que Loo-Ni-Fehr se manifestasse. Consequentemente os assédios cessaram e Yan- Mei sentia-se mais fortalecida. Contudo, era incapaz de compreender o estranho comportamento do irmão a respeito do infame.

Merih havia perdido o sono desde que sua irmã levara o recado a Loo-Ni-Fehr. Vivia angustiado, tomado por um medo incessante, como que estivesse sempre esperando pelo pior e, apesar da insistência de Yan-Mei em saber o que se passava, Merih sempre dizia: - Não há nada de errado!

Numa tarde, enquanto Yan-Mei cuidava de seus afazeres cotidianos, repentinamente ouviu um estrondo em sua casa, acompanhado de passos pesados: Era Loo-Ni-Fehr, mais raivoso do que jamais estivera!

- Seria uma assombração? Já morrestes, foi? disse Yan-Mei, aterrorizada ao se deparar com o infame.

- Não somente não morri, como hei de ter aquela conversa com o velho Kahuna! Pois tomei conhecimento que os bons tempos já fazem parte do passado para aquele velho! Assim sendo, estou ansioso para descobrir se de fato isto é verdade! - respondeu o infame, dirigindo seu olhar intimidador a Yan-Mei.

Naquele meio tempo, Merih adentrou ao recinto, assustado com a estrondosa presença do infame. Ele jamais imaginaria que Loo-Ni-Fehr tivesse a ousadia de invadir aquele que havia sido um verdadeiro lar, espaço sagrado onde os pais de Yan-Mei viveram na mais plena harmonia.

- Mas o que fazes aqui? - perguntou Merih, assustado com a presença do infame.

- Desculpe não ter cumprido com nosso ac... - Loo- Ni-Fehr interrompe imediatamente o diálogo.

- Acordo? É isso? Que acordo foi esse, Merih? - pergunta Yan-Mei perplexa, olhando firme para o irmão.

— Não é nada, minha irmã! Fique tranquila! Eu não possuo nenhum acordo com este senhor! - desconversou.

Percebendo que seu jogo estava dando certo, Loo-Ni-Fehr sentenciou:

- Escute, minha linda jovem! Muito em breve subirei a montanha para ir me encontrar com Zym-Hur, mas não irei só! Em vez de receber qualquer tipo de oração, eu o lançarei precipício abaixo e farei absoluta questão de ver seu corpo ser despedaçado, após a queda. Depois de concluir este serviço, voltarei aqui para perguntar novamente se deseja me desposar. Caso não aceite, os filhos de teu irmão Merih, seguirão pelo mesmo caminho do velho Kahuna. E se você ainda continuar não aceitando a minha generosa oferta, então todos os teus familiares, um por um, terão um destino semelhante, até que só tenha sobrado a doce Yan-Mei! E se resolver tirar a própria vida, então eu levarei teus despojos para alto mar e os usarei como isca para meus pesqueiros, mas não sem antes exterminar parte de tua família poupando apenas as crianças, para que vivam como órfãs por este mundo cruel. Entendeu? esbravejou Loo-Ni-Fehr, que em seguida retirou-se de maneira igualmente barulhenta, bem ao modo como havia surgido.

Naquele ponto, Yan-Mei só conseguia chorar copiosamente. Havia percebido que, de alguma forma, fora traída pelo irmão, e agora, caso Loo-Ni-Fehr conseguisse sobrepujar Zym-Hur, ela não teria outra escolha senão casar-se com o assassino de seus pais. Preferiria sacrificar-se do que ver sua família ser exterminada.

Merih, percebendo a gravidade da situação, e antes mesmo que Loo-Ni-Fehr encerrasse a conversa, saiu em disparada a fim de encontrar os filhos e a esposa. Seu intuito era tirá-los do campo de visão do infame. Tilo sequer apareceu... Yan-Mei, por sua vez ficou ali, subjugada, sem quase acreditar no que estava acontecendo. Agora seria presa fácil. Desposaria o homem que matara seus pais!

No dia seguinte, bem cedo, após ter passado uma noite inteira em claro, assombrada pelas ameaças de Loo- Ni-Fehr, Yan-Mei decide partir

sozinha, sem avisar ninguém, rumo à montanha onde Zym-Hur morava. Era necessário e urgente conversar com o Kahuna a respeito que acontecera.

Pelo caminho, ao passo que contemplava o belíssimo cenário natural, era possível ouvir os sons emitidos pelos pássaros e animais silvestres. Por sua vez, o vento soprava uivante, e, em seu eco, ouvia-se gemidos horripilantes de dor e desespero: Os tempos eram de fato estranhíssimos!

Aquela era a primeira viagem solitária de Yan-Mei. Por isso, a necessidade de vigiar por todos os lados fez com que seus sentidos se tornassem um tanto mais aguçados. Logo passou a perceber vultos com relativa frequência e a sensação de estar sendo vigiada lhe assombrou a alma.

À noite, já abrigada numa fenda rochosa que provavelmente já serviu de abrigo a diversos viajantes, o sono custava-lhe a chegar. O que está acontecendo com este mundo? Por qual razão os bons estão se sentindo acovardados enquanto os maus prosperam cada vez mais? - questionava-se.

Yan-Mei então lembrou-se das várias vezes em que Zym-Hur estivera em sua casa ensinando seus pais a lidar com os Espíritos Subconscientes, através de conjurações e rituais de limpeza e purificação da alma. Embora os ensinamentos fossem valiosos e as conjurações poderosas, ainda assim os Espíritos Subconscientes conseguiam retornar num curto espaço de tempo, causando um brusco rebaixamento no padrão vibracional dos ambientes onde se instalavam. Quando isto acontecia na casa de Yan-Mei, todos adoeciam física, mental e emocionalmente, e isto era um claro indício de que aquele local estava infestado de Espíritos Subconscientes.

No dia seguinte, antes mesmo do nascer do Sol, Yan-Mei continuou sua viagem sob os contínuos açoites daqueles ventos uivantes. Na medida em que avançava pela montanha, os gemidos pareciam aumentar, e desta vez a jovem sentiu de maneira intensa e real, a presença de centenas, senão milhares de Espíritos Subconscientes.

- O que querem vocês de mim?- gritou desesperada!

Uma forte rajada de vento invadiu o desfiladeiro através do qual Yan-Mei subiria a montanha, ecoando um terrível gemido por todo o vale, onde claramente se ouviu "Malditaaaaa"!

- Basta! Não veem que estou com medo? Preciso ir até Zym-Hur! Vos suplico: Me deixem ir! Me deixem chegar lá! Por favor! - gritou

novamente, totalmente sem forças no corpo, a ponto de precisar sentar-se ali mesmo, numa pedra que havia pelo caminho.

Novamente, uma rajada de vento! Desta vez, Yan-Mei ouviu um forte e debochado gargalhar.

- Se meus pais, cujo amor foi a maior das heranças que pude ter, estivessem aqui, eu vos garanto, nenhum de vós estaria aqui amaldiçoando meus caminhos! - disse Yan-Mei em tom alto e ao mesmo tempo desesperado.

Repentinamente o vento parou de soprar! Houve um silêncio ensurdecedor por todo o vale, e um forte sentimento de amparo tocou o coração de Yan-Mei.

- Pai? Mãe? São vocês? - perguntou em voz alta, sentindo a forte presença amorosa de seus pais.

Novamente o vento voltou a soprar. Yan-Mei continuava arrepiada pela experiência que havia vivenciado. Impossível! - pensou. Eles estão mortos! E depois, há uma imensa barreira que separa nossos mundos! - continuava a pensar. Provavelmente não os verei novamente, nem mesmo quando morrer! Como poderei acha-los entre as almas penadas que vagam pelo mundo? - concluiu desolada.

Apesar do medo, era necessário seguir adiante! Do contrário, nem mesmo a morte lhe traria paz de espírito, pois Loo-Ni-Fehr havia prometido se vingar em seus inocentes familiares.

Restavam dois dias de caminhada e, até que pudesse finalmente estar na presença do velho Kahuna, Yan-Mei enfrentaria uma tenebrosa jornada!

CAPÍTULO SEIS

Espíritos Subconscientes

O período pós-cataclísmico havia trazido verdadeiro caos aos sobreviventes, mas sobretudo ao mundo dos mortos! Nunca o planeta havia tido superpopulação, fosse no mundo dos vivos ou dos mortos. O equilíbrio consistia em, na medida que houvesse um determinado número de nascimentos e, portanto, a transmigração de espíritos para o plano físico, tantos outros retornariam, através do processo de desencarnação, à pátria espiritual.

Com o cataclismo, todos os processos reencarnatórios foram suspensos por tempo indeterminado. Na prática, quem estava aguardando para reencarnar, teve cancelado o seu "passaporte" de acesso ao plano físico. Apenas alguns poucos indivíduos conseguiam autorização para retornar ao mundo físico através da reencarnação. Além disto, a consequente morte de quase toda a população planetária tratou de congestionar a dimensão espiritual do planeta Terra: Visto de longe, aquilo mais parecia um formigueiro descoberto, tamanha a concentração de indivíduos num único lugar.

O cenário, para quem fosse capaz de enxergar o plano espiritual, era tétrico, triste, trágico! Num canto, milhões de criaturas se amontoavam, presas aos últimos momentos em que pereceram. Noutro canto, um número não menor de indivíduos em estado catatônico, vagando a esmo, pelo mundo dos mortos! Alguns, devido à forma como morreram, exibiam lesões seríssimas, membros dilacerados ou amputados, e vísceras expostas. O choque provocado pelo violento processo de desencarnação tornou-os incapazes de se libertarem dos vínculos da matéria. Já tinham retornado ao mundo espiritual, mas agiam como se estivessem vivos, feridos e, portanto, sentiam todas as dores resultantes de seus ferimentos.

A grande liberação de energia vital, produzida durante o processo coletivo de desencarnação, fez com que, milênios após o cataclismo, ainda fosse possível sentir a presença daqueles mortos-vivos a léguas de distância. Consequentemente, surgiu um macabro fenômeno onde todas as noites, os

vivos eram perfeitamente capazes de ouvir os gemidos aterradores daqueles que haviam perecido, de modo que até mesmo o vento colaborava, propagando seus gritos lancinantes.

Muitos daqueles infelizes não tiveram uma morte rápida, o que se tornou uma verdadeira maldição. Contudo, ao despertarem no mundo dos mortos, para onde quer que olhassem, viam milhões de corpos semimortos, arrastando-se pelo imenso lodaçal resultante do poderoso tsunami que assolara a região. Até onde a vista alcançava, era possível detectar a presença de sofredores. Não havia nada que pudessem fazer para mudar aquele triste cenário, e eles também sabiam que ninguém viria em seu socorro!

Bilhões de indivíduos estavam mortos, mas apenas uma pequena parte tinha plena consciência desta condição. Estes, olhavam para si e entendiam perfeitamente sua condição. A outra parte era constituída de Espíritos Subconscientes, ou seja, indivíduos que haviam morrido, mas se encontravam na condição de almas-penadas. Julgavam estar vivos, uma vez que experimentavam todas as sensações físicas, incluindo as dores de seus ferimentos. Porém, sentiam-se completamente bêbedos, cambaleantes, com dificuldades para concatenar seus pensamentos ou fazerem juízo de sua situação.

Na Grande Ilha de Hur existia uma desproporcionalidade assustadora entre vivos e mortos. Em Maaht, nos tempos áureos, houvera cerca de dois bilhões de habitantes. Agora, entretanto, havia não mais que cinco mil indivíduos. Entretanto, todos, vivos e mortos, dividiam a mesma psicosfera, já que ambos os mundos espiritual e físico transpassavam um ao outro. Isto criava nos habitantes do vilarejo uma contínua sensação de claustrofobia e a razão disto era bastante simples: Os mortos podiam ver os vivos, mas os vivos podiam apenas senti-los, salvo alguns indivíduos de maior sensibilidade que também os enxergavam, resultando num complexo processo obsessivo, onde os mortos atormentavam, vampirizavam e parasitavam diuturnamente os vivos, como se estes fossem pedaços de carne entregues às moscas.

Aos tempos em que o Sacerdote Zym-Tohr - sobrevivente de Mu, exercia o máximo potencial de sua magia, seu poder vinha justamente através destes Espíritos Subconscientes. Embora pensassem parcamente,

eram incapazes de tomar decisões por si só. Logo, bastava-lhes um firme comando de ataque para que se pusessem atrás do indivíduo cuja magia havia sido demandada. Então, os Espíritos Subconscientes não encontrariam descanso até que localizassem a vítima e, ao encontrarem, vampirizavam-lhe as energias vitais: O sujeito adoecia e em três dias encontrava a morte!

Ao migrar para a Grande Ilha de Hur, Zym-Tohr encontrara um vasto manancial para exercer, de uma forma nunca experimentada, toda a força de sua magia! Se antes, em Mu, ele possuía verdadeiro exército de Espíritos Subconscientes, agora tinha a possibilidade de aliciar milhares, talvez milhões destes pobres sofredores que por ali vagavam sem rumo.

Comandante dos Espíritos Subconscientes, Ho-Mir não era exatamente aquilo que se pudesse denominar alma-penada. Tratava-se de um hábil negociador, capaz de permear com grande facilidade as várias camadas vibracionais no mundo dos mortos. Era o porta-voz do clã Zym para o mundo espiritual. Possuía acesso às regiões mais abissais do mundo invisível e comandava com absoluta maestria todos os serviços demandados por seus senhores.

A eficácia de todo o poder do clã Zym, sem sombra de dúvidas repousava sobre os ombros de Ho-Mir. Sua lealdade consistia em algo admirável e, por centenas de milênios, responderia ao chamado de todos aqueles que envergassem o nome Zym.

Espírito antigo, Ho-Mir havia chegado ao planeta durante a primeira leva de Egos que formaram a Raça das Sombras. Sua "velhice" espiritual lhe facultara conhecer o planeta em caráter multidimensional. Ou seja, ele conhecia, de maneira única, todas as dimensões vibracionais do planeta Terra, seus habitantes e dirigentes, mas também era amigo dos Reis Elementais de modo que estes sempre lhe respondiam caso fossem chamados.

Com o tempo, Zym-Tohr se tornou mais sedento pelo poder. Isto faria com que os moradores da ilha, temerosos à ira do Sacerdote de Mu, iniciassem um verdadeiro êxodo, de modo que a absoluta maioria emigrou para outros lugares na esperança de que ficassem o mais distante possível do Príncipe de Gaia.

A fim de ampliar cada vez mais seu poder, Zym-Tohr reclamava para que Ho-Mir trabalhasse com o propósito de aumentar sua horda de Espíritos

Subconscientes. Já não se tratava mais de agir em prol do equilíbrio planetário, conforme as Leis Universais - que Ho-Mir conhecia em profundidade - recomendavam. Por lealdade a Zym-Tohr e em memória aos antepassados deste, Ho-Mir tratava de satisfazer os anseios de seu senhor, muito embora soubesse que estava novamente sendo partícipe da profunda distonia que começava a se instalar na psicosfera planetária. Ele bem sabia as graves consequências disto, pois acompanhara de perto o Grande Cataclismo. Desde então, passara a sofrer um processo de degradação em seu corpo espiritual: Antes era homem, agora, porém, um monstro de aparência horripilante!

Se a Grande Ilha de Hur permitiu que Zym-Tohr reinasse absoluto, na condição do mais poderoso Sacerdote Kahuna que até então havia existido, entretanto, não daria a Zym-Hur, seu bisneto, a mesma condição de reinado!

Zym-Hur não conheceria seu bisavô senão através da fama e reputação que aquele Sacerdote Kahuna possuía. Pois tendo nascido alguns milênios após a morte de Zym-Tohr, a única e legítima herança que obteve foi a genética da longevidade, o que lhe faria capaz de viver bem mais que mil anos.

Havia toda uma mística em torno de Zym-Tohr, especialmente sobre o dia em que desaparecera para sempre. Reza a lenda que certa vez, o Sacerdote de Mu foi se aconselhar com a deusa Pele ao pé do Vulcão Sagrado e, convidado pelos Reis Elementais, uniu-se à deusa para então se tornar o intercessor e guardião da Grande Ilha de Hur.

Quando alcançou a idade em que um Kahuna poderia exercer a plenitude de suas faculdades espirituais e, por- tanto, assumir a função de sacerdote, Zym-Hur encontrou um mundo em transição, de modo que sempre fora incapaz de experimentar o poder de outrora, obtido por seu bisavô. Além de tudo, jamais conseguira evocar os milenares Espíritos Subconscientes que um dia serviram a seu clã. Isto, no entanto não lhe impediu de realizar grandes feitos, pois além do vasto conhecimento sobre a Sabedoria Ancestral Lemuriana, Zym-Hur era naturalmente dotado de um grande potencial curador. Ele era um verdadeiro xamã, de corpo e alma!

CAPÍTULO SETE

Os Filhos das Estrelas

Distante aproximadamente 800 anos-luz do planeta Terra, encontra-se a estrela binária Alnitak. Em torno dela orbita Kether, a casa dos Orionis.

Os Orionis são uma raça humana de avançado padrão evolutivo. Signatários do Tratado de Cosmoética e seres altamente colaborativos, costumam enviar voluntários, sempre que o Conselho Estelar solicita, para as mais diferentes longitudes siderais.

Os dias em Kether são mais longos em relação ao planeta Terra. Assim também ocorre com os ciclos solares: 1 ano ketherico equivale a 10.000 anos terrestres. Por sua vez, os Orionis vivem por até 1.000 anos kethericos, equivalentes a 10.000.000 de anos terrestres, para em seguida retornarem ao plano da espiritualidade ketherica.

Kether é um planeta de quarta dimensão. Sua natureza é de uma beleza indescritível! A flora ketherica é composta por uma vegetação que emite feixes luminosos de vários matizes, causando a impressão de se estar em meio a uma floresta encantada. Seus pássaros e demais habitantes das florestas alimentam-se de Mana - Energia Vital, por isso, não há predadores ou quaisquer outros dispositivos de equilíbrio do ecossistema. Os animais, por sua vez exibem, cada espécie, uma roupagem magnífica que muito lembra a seda e o veludo, plumagem luminosa ou lindas escamas multicores; seus olhares são penetrantes e expressivos.

Nos rios corre magnífica água fluídica, leve, suave e tão pura quanto o sorriso de uma criança. Há diversos mares e oceanos onde habitam seres amistosos e, em suas profundezas há centenas de metrópoles submersas, habitadas por bilhões de Orionis. Há montanhas geladas, regiões desérticas e lugares onde o clima é ameno. Porém, todo o planeta é paradisíaco!

Como em todos os demais planetas habitados, espalha- dos pelo Cosmos, Kether possui um sistema político orientado pelo povo. Levando em conta que os Orionis vibram amor em seus corações e, portanto, não havendo espaço para sentimentos inferiores, não existe corrupção, ganância

ou qualquer outro comportamento característico daqueles mundos onde a evolução espiritual é primária - ou precária.

Seu judiciário não opera com o intuito de aplicar os rigores da lei, pois não há transgressores em Kether. Em vez disto, a justiça Ori constitui a guardiã das Leis Cósmicas, que vigoram em todo o Cosmos. Estas leis também são conhecidas por Leis Universais e os Orionis vibram em perfeita consonância com este sistema.

Kether não possui prisões, mas centros educacionais avançados que ensinam as Ciências Cósmicas, fornecendo aos Orionis uma profunda e sólida noção sobre tudo aquilo que ocorre em orbes ainda mais superiores a Kether: Eles vivem imersos num processo de contínua preparação para voos espirituais mais altos! Sempre!

Seu processo reencarnatório também é típico dos mundos grandiosamente evoluídos. Ao reencarnar, os Orionis trazem consigo toda a memória de seu passado cósmico não necessitando reaprender as coisas. Eles também possuem o livre-arbítrio para retornarem ao seio de suas famílias anteriores, mantendo-se próximos e/ou vinculados àqueles a quem possuem imensa afinidade ou laços de amor. Não existe mais a ocorrência de resgates cármicos. Seus habitantes formam uma grande família cósmica e, comprometidos uns com os outros, auxiliam-se mutuamente.

Mritzen, governante de Kether e regente do Conselho de Órion, havia recebido notícias de CERB. O Conselheiro Estelar lhe remetera a seguinte mensagem:

Estimada Consoror. Nobre Mritzen.

Sabemos que Kether, nossa pátria-irmã, solidária com os princípios do Amor Universal, tem enviado seus amados filhos aos mais diferentes e distantes orbes evolutivos, imbuída do firme propósito de partilhar experiências, conhecimentos, tecnologias, mas acima de tudo, levar o Bem à muitas pátrias não-signatárias do Tratado de Cosmoética. Sabemos do grande risco assumido por vós! Por isto, aceite, em nome do Conselho Estelar, nossos mais sinceros agradecimentos!

Ocorre que, muito recentemente, iniciamos um Plano de Ajuste Planetário em um orbe próximo ao vosso. O corpo celeste, de nome Gaia, sofreu um grande cataclismo. A maioria de seus habitantes pereceu, restando apenas um número muito pequeno de indivíduos. Optamos por ir ao auxílio deles enquanto aplicamos uma profunda transformação

vibracional em Gaia. Em suma, o plano consiste em fazer Gaia dar um salto quântico sem que com isto se sacrifique toda a vida lá existente, pois seriam necessários alguns milhões de anos para fazer a vida ressurgir a partir do zero. Tempo que, aliás, Gaia não dispõe!

Considerando que desejamos arregimentar 22 indivíduos, sendo 11 de vossa constelação e outros 11 de uma constelação vi- zinha. A eles, denominaremos Os Filhos das Estrelas!

Solicitamos a especial gentileza de nos disponibilizar tal voluntariado.

Aguardamos vossa resposta.

CERB-1º Conselheiro Estelar - VL.

Ao notar a importância da mensagem, Mritzen imediatamente notificou o Conselho de Órion. Obteve o consentimento, porém com ressalvas: Seria necessário negociar com CERB algumas condições sem as quais o Conselho de Órion não iria liberar seu corpo de voluntários. Mritzen também emitiu o chamado aos 11 voluntários, deixando-os em prontidão.

Reunidos através de uma holoconferência, Mritzen foi praticamente colocada dentro da sala de reuniões onde CERB, instantes depois, entregaria o Plano de Ajuste Planetário a KIM.

- Salve, estimada Consoror! Que alegria poder conversar convosco mais uma vez!

- Salve, Conselheiro CERB. Também sinto a mesma alegria. Entretanto, lhe trago algumas proposições definidas pelo Conselho de Órion sem as quais, não poderemos deixar nossos filhos participarem de vosso Plano de Ajuste Planetário em Gaia! - afirmou Mritzen, amistosamente.

- Certamente, nobre Mritzen! Terei todo o interesse em saber quais as proposições do venerável Conselho de Órion!

- Primeiramente, o Conselho de Órion apresentou-me um relatório sobre as condições de Gaia. Sabemos que a situação por aquelas bandas é tão crítica que, mesmo enviando nosso corpo de voluntários, há grande risco de que não consigam cooperar a contento. Então eu vos pergunto: Em caso de alguma adversidade, O Conselho Estelar nos permitiria intervir de modo que pudéssemos resgatar nossos voluntários? – questionou a governante de Kether.

- Sim, mas somente após a conclusão do primeiro estágio, cujo prazo estimamos em 5.000 anos de Gaia. Ou seja, vossos voluntários permaneceriam, no mínimo, este período. Transcorrido esse tempo, estarão aptos a retornarem às suas pátrias! - respondeu CERB.

- Bem. Isto equivale a meio ano em Kether. Nem daria tempo de sentir saudades! - disse Mritzen arrancando risadas de CERB.

- Como havíamos vos informado, Gaia é uma pátria não-signatária do Tratado de Cosmoética. Muitos experimentos já foram realizados naquele planeta e, sabemos, há uma ampla diversidade de raças cósmicas atuando em Gaia. O Conselho Estelar os autorizou a realizar incursões muito pontuais na superfície daquele planeta. Eles podem até mesmo lançar mão de alguns experimentos genéticos que, no futuro, deverão resultar na formação de novas Raças. Por Gaia ter se tornado um grande laboratório de experimentações, estão autorizadas intervenções genéticas com o exclusivo propósito de se aprimorar organismos, sejam animais ou vegetais. Entretanto, estão vetadas quaisquer missões de resgate, especialmente àqueles que se encontram presos à Roda de Samsara! Nosso intuito é inserir Os Filhos das Estrelas no âmbito do que sobrou da Raça Lemuriana, pois trata-se do melhor resultado genético que tivemos ao longo de milhões de anos. - disse o Conselheiro Estelar.

- Já que tocou no assunto, o Conselho de Órion também me reportou que, há cerca um milênio ketherico, um volumoso grupo de voluntários Orionis restou preso à Roda de Samsara e, devido a isto, encontram-se impedidos de deixar Gaia. Gostaríamos de saber qual o status destes voluntários. - perguntou Mritzen.

Imediatamente, CERB iniciou uma projeção holográfica, narrando os acontecimentos ali mostrados:

- Vosso grupo anterior, ao chegar nos domínios de Gaia, recebeu um equipo psíquico e um escafandro carnal com características mais suaves. Isto porque a Gaia de dez milhões de anos atrás, possuía melhores condições de habitação. Naqueles tempos, estávamos experimentando novas condições de reprodução genética e considerávamos que, entre os habitantes de Gaia, seria possível ocorrer a reprodução sexuada. Ou seja, um primeiro organismo forneceria determinado tipo de informação genética a um segundo organismo. Este, por sua vez completaria a combinação, gerando um terceiro organismo. Sabemos que quaisquer procedimentos,

visando replicar organismos vivos, implica em acessar diretamente o poderoso campo da Energia da Criação! Uma vez encarnados naquele planeta, vosso grupo de voluntários inebriou-se pelos prazeres físicos subvertendo a proposta inicial! Haviam, num primeiro momento, se tornado animais incontroláveis, guiados pelo instinto. Cada vez menos respondiam às orientações de seus Guias Espirituais até que se tornaram prisioneiros de si mesmos. Mas num segundo momento, perceberam que acessar a Energia da Criação lhes traria poder. Então desvirtuaram-se mergulhados na prática da magia das trevas! Atualmente se encontram extraviados em Gaia!

- É possível definir a localização exata deles? - perguntou Mritzen.

- No momento não! - disse CERB.

- E o que deverá acontecer com eles? - quis saber a governante de Kether.

- Conforme nosso Plano de Ajuste Planetário, serão lançados juntamente com os demais habitantes de Gaia, dentro de um campo vibracional que funcionará como um gigantesco decantador. - respondeu o Conselheiro Estelar.

- Qual prazo de permanência estimado naquele lugar? – insistiu Mritzen.

- O campo vibracional será projetado para durar em média meio milhão de anos em Gaia. Isto sob condições de normalidade! Quero dizer, se não houver nenhum atentado contra a composição vibracional deste campo! - disse CERB. Isto equivale a 50 anos kethericos! É um bocado de tempo! - refletiu Mritzen.

- Se comparado ao que deverá acontecer em Gaia durante todo este espaço de tempo, trata-se, na verdade, de um piscar de olhos em Kether! - disse CERB, relaxando a tensão que havia se criado em torno do assunto.

- Considero vossas explicações bastante elucidativas e o Plano de Ajuste Planetário, algo justo e importante para Gaia. Porém, gostaria que o nobre Conselheiro discutisse com seu colegiado sobre a possibilidade de enviarmos 1 dentre os 11 voluntários, com a especial missão de localizar nossos queridos Orionis, atualmente extraviados em Gaia. Esta é a condição do Conselho de Órion no que diz respeito a enviar novos voluntários àquele planeta! - disse Mritzen.

Naquele exato instante em que Mritzen informara a condição, CERB recebia autorização do colegiado para que assim procedesse.

- O colegiado, desde já, autoriza que um de vossos voluntários cumpra a missão de localizar os demais Orionis em Gaia. Ele poderá, inclusive, transferir conhecimentos assim que os localizar, com o intuito de fazê-los despertar para as realidades cósmicas. Entretanto, não está autorizado a proceder com qualquer tipo de resgate nem tampouco interferir no livre-arbítrio de seus pares! Uma vez em Gaia, vosso missionário estará sob a jurisdição de Os Doze Guardiões Celestiais e, portanto, a eles deverá se reportar de tempos em tempos. Devo dizer que, na condição de voluntário, ele acumulará missões, pois será necessário que cumpra o serviço para o qual for designado! - instruiu CERB.

- É justo! - disse Mritzen. Instruirei pessoalmente nosso missionário. À propósito, quando os 11 voluntários de- verão se apresentar para o serviço?

- Imediatamente! Os demais membros desta missão já estão à postos, apenas aguardando o acionamento dos Portais Cósmicos! completou CERB. Apenas mais uma coisa: Os Portais Cósmicos sofreram uma reprogramação relacionada ao tempo/espaço, de modo que Os Filhos das Estrelas viajarão a uma velocidade correspondente à metade da velocidade da luz. Desta forma, levarão em média 1.600 anos de Gaia para concluírem a viagem.

- Pobres Orionis! Uma distância tão curta para uma viagem absolutamente longa! - respondeu Mritzen.

- Sim. Em condições normais, cobririam toda a distância num milionésimo de segundo. Mas o fato é que, durante a viagem, eles passarão por um processo de descenso vibratório a fim de que consigam se adaptar aos padrões vibracionais de Gaia, atualmente baixíssimos. E chegando lá, antes de desce- rem à superfície de Gaia, deverão passar por uma complexa intervenção a fim de que sejam conectados, cada qual a um equipo psíquico bem como um escafandro carnal, ajustados para as condições de Gaia. Este tempo de viagem também garantirá que Os Doze Guardiões Celestiais tenham dado início ao Plano de Ajuste Planetário, visando criar o ambiente adequado para Os Filhos das Estrelas. - disse CERB.

- Quem nos manterá atualizados sobre o status desta missão? - perguntou Mritzen.

- O próprio Conselho Estelar! Será estabelecido um canal de comunicação permanente, através do qual o Conselho de Órion receberá toda e qualquer informação a respeito de seus voluntários em missão! - respondeu CERB.

- Entendido! Estaremos à postos para a contagem regressiva! - finalizou Mritzen.

- Certamente! KIM, o Primeiro Guardião Celestial, virá até o Conselho Estelar a fim de obter todos os detalhes do Plano de Ajuste Planetário, incluindo as condições especiais de vosso voluntário. Neste meio tempo, Os Filhos das Estrelas terão de estar a caminho! - disse CERB, encerrando a holoconferência.

Em seu gabinete, Mritzen aguardava pela presença de Khrest, a quem delegaria a especial missão de localizar os Orionis no planeta Terra.

Khrest era um diplomata de carreira. Já havia sido designado para outras missões. Possuidor de notório saber nas artes militares, habilidoso estratega, dominava as ciências cósmicas com capacidade ímpar. Provavelmente era o melhor dos agentes de Kether e o mais indicado para a localização dos Orionis. Sabendo que se trataria de uma missão solitária e de altíssima complexidade, Mritzen não teve dúvidas sobre as qualificações de Khrest.

- Ora! Eu tinha esperanças de que a eminente Governante de Kether me chamasse a fim de conceder aquela licença, lembra? - disse Khrest, adentrando ao gabinete sem nem ao menos pedir licença.

- E eu ainda não perdi as esperanças de que um dia o nobre diplomata adquira o hábito de pedir para ser anunciado. - respondeu Mritzen, em tom de brincadeira.

- Querida Mritzen! Estava com saudades de tua presença! Pois sempre que nos encontramos, eu me torno um ser mais desperto! À propósito, lembra-se de que eu havia solicitado, tempos atrás, uma licença temporária a fim de construir a minha tão desejada família!

- Claro que lembro. Aliás, teu pedido está aqui em minha mesa!

- Como assim? Ainda não o enviastes ao Conselho de Órion? - perguntou Khrest, estupefato.

- Ainda não enviei, você bem sabe as razões... Por ora, não poderemos dispensar um dos melhores diplomatas que dispomos, de modo que não existe a possibilidade de uma licença neste momento! Lamento decepcioná-lo! – disse Mritzen, enfática.

- Mritzen. Deixe-me novamente explicar. Sou um sujeito solitário e tenho me dedicado exclusivamente, desde que despertei para as Verdades Cósmicas, ao serviço do bem- estar coletivo. Você sabe que eu jamais

recusei qualquer que fosse a missão. Também é de seu conhecimento que eu já andei por vários planetas onde qualquer cidadão Ori, por mais bem ajuizado que seja, pensaria muitas vezes antes de aceitar qualquer missão que, sem titubear, eu aceitei! Com isto, eu precisei renunciar a várias coisas que, cedo ou tarde, tornam-se importantes na vida de um indivíduo, como pertencer a uma família, por exemplo. Você sabia que pretendo me casar? - argumentou Khrest.

- Khrest, agora não é o momento certo para falarmos em casamento, muito menos em família! Eu te chamei aqui para outra coisa. Temos uma nova missão para você!

- Quanto tempo eu ficaria fora? - indagou Khrest.

- Oh! Estamos evoluindo! - ironizou Mritzen.

- Diga-me, nobre Governante! Para onde o Conselho de Órion quer me levar desta vez e quanto tempo eu ficarei lá?

- Gaia é o nome do planeta, distante cerca de 800 anos- luz. Tempo de viagem: dois meses kethericos; permanência aproximada de meio ano ketherico... ...se tudo ocorrer conforme o planejado. - informou a Governante de Kether.

- Se tudo ocorrer conforme o planejado? Eu já sei que as missões do Conselho de Órion sempre têm um prazo infinita- mente maior do que aquele previamente informado! Então me diga, Mritzen, de quanto tempo realmente estamos falando? - perguntou Khrest, impaciente.

- Não se trata do Conselho de Órion! A solicitação veio de cima, do Conselho Estelar! E dê-se por satisfeito que a missão ocorrerá logo ali, bem pertinho de nossa constelação! Pois em se tratando de o Conselho Estelar, você poderia ser enviado para o outro lado da Galáxia, sem qualquer previsão de retorno! Além disto, você deve compreender que o Conselho de Órion não pode ignorar quaisquer chamados que venham daquele colegiado...

- Sei... signatários do Tratado de Cosmoética! - disse Khrest, interrompendo a fala de Mritzen.

Naquele momento, a Governante de Kether acionou um projetor holográfico, mostrando o avançado número de cidadãos Orionis que haviam partido para Gaia, numa missão anterior.

- Sempre me interrompendo... Deixe-me mostrar o que realmente está acontecendo e por qual razão seu nome entrou na lista de convocados para

esta missão em Gaia. - disse Mritzen.

- Ah! Então quer dizer que não vou sozinho desta vez? - perguntou Khrest.

- Pode me escutar enquanto assiste, calado, a projeção holográfica?

- Sim! Apesar de não demonstrar, tenho grande respeito pela hierarquia! - respondeu Khrest em tom jocoso.

- Neste momento temos, em Gaia, um número não menor a trezentos mil cidadãos Orionis que foram em missão, cerca de 1 milênio atrás, com o propósito de realizar diversos aprimoramentos genéticos bem como implantar nossa tecnologia naquele planeta. Perdemos contato com todos eles! Contudo, pouco tempo atrás, recebemos um sinal vindo de Gaia, muito fraco, é verdade, mas o suficiente para nos dar a mais absoluta certeza de que se tratava de Spodet, líder da missão. - disse Mritzen.

- Spodet? De Sirius? - perguntou Khrest, pasmo.

- Sim! - respondeu Mritzen. - Ele mesmo! Você o conheceu?

- Não o conheci pessoalmente, mas soube de sua “boa fama"! Aliás, eu não sabia que o Conselho de Órion costumava aceitar cidadãos estrangeiros em seu corpo diplomático, mas sobretudo, mercenários que ganham a vida explodindo planetas por aí! - disparou Khrest, de maneira ácida.

- Dispensamos suas análises! Prefiro que o Conselho de Órion assuma toda a responsabilidade no que diz respeito à convocação de seu corpo diplomático. A mim, na condição de dirigente, cabe apenas executar suas deliberações! - objetou Mritzen.

- E você está certíssima ao não questionar as decisões daqueles burocratas! Pois eles ou você estão fora de qualquer risco! Basta decidirem, designarem e tudo estará resolvido! Mas e quanto a mim? Pois não sou mercenário, muito menos um suicida! O que devo fazer? Aceitar a missão sem questionar ou apresentar minha carta de desligamento do corpo diplomá- tico? - questionou Khrest.

- Spodet era o mais habilidoso missionário a serviço do Conselho de Órion. Embora fosse originário de Sirius, entrara como voluntário na ocasião em que Canis e Órion firmaram aliança com o propósito de compartilhar seus avançados conhecimentos. Um dos planetas beneficiários seria Gaia! Justamente para aquele lugar, Spodet seria designado... - continuava Mritzen, no que foi novamente interrompida por Khrest.

- Em meu lugar, você aceitaria a missão? - perguntou Khrest.

- Primeiramente, caro diplomata, o Conselho de Órion não é composto por burocratas, mas sim, por indivíduos com a mais absoluta consciência de que uma simples emissão de ondas mentais poderá causar sérias alterações noutros orbes planetários! Logo, eles costumam pensar, sentir e agir com grande responsabilidade! E, respondendo à sua pergunta, sim, eu aceitaria a missão! - disse Mritzen.

- Então dê-me uma única boa razão e eu aceitarei de pronto! - propôs Khrest.

- A missão deste grupo é contribuir para que Gaia dê um salto quântico relacionado ao seu atual momento evolutivo. Sabemos que, quando um planeta ascende para um estágio superior de evolução, seu eco é reverberado para todas as proximidades siderais, estimulando outros planetas a um processo de Despertar Coletivo! Trata-se de um efeito em cadeia que também será sentido em Kether, tendo em vista que este planeta se encontra na eminência de dar um novo salto quântico em seu processo de evolução. Ou seja, uma vez que a missão logre êxito, você terá contribuído, embora de maneira indireta, para que Kether suba de patamar! – explicou a Governante de Kether.

- Continue! Estou gostando! Isto soa como música para os meus ouvidos! - disse Khrest.

- Já sei! Como um bom negociador, você quer saber quais benefícios colherá, não é mesmo? - disse Mritzen.

- Não sei! Eu terei benefícios? - ironizou Khrest.

- Mesmo sendo irônico, sim, ao retornar desta missão, e obtendo êxito, você será desligado do Corpo Diplomático de Órion...

- E serei exilado de Kether por não possuir as condições mínimas necessárias para permanecer neste belo planeta, não é mesmo? - disse Khrest em tom de brincadeira, ao interromper Mritzen.

- Você só será exilado se realmente desejar! Caso queira permanecer em Kether, receberá a nomeação de membro do Conselho de Órion. Com isto, você terá todas as condições para construir a família que tanto deseja! - disse Mritzen.

- Uau! Isto é bem mais do que eu havia pedido! - disse Khrest, empolgado.

- Sim! Muitas vezes pedimos bem menos sem saber que, às vezes podemos - e merecemos mais! Em breve, maioria dos membros do

Conselho de Órion ascenderá para planos superiores e haverá vacância de seus postos. Você bem sabe que o colegiado não nomeia absolutamente ninguém sem a plena condição meritória: Não há indicados, mas sim, indivíduos que se qualificam através de seus próprios atos. Torne esta missão bem-sucedida e viverá tudo aquilo que mais desejou viver! - afirmou Mritzen.

- Gosto muito de Kether e pretendo viver aqui por longos milênios! Como esta missão terá uma duração relativamente curta, não vejo problemas em postergar meus planos particulares. Diga ao Conselho de Órion que estou dentro! Quando embarcamos? - perguntou Khrest.

- Você já conhece a rotina deste tipo de missão! A viagem será realizada via Portais Cósmicos. Os Corpos Vibracionais dos voluntários serão remodelados à forma de Centelhas Divinas. Ao chegarem nas adjacências de Gaia, sofrerão um ligeiro rebaixamento vibracional a fim de que se compatibilizem com a frequência daquele planeta. Àquela altura, vocês estarão sob os cuidados de Os Doze Guardiões Celestiais, Engenheiros Siderais liderados por KIM, responsáveis por Gaia. Uma vez que chegarem, receberão de imediato, um equipo psíquico projetado exclusivamente para esta missão. Entrarão em estado de hibernação para que finalmente sejam ancorados na superfície do planeta. Serão submetidos a um procedimento de manipulação genética e isto os conectará a um escafandro carnal. Deste modo, viverão de forma discreta, nas mesmas condições que os demais habitantes de Gaia, à exceção de que serão donos de percepções extra-sensoriais avançadas. Isso os tornará intelectual e intuitivamente mais adiantados que a atual população daquele planeta. Isso é tudo o que tenho a lhe dizer! - orientou Mritzen.

- Ciente! A quem e quando devo me apresentar para a viagem? - perguntou Khrest.

- Deve se apresentar imediatamente à Comandante Tharia, na Quarta Plataforma Central de Kether. Atente para o fato de que a contagem regressiva já iniciou! Então, não perca mais tempo! Vá agora! - orientou Mritzen.

- Ok nobre governante! - Irei de imediato, mas não sem antes despedir-me de meus amados pais e de minha futura noiva. Pois desejo explicar as razões desta missão. Direi a ela que na volta, nos casaremos a fim de construir nossa tão sonhada família! - disse Khrest.

- Apenas mais uma coisa! Eu já ia esquecendo... Khrest, você já está qualificado como o líder da missão: Você será o primeiro dentre Os Filhos das Estrelas! Saiba que esperamos muito de ti! Agora vai logo! - concluiu Mritzen.

- Eu... o quê? Mais uma de suas surpresinhas, não? Está bem! Se não estivesse com pressa, passaríamos o dia discutindo essa questão! Tudo bem, eu aceito! - disse Khrest ao tempo em que saiu apressado, pois queria despedir-se de seus familiares.

CAPÍTULO OITO

Voltarei em Breve

Enquanto se dirigia ao encontro de sua família a fim de se despedir, estava, Khrest, mergulhado em profunda reflexão.

Em Kether, as famílias não possuem laços consanguíneos, mas vibracionais. Elas se formam através da afinidade de pensa- mentos e sentimentos. Os indivíduos se reconhecem irmãos pelo amor incondicional que vibram mutuamente. Neste sentido, os laços tornam-se ainda mais poderosos, especialmente porque os Orionis permitem uns aos outros a mais pura manifestação de seu ser!

Num mundo tão evoluído como este, tomamos conhecimento de quem são nossos Pais Cósmicos, e esta é uma das coisas mais maravilhosas que um indivíduo pode descobrir. Os Pais Cósmicos nos acompanham desde a nossa condição de Centelhas Divinas e são uma forte referência em nossa caminhada evolutiva. Sempre que alcançamos determinado estágio evolutivo, é para nossos Pais Cósmicos que retornamos. Eles nos orientam e auxiliam durante todo o processo de evolução espiritual. Os Pais Cósmicos são como as placas que indicam o caminho seguro de volta à Consciência Criadora, e passe o tempo que tiver de passar, eles sempre estarão aqui, à nossa espera!

Aqui somos transparentes e não há nada melhor do que sermos nós mesmos, sem máscaras, sem medos, sem críticas e julgamentos, sem rejeição.

Quando permitimos que as pessoas sejam quem elas são, ainda que isto nos desagrade; quando as deixamos livres para que expressem suas opiniões e exerçam o direito de ocupar seu verdadeiro espaço no mundo, desenvolvendo seus talentos, aprimorando virtudes, ajustando comportamentos a fim de que se tornem cada vez melhores, teremos dado o primeiro passo rumo à Evolução Cósmica!

Auxiliar uns aos outros a fim de que todos despertemos para as Realidades Universais, especialmente àquela de que somos filhos de um mesmo Pai, de uma Grande Consciência Cri- adora que nos impulsionou

para a vida. Compreender que ainda somos seres em pleno processo de gestação e, a cada estágio de nossa evolução, determinado corpo celeste nos abrigará cumprindo o papel de ventre ou pátria cósmica, até que estejamos prontos para ascender a planos mais elevados, então o processo recomeça!

Quando alcançarmos determinado grau de evolução, teremos percorrido tantos orbes evolutivos ao ponto de conseguir formar uma grande Família Cósmica. Quantos pais, mães e irmãos teremos tido? Onde eles se encontram neste exato momento?

Teremos semeado amor ou deixado rastros de destruição? Onde se encontram aqueles que algum dia nos fizeram o Bem? E aqueles que nos colocaram em situações difíceis? O que nossos corações dizem sobre as pessoas com quem convivemos? E o que dizem os corações daqueles que convivem conosco?

A vida é uma grande viagem. Quem um dia partiu, haverá de retornar! Isto é tão certo e palpável quanto a energia do Amor em seu mais puro existir!

Um dia, todos nos reencontraremos com aqueles a quem profunda e verdadeiramente amamos! Mas também nos reencontraremos com nossos desafetos. É a Lei Universal, que consiste em ajustar todas as coisas, fazendo-lhes coexistir na mais perfeita harmonia! Portanto, se você não conseguiu conviver em paz com determinada pessoa, lembre-se de que o Universo concorrerá para que, um dia, isto aconteça. Da mesma forma acontece com o Amor! Se ele não chegou ainda, um dia haverá de chegar! E quando isto acontecer, você será avisado por primeiro: Saberá antes de todos!

Procure tratar as pessoas da melhor forma possível! Elas poderão estar em contagem regressiva, preparadas para uma missão sem prazo de retorno. Pode ser que tão cedo não as reencontre!

O início de uma missão é como o nascimento de uma es- trela: Há um **Marco Zero!** É como observar a reação de uma criança quando recebe algo novo. Ela simplesmente sorri espantada. E aquele espanto inicial se repete sempre que ela vê algo que gosta. Ainda que veja todos os dias aquela mesma coisa, ainda assim a criança será capaz de sorrir como se fosse a primeira vez!

Como a criança, precisamos manter nosso espanto inicial, alimentando a capacidade de nos surpreendermos positivamente com a vida, e dela

sempre esperar lições que nos permitam o engrandecimento da alma, não importando o quão amargas ou difíceis poderão ser.

Devemos olhar para as pessoas procurando reconhecer o Ser Divino que habita em seu interior. Há, em cada um de nós, uma Centelha Divina pulsante, que muito lembra um coração. Aliás, ela pulsa como um coração, bombeando o maravilhoso fluido vital a energia cósmica que produz vida universo afora - por todo o nosso Ser. E quando saudamos a Centelha Divina que existe em cada criatura, não somente os seres vivos, mas absolutamente todas as coisas existentes no universo, estaremos saudando a nós mesmos e, portanto, saudando a parte divina que há em nós. Isto deverá ser o suficiente para nos conectarmos com a Consciência Criadora!

Há, porém, outra forma de nos conectarmos com a Consciência Criadora! Talvez a mais simples de todas: Basta alimentarmos a alma com o amor, a sinceridade, a pureza, mas acima de tudo, com a capacidade de perdoar que só uma criança pode ter! Elas, as crianças, não se prendem aos rancores e ressentimentos. Elas estão prontas para simplesmente ir, já que adoram um desafio. Para elas nada é difícil nem impossível. No mundo delas, tudo se torna real, tudo é criativo e poderosamente materializa- dor! É desta forma que a Consciência Criadora se manifesta!

Um tropeço é só mais um tropeço. Uma queda é somente mais uma queda. Uma perda é tão somente mais uma perda. Tudo o que é desagradável um dia passa, vai embora! São lições que, se soubermos aproveitar bem, nos renderão experiências maravilhosas! Devemos tirar o melhor proveito de tudo o que é passageiro, mas saber reter aquilo que é eterno: Lições são passageiras, mas as experiências serão eternas!

Há quem viva muito, mas aproveite pouco!

Temos tudo o que precisamos para ir ao encontro da felicidade! Respostas, soluções e ideias geniais estão em nosso interior, apenas esperando para serem trazidas à tona, bastando apenas que saibamos recuperá-las do incomensurável reservatório de coisas maravilhosas que todos possuímos.

Acaso não te lembras de que todo o Universo está dentro de ti? Não te lembras que foste criado à imagem e semelhança da Consciência Criadora? Portanto, assim como estamos dentro do Todo, o Todo está dentro de nós! Se não lembras, resgata tua criança interior, e ela te conectará com a Consciência Criadora!

Em tempos de escuridão, tua criança interior poderá te iluminar o caminho. Em noites de desespero, ela poderá levar tuas preces à Consciência Criadora. Nos momentos de carestia, ela poderá te alimentar com o pão da alma, nutrindo teu espírito a fim de que não desanimes, mas sobretudo, não desistas! Se não sabes ou não consegues resolver algo, confia em tua criança interior e ela te levará de encontro à solução de todos os problemas e dificuldades; ela te colocará em contato com o que há de mais puro em ti! Se estiveres perdido, ela te levará de volta para casa!

Distraído, Khrest não fora capaz de perceber que sua mãe o aguardava ali no portão de entrada.

- Meu amado filho! Sempre no mundo das estrelas! No que está pensando agora, pois parece estar tão distante? - perguntou-lhe Simad, sua Mãe Cósmica.

– Querida mamãe. Bem sabes que teu filho vive a pensar nas Leis Universais. Há muito o que aprender e o que ser feito por aí! Outro mundo me espera! Lá terei uma vida temporária! Uma nova missão delegada pelo Alto! Estou pronto! Vim aqui me despedir! - disse Khrest, sem a menor cerimônia.

- Já? Mal chegastes e já estás novamente de saída? - questionou a nobre senhora.

- Desta vez será a minha última missão! Aliás, não a última, pois em meu vocabulário não existe as palavras “última" e "jamais"! Quis dizer que, após retornar, terei o tempo que havia solicitado ao Conselho de Órion. Além do mais, fica- rei fora por um curto espaço de tempo! - respondeu Khrest.

- De quanto tempo estamos falando, meu filho? - perguntou Š imad.

- Segundo Mritzen, se contarmos o tempo envolvido nas viagens de ida e retorno, além do tempo necessário para completar a missão, provavelmente cerca de 1 ano em Kether. - disse Khrest.

Ao ouvir a resposta, Š imad franziu o cenho, esboçando uma reação da mãe que não quer estar longe do filho.

- Você ficará longe de casa todo esse tempo? – protestou Š imad.

- Mamãe! Teu filhinho não é mais uma criança. Aliás, se eu fosse contabilizar toda a minha idade cósmica... E depois, não é tanto tempo assim! Logo voltarei! À propósito, onde está papai?

- Entre! - disse Š imad. - Seu pai está no laboratório, realizando alguns experimentos.

Com pressa, Khrest foi ao encontro de Tritzah, seu Pai Cósmico.

- Há muitos indivíduos capazes de se dedicar uma vida inteira ao ofício que tanto amam, mas com certeza o senhor supera a todos! - disse Khrest para em seguida dar um abraço apertado em seu pai.

- Certamente, meu filho! Mas é por uma causa justa! Soube que o Conselho de Órion lhe convocou novamente! Parabéns! Líder de uma missão mais que especial! - disse Tritzah, mantendo-se abraçado com o filho.

- Esta é uma das desvantagens, em minha opinião, de se morar em Kether: Todos são capazes de ler pensamentos! - disse Khrest.

Tritzah soltou uma forte gargalhada para então dizer:

- Exatamente! Todos sabem da vida de todos! Por outro lado, o que temos a esconder uns dos outros? Há um mundo de vantagens nisso! Primeiro, jamais haverá boatos ou notícias falsas em Kether. Não há espaço para intrigas, conspirações e fofocas. E depois, tudo o que acontece neste bendito planeta chegará ao conhecimento de cada habitante e isto é algo absolutamente justo! A ignorância leva à subjugação, à escravidão e somente mundos inferiores consideram isso como algo normal. Em Kether, o poder é a Luz Divina que serve para Despertar o Ser, jamais para subjuga-lo!

- Tenho que admitir, papai. O senhor e mamãe sempre têm razão!

- É claro que sempre temos razão! - brincou Tritzah, para em seguida falar de maneira séria. - Como Tutores Cós- micos, conhecemos à fundo nossas polaridades e as mantemos no mais perfeito equilíbrio. Ninguém alcança a luz sem antes ter passado pela escuridão! Ninguém conhece o mais absoluto senso de justiça sem antes ter se esbaldado no cometimento da injustiça. Claro que isto foi há milhões de anos e não necessitamos mais de nosso lado sombra para alimentar nossos Egos. Já somos perfeitamente guiados pelo Eu Superior e nos sentimos felizes por isto. É nosso compromisso como Pais Cósmicos, fazer com que os filhos percorram o caminho do Bem, e quer saber? Você nos traz muitas alegrias, especialmente porque sabe fazer as escolhas certas! Quero dizer, soube fazer a escolha certa ao aceitar esta missão de auxílio à Gaia!

- Soube que há centenas de milhares de Orionis em Gaia! - disse Khrest.

- Sim. Conheço muitos deles! Há muito tempo aguardamos informações sobre sua condição, pois todos, sem exceção, eram criaturas maravilhosas! Hoje, sequer sou capaz de imaginar o que podem ter passado em Gaia - completou Tritzah.

- Não faço ideia do que tem acontecido por aquelas bandas, pois como o senhor bem sabe, minha última missão foi relativamente longa. Irei me inteirar de todo o plano durante a viagem e, posteriormente, ao estacionar nas adjacências de Gaia, antes de descer à superfície. - disse Khrest.

- Vá tranquilo! Tomei conhecimento de que o grupo é de altíssimo quilate! Por saber que você será o líder desta mis- são, posso dizer que meu coração se enche de alegria! – disse Tritzah.

- Teus incentivos sempre contribuíram para que me tornasse um Ser melhor e mais consciente das Verdades Cós- micas, mas estou ciente das implicações desta missão! Sei, inclusive, que ela poderá se prolongar por mais tempo além do necessário. Li isso no olhar de Mritzen! - disse Khrest, expressando certa preocupação.

- Passe o tempo que passar, estaremos aqui, eu e tua mãe, a te esperar! Lembre-se de que você é nosso filho por toda a eternidade! - respondeu Tritzah, abraçando Khrest fortemente.

Š imad chegou exatamente naquele momento em que pai e filho se abraçavam, trazendo por companhia a bela Kyriah, noiva de Khrest.

- Olha quem veio para a celebração de hoje! - disse Ś imad, mostrando Kyriah, enquanto segurava sua mão.

– Venha, minha filha! - disse Tritzah. - Teu noivo está com o coração apertado por ter que realizar mais esta viagem! Mas sabemos que você tem o condão de acalmá-lo, não é mesmo?

Kyriah, num rápido movimento, aproximou-se de Khrest, olhando profundamente em seus olhos e, irradiando poderoso feixe de energias amorosas, disse:

- Oh! Alma de minha alma! Não preciso dizer que meu coração pulsa na mesma frequência que o teu!

- Minha bela Kyriah! Eu bem sei deste amor! Demoramos centenas de milênios até que pudéssemos nos ver livres de nossos compromissos

cármicos. Mas agora... agora que es- tamos livres para celebrar o Amor em toda a sua plenitude, eis que me surge mais esta missão... - disse Khrest quando imediatamente foi interrompido por sua noiva.

- O que é um simples segundo na eternidade, meu Bem? Quando o Amor alcança as mais altas proporções universais, torna-se o elo mais poderoso entre aqueles que são capazes de senti-lo. Mais do que isto! Ele é capaz de viajar no espaço e no tempo, percorrendo distâncias incomensuráveis de modo que, jamais nos esquecemos daqueles a quem amamos! Passe o tempo que passar, nosso destino é o Amor, e através dele, construiremos a sólida base de nossa edificação familiar! - disse Kyriah.

Numa emissão das energias mais poderosas que o Amor é capaz de criar, a família se abraçou demoradamente, for- mando um campo vibracional multicolorido. Aquele era o sinal de que muito em breve, a família aumentaria.

- Vocês sentiram isso? - disse Khrest.

- Sim! Ele veio nos visitar! - respondeu Kyriah.

- Como matriarca desta família, devo lhes dizer que o novo membro familiar se programou para estar entre nós assim que seu pai retornar da missão em Gaia. Ele demonstrou felicidade e aceitação ao saber que terá Khrest e Kyriah como pais! - disse Simad.

- Mal posso esperar para estar de volta! Não quero perder um único segundo da companhia deste amado filho. Temos muito o que aprender um com o outro! Além disto, ver a família crescer é sempre uma grande alegria! - concluiu Khrest.

- Esta será uma experiência única e duradoura em sua vida, meu filho! Pois você se tornará Pai Cósmico, e isto é muito diferente do momentâneo estado de paternidade, vivido por muitos indivíduos em orbes de menor ascensão espiritual! - disse Tritzah. - Estou certo de que o aprendizado será enorme! - completou.

Todos voltaram a se abraçar criando novamente o campo vibracional multicolorido.

"Sejas bem-vindo à nossa família, querido membro. Honramos a Centelha Divina que habita em ti e daremos todo espaço necessário a fim de que possas germinar e crescer livremente, recebendo o alimento do Amor Universal. Permitiremos a manifestação de tua Verdade Interior. Aqui encontrarás o necessário para que te tornes consciente das Verdades

Universais; para que percebas a grandiosidade da Consciência Criadora. Que todos os ecos do espaço reverberem teu Ser de forma harmoniosa! E mais uma vez, sejas bem-vindo!"

A família, prestes a receber um novo membro, teve o adequado tempo para celebrar. Cada qual sentia imensa contemplação pelo simples fato de existirem uns para os outros. Ali, a felicidade era algo perene, contínuo, e não havia espaço para desentendimentos ou reações de agressividade. Era, sim, o mundo perfeito onde o Amor Universal germina facilmente por todos os cantos, encontrando amplo lugar no coração de cada indivíduo. Assim era o mundo de Kether!

Transcorrido algum tempo, Khrest recebe o aviso de que a partida se aproxima.

- Preciso ir. Acabei de receber o chamado. Em pouco tempo, iniciaremos a viagem rumo à Gaia!

- O tempo passou tão rápido assim?? Mas você ainda não fez as malas! - disse à Š imad, provocando risos em todos.

- Fazer as malas é algo extremamente desagradável! Sempre levamos, em excesso, tudo aquilo que é desnecessário, e acabamos deixando o imprescindível! - disse Khrest.

- Concordo! A vantagem de se viver em mundos como Kether é que, para onde quer que viajemos, não é necessário fazer as malas! - completou Kyriah.

- Vá em paz, meu filho! Teu lugar sempre será teu, agora, e em qualquer tempo! - disse Tritzah ao abraçar Khrest. S imad e Kyriah também se aproximariam a fim de selar a aliança familiar.

- Voltarei em breve! - disse Khrest.

Ao sair, Khrest estava consciente de que adiaria, ainda que por um curto espaço de tempo, seus planos pessoais. Esta é, aliás, a mais pura manifestação do Amor Universal, onde um indivíduo prioriza o bem-estar coletivo, pois sabe que o Todo é singular, único e, portanto, quando semeia o Bem aos outros, não deverá colher para si outra coisa senão o Bem que semeou!

Uma força descomunal me impulsiona a seguir meu destino, e é curioso observar que, neste momento, sinto que parte dele está em Gaia. O que há de tão especial naquele lugar? Como posso deixar meus sonhos em segundo plano e partir em busca de um mundo por mim desconhecido? Que

aventuras e desafios me aguardam? Lograrei sucesso? O que será de Kyriah se eu fracassar e terminar meus dias assim como Spodet? E quanto ao filho que ainda não tive? Conseguirei seguir minha vida sem vê-lo crescer? Conseguirei viver caso a Sabedoria da Vida dê-lhes um destino diferente do meu?

Quando nos comprometemos com o Alto, na verdade estamos nos comprometendo com nós mesmos! Por esta razão, necessitamos cumprir cada tarefa, da mais fácil à mais complexa; da mais prazerosa à mais amarga! Isto porque, assim como o Alto nos confia a execução de algo, por outro lado também coloca pessoas ao nosso redor, muitas delas na condição de nossos de- pendentes. Isto é compreensível e, apesar de ser uma estratégia do Alto, serve como estímulo a fim de que jamais desistamos do caminho evolutivo.

Afinal de contas, ao desistir de uma tarefa com a qual havíamos nos comprometido realizar, ou o cometimento de um simples erro, isto poderá alterar o caminho e, consequentemente os planos de um incontável número de pessoas. Agora posso compreender a razão de meus Pais Cósmicos sempre honrarem suas funções: O que seria de mim caso eles tivessem desistido? Teria tido as maravilhosas oportunidades que tive? Tenho a mais plena convicção de que eles me entregaram um mundo onde se pode crescer no Bem e, muito em breve, será a minha vez de fazer isto com os filhos que me forem confiados!

A evolução é mesmo algo magnífico! Ela só é possível desde que haja o compromisso de se levar algo até o fim! Sim! Compro- misso! Isto significa viver intensamente para algo - ou alguém, dando-lhe o que temos de melhor, ao passo que nos consumimos... ...nos consumimos em Amor, tal qual as estrelas, que se consomem enquanto geram vida no seu entorno.

Vou logo ali, queridos mamãe e papai!

Meu coração permanece contigo, amada Kyriah! Em breve nossas vibrações de amor haverão de acolher o filho que tanto de- sejamos... ...e finalmente nos tornaremos Pais... para exercer, por todo o sempre, o ofício de cuidar de um ser vivo - um universo em franca expansão!

CAPÍTULO NOVE

A Viagem - Primeira Fase

A Quarta Plataforma Central de Kether consistia numa das mais avançadas edificações já construídas pelos Orionis. Destacava-se, dentre as demais plataformas, por abrigar um avançado dispositivo capaz de criar o mais perfeito campo vibracional que, por sua vez, permitia às missões cobrirem longas distâncias num curto espaço de tempo, sem que ambos os mundos, de origem ou destino, sofressem qualquer lapso relacionado ao Paradoxo Temporal.

Na Ponte de Lançamento, o poderoso reator criaria uma Nave Interestelar de características únicas. Sua composição formava uma Abóbada Dourada, muito assemelhada a um globo planetário, porém transparente e altamente luminoso.

No total, duas naves partiriam rumo à Gaia. A primeira delas, partiria da Constelação de Canis - Sirius e Adhara. A segunda, partiria da Constelação de Órion - Alnitak, em Kether, levando os Orionis. Khrest estaria a bordo da segunda nave!

A contagem regressiva final estava prestes a ser iniciada e a numerosa equipe, formada pelos melhores cientistas de Órion, aguardava o embarque da tripulação. Todos os Orionis, incluindo Khrest, haviam formalmente se apresentado à comandante que, sem cerimônia, deu início ao briefing:

— Caros tripulantes. Meu nome é Tharia de Sirius. Fui nomeada pelo Conselho de Órion como sua comandante e responderei por todos os procedimentos relacionados ao comando de nossa Nave Interestelar. A equipe que me acompanha será responsável pelos ajustes vibracionais os quais vocês serão submetidos ao longo da viagem. Segundo os protocolos fornecidos pelo Conselho de Órion, é necessário que Os Filhos das Estrelas cheguem nas adjacências de Gaia já imersos num padrão vibracional condizente com a realidade daquele planeta. Na prática, vocês sofrerão um grande rebaixamento em seu padrão vibracional, a ser executado gradualmente, por minha equipe. Alguma dúvida até aqui?

Os voluntários estavam lado a lado, perfeitamente alinhados e atentos, ouvindo as instruções de Tharia. Numa das extremidades, eis que um deles levanta o braço.

— Queira, por favor, identificar-se a mim e aos demais! – disse Tharia.

— Nobre Comandante; demais colegas, me chamo Khrest de Órion! – disse o líder da missão, apresentando-se de maneira desengonçada e em tom de provocação, pois a comandante havia se apresentado como "de Sirius."

Assim que Khrest se apresentou, os demais riram baixinho, murmurando uns com os outros.

— Acham engraçado o nome "Khrest"? Foi por esta razão que riram? – disse Tharia ao adotar um tom mais firme.

— Não, Senhora Comandante! – disse um deles.

— Aproxime-se, meu caro diplomata! Mritzen, sua superior, ao repassar seu dossiê, informou-me que às vezes seu querido subordinado gosta de descontrair o ambiente, adotando um tom jocoso e até mesmo pejorativo, às vezes acertando na medida, mas quase sempre exagerando em seu tom de humor. – disse Tharia enquanto mantinha firme contato ocular com Khrest.

— Mritzen fez esta observação? Devo admitir que às vezes isto é mais forte que eu! Apesar de estar correta...

Neste momento, Khrest coloca os dedos indicadores nas regiões temporais e emite uma forte vibração mental para Mritzen:

Hei de voltar em breve! E quando eu voltar, você haverá de prestar contas comigo, sua dedo-duro!

A resposta veio na velocidade da luz:

Engraçadinho! Assim que chegar em Gaia, será demitido! Quem te dará carona de volta? Brincadeirinha! No dossiê que entreguei à Comandante Tharia, há coisas que nem você sabe sobre si mesmo!

Ao captarem as emissões mentais de Khrest e a resposta imediata de Mritzen, o grupo de voluntários foi ao delírio! Mas a descontração não duraria muito: Tharia lhes chamaria de volta, à realidade daquele momento tão importante!

— Agora que o nobre diplomata descobriu que Mritzen é do tipo "onipresente", que tal continuarmos nosso briefing? – disse Tharia.

— Claro comandante! Somos todos ouvidos! – respondeu Khrest, realinhando-se junto aos demais.

— Assim que atingirmos a velocidade de escape e, portanto, sairmos da órbita de Kether, circundaremos Alnitak onde os Portais Cósmicos serão abertos. Adentrando aos portais, apontaremos para o Sistema de Solis à meia velocidade da luz. Durante toda a viagem, cada qual receberá, via captação psíquica, um plano de ação contendo instruções referentes às tarefas a serem desempenhadas em Gaia. Uma vez em Solis, novos procedimentos serão adotados. Por ora é isso! Alguma pergunta? – questionou Tharia, finalizando o briefing.

— Por que viajaremos à meia velocidade da luz, Comandante? – perguntou um dos 11 voluntários.

— A razão é bastante simples. Estamos trabalhando em sincronicidade com o grupo de Engenheiros Siderais responsáveis por Gaia. Sabemos que neste momento aquele planeta não possui condições vibracionais adequadas para receber esta missão. Em planetas de terceira dimensão, costuma-se dizer que a natureza não dá saltos. Logo, é necessário conduzir aquilo que eles chamam de Plano de Ajuste Planetário, em que pese a necessidade de fazer subir o padrão vibracional de Gaia ao máximo possível, a fim de que Os Filhos das Estrelas sejam devidamente ancorados naquele planeta e é claro, para que a missão tenha êxito. Isto levará o tempo equivalente à nossa viagem até Gaia. – respondeu Tharia.

Naquele momento, a contagem regressiva final foi acionada. Os Filhos das Estrelas deveriam embarcar imediatamente!

— Atenção tripulantes, ativem seus Merkabas em 3...4...5...6...7...8...9! – pulsou Tharia enquanto emitia um forte e concentrado feixe de ondas mentais.

Instantaneamente, cada um dos tripulantes foi envolvido por magnífico e vibrante campo de luz, cuja função seria transportá-los através das variações dimensionais existentes entre Kether e Gaia.

— Iniciar volitação em 3...4...5...6...7...8...9!

Na medida em que Tharia pulsava a emissão do feixe mental, todos os tripulantes passaram a flutuar em direção ao interior da Nave Interestelar.

— Campos vibracionais acionados! Todos já estão a bordo!

A beleza daquela Abóbada Dourada se fez esplendorosa para todos aqueles que observavam seu lançamento.

De maneira suave e elegante, a Nave Interestelar descolou-se do chão e ganhou os céus de Kether. De suas residências, Kyriah, Ṡimad e Tritzah,

enquanto emitiam vibrações do amor mais puro que se pode sentir, observavam o luminoso sinal: Era Khrest quem estava lá, no cumprimento de seu desiderato. A última missão antes que pudesse finalmente se estabelecer como cidadão residente de Kether. Em breve, ele deixaria de ser o missionário e peregrino. Finalmente seria capaz de fincar raízes na pátria dos Orionis, cujas almas eram alimentadas pelo Amor Universal. Seus tão amados familiares aguardariam, como quem conta os segundos, até que finalmente pudessem reencontrar aquele filho e noivo tão amado, acolhendo-o em seus braços.

Ao deixar a órbita de Kether, a nave tripulada por Os Filhos das Estrelas rumou em direção à Alnitak, a supergigante azul, a fim de ingressar nos Portais Cósmicos. O destino lhes esperava para a realização de uma tarefa tão contingente quanto importante: Era necessário, de uma forma ou de outra, fazer-se cumprir em Gaia, as Leis Universais!

CAPÍTULO DEZ

A Revelação

Yan-Mei caminhara ininterruptamente por dois dias seguidos. Estava exausta, mas insone. Sua preocupação era tamanha que lhe impediu de dormir. Além disto, desde que iniciara a caminhada rumo ao platô, o mundo dos mortos parecia ter se voltado contra a pobre jovem.

Apesar de cansada e profundamente angustiada, havia conseguido chegar ao local onde Zym-Hur morava. Entretanto, a jovem Yan-Mei encontrara a casa vazia.

Onde está esse homem, agora que tanto necessito dele? - pensou.

A noite cairia dentro de algumas horas. Logo, era necessário encontrar Zym-Hur antes que anoitecesse. Então Yan-Mei decidiu procura-lo por todo o platô, evitando, porém, distanciar-se da habitação do velho Kahuna.

O dia se foi e nada de Zym-Hur! A jovem adentrou à casa, preparou alguma comida, se alimentou e finalmente recostou-se num canto para então cair no sono de maneira profunda. Estava cansada, muito cansada! Não seria capaz de esperar por ninguém, nem mesmo pelo seu protetor!

“Não sabemos quem ele é! Apenas sabemos que fez tudo para encontrar seu maior desafeto, e o encontrando, não mediu esforços para subjuga-lo!

Este homem é um verdadeiro servo das trevas! Escravizador de almas inocentes! Persegue a todos de maneira implacável e, se lhe devem algo, cobra-lhes impiedosamente! Qualquer um que o encontre pelo caminho, se transformará numa pobre vítima sem direito à defesa! Graças a ele, o mundo é um lugar terrível!

Quantos tiveram coragem de se voltar contra ele? Milhões experimentaram a desgraça! Parece que ele tem o corpo fechado! Ele domina a todos! Que força descomunal é essa, a sobrepujar tudo aquilo que aprendemos sobre o Bem? Apenas sabemos que, diante deste homem, as Leis Universais se tornam inócuas! Ele parece dominar a tudo e a todos! Não adianta fugir!

Não adianta se esconder! Ninguém e absolutamente ninguém será capaz de esconder-se dele! Onde quer que você esteja, se ele quiser, assim saberá; assim te alcançará...

Cuide-se! Ele está te procurando! Não irá sossegar enquanto não te encontrar! Seu objetivo final é evitar que..."

Subitamente, Yan-Mei acorda: Tivera um pesadelo no meio da noite! No pesadelo, sua mãe demonstrava grande preocupação com o destino da jovem.

Por Gaia! Nem mesmo aqui, nos domínios de Zym-Hur, terei a paz que tanto necessito? Aliás, quem é este indivíduo a quem minha mãe tanto pede para ter cuidado? Será Loo-Ni-Fehr? – pensou.

Tendo despertado, notou que Zym-Hur ainda não havia chegado.

Preciso dormir! Estou muitíssimo cansada! Amanhã procurarei saber o que houve com Zym-Hur.

Na manhã seguinte, bem cedo, Yan-Mei acorda e, nada de Zym-Hur. Ao sair da casa, com o intuito de procura-lo.

Onde está esse homem? ... Preciso encontra-lo! Terá ido ao vulcão ou será que Loo-Ni-Fehr chegou antes de mim por aqui? Terá emboscado Zym-Hur?

O platô, onde localizava-se a casa de pedra do Kahuna, era bastante amplo. Nas extremidades havia várias projeções rochosas e apenas dois caminhos: Um deles levaria ao vilarejo, e o outro, ao Vulcão Sagrado.

Se nada de grave aconteceu com Zym-Hur, certamente ele terá ido ao vulcão! De outra forma, teríamos nos encontrado pelo caminho! – pensava Yan-Mei enquanto tentava compreender a ausência de seu protetor.

Ao fim de algumas horas de procura, a jovem resolveu sentar-se exatamente no local onde o Kahuna costumava se posicionar enquanto meditava. Foi justamente naquele lugar que Yan-Mei flagrara Zym-Hur desesperado, gritando enquanto olhava para o Vulcão Sagrado.

Algum tempo havia se passado e já começava a entardecer. Subitamente, Yan-Mei escuta um ruído ecoando no vale. Era uma gigantesca revoada de pássaros formando um espetáculo que impressionava aos olhos! Em seguida, um grande estrondo: O Vulcão Sagrado daria seu primeiro sinal após muitos anos. Provavelmente o mais forte sinal que Yan-Mei já havia tido notícias.

Em seguida ao estrondo, um fluxo piroclástico de proporções medianas começou a descer pela encosta do vulcão. Yan-Mei assustou-se! Muito embora estivesse à uma distância relativamente segura, levantou e pôs-se a correr, pois nunca vira nada igual!

O Vulcão Sagrado lançaria aos céus uma quantidade colossal de fumaça, rochas incandescentes e um rio de lava escorreria pela encosta, indo de encontro ao mar.

Ao olhar para a direção do Vulcão Sagrado, Yan-Mei percebeu que, no entorno de sua cratera, uma forte tempestade de raios começara e suas descargas precipitaram a formação de um gigantesco campo eletromagnético: A jovem ficou aterrorizada! Queria entender o que exatamente era aquilo, mas seu medo foi maior. Ela então virou-se novamente, correndo na direção contrária ao Vulcão Sagrado.

“Que espetáculo terrível! Será o fim da Grande Ilha de Hur? – perguntou-se. – Mas o quê... O que é isso... Quem??”

— Yan-Mei! Yan-Mei!

Era Zym-Hur a chamar-lhe. A jovem permanecera no mesmo lugar por horas a fio. Havia entrado em estado alterado de consciência, sendo incapaz de responder a qualquer chamado externo.

Após abrir os olhos, respirou aliviada por estar diante de seu protetor! Então levantou-se e caminhou olhando para todos os lados, inclusive para o Vulcão Sagrado, que continuava a expelir a mesma quantidade de fumaça quando de sua última visita a Zym-Hur. Não havia ocorrido uma grande erupção nem tampouco a tempestade de raios. Tudo absolutamente normal!

— Mas o que foi que aconteceu comigo?

— Se a linda Yan-Mei não sabe, por que eu saberia?

— Simplesmente não faço a menor ideia! Apenas lembro-me que sentei logo ali, naquele lugar. Devo ter adormecido... meu cansaço é enorme... acho que dormi sentada!

— Só isso? Não lhe aconteceu algo mais?

— Bem... Sim! Aconteceu! O Vulcão Sagrado havia entrado em erupção...

— Erupção... tempestade de raios... esfera gigantesca e luminosa, resultante da tempestade de raios... Não foi isso o que viu? – disse o Kahuna, ao interromper Yan-Mei.

— Sim! Como sabe disto?

— Eu sempre sei!

— Sua resposta não me elucida em absolutamente nada! Continuo sem entender o que aconteceu!

O Kahuna riu demoradamente. Estava enormemente surpreso pela visão que Yan-Mei acabara de ter. Então, puxou-a pela mão e disse:

— Venha comigo! Vamos beber água.

— Ah! Mas eu quero saber o que aconteceu!

— Saberá! Por ora, venha comigo, já disse!

— Está bem! Mas você há de me explicar sobre isso!

Ambos caminharam até a casa, localizada à meia-distância do local onde Zym-Hur costumava fazer suas meditações.

Em silêncio, o Kahuna serviu água para a jovem, perguntando-lhe se estava com fome.

— A última coisa que penso neste momento é em saciar minha fome! Acaso não percebestes que estou morrendo de curiosidade? Assustada, porém curiosa com o que acabei de ver!

— Vamos preparar algo para comer. Sinto fome. Fiz uma longa viagem até o Vulcão Sagrado. Precisava buscar respostas para os últimos acontecimentos. Voltei de lá sem que houvesse manifestação alguma da deusa Pele.

— Então sua viagem foi em vão!

— Sim... e não! Ao mesmo tempo, consegui e não consegui!

— Explique-me, por favor! Eu já perdi a paciência faz algum tempo! Não vim aqui para isto, você sabe! Minha causa é da maior importância. Então, vá direto ao ponto! Quero saber o que se passa com o poderoso Zym-Hur!

— Tempos atrás julguei ter perdido os meus poderes. Minhas energias se esvaíam com grande rapidez, mesmo diante de alguns trabalhos que sempre considerei absolutamente simples de serem realizados. Lembro-me que, certa vez, no vilarejo, uma família pedira-me que tentasse ressuscitar seu ente querido que, muito jovem, havia sofrido a descarga de um raio. Como eu estava nas proximidades do vilarejo, foram necessárias algumas poucas horas de deslocamento. Ao chegar, notei que a jovem já estava em fase de enrijecimento, mas, no entanto, seu espírito ainda estava ligado ao corpo através do cordão. Por sua vez, o cordão estava

esticado a ponto de romper. Iniciei minhas orações conjurando as palavras mágicas que meus antepassados ensinaram e pude ver, através da visão psíquica, que a jovem lutava para permanecer neste mundo, porém estava atordoada e perdida no lugar onde o acidente ocorrera. Seu corpo não estava nas melhores condições devido às profundas queimaduras que sofrera. Imediatamente eu iniciei a transferência de mana, que passou a verter de meu corpo em direção à jovem, num processo que levou algum tempo e quase me consumiu as energias. Meu propósito era de que a transferência de mana proporcionasse a regeneração dos tecidos corporais. Pedi então que os familiares realizassem massagens e procurassem aquecer o corpo gélido da moça. Então fui até o local onde se encontrava o espírito daquela jovem, ordenando que seu Eu Superior procedesse com o imediato retorno ao corpo físico. Tão logo houve o sinal de que seu espírito retornaria ao corpo físico, rapidamente perdi as forças. Meus olhos escureceram e só lembro de ter acordado no dia seguinte. É claro que a família da jovem me amparou durante o tempo em que fiquei desacordado.

— E o que aconteceu com a jovem?

— A jovem ressuscitou! Quando despertei, ela veio me agradecer. À exceção das queimaduras que sofrera, nada mais demonstrava que ela tinha passado por uma situação grave!

— Ainda não consegui saber onde você quer chegar!

— Após este trabalho, eu jamais consegui trazer de volta para a vida, pessoas que se encontravam em situações até mesmo mais favoráveis à desta jovem moça. Fiz muitas tentativas e, ainda que os cordões não houvessem rompido, e ainda que conjurasse as palavras mágicas ordenando que seus espíritos voltassem, mesmo assim não fui capaz de repetir a mesma experiência de outrora!

— E o que isso quer dizer?

— Isso quer dizer muita coisa, minha querida jovem! Desde então, minhas energias se esvaem com grande facilidade. Além disto, sinto que é necessário aplicar uma força maior ao preço de um resultado mínimo! Sou apenas uma sombra daquilo que um dia fui; E uma poeira se comparado aos poderes que meu bisavô Zym-Tohr possuía em seu tempo!

— Já entendi! – disse Yan-Mei, entrando em prantos! – Você não poderá me ajudar! É isso?

— Infelizmente não poderei te ajudar da forma como havia prometido. Não disponho de poderes suficientes para lançar a Oração da Morte!

— Oh! Então será o meu fim!

— Não será o seu fim! Existe um segredo que preciso revelar! Algo que me foi passado através de minha linhagem. Juramos protege-lo como à nossas vidas revelando-o apenas aos primogênitos, ninguém mais! Hoje eu sou o único de minha linhagem, que ainda vive. Na verdade, sou o único de minha família. Não há mais ninguém. Se eu morrer amanhã, o segredo se perderá para sempre!

— E por que revelaria tal segredo a mim? Afinal de contas, não pertenço à sua linhagem, nem tampouco sou homem, muito menos primogênito!

— Devo concordar com todas as suas afirmações, minha jovem. Contudo, durante sua visita anterior, aconteceu algo que me chamou a atenção... Não fui capaz de perceber na hora, pois estava absorto em meus próprios questionamentos. Porém, mais tarde, ao recuperar a serenidade, percebi do que se tratava!

Àquela altura, já havia anoitecido. Gentilmente, Zym-Hur convidou a jovem para que juntos acendessem as luminárias. Então chamou-a ao local onde fazia suas meditações para que elevassem suas orações à deusa Pele.

Permaneceriam em oração por um curto espaço de tempo. Então retornariam à casa. Zym-Hur necessitava descansar, pois havia regressado da longa jornada ao Vulcão Sagrado.

— Se importa de retomarmos amanhã cedo esta conversa?

— Você sabe que meu coração está aflito há muitos dias. Mas eu entendo, você está cansado. Precisa se refazer! Está certo! Amanhã retomaremos o assunto! – respondeu Yan-Mei em tom mais compreensivo.

— Certamente! Recoste-se naquele canto ali! É o melhor lugar para dormir. Deixe-me ficar neste outro canto, mais longe. Não desejo te acordar com meus roncos!

— Agradeço por me alertar e... bem... boa noite! – disse a jovem.

— Boa noite.

No dia seguinte, bem antes do amanhecer, Zym-Hur acordou a jovem Yan-Mei para as orações da manhã.

— Acorde! Precisamos elevar nossas orações à deusa Pele! Teremos de fazer antes que o Sol apareça!

— Queria dormir só mais um pouquinho! Fazia muitos dias que não dormia tão bem! Obrigada pela proteção!

— Poderá dormir mais tarde! Comeremos algo depois das orações, então teremos muito o que conversar. Lembra que te prometi contar o segredo?

— Como poderia esquecer? Estou ansiosa por saber deste tal segredo!

— Então se apresse, pois já estou indo. Te espero no Portal.

— Portal? Como assim?

— Eu já havia dito que te contarei o segredo! Deixe para perguntar depois! Responderei a tudo!

Momentos depois, Yan-Mei se junta ao Kahuna, que já estava em posição de reverência à deusa Pele. A jovem compreendeu que deveria repetir o mesmo gesto de Zym-Hur, colocando-se em posição semelhante. Ambos permaneceram em estado de contemplação.

Assim que o Sol surgiu, sua luz revelaria um dia maravilhoso. O vale parecia estar em verdadeiro estado de contemplação e a paisagem, em contraste com o Vulcão Sagrado, revelava o quão exuberante a natureza poderia ser. O céu estava lindo! Uma leve brisa acarinhava seus rostos. Árvores e arbustos também recebiam o mesmo afago do vento que, suave, mais parecia a mãe ao acolher o filho angustiado em seu colo, lhe permitindo liberar as emoções.

— Podemos ir agora. – disse Zym-Hur, quebrando o silêncio.

— Para onde?

— Venha comigo. Quero mostrar algumas coisas.

A jovem foi convidada a caminhar próximo à borda do platô. A vista daquele lugar consistia em algo simplesmente maravilhoso. Era possível avistar toda a Grande Ilha de Hur além do Vulcão Sagrado.

— Vê todas estas pedras espalhadas pelas bordas do platô?

— Sim. Posso ver que são muitas. Mas o que há com estas pedras?

— As pedras não te dizem nada? Olha melhor! Pense! Sinta! Analise cada pedra! Somente depois fale algo! Você fala demais, e fala sem pensar! Com isso, tudo ao seu redor tende a passar despercebido! Olhe para cada pedra como se estivesse olhando para o rosto de uma pessoa! Procure as nuances, os olhares, as características que lhes dão personalidade única!

— Mas...

— Sem essa de “mas”!

O Kahuna parou, posicionando-se de frente para Yan-Mei e, olhando profundamente em seus olhos, disse:

— Se é teu desejo tomar conhecimento daquilo que tenho a te dizer, então presta atenção em tudo! Caso perca alguma informação, em algum momento ela poderá te fazer falta! A minha recomendação é que observe mais, pense mais, analise mais, sinta mais, e somente depois fale algo! Entendido?

— Sim! Entendido! – disse a jovem, num misto de vergonha e indignação.

Mesmo tendo percebido a reação de Yan-Mei, o Kahuna simplesmente ignorou seu rompante. Assim, continuaram a caminhar vagarosamente pelo platô.

— Vou perguntar mais uma vez: O que vê nestas pedras?

— Estou vendo pedras, pedras, pedras e mais pedras! Muitas e muitas pedras! É só o que vejo! – respondeu a jovem, num tom irreverente e debochado.

Zym-Hur não aguentou, passando a rir compulsivamente da resposta que recebera. Yan-Mei, por sua vez, ficou indignada:

— Escute aqui! Acaso esta é uma cerimônia ritualística, ritual de magia ou simplesmente estamos dando uma voltinha pelo platô? Ainda não entendi porque me faz caminhar tanto perguntando-me sobre pedras! Não tenho o menor interesse em aprender sobre elas! Então, por favor, se há algo que deseje me contar, vá direto ao assunto!

— Está certo! Eu já percebi que você realmente não entende coisa alguma sobre pedras! Venha comigo. Vamos até aquela pedra maior. – disse Zym-Hur, apontando para uma grande pedra que estava na borda do platô, mais ou menos a duas centenas de passos.

Assim que se aproximaram, o rosto de Yan-Mei foi se transfigurando tamanha admiração pelo que havia na pedra.

— O que são estes símbolos? – perguntou, estupefata.

— Entendeste agora? Um olhar mais atento, faria com que percebesse a existência destes símbolos em praticamente todas as pedras espalhadas pelo platô!

— Então, o que são essas pedras? – insistiu a jovem.

— Há muitos milênios, antes de Gaia revoltar-se contra nós, tudo o que vemos no horizonte, para além de onde nossa vista alcança, consistia numa imensa porção de terras. Nessas terras, habitava uma raça de seres humanos pertencentes a uma civilização extremamente avançada, detentores de grande saber! Se comparados a eles, somos apenas iniciantes na jornada da evolução espiritual! No vilarejo onde você mora, existiu a maior e mais linda cidade que alguém já construiu, e aqui, exatamente aqui onde pisamos, havia um maravilhoso templo, erigido em homenagem à deusa Pele. Neste local, que pertenceu aos meus antepassados, floresceu uma poderosa dinastia de Sacerdotes Kahunas da qual lamentavelmente eu sou o último representante! Cada pedra aqui existente, um dia, fora parte do Templo de Maaht! – explicou Zym-Hur com os olhos marejados e tomado pela emoção.

— E como foi que estas pedras foram se espalhar desta forma?

— Essa ilha também era uma parte do imenso continente. Segundo as histórias de meus antepassados, esta região sacudiu violentamente derrubando toda e qualquer edificação. Entretanto, enquanto grande parte do antigo continente afundara, esta porção restou intacta, porém não menos destruída.

— Seus antepassados estavam aqui naquele momento?

— Meu bisavô, o qual não cheguei a conhecer, voltou a este lugar após a Fúria de Gaia. Segundo meu pai, o clã Zym, mais especificamente quatro gerações anteriores a meu bisavô, havia migrado para as terras que não existem mais. Esta migração se deu pelo fato de haver uma antiga profecia que anunciava a volta dos deuses através de um Portal aberto pela deusa Pele.

— Então seus antepassados estavam, de alguma forma, fugindo da deusa?

— Não pude saber se eles estavam fugindo ou se simplesmente tentaram interferir no cumprimento da profecia, afastando-se do Vulcão Sagrado por tempo indeterminado. O que sei é que meu bisavô Zym-Tohr, após ocorrer a Fúria de Gaia, não teria mais para onde ir: Restava-lhe voltar para cá. Com ele, aqui chegou um numeroso grupo de indivíduos. Dentre as várias histórias de meus antepassados, diz-se que metade deste grupo acabou perecendo na jornada de retorno às nossas terras. Eles viveram dias horrorosos, pois precisaram abandonar seus entes queridos para

deixá-los morrer pelo caminho. Quando, porém, aqui chegaram, encontraram um cenário desolador. Havia uma imensidão de gente morta e foi tão difícil quanto doloroso ter que carregar seus corpos a fim de que tivessem um final digno. Havia cheiro de morte por todos os cantos! Muitos foram entregues aos rios de lava, e seus espíritos, recomendados à deusa Pele. Outros tiveram o mar como sepultura. Mesmo não tendo nascido naqueles tempos, ainda assim sou capaz de sentir em minhas carnes toda a dor que meus antepassados sofreram.

— E o que houve com o sacerdote Zym-Tohr?

— Tornou-se guardião da Grande Ilha de Hur! Atualmente, seu espírito vive no Vulcão Sagrado em companhia da deusa Pele!

— E as gerações que te antecederam? Digo, seus avô e pai?

— Meu avô pouco exerceu o ofício de Sacerdote Kahuna. Ele dedicou-se a resgatar, juntamente com seu pai, meu bisavô, o que restara do Templo de Maaht! Este lugar fora encontrado coberto por cinza vulcânica. Demandou um longo tempo até que tudo ficasse da forma como você está vendo. Contudo, não houve o desejo de reconstruir o templo. Meu pai seguiu o exemplo de meu avô, pouco exercendo o ofício. Quero dizer, ambos auxiliaram muito a população da ilha, mas aboliram a prática de certos rituais os quais meu bisavô melhor sabia realizar! Apesar disto, souberam transmitir todos os conhecimentos da sabedoria ancestral de nosso clã.

— E o que exatamente são estes símbolos?

— Todos os símbolos contam a história de uma raça que não possuía corpo físico. Chamavam-na de Raça das Sombras, pois seus representantes possuíam apenas o Corpo Sombreado. Esta raça evoluiu transformando-se em nossos ancestrais mais antigos. Há outras descrições contando sobre como eram os contatos com os deuses, além de vários e importantes ensinamentos dados por estes, aos nossos ancestrais. No passado, havia dezenas de templos semelhantes cujas pedras exibiam outras informações. Provavelmente a maioria desses templos tenha desaparecido. Talvez este seja o único e último local a conter informações sobre a nossa história.

— Quer dizer que pode haver mais locais como este, espalhados por aí?

— Claro que sim! Temos tido notícias que, após a Fúria de Gaia, restou, na direção aonde o Sol se põe, um punhado de ilhas próximas umas

das outras, além de uma grande porção de terras a uma distância, hoje, impossível de ser coberta. Mas não sabemos nada além disso. Além do mais, o povo que atualmente habita a Grande Ilha de Hur, não possui a experiência necessária para percorrer grandes distâncias através das águas!

Tomando-a novamente pela mão, Zym-Hur levou Yan-Mei a outro ponto daquele local. Ali havia grande variedade de gravações em baixo-relevo e, mais adiante, outra surpresa!

— Está vendo aquele buraco bem ali ao chão?

— Sim! Estou vendo! Mas não parece ser exatamente um buraco! Do que se trata?

— Estou gostando de ver! Parece que você agora aprendeu a olhar melhor para todas as coisas! Respondendo ao seu questionamento, aquilo serviu como base para a fixação de um belo cristal de rocha que se elevava à altura de pelo menos dois homens!

Ambos caminham em linha reta até encontrarem uma segunda base, e uma terceira... Então o Kahuna olhou para Yan-Mei perguntando-lhe:

— Observe essas três bases. Elas fazem um alinhamento. Segundo essas características, o que você tem a dizer?

— Bem... Não sei ao certo... Havia três grandes cristais de rocha em alinhamento?

— Sim! E isso te diz alguma coisa?

— Não me diz nada! Eu não sei... talvez... não sei!

— Está certo! – disse Zym-Hur, conduzindo a jovem até o local de suas meditações.

De volta ao local onde elevaram suas orações à deusa Pele, o Kahuna permaneceu em silêncio, apenas contemplando o Vulcão Sagrado. Yan-Mei, por sua vez, não podia entender o que se passava, mas preferiu não quebrar o silêncio.

— Ao redor do templo, havia um poderoso campo de proteção, criado pelos meus ancestrais. Aos dias de hoje, este campo não é tão poderoso, porém sua força é suficiente para proteger o platô de qualquer invasor.

— Então quer dizer estarei protegida de Loo-Ni-Fehr enquanto este campo de proteção existir?

— Somente os puros de coração além dos Sacerdotes ou Iniciados seriam capazes de adentrar ao poderoso campo de proteção. Os demais

seriam tomados por uma sensação de desencorajamento, algo do tipo "não devo avançar" ou, caso insistissem em ultrapassar os limites, sofreriam brusco choque de energias a ponto de perderem a consciência, dando-me tempo de tomar providências a respeito da invasão.

— Ainda que viesse grande quantidade de invasores?

— Sim! Cairiam um a um, até que não restasse um único indivíduo acordado! Contudo, antes que lhe conte o resto, venha comigo. Quero lhe mostrar algo.

Desta vez ambos caminharam em direção à trilha que levava ao vilarejo.

— Onde foi mesmo o local onde teus irmãos pararam?

— Deixe-me ver. Foi mais ali. Sim. Dez passos mais para aquela direção! – respondeu Yan-Mei ao conduzir seu protetor para o exato local onde seus irmãos permaneceram durante a última visita.

— Estamos no local exato? É aqui mesmo? Tem certeza? – perguntou Zym-Hur, enquanto olhava a jovem com austeridade.

— Sim! É exatamente este o local! Por que quer saber?

— Pois bem! Vamos dar trinta passos em direção ao Portal. Ao final, olharemos para cá. Portanto, guarde bem esse local, certo?

— Certo! – concordou Yan-Mei.

Tornaram a caminhar pelo platô, desta vez contando em voz alta enquanto iam em direção ao local das meditações. Ao final dos trinta passos, viraram-se olhando para o local de onde haviam partido.

— O que achou da distância que percorremos?

— Parece-me razoável.

— O campo de proteção está exatamente neste lugar onde estamos! Se dermos dois passos em direção à trilha, sairemos do campo. Mas se dermos dois passos em direção ao Portal, estaremos totalmente dentro dele, protegidos!

— Por Gaia! Isto quer dizer que meus irmãos... Não! Não pode ser! Não eles! – disse Yan-Mei, expressando agonia.

— Você consegue entender as razões deles não terem vindo até a mim naquele dia? Consegue perceber que havia algo de estranho no comportamento deles?

— Sim! Agora tudo faz sentido! O comportamento deles, os conselhos de que me casasse com Loo-Ni-Fehr... Eu não tive tempo de te contar, mas

a razão que me fez voltar aqui foi justamente uma súbita visita por parte do infame. Ele parecia saber que algo de errado estava acontecendo contigo. Estou certa de que ao menos Merih, meu irmão, está envolvido com Loo-Ni-Fehr!

— O que você acha que ele sabia? Me explique melhor!

— Pois bem. No dia em que transmiti o recado, Loo-Ni-Fehr sofreu uma crise nervosa. Teve todas as reações de alguém que estava com muito medo. Entretanto, dias depois, invadiu minha casa para desferir uma série de ameaças, prometendo enfrentar-lhe. Disse que jogaria o Kahuna precipício abaixo... Merih, assustado com o barulho que Loo-Ni-Fehr havia feito e sem saber de quem se tratava, veio correndo em meu auxílio ficando, porém, surpreso ao ver Loo-Ni-Fehr. Então o infame deixou escapar algo que me fez pensar que ambos agiam em comum acordo. Se isto for verdade, terei sido traída pelo meu próprio irmão!

— Vamos descansar um pouco enquanto nos alimentamos e bebemos água.

Ambos rumaram para a casa de pedra.

Yan-Mei estava imensamente triste e decepcionada com os irmãos. Era difícil aceitar que pudessem tê-la traído. Porém, sabia que Zym-Hur estava lhe dizendo a verdade. Sabia que era necessário tomar consciência da situação, mas, acima de tudo, era imprescindível posicionar-se em relação a tudo o que acabara de saber!

Verdade ou não, meus irmãos haverão de explicar tudo isso! Teriam coragem de se unir a Loo-Ni-Fehr? Teria o infame oferecido algum benefício a ponto de me tratarem como mero objeto à venda? Não! Não pode ser! Me recuso a pensar nisso agora! – refletiu Yan-Mei enquanto tentava, com grande dificuldade, se alimentar.

— Vamos descansar um pouco! Mais tarde iremos novamente ao Portal.

— Mas não desejo descansar agora. Temos tanto a conversar...

— Sugiro que tente! Hoje contemplaremos a noite. Logo, é necessário que esteja descansada. Caso contrário, nossa conversa terá pouco ou nenhum proveito! Afinal de contas, se estiver cansada, correrá o risco de dormir em meio a conversa, e não queremos isso, queremos?

Já havia anoitecido quando Yan-Mei despertara do descanso. Zym-Hur estava à postos, apenas aguardando pela jovem.

— Oh! Vejo que acordou! Já não era sem tempo! Escute-me! Pegue duas esteiras ali no canto e as traga consigo. Usaremos enquanto estivermos deitados, contemplando o firmamento.

Sem tempo a perder, a jovem fez o que Zym-Hur lhe havia solicitado, para em seguida acompanha-lo até o local das meditações.

— A noite está linda hoje, não? – disse Yan-Mei.

— Sim! Céu limpo e estrelado! Podemos enxergar até mesmo as pedras no caminho.

Assim que chegaram ao local, prepararam as esteiras e deitaram lado a lado. Passaram a olhar o firmamento. Em silêncio contemplativo. A noite estava tão luminosa que era possível até mesmo ver o Vulcão Sagrado.

Zym-Hur, mergulhado em seus pensamentos, foi longe, longe. Passaria um bom tempo no mais absoluto silêncio, apenas olhando para o firmamento. Por sua vez, Yan-Mei fez o mesmo, mantendo-se num estado contemplativo. Quebraria o silêncio apenas se o Kahuna tomasse a iniciativa.

— Nossos antepassados mais longínquos vieram daquele lugar!

— De onde?

— De lá! – disse Zym-Hur enquanto apontava para o Cinturão de Órion.

— Aquelas três estrelas em perfeito alinhamento? – perguntou novamente a jovem quando imediatamente se lembrou da conversa que tiveram pela manhã.

— Sim. E mais algumas que lhes cercam!

— Acaso aquelas três estrelas estão relacionadas às três bases que me mostrastes hoje?

— Finalmente a jovem Yan-Mei percebeu! Achei que levaríamos uma eternidade!

— Então conte-me! Estou curiosa! – disse a jovem em tom de empolgação.

— O Templo de Maaht não foi construído para ser apenas um local de contemplação. O propósito de quem o construiu foi de que o templo se tornasse um Portal Multidimensional.

— Você quer dizer, um Portal para outras dimensões de Gaia?

— Mais do que isso! Um Portal que permitisse aos deuses viajarem para vários mundos, inclusive seus mundos de origem. Olhe novamente

para aquelas estrelas! Consegue imaginar alguém atravessando o Portal Multidimensional para imediatamente sair lá?

— Não fazia a menor ideia que isto fosse possível! Aliás, quem chamou isto de Portal Multidimensional?

— Foram os deuses! Houve um tempo em que eles também habitaram Gaia! Na época de meu bisavô, as pessoas não mais acreditavam nessa história. No entanto, ela é verdadeira! Certamente os primeiros representantes do clã Zym conviveram com os deuses! – ponderou o Kahuna.

— Conte-me mais! Tenho interesse em saber!

— Os três cristais, uma vez posicionados naquele local, tinham a função de produzir uma espécie muito poderosa de energia. Tão poderosa que ainda opera neste lugar: O campo de proteção é a prova inconteste de que um dia, há muito tempo, estes cristais exerceram livremente sua capacidade de produzir energia! Então, muitas vezes eu me pego pensando em como era sentir a presença dos cristais na época em que eles estavam aqui.

— Os cristais foram destruídos durante a Fúria de Gaia?

O Kahuna deu uma breve pausa, como que estivesse tentando escolher as palavras certas de modo que Yan-Mei compreendesse. Logo disse:

— Não. Eles já não estavam aqui há muito tempo! Meus antepassados ensinaram que os deuses recomendaram aos Reis Elementais a imediata retirada dos cristais existentes não somente neste templo, mas em todos os outros haja vista que estes cristais, uma vez postos em sincronicidade, emitiam uma energia ainda mais poderosa e, esta energia, por sua vez podia ser manipulada pela mente bem treinada dos antigos sacerdotes. O que eles fizeram foi combinar seu poder mental com o poder dos cristais para o exercício de práticas nefastas envolvendo magia das trevas, e foi justamente esta combinação que causou a destruição de um mundo vizinho a Gaia.

— Então existiu outro mundo próximo a nós? Muitas vezes ouvi meus pais contarem que, em tempos distantes, havia duas luas circundando Gaia. Uma delas bem maior, porém mais distante. Isto será verdade?

— Na verdade, era justamente o outro mundo! Em algum momento, devido ao uso combinado de forças, ele parece ter sido jogado para longe

de Gaia. Dizem que seu tamanho foi diminuindo gradualmente até que desapareceu. Isto indica que estava realmente se afastando. Meus antepassados acreditavam que aquele mundo foi lançado nas profundezas escuras do firmamento, desaparecendo para sempre!

Yan-Mei continuava curiosa acerca dos cristais, de modo que insistiu em saber mais sobre isto.

— Que destino terão tido esses grandes cristais? Foram parar em algum lugar?

— Este é um grande mistério! Segundo diziam meus antepassados, os cristais estão muito bem escondidos em algum, ou vários lugares, espalhados por Gaia. Provavelmente os Reis Elementais os enterraram a uma profundidade segura, impossível de ser alcançada por um homem comum. O que posso afirmar é que meu bisavô, na expectativa de encontra-los, percorreu toda a Grande Ilha de Hur por muitos anos. Porém, não conseguiu lograr êxito.

Ambos silenciaram. Por instantes, Yan-Mei debruçou-se sob o firmamento. Serei eu alguém que já morou numa daquelas estrelas? – pensou. Deve haver vários mundos lá fora! Estes incontáveis pontinhos luminosos provavelmente têm muitas coisas a serem reveladas! Olhando para o firmamento, Gaia parece tão pequenina quanto uma criança! E quem sabe Gaia seja de fato uma criança? Quem sabe um dia ela poderá nos contar um pouco mais sobre sua história, sobre quem morou aqui, sobre quem já partiu ou ainda irá chegar? Quem sabe assim, poderíamos saber um pouco mais sobre nós mesmos! Oh seres humanos! Tão tolos! Do alto de sua pequenez veem-se como gigantes... No fundo, todos somos poeiras de estrelas! Somos um nada em meio ao Todo! Basta olhar para o firmamento e então percebemos que somos muito, muito pequenos...

— Mas se olharmos para nosso próprio interior, seremos capazes de ver um firmamento tão grande quanto esse que está lá fora!

— Está lendo meus pensamentos?

— Você pensa tão, mas tão alto, que é impossível não saber o que está pensando!

Ambos riram.

— Sabe. Desde criança olho para aquelas três lindas estrelas e sinto saudades de algum lugar. Estava aqui pensando se de fato já morei lá ou em qualquer outro canto do firmamento...

— Eu também, minha querida jovem. Eu também! Talvez estejamos em Gaia por uma boa razão! Um dia, quem sabe, teremos a resposta?

E novamente silenciaram.

A noite estava tão linda e aconchegante que ambos continuaram a olhar para o firmamento. Não era necessária uma única palavra. Bastava-lhes a contemplação. Dormiram ao relento. Seu sono seria velado pelas estrelas!

No dia seguinte, antes do nascer do Sol...

— Acorda mocinha! Já está na hora de elevarmos nossas orações à deusa Pele! – disse Zym-Hur enquanto sacudia levemente o braço de Yan-Mei.

— Hein... Agora? Eu estava dentro de um sonho tão bom! Não queria acordar!

— Mas é preciso! Vá se ajeitar. Beba água apenas o suficiente para não ter mais sede, mas não se alimente.

— Adianta perguntar algo sobre esta orientação?

— Claro! A resposta é simples: Deve ser assim! Agora vá! Estarei aqui no Portal, te esperando!

Diante da resposta firme de seu protetor, Yan-Mei foi rapidamente até a casa para instantes depois retornar ao local das meditações. Zym-Hur lhe aguardava.

— Prontinho! Cá estou! Qual é o próximo passo?

— Se está pronta, então vamos lá! Olhe para o chão onde está pisando. Consegue dizer o que vê?

Num rápido impulso, e sem pensar muito, Yan-Mei logo respondeu:

— Sim! Não... quero dizer... acho que não! Desculpe, eu ainda não aprendi a enxergar...

— Você não consegue enxergar direito porque tende a pensar muitas coisas ao mesmo tempo! Quando faz isto, tende a ficar cega!

— Então, como eu devo proceder?

— Primeiramente, olhe em todas as direções. Então fixe o seu olhar no platô. Não pense em mais nada!

— Depois disto, o que devo fazer?

— Calar-se! Cada vez que pergunta algo, significa que a mente está te dominando! Apenas sinta, integre-se, torne-se parte deste lugar. Sinta a brisa, a temperatura, os aromas... continue simplesmente olhando... Agora

você vai entrar num estado que te permitirá “sentir-o-mental”, mas sem pensar nele... Apenas sinta as ondas de seu pensamento como se estivesse observando outra pessoa. Ao observar, note que as emissões mentais são tão concretas quanto uma rocha, e, como tal, podem ser vistas, tocadas, mensuradas e até mesmo manuseadas... Continue apenas sentindo... logo receberá um sinal mostrando as verdades que os olhos são incapazes de ver... Quando vemos pelas ondas do sentir e não apenas com os olhos, nos tornamos aptos a enxergar através das coisas e pessoas.

Zym-Hur fez uma breve pausa a fim de que Yan-Mei tivesse um pouco mais de tempo para entrar naquele estado de espírito.

Com os olhos, vemos apenas a superfície, as aparências... Mas é o estado de “sentir-o-mental” que nos permite ver a quintessência. Quando despertamos esta forma de olhar para as coisas, dificilmente tornaremos a cometer algum equívoco em nossas vidas, exceto que assim desejemos, por uso e força de nosso livre-arbítrio. Contudo, devemos estar conscientes de que todo ato, por mais inofensivo que pareça, sempre cristalizará uma realidade a ser vivida no futuro: Se quer saber o que será do amanhã, olhe para o agora! – pensava o Kahuna enquanto emitia suas vibrações mentais na expectativa que Yan-Mei as captasse.

— Sinto que este local me causa uma sensação diferente, agradável e não existe outro lugar onde eu me sinta em pleno contato comigo mesma. – disse Yan-Mei, para em seguida sentar-se ao chão, permanecendo em silêncio.

O Kahuna fitou-lhe esperando que desse sequência ao comentário que acabara de fazer. No entanto, a jovem permaneceria calada. Por sua vez, aproveitando o momento de reflexão o qual Yan-Mei havia entrado, iniciou seu ritual cotidiano, elevando suas orações à deusa Pele.

Momentos depois, ainda em silêncio, Yan-Mei levanta-se e volta a andar por todo o platô. Zym-Hur percebe as intenções da jovem, mas como ainda estava imerso em suas orações, deixou-a ir só. Ela voltaria mais tarde.

Após concluir, o Kahuna rumou para sua casa: Era necessário checar as provisões. Afinal de contas, tudo indicava que sua “hóspede” ficaria mais tempo por ali.

Havia, no entorno do sítio, grande número de árvores frutíferas e hortaliças de várias espécies, todas cultivadas pelo Kahuna ao longo de sua

longevidade. Uma vertente de água cristalina permitia a continuidade da vida naquele local.

— Estou morrendo de fome e sede! Há algo para comer e beber? – disse a jovem ao chegar de surpresa.

— Estava justamente pensando nisso! Temos um pomar! Podemos colher algo juntos, se você quiser! O que me diz?

— Vamos!

— Então vamos agora mesmo! – disse o Kahuna. – Você deve ter visto, ao chegar, que este local está repleto de árvores. Muitas delas foram plantadas por meu bisavô, desde que ele retornara a este local. Meus avô e pai também plantaram várias. Quanto a mim, não quis quebrar a tradição de plantio... Plantei muitas árvores também!

— Sim! Este local é mesmo lindo! Eu nunca duvidei que você tivesse uma ótima conexão com a natureza! À propósito, qual a idade destas árvores?

— Não posso precisar com exatidão. No entanto, asseguro que são milenares. Estão aqui há muito, muito tempo! São minhas guardiãs! Cuidam de meu espírito e contribuem para a saúde de meu corpo, já que recebo delas, todos os dias, o maravilhoso mana da natureza que alimenta minha alma; e colho seus frutos para alimentar meu corpo. Está vendo aquela árvore logo ali, de folhas longas, carregada de bagas em tom amarelado? – perguntou Zym-Hur, apontando para uma de suas muitas árvores frutíferas.

— Sim. Eu a vejo.

— Pois bem. Plantei sua semente quando ainda era criança. Eu tenho tanto amor por ela como tive por meus filhos. Esta árvore ainda estará aqui quando eu tiver partido para o mundo dos mortos.

— Você já teve família algum dia? Que estranho! Meus pais jamais comentaram a respeito disso. Sempre soubemos que Zym-Hur era um homem solitário.

— É uma longa história... A julgar pela idade em que me encontro, provavelmente sou o último daqueles que trazem consigo a maldição da longevidade!

— E eu posso saber qual idade você possui?

— Sim! Nos dias de hoje, eu conto 410 ciclos solares. Isto quer dizer que viverei como os homens de minha linhagem, alcançando aproximados

2.000 ciclos solares, talvez um pouco mais.

— Isso é de fato verdade? Difícil acreditar que alguém viva por tanto tempo! Aliás, poucos ultrapassaram os 100 ciclos solares na Grande Ilha de Hur. Eu mesma já possuo 23. – disse a jovem, admirada com a nova informação.

— Em tempos remotos, possuir a longevidade era algo comum. A maioria de nossos antepassados mais distantes, vivia muito mais que 3.000 ciclos. No entanto, por alguma razão, a natureza da longevidade sofreu drástica alteração e as pessoas passaram a viver não mais do que 100 a 150 ciclos solares. Eu havia dito que meu bisavô foi um dos sobreviventes da Fúria de Gaia. Logo, todos os seus descendentes homens lhe herdaram a longevidade. Mas apesar de também ter tido um filho... bem... com o passar do tempo, tive certeza de que seria o último longevo!

—Então todos os filhos já morreram?

— Você faz perguntas demais, minha querida jovem! São lembranças dolorosas que este velho traz consigo! Vamos mudar de assunto. Afinal de contas viemos aqui para colher alguns frutos a fim de nos alimentarmos. – disse Zym-Hur, dando o assunto por encerrado.

Na medida em que iam escolhendo quais frutos colher, Zym-Hur explicava à Yan-Mei sobre seu relacionamento com a natureza:

— Gaia nos dá a vida! A natureza, em seu lugar, funciona como nossa eterna guardiã. Ela nos proporciona absolutamente tudo o que necessitamos e, uma vez que estejamos alinhados com Gaia e sua natureza, nosso crescimento espiritual tende a se acelerar! Por esta razão, minha querida Yan-Mei, sempre que viermos aqui com o propósito de colher frutos, precisamos manter nossos pensamentos devidamente orientados em tom de agradecimento. Faremos isto juntos, por todo o tempo em que você permanecer aqui comigo!

— Combinado! A cada instante vejo que, diante de sua sabedoria, tenho muito que aprender! – disse a jovem, manifestando grande empolgação.

— Sabedoria é algo que se adquire com o tempo e, em muitos casos, através de experiências dolorosas... Agora devemos ir. Já temos o suficiente para nos alimentarmos.

O coração do velho Kahuna se tornara empedernido. Muitas perdas importantes, feridas ainda abertas, cicatrizes mal curadas e a necessidade

de seguir adiante apesar de tudo, fizeram de Zym-Hur um indivíduo rude, repleto de espinhos. Poucas pessoas eram capazes de acessar seu coração. Yan-Mei descobriu ser uma delas!

Enquanto percorriam o caminho de volta, a jovem lembrou do pesadelo que tivera assim que chegou ao platô. Então resolveu contar logo a Zym-Hur:

— Tive um pesadelo assim que cheguei. Deveria ter contado a você, mas nos envolvemos com tantos outros assuntos que acabei esquecendo. A voz de minha mãe, tenho certeza que é dela, dizia-me: ...Não sabemos quem ele é! Apenas sabemos que fez tudo para encontrar seu maior desafeto, e o encontrando, não mediu esforços para subjuga-lo! Este homem é um verdadeiro servo das trevas! Escravizador de almas...

Zym-Hur parou subitamente a caminhada e, antes que a jovem continuasse narrando o pesadelo que tivera, completou:

— ...Não adianta fugir! Não adianta se esconder! Ninguém e absolutamente ninguém será capaz de esconder-se dele! Onde quer que você esteja, se ele quiser, assim saberá; assim te alcançará...

— Ma... Mas como sabia disto? – questionou a jovem, horrorizada.

— Minha querida jovem, não me olhe desta forma! Afinal de contas, eu ainda não virei uma alma penada! – respondeu Zym-Hur, novamente de maneira bem-humorada e com o claro intuito de tirar a jovem daquele estado de horror.

— Não fuja do assunto! Eu quero saber! Você acessou minha mente? – insistiu a jovem.

— Não! Eu não acessei tua mente! Foi você que acessou uma informação... Esta informação foi inserida, há milhares de ciclos solares... Isto é parte do segredo que agora, tenho a mais absoluta certeza, preciso te revelar.

— Ainda que eu não faça parte de tua linhagem, e ainda que não seja homem?

— O que importa que seja ou não? Afinal de contas, você já demonstrou, de uma forma que sou completamente incapaz de explicar, ter acessado os alfarrábios de meus ancestrais! Então, é imperioso que saiba! – concluiu Zym-Hur antes de retomar a caminhada.

Seguiriam em silêncio pela trilha. Yan-Mei não mais se atreveu a dizer uma única palavra, pois Zym-Hur ficara circunspecto.

O Kahuna voltaria a dizer algo somente depois que chegaram à casa, e ainda assim, não relacionado ao segredo. Disse:

— Ajude-me por agora. Vamos preparar uma deliciosa refeição. Depois iremos novamente ao Portal.

Sem cerimônia, a jovem foi auxiliá-lo. Ao final do preparo, Zym-Hur impôs as mãos sobre o alimento, permanecendo daquela forma por alguns instantes. Só então olhou para Yan-Mei, assentindo com a cabeça: A jovem entendeu que poderia servir-se.

— A comida está realmente deliciosa! – disse Yan-Mei, com o claro intuito de diminuir um pouco o silêncio que seu protetor havia estabelecido.

Era hábito de Zym-Hur – e isto havia sido passado por seus ancestrais – fazer a colheita, preparar o alimento e realizar suas refeições em estado de oração, colocando a mente no mais absoluto silêncio. Isto permite a melhor conexão entre as energias sagradas do alimento com as energias sagradas da alma.

— A alma se nutre daquilo que a mente está repleta e é justamente neste momento que muitos se envenenam. Por esta razão, devemos sempre manter pensamentos sóbrios e elevados, especialmente quando estamos nos alimentando. Ao receber o mana sagrado que advém dos alimentos, estaremos verdadeiramente nutrindo corpo e alma. Se, no entanto, mantivermos pensamentos ruins, o sagrado alimento torna-se algo venenoso e absolutamente prejudicial. Portanto, enquanto nos alimentamos: silêncio, elevação dos pensamentos e gratidão! Eis aí uma combinação poderosa!

A jovem Yan-Mei estava agradecida por ter recebido tão valiosa lição. A partir deste momento, estou decidida, manterei o silêncio, a oração e os bons pensamentos enquanto estiver me alimentando. – pensou.

— Não somente durante este momento, mas procure manter-se em oração e mentalmente estável durante todo o tempo! Agora, nos entreguemos ao silêncio!

Por Gaia! Ele realmente consegue captar os meus pensamentos! – pensou a jovem, novamente.

— Minha querida Yan-Mei. Sim. Eu capto os pensamentos. É uma aptidão que desenvolvi. Pensamentos como os seus, barulhentos demais, estou certo de que até mesmo as pedras seriam capazes de captar!

Ambos permaneceriam em silêncio, mas não por muito tempo. Pois Yan-Mei tinha milhares de perguntas a fazer e, mesmo tendo aprendido uma importante lição, estava decidida a obter todas as explicações para seus questionamentos. Entretanto, ela foi capaz de esperar até que concluíssem a refeição.

— Posso saber se pensou algo ao impor as mãos no alimento?

— Pode sim! Diversas palavras mágicas que foram ensinadas através de minha linhagem.

— Ah! Evidentemente eu não posso saber quais são tais palavras!

— Se me perguntasse em que eu havia pensado...

— E faz alguma diferença? Você poderia simplesmente explicar...

— Está certo! Vou te explicar algo. As forças da natureza são de tal forma poderosas que, qualquer pessoa se torna capaz de manuseá-las desde que pense de maneira correta. Ao pensar, você estará emitindo um comando. Este comando será o passo inicial para qualquer processo de criação.

— Mas é só isso? Parece algo tão simples! – disse a jovem.

— Pode parecer, mas não é tão simples assim! Adquirir o controle da mente é algo difícil e, portanto, requer disciplina e treinamento! E respondendo à sua pergunta, não, não é só isso!

— E quando me contará o resto?

— Quando surgir o momento certo!

— E quando será este momento?

— Por que insiste em fazer perguntas demais e, em sua maioria, inúteis? Sua mente está cheia de que, afinal de contas? – disse Zym-Hur, olhando firmemente para a jovem.

— Vivo distraída, pensando em milhões de coisas ao mesmo tempo. No mais das vezes perco o raciocínio, tamanha distração. Algumas vezes penso em meus pais, noutras vezes penso no infame. Mas na maioria do tempo eu não penso em nada que de fato me seja útil! É verdade que sou curiosa, porém, quase nunca sei o que quero!

— A vida nos revela, a todo instante, seus segredos. Você será incapaz de perceber estas sutilezas caso continue andando distraída por aí. Tudo o que surge em teu caminho, tem a maior importância. Até mesmo os piores acontecimentos querem nos mostrar algo. Se em vez de emitirmos sinais de ódio, raiva, rancor, ressentimento, passássemos a emitir sinais de amor,

compreensão e tolerância, seríamos capazes de mudar o futuro de Gaia. É simples assim! O futuro nos responderá em conformidade com o que pensamos hoje. Então, eu sugiro que passe a tratar a mente e os pensamentos com a maior seriedade e disciplina que te forem possíveis.

— Está bem! Vou tentar...

— Toda e qualquer tentativa sempre será louvável. No entanto, comprometa-se com o resultado: Não tente apenas! Vá e faça! – disse Zym-Hur ao interromper o raciocínio da jovem.

— Está certo! Tent...

— Faça! – enfatizou o Kahuna.

— Farei! — Ajeite-se agora. Estou indo ao Portal. Te espero lá!

— Afinal de contas, qual a razão de quase nunca me esperar para que possamos ir juntos? Parece que vive com pressa... – protestou a jovem.

— Perguntas e mais perguntas... É verdade que nossos olhares em relação ao tempo são diferentes. Mas o apressado neste caso não sou eu! Te espero no Portal!

Yan-Mei acabara de se dar conta que seu protetor agia de uma forma completamente diferente de seus familiares. Enquanto os irmãos ocupavam-na com diversos afazeres, exercendo constante pressão emocional na jovem, Zym-Hur, ao contrário disso, permitia que ela descobrisse o seu próprio espaço e, consequentemente, a si própria. Se em sua casa era impossível conseguir algum tempo para refletir sobre a vida, ali ela poderia, caso desejasse, pensar ou meditar por dias a fio, sem que ninguém lhe aborrecesse com alguma coisa. Além disto, o Kahuna respeitava-lhe a condição de mulher, oferecendo toda a privacidade necessária a fim de que Yan-Mei não se sentisse constrangida. Portanto, deixa-la à sós era um sinal de profundo respeito. Minhas reclamações são sempre excessivas e, na maioria das vezes infundadas... – pensou a jovem.

Tempos depois, a jovem alcançou o Kahuna que, por sua vez, já se encontrava em posição meditativa. Novamente Yan-Mei, embora sem saber exatamente como proceder, seguiu o exemplo de Zym-Hur e colocou-se, também, em meditação. Permaneceriam ali, silentes, por várias horas.

Ao abrir os olhos, Zym-Hur logo perceberia que a jovem observava a paisagem. Então disse:

— Seu pensamento está longe daqui... Sobre isto, há algo importante a ser dito!

A jovem rapidamente olhou para o Kahuna. Estava curiosa, mas em vez de falar algo, permaneceu em silêncio. Decidira apenas escutar.

— A mente é um instrumento poderosíssimo! É verdade que temos um corpo perfeito, que nos permite o exercício da evolução espiritual aqui neste mundo. Porém, o corpo é quase nada sem a mente! Se educarmos nossos pensamentos, seremos capazes de criar coisas maravilhosas, materializando-as através de nossos sentimentos e atitudes. Mas se deixarmos que nossa mente nos domine, nos tornaremos escravos dos mais variados desejos e vícios... Observe algo importante! A mente, em geral, é impulsionada pelos sentimentos. Isso quer dizer que, quando você está magoada com algo ou alguém, enquanto sentir dor, também pensará na situação ou na pessoa que te magoou. Deste modo, poderá ficar aprisionada àquele sentimento por uma vida inteira! Agora conte-me uma coisa: O que você faz quando alguém te magoa?

A jovem pensou por alguns instantes, e então disse:

— Algumas vezes eu procuro refletir sobre as razões da pessoa ter me magoado e, se alcanço algum nível de compreensão, logo perdoo e esqueço. Outras vezes eu simplesmente grito, brigo com a pessoa, mostrando que fiquei muito sentida com o que ela me fez. Contudo, sempre, sempre lembro do que me fazem. Jamais esqueço uma ofensa... Ah! No mais das vezes, meus irmãos culpam-me por ser assim...

— E você se sente culpada por ser assim?

— Claro!

— Hoje, quando fomos colher frutos, viste alguma árvore ou arbusto de que precisou ter maior cuidado ao manusear?

— Sim. Havia espinhos! Era necessário manter alguma distância, do contrário, a árvore poderia me machucar.

— Árvores não machucam ninguém, minha jovem! Os espinhos são sua defesa; um aviso para as criaturas predatórias. Trata-se de uma forma de estabelecer limites, limites de um Espaço Sagrado! Quem se atrever a invadir aquele espaço poderá, ainda que se aproxime inadvertidamente, se espetar! Nós também possuímos espinhos! Eu, por exemplo, tenho muitos, e dos grandes! No entanto, sou capaz de conviver com as pessoas sem machucá-las desde que não invadam o Espaço Sagrado de meu Ser. E por

falar em Sagrado, meu corpo, minha mente e emoções assim o são. Sei que também possui os teus espinhos e sei que és capaz de conviver com as pessoas sem machucá-las. No entanto, uma vez que elas invadam o teu Espaço Sagrado, estarão sujeitas aos espinhos! Entretanto, como as árvores e arbustos cujos espinhos podem ser percebidos de longe, podemos advertir as pessoas caso elas ultrapassem os limites. Em geral, basta um aviso ao indivíduo atento, e uma espetada ao desatento: Ambos podem aprender rapidamente!

Naquele momento, o rosto da jovem se iluminou! As emoções surgiram na forma de lágrimas, aliviando sua alma.

— Apesar de ter tido pais maravilhosos, sempre senti culpa por ser desta forma. Diziam-me que, se eu fosse "boazinha", as pessoas iriam gostar de mim. Caso contrário, eu poderia ter sérias dificuldades para arranjar um bom casamento...

— Minha querida jovem. Até mesmo nossos pais podem cometer erros ao nos aconselhar. Afinal de contas, eles também possuem espinhos. Eles também se feriram ao invadir o Espaço Sagrado um do outro, mas aprenderam a conviver com as diferenças que possuíam. O Amor genuíno surge quando descobrimos que podemos conviver com as diferenças uns dos outros, respeitando e compreendendo a natureza de cada um. A felicidade é como uma planta que necessita de solo fértil para expandir suas raízes e espaço para crescer a ponto de tornar-se frondosa! Se o solo é árido, a planta poderá até resistir, mas não crescerá tanto. E se não houver espaço suficiente, poderá crescer num ambiente sufocado. Estamos aqui para o exercício da verdadeira manifestação de nosso Ser. Esta é, afinal de contas, a grande proposta da evolução!

— E por qual razão as pessoas dizem que me amariam mais se eu fosse deste ou daquele jeito?

— Exigir que o outro se torne alguém simplesmente para nos satisfazer, mostra que não o amamos, mas sim, nos amamos através do sofrimento dele. E isto não é de fato Amor. Amar significa realizar em conjunto, comungar entre almas, respeitar a natureza das coisas e pessoas, aceitar... Ninguém conseguirá amar se estiver mantendo o outro em estado de cativeiro, fazendo-lhe renegar sua própria Natureza Divina a fim de proporcionar satisfação por pura e simples conveniência. O amor é ato de

espontaneidade: Oferecemos ao outro aquilo que somos em essência, ao passo que o deixamos livre para que aceite ou não!

— Então não devo me sentir culpada por ser quem sou?

— Todos os seres habitantes de Gaia têm direito ao pleno exercício de sua Natureza Divina! Por esta razão, precisamos estar sempre atentos à fim de não invadirmos o Espaço Sagrado de cada um.

— Como assim? Poderia explicar melhor?

— As águas possuem um Espaço Sagrado: Invada desrespeitosa e inadvertidamente seu espaço e você se afoga! Os ventos, as montanhas, os animais selvagens, as pedras... e as pessoas! Esta é a diferença entre integrar e invadir, compreende? No primeiro caso, ao integrar-se, você poderá contar com as poderosas forças da natureza. No segundo, terá de lutar contra e, esteja certa, a natureza sempre ganhará!

— São lições profundas e valiosas! Levarei algum tempo para assimilar tudo aquilo que você diz... Provavelmente levarei uma vida inteira para colocar em prática alguma coisa.

— Podemos levar uma vida inteira para assimilar certas coisas. Contudo, não devemos esperar tanto tempo para colocar algo em prática! Quanto mais cedo partirmos para a ação, tanto mais cedo nos tornaremos hábeis no desempenho de alguma tarefa! – concluiu o Kahuna, levantando-se a fim de esticar as pernas.

Sem cerimônia, Yan-Mei também se levantou. Seu propósito era acompanhar Zym-Hur, e, de alguma sorte, obter mais informações acerca das várias dúvidas que surgiram desde que havia chegado àquele local.

— Vamos! Ande logo! Pergunte-me! Posso sentir sua agonia!

— Por Gaia! Você não é deste mundo! Como sabe que lhe desejo perguntar?

— Eu já havia dito que você pensa de maneira barulhenta! Em alguns momentos, de forma bem mais estrondosa que o Vulcão Sagrado já foi algum dia!

— Vamos lá então! A primeira pergunta: Por que eu tive aquele pesadelo assim que cheguei ao platô?

— Lá vem ela com suas perguntas difíceis...

— Segunda pergunta: Qual o verdadeiro propósito de ter visto o Vulcão Sagrado entrar em erupção quando me posicionei bem ali, no Portal?

— Já está na hora de começar a saber... Vamos ao Portal... Quero que olhe mais detalhadamente para aquele lugar.

Percebendo que seu protetor estava realmente disposto a lhe contar, a jovem preferiu não fazer nenhum comentário inadequado, optando por simplesmente segui-lo até o Portal.

Ao se posicionarem bem ao centro, Zym-Hur segura a jovem pelas mãos e vagarosamente a conduz por toda a extensão do Portal: Yan-Mei ainda era incapaz de perceber o que havia ali, mas não tardaria a saber!

— Olhe novamente para o chão... É sério! Esvazie a mente... Integre-se a este local... Dê alguns passos procurando descobrir se é capaz de sentir algo... Mas não tire os olhos do chão.

A jovem caminhou usando, desta vez, toda a sensibilidade que lhe seria possível, até que seus olhos se iluminaram!

— Eis o que vejo: Chão de pedra... Igual às demais espalhadas pelo platô! É isso?

— Sim! Continue...

— Estou vendo linhas esculpidas nesta pedra... Estão um pouco apagadas, não?

— Continue...

— Havia algo aqui neste ponto? – perguntou Yan-Mei ao apontar para uma figura geométrica esculpida na pedra.

— Muito bem! Agora que encontrou o centro do Portal, vá até ele e tente entender o que são estas linhas...

Yan-Mei então caminhou para o centro, colocando-se exatamente em cima da figura geométrica. Então perguntou:

— E agora, o que devo fazer?

— Posicione-se de modo que o Vulcão Sagrado fique bem à sua frente...

Em silêncio, a jovem seguiu as orientações do Kahuna.

— E agora?

— Agora lembre-se do que eu disse: Procure “sentir-o-mental” ... Sinta a brisa... a vibração que emana deste lugar... Mantenha os olhos fechados e se permita levar...

Que lugar é este? Noite escura... não enxergo quase nada... espere... o que é aquilo mais adiante? Montanhas pontiagudas! Estou em meio a um grande vale... Mas não conheço nada parecido com isto! Jamais estive aqui

antes... E o chão... todo lamacento... Que luz é aquela? Por Gaia! Há animais mortos... vários deles espalhados por todos os cantos... Devo seguir adiante... há uma saída em algum lugar! Novamente a luz... Que horror! Parece haver uma substância escura envolvendo os corpos destes pobres animais... Há pássaros também... seus bicos, asas e pés estão amarrados com um fio... Centenas, talvez milhares de outros animais... Todos atados... focinhos e patas... Que lugar horrendo! Há uma trilha... devo seguir por aqui... Quem é aquele homem trajando uma capa escura? Ele me viu... Gargalhada infame, horripilante... Desapareceu! Aonde foi? Está me seguindo! Preciso encontrar a saí...

— Volte agora! Já basta! Sua expressão mostra que andou vendo coisas demais!

— O que aconteceu? O que foi aquilo que vi? Por Gaia, já anoiteceu! Quanto tempo fiquei naquele lugar?

— Não sei dizer quanto tempo ficaste lá, mas foi um tempo razoável!

— Preciso saber que visões são essas, pois não lembro de tê-las tido em toda a minha vida. Entretanto, após chegar aqui, elas não pararam mais de acontecer! Afinal de contas, de que se trata?

— Olhe para a noite! Não está linda? Por que não vamos pegar as esteiras e algum alimento a fim de passarmos a noite aqui novamente? Assim poderemos conversar até que o sono chegue!

— É uma ótima ideia! Estou certa de que hoje não durmo: Quero saber tudo!

Ambos foram rapidamente apanhar e, adentrando à casa, Zym-Hur sugeriu que a jovem escolhesse as qualidades de frutos e outros alimentos, bem como a quantidade que desejaria levar.

— Pegue aquilo que deseja. Vou ali apanhar as esteiras. Não me demoro.

Ao voltar, já de posse das esteiras, Zym-Hur trazia consigo algo enrolado num tecido. Vendo a cena, a jovem não resistiu:

— Oh! Uma surpresa! O que temos aí? Pelo visto é algo bem pesado!

— Tenho algo a lhe mostrar. É um pouco pesado sim, mas trata-se de um objeto absolutamente surpreendente. Tão mais surpreendente é a história que te contarei!

— Mal posso esperar para saber! Vamos logo! Já peguei tudo o que queria!

— Pegou para mim? Afinal de contas, eu também tenho um corpo que necessita ser nutrido!

— Claro! Há o suficiente para nós dois!

— Então vamos!

— Vamos.

De volta ao Portal, ambos espalharam suas esteiras e sentaram. Yan-Mei estava ansiosa, tamanha curiosidade em saber o que seu protetor tinha a lhe dizer.

— Muitas vezes fiz minhas refeições neste lugar...

— Espera! Você de fato vai contar agora, ou irá iniciar mais uma daquelas demoradas lições? – protestou a jovem, arrancando risadas de Zym-Hur.

— Eu sabia que diria algo parecido com isto... Aprecio muito a sua curiosidade, mas o exercício da paciência é algo que você precisa praticar com frequência, e, acredite, está longe do ideal!

— Você está certo! Mas vamos deixar exercitá-la noutro momento! Por agora, quero saber sobre a história deste crist...

O Kahuna ficou impressionado com o que a jovem ia dizendo, tanto que não conseguiu deixa-la concluir.

— O que você ia dizer? Mocinha, você andou mexendo onde não devia enquanto estive ausente?

— Por que está furioso? Eu não faço a menor ideia do que tem aí! E não, eu não mexi em suas coisas enquanto estive só!

— Então termine de dizer aquilo que estava dizendo...

— Agora eu não lembro mais o que ia dizer! Você me interrompeu! Já passou! Esqueci!

— Está certo! Eu acredito em você!

— Agora conte-me logo, homem! Já estou para ter uma crise nervosa, tamanha a minha curiosidade...

— Há muito tempo, minha linhagem vem transmitindo este objeto como herança. Apenas os primogênitos tomaram conhecimento de sua existência. Os demais membros da família sequer desconfiaram... Segundo os ensinamentos de meu pai, se tratava de um objeto sagrado...

— Que pertencia aos deuses?

— Não temos certeza se de fato pertencia. Provavelmente sim! Um objeto destes está muito além da compreensão de um homem normal.

Apenas criaturas com dons especiais seriam capazes de reconhecer tamanho poder que ele encerra, e dentre essas, um número ainda menor conseguiria se comunicar com ele. Há outra coisa ainda... Antes de ir embora de Gaia, o último dos deuses celestiais fez uma predição. Parte desta predição já aconteceu... parte, ao que tudo indica está prestes a acontecer!

— Fale-me sobre esta predição!

— Depois... O que te estou para te mostrar, foi considerado por minha linhagem como o objeto mais poderoso já conhecido, à disposição dos homens. Ele é único. Quero dizer, ao menos, até o presente momento jamais chegou ao meu conhecimento que alguém possuísse algo semelhante!

— E se houvessem vários outros por aí, sob condições semelhantes, isto é, guardados em segredo?

— É uma pergunta inteligente! Mas todos os ensinamentos que tivemos apontam para o fato de que ele é único! Não tenho razões para duvidar de meus antepassados, já que em nome deles, me tornei protetor deste Cristal Negro!

Então, Zym-Hur passou a desenrolar o pano que envolvia o cristal, revelando-lhe a magnífica beleza!

— Por Gaia! Como é lindo este cristal! – disse a jovem, admirada.

Tratava-se de um raro cristal, ao mesmo tempo translúcido e negro. Ao receber mínima quantidade de luz, exibia em seu centro uma forma que muito se assemelhava a um coração através do qual irradiavam feixes cristalinos que mais lembravam o Sol num dia luminoso.

O Kahuna exibiu-o com grande cuidado, como se estivesse a manusear o objeto mais sensível e frágil de todo o planeta.

— Não é somente um cristal! Um Ser habita esta bela e luminosa estrutura! Ele tem vida! Possui inteligência! Comunica-se com todos, porém poucos são capazes de entender sua linguagem. E pelo visto, minha jovem, você é uma destas raras pessoas!

— Como assim... De onde você tirou essa de que eu entendo... Por favor, me explique melhor!

— Seu pesadelo... As visões no Portal... Estas são evidências de que você consegue, por uma razão que ainda desconheço, comunicar-se com o Cristal Negro.

— Você também consegue, não é mesmo? Ah! Claro que consegue! Você é seu protetor!

— Sim! De fato, sou protetor deste objeto! Mas não sou seu dono! Nenhum de meus antepassados foi!

— E o que isso quer dizer?

— Quer dizer que o Cristal Negro, embora se comunique com todos, no entanto apenas responde a seu dono! Acreditamos que apenas uma pessoa será capaz de extrair deste Ser magnífico todo o poder que ele encerra!

— São boas as energias que ele irradia?

— Sim! São maravilhosas e altamente curativas! No entanto, este cristal não é capaz de diferenciar a luz e a escuridão, de modo que seu poder é liberado conforme a vontade e o desejo de seu dono!

— Quer dizer que o Cristal Negro não possui boas ou más intenções?

— É mais ou menos isto! Por ser leal a seu dono, ele pode tanto curar quanto matar. Pode se tornar um poderoso instrumento para o avanço da luz com a mesma rapidez que se tornará uma arma à serviço da escuridão!

— Cristais não sentem culpa...

— Você está certa! Cristais desconhecem os sentimentos humanos.

Em seguida, Zym-Hur elevou o Cristal Negro à posição vertical, pondo-o ao chão. Então, olhando para a jovem, disse-lhe:

— Aqui está ele. Eu sinto que você poderá tocá-lo. Faça isso! Toque-o! Sinta sua vibração...

A jovem tremeu! Pela primeira vez desde que chegara ao platô, sentiu respeito por algo! Não que não respeitasse o Kahuna, mas diferente deste, percebeu que o Cristal Negro era um Ser com quem não se podia – e que provavelmente não se deveria questionar e até mesmo provocar conforme fazia com Zym-Hur.

— Sinto uma forte pulsação! Ele parece estar vivo! – disse a moça, impressionada.

— Sim! Ele está vivo! Por ora, apenas sinta... Feche os olhos e sinta a poderosa vibração que irradia deste belo Ser.

Imediatamente Yan-Mei foi transportada para algum lugar do tempo. A moça havia fechado os olhos e, após um profundo suspiro viajou silenciosamente. Zym-Hur acompanhava suas reações a fim de trazê-la de volta ao menor sinal de angústia ou aflição. Contudo, não seria necessária

nenhuma intervenção. Após razoável período, a jovem deu outro suspiro e, assustada, abriu os olhos.

Zym-Hur apenas observou-lhe o semblante. Então serviu um pouco de água e esperou que a moça voltasse ao normal. Feito isso, perguntou:

— Imagino que o Cristal Negro tenha te revelado alguma coisa não? Conte-me, o que ele disse?

— Voltei a um tempo muito antigo! Não sei onde nem quando... Apenas sei que aconteceu há muito tempo! Três homens roubaram o Cristal Negro de seu dono. Parecia não haver a luz do Sol em Gaia... Era escuridão total... Ouvi gritos, gemidos... O homem estava desesperado...

— Qual homem?

— O dono do Cristal Negro! Aparentemente estava desesperado por terem lhe roubado... Eu o via andando de joelhos, suplicando para que não levassem... pediu para morrer... tentou ataca-los, mas sem sucesso... caiu prostrado no chão, em meio à lama fétida, aos prantos, chorando copiosamente... Os três homens ignoraram-lhe o desespero e em seguida desapareceram em meio à escuridão, levando o Cristal Negro!

— Foi exatamente isso que você percebeu? O Cristal Negro foi roubado?

— Se você diz que ele se comunica comigo, então sim, foi exatamente isso o que ele me disse! – respondeu a jovem, convicta.

Naquele momento, Zym-Hur coçou o cenho, alterando seu semblante.

— Bem... De fato, havia três entidades... Elas entregaram o Cristal Negro a meu clã, há muito, muito tempo. Somente fizeram isso porque mantinham estreita relação com meus antepassados e, segundo meu pai ensinou, havia mútua confiança entre ambos os lados.

— Nunca contaram as razões de terem, digamos, tomado o Cristal Negro de seu verdadeiro dono?

— Sim! Contaram! Mas todos os membros de meu clã, na época, não somente juraram proteger o Cristal Negro, como também levariam consigo esta informação. As gerações seguintes apenas fizeram o juramento de proteção, sem, no entanto, saberem maiores detalhes.

— Não acha estranho terem feito um juramento desta forma? Eu não sei se faria algo assim... – retrucou Yan-Mei.

— Qualquer juramento que venha da própria linhagem necessita ser firmado, não questionado! Jamais coloquei em dúvida quaisquer

ensinamentos transmitidos por meu pai! Prometi, em nome de minha linhagem, honrar, proteger e praticar todos os ensinamentos a mim transmitidos! E prometi que guardaria o Cristal Negro da vista de qualquer pessoa, incluindo meus familiares... até o dia de hoje!

— Então você acabou de quebrar o juramento!

- De alguma forma eu o quebrei! É verdade! Mas o que importa se eu não tenho um primogênito?

- Ainda há tempo de ter...

- Sim. Poderia ter vários! E os veria morrer de velhice... - disse Zym-Hur ao tempo que pôs as mãos no rosto.

- Oh! Me desculpe! Estou envergonhada por ter tocado neste assunto...

O silêncio novamente tomou conta do ambiente.

Mergulhado em pensamentos, Zym-Hur lembrou-se de coisas que tanto lutou para esquecer. E agora, com a presença de Yan-Mei, parecia cada vez mais próximo o momento em que teria de enfrentar a dor das muitas perdas familiares.

- O isolamento sempre me permitiu manter sob controle certas dores que carrego... No entanto, sua presença, apesar de muitíssimo agradável, me faz pensar naqueles a quem um dia perdi...

- Sinto muito que te cause sofrimento! Talvez eu tenha me prolongado demais por aqui. Afinal de contas, só vim para te avisar...

Não! Eu não quis dizer isso! Apesar de doloroso, talvez seja necessário!

Olha, vamos mudar de assunto! disse a jovem - O - firmamento está lindo! Veja as nossas estrelas... Estão lá! E a Lua então, está magnânima... imensa... parece estar tão perto... Vamos comer algo... Estou com fome!

- Sim! Também sinto fome!

Ambos organizaram as esteiras de modo que ficassem lado a lado. Entre eles, o Cristal Negro. Os três dormiriam sob a luz das estrelas!

Durante a noite, o Cristal Negro resplandeceu forte luminosidade de seu interior. Este processo se repetiria por várias vezes sem que a jovem e Zym-Hur pudessem notar: Ambos continuariam a dormir.

Na manhã seguinte, foram despertados por uma forte chuva, que começara repentinamente.

- Que estranho... Chover nesta época! - disse a jovem.

- Eu também deveria achar estranho, mas sempre que o Cristal Negro é exposto, algo acontece! Desta vez eu espero que seja somente a chuva!

- Como assim? Pode explicar?

- Eu não lembro quando foi a última vez que o desembrulhei. Devo ter feito uma ou duas vezes apenas. Já faz tempo... E todas as vezes, algo sinistro aconteceu!

- Está me assustando! Se sabia que poderia acontecer algo sinistro, por que resolveu me mostrar o Cristal Negro?

- Coisas sinistras acontecem o tempo todo! Você sabe! E depois, eu realmente precisava te contar sobre a existência dele! Assim que a chuva ceder, iremos novamente ao Portal. Falta mostrar-lhe algo!

- Está bem.

Ambos recolheram as coisas e rumaram rapidamente para a casa de pedra. Era necessário buscar abrigo.

Já havia escurecido e, após um dia inteiro de chuva torrencial, finalmente retornariam ao ponto onde, pela manhã, necessitaram interromper a importante conversa.

- Antes de retornarmos ao Portal, tome um agasalho. É um pouco grande para o seu tamanho, mas te protegerá da fina chuva que ainda cai.

Assim que Zym-Hur entregou um agasalho à jovem, buscou fazer o mesmo.

- Você vai mesmo usar esta roupa? - disse a jovem. – Parece que vamos participar de um ritual...

- Geralmente uso ela apenas para os rituais. Para os de- mais dias, costumo usar esta que acabei de te emprestar. Agora me ajude com as luminárias. A noite está bem escura e não podia ser melhor...

- Por que? Acaso Zym-Hur aprecia a escuridão?

- Aprecio sim! É bom para dormir...

- Então vamos logo. Estou ansiosa para saber mais sobre o Cristal Negro, se é que conversaremos sobre isto!

- Sim! Este será o nosso assunto! Agora vamos até o Portal!

A chuva torrencial acabou lavando parte do solo, expondo várias lajes que antigamente compunham o chão do Templo de Maaht. Por outro lado, também criou várias poças de lama.

- Tome cuidado, pois há várias poças bem ali na frente. Se não se desviar, poderá escorregar e cair.

Yan-Mei, que andava ligeiramente atrás de seu protetor, terminou por pisar numa delas, por sinal bastante lamacenta.

- Aonde? Ah! Acabei de pisar. Muita lama... Espere... Coisa mais estranha... - disse a jovem, permanecendo com os pés em meio à poça de lama.

- O que é estranho? - disse Zym-Hur, parando à meia distância e virando-se para Yan-Mei.

- Este cheiro... horroroso... De onde vem?

- Não há cheiro horroroso algum! Apenas o aroma gos- toso da chuva! Do que está falando? - disse Zym-Hur para em seguida perceber que a jovem não estava em seu estado natural de consciência.

A moça ficaria ali, estática, por mais algum tempo. Zym- Hur evitou tira-la daquele estado. Ela sairá sozinha desse estado... – pensou. Até que repentinamente Yan-Mei voltou em si.

- Que estranha visão! Parece que já estive aqui antes! Aquele homem da capa comprida... Ele estava vestindo uma capa exatamente igual à sua! A cena era idêntica a esta que vejo agora... noite escura... lama... homem vestindo capa... Mas não há montanhas pontiagudas nem tampouco animais mortos... Eu já vi isso antes! Quero dizer, ontem... Sinto que já vivi esta cena... Ou melhor, eu já estive lá... não sei como, mas já estive!

- E por que não me contou sobre a visão que teve ontem à noite?

- Você me interrompeu. Fomos buscar as coisas, lembra? Na volta, trouxe consigo o Cristal Negro, então não tivemos tempo de falar sobre o assunto.

- É verdade! O Cristal Negro parece estar querendo te avisar sobre algo importante... Pelo que vejo, deve haver muitas coisas importantes a serem reveladas... Agora vamos até o Portal. Meus braços estão ficando cansados. Apesar de belo, este cristal é bem pesado!

A jovem não sabia, mas era detentora de uma rara condição que lhe permitia captar as emissões vibracionais daquele cristal. Todas as visões que passara a ter desde sua chegada ao platô, estavam intimamente ligadas ao Cristal Negro: Havia muito o que ser descoberto e compreendido sobre aquela insólita relação entre os dois!

Chegando ao Portal, Zym-Hur depositou cuidadosamente o Cristal Negro numa das extremidades do chão, agora totalmente revelado pela chuva.

- Sempre que a chuva aparece, revela-se uma enorme rocha sobre a qual o Portal foi construído. Amanhã será possível notar com maior nitidez os relevos aqui esculpidos. À propósito, consegues avistar aquele relevo central?

— Sim, está escuro, mas eu o vejo daqui! O que tem ele?

- Aproxime-se e constate por si só!

- Olha! Ele possui a mesma forma da base do Cristal Negro! Será que...

- Isso mesmo! Todos os indícios mostram que este relevo serve como referência de posicionamento para o Cristal Negro. Em algum momento, n'algum ritual, seja o que for, ele devia permanecer ali.

- Então por que não o colocamos ali de uma vez? Você já tentou fazer isso? O que aconteceu?

- Eis aí o mistério! Vou te mostrar agora mesmo!

Naquele instante, Zym-Hur suspendeu o Cristal Negro e levou-o mais ou menos próximo ao relevo.

- Venha até aqui e perceba o que acontece quando aproximamos o cristal do relevo. Pode tocar nele!

Yan-Mei aproximou-se mais do que depressa a fim de descobrir o que acontecia. Ao colocar as mãos no cristal, novamente sentiu sua pulsação, contudo, algo diferente estava ocorrendo naquele momento.

- Mas o que é isso? - disse a jovem, confusa.

- Consegue sentir?

- Sim!

- Vamos conduzir o cristal para mais próximo do relevo, então veremos o que acontece. Por Gaia! Que estranho!

- Tome cuidado agora. Vou soltar o cristal aos poucos. Lembre-se de que é pesado e não desejamos que ele caia no chão.

Gradualmente, Zym-Hur foi soltando o cristal nas mãos de Yan-Mei, de modo que ela pudesse manuseá-lo sem interferência.

- Eu achei que era você quem estava empurrando o cristal em minha direção, mas agora, agora ficou mais forte o movimento... O que é isso? Por qual razão o cristal perde totalmente o peso quando está próximo ao relevo?

- Isto é algo que se pergunte aos deuses, não a mim! Observe que há, em torno do relevo, um forte campo que repele o Cristal Negro. Trata-se de algo que impede o encaixe perfeito.

- Você já tentou colocá-lo ao chão e então aproximá-lo gradualmente do relevo?

- Sim! Tentei várias vezes!

- E o que acontece? Estou curiosa!

- Vamos tentar novamente! Deixe-me ajuda-la com isso.

Num impulso, Zym-Hur tomou novamente o cristal em suas mãos e o colocou ao chão, convidando a jovem para que tentasse aproximá-lo.

- Sinto que o estou arrastando... não estou mais... ele está suspenso, parece que não está mais tocando o chão!

– Empurre-o levemente para mais próximo ao relevo.

Procurando seguir as orientações de Zym-Hur, a jovem empurrou o Cristal Negro com um pouco mais de força, a fim de que se encaixasse ao relevo, mas o forte campo magnético ali existente deu um rebote no cristal, jogando-o para cima dela, desequilibrando-a e fazendo com que caísse. O cristal permaneceu ali, intacto, mas sem a menor possibilidade de encaixe. Zym-Hur só conseguia rir daquela cena!

- Você está rindo de quê! Não achei isso engraçado!

- Desculpe-me por rir! É que eu me vi nesta cena! Se machucou?

- Não... Olha agora! Você viu o que eu vi?

- Sim! Eu vi! O cristal resplandeceu!

- Ele costuma fazer isso?

- Acho que sim!

- Já sei! Ele quer um novo dono!

- Impossível! Ele te disse isso?

- Não. Não disse! Foi apenas uma suposição de minha parte!

- Cristais jamais trocam de dono! Não existe a possibilidade deste cristal responder a outro dono que não aquele de quem as três entidades outrora retiraram-lhe a posse. Aliás, foi uma retirada temporária. Nunca me disseram, mas eu sei disto!

- Você havia dito que este cristal encerra grande poder. Como ele poderia ser devolvido a seu dono, sabendo que poderá ser usado para o exercício de práticas nefastas?

- Esta é uma excelente pergunta! Não compete a mim determinar como ele deve ser utilizado. Ao que tudo indica, este cristal já ficou tempo mais que suficiente longe de seu dono. Provavelmente logo será reclamado!

- Como sabe disto?

- Minha jovem. Eu sou o último protetor deste cristal... não há ninguém depois de mim! Não acha que a natureza das coisas já definiu essa questão? Sou o último longevo. Segundo as leis da natureza, até mesmo você, a quem partilhei este segredo, irá para o mundo dos mortos antes de mim. Por esta razão, acredito que em breve, o Cristal Negro será transferido de mãos voltando, espero que definitivamente, a seu verdadeiro dono! Gaia quer assim. Do contrário, eu teria tido um filho com as mesmas condições de longevidade, e ele seria o próximo protetor do cristal!

- Temo que seja usado indevidamente!

- Não por agora... O cristal está conosco! Voltemos para a casa!

- Sim. E poderemos continuar nossa conversa? Pois ainda tenho algumas perguntas a fazer.

- É claro. Também precisamos conversar sobre sua estada por aqui.

Estava bastante escuro. O fato de ter associado, ainda que superficialmente, o platô à sua visão, causava forte desconforto em Yan-Mei. Deve ser a minha imaginação! Afinal de contas, um lugar tão maravilhoso quanto este jamais poderia ser comparado àquele terrível lodaçal! - pensou.

Já em casa, recostados, ambos partilhavam o silêncio. No entanto, a cabeça de Yan-Mei fervilhava de modo que seus pensamentos mais pareciam uma torrente de água, jorrando de sua mente para todos os cantos.

- A solidão me ensinou a viver em contínuo estado meditativo... Não que eu não pense. Na verdade, meu mundo interior é riquíssimo, os pensamentos voam longe... Porém, aprendi a perceber que nossa mente nada mais é do que a foz de um grande rio.

- Acho que não entendi... Na verdade, não entendi nada do que você acabou de dizer! - disse a jovem.

- Quis dizer que a mente é uma coisa. Os pensamentos, são outra... A mente é o local onde os pensamentos se expandem. Porém, eles não são criados na mente...

- Agora entendi menos ainda... Em minha família, meus irmãos costumavam dizer que eu não sabia pensar! Insistiam que eu não tinha

opinião, personalidade... Diziam que eu só sabia executar ordens... Será que eu realmente não sei pensar?

- Eles podem estar certos... Você parece andar sempre distraída. Primeiro faz várias perguntas, todas de uma vez... Depois, não é sequer capaz de ouvir as respostas sem interromper... então acaba fazendo novas perguntas! Deveria, em primeiro lugar, pensar... deixando que os pensamentos se formem na mente sem que você interrompa este processo com seus questionamentos. Uma vez que você abriu sua mente para receber os pensamentos, não interfira. Deixe sua mente quieta e receptiva até acabar o processo.

- Poderia me dar um exemplo mais prático?

- Você é capaz de visualizar mentalmente o platô?

- Sim. Consigo!

- Então agora feche os olhos... Tente não interferir... não tenha pressa... Agora estamos, lado a lado, caminhando pelo platô, mais precisamente próximos àquela grande pedra... Perceba novamente as gravações contidas naquela pedra...

- Estou conseguindo ver a...

- Mantenha-se em silêncio... Silencie a mente... Não interfira... Concentre-se no que vou dizer agora... Olha para aquela pedra, faça com que sua audição vá mais longe... tente perceber os sons que haviam naquele momento... se do vento ou dos pássaros... procure perceber se havia mais algum tipo de som ou ruído... Lembre-se, a mente apenas recebe os pensa- mentos... apenas isso, nada mais... A mente é a foz, onde tudo desagua... A verdadeira fonte está noutro lugar, e é de lá que os pensamentos vêm... Aumente o grau de permissão de modo que sua mente se amplie cada vez mais... Então, gradualmente ela se tornará mais e mais apta a perceber os pensamentos que estão chegando... Permaneça nesse estado... Só volte quando eu te chamar.

A mente é um berçário de estrelas... as mais lindas que nas- cem na Consciência Superior! Elas percorrem uma longa jornada passando pelas profundezas da alma humana... No transcorrer do caminho, essas estrelas encontram-se com os mais diversos sentimentos, desejos, medos, frustrações e feridas acumuladas ao longo de nossa existência... e isto poderá torna-las ofuscadas a ponto da mente não perceber sua rara beleza... É nosso compro- misso manter limpo o caminho das estrelas de

modo que elas, ao chegarem no aconchego mental, possam irradiar a plenitude de sua luminosidade.... Mente limpa... Mente limpa... Berçário de estrelas!... Agora volte... volte... abra os olhos...

Ao retornar do exercício, Yan-Mei olhou fixamente para Zym-Hur... Tentava se manter séria, porém logo riu confessando:

- É... Você estava certo! Eu sempre pensei de maneira barulhenta! Agora consigo entender perfeitamente o que você vinha me dizendo sobre isto! À propósito, eu nunca havia pen- sado sob a perspectiva de que a mente é um berçário de estrelas...

Ao ouvir aquele comentário, Zym-Hur manteve-se calado. Embora surpreso, ele compreendeu que a jovem, assim como ele, também era capaz de captar as ondas mentais. Será que ela nasceu com este dom ou o desenvolveu ao longo do tempo? Impossível ter desenvolvido... com a pouca idade que possui... Além do mais, sua família jamais a favoreceu neste sentido... Melhor não pensar mais nisso, ela pode captar... - pensou.

- Há algo mais que gostaria de te dizer... A atenção é um instrumento exclusivo da mente. Quando você presta atenção em algo, é para lá que todo o teu poder está sendo direcionado. Por esta razão, educar a mente é algo imprescindível! Toda capacidade de um Sacerdote Kahuna vem, também, da habilidade com a qual ele controla sua mente. Quanto mais disciplina houver, maior o seu poder de cura!

- Sempre andei dispersa...

- Teu poder sempre esteve disperso. Mas você pode mudar isso! Basta querer!

- Eu quero! Você me ensina?

- Não ensinamos ninguém. Apenas contribuímos para que as pessoas despertem o conhecimento que já está dentro delas, porém adormecido e fora de alcance. Mas sim! Eu posso te ajudar com isto!

- Excelente! Então, qual o próximo passo?

- Dormir! Dormir! Amanhã, antes do Sol nascer...

- Já sei! Orações... Portal...

- Você pode permanecer aqui pelo tempo que desejar. Em sua casa, sozinha, poderá ficar vulnerável, especialmente porque teus irmãos parecem ter escolhido...

- Sim. Eu sinto que eles me abandonaram! Quero ficar aqui pelo tempo que você permitir!

- Permito que fique para sempre, se assim desejar!

- Obrigada!

CAPÍTULO ONZE

No Vulcão Sagrado

Assim que recebera a primeira visita de Yan-Mei, acompanhada por seus irmãos, Zym-Hur decidiu que era o momento de iniciar sua jornada até o Vulcão Sagrado. O lugar não era apenas o lar da deusa Pele, mas fora o cenário de inúmeras peregrinações, onde grupos de sacerdotes revezavam-se no de- safio de andar sobre o fogo. Sua cratera exibia um grande lago incandescente e, vez por outra formavam-se rios de lava que escorriam através da encosta para o mar, formando novas porções de terra.

Aquele cenário inóspito consistia no mais perfeito local para o encontro de quatro criaturas lendárias: Os Reis Elementais.

Em resposta ao chamado de KIM, apresentaram-se:

- Djinn - Rei das Salamandras, Elemento Fogo;
- Paralda, Rei dos Elfos, Elemento Ar;
- Ghob, Rei dos Gnomos, Elemento Terra; e
- Niksa, Rei dos Tritões e Ondinas, Elemento Água.

Ghob:

Sabemos a razão de estarmos reunidos neste local...

Djinn:

Sim! Sabemos! Todos os meus comandados estão à postos para a criação de uma nova porção de terras. A deusa nos atenderá, fazendo verter o magma de seu ventre pelo tempo que for necessário...

Niksa:

Outros pares da deusa, moradores das profundezas dos oceanos, também responderão... E emergirá a nova terra... Cuidaremos de seu resfriamento e o apropriado equilíbrio a fim de que a vida se multiplique...

Paralda:

Sopraremos para que os gases venenosos se dissipem na direção contrária à Grande Ilha de Hur. Ar límpido para todos aqueles que se lhe dependem...

Ghob:

Estamos de acordo que faremos o trabalho, desta vez sem sacrificar os humanos....

O motivo de nossa reunião está claro para todos. O Alto nos delegou a missão de acompanhar o Guardião ROR, amigo muito querido, durante toda sua estada em Gaia. Devemos, por- tanto, facilitar-lhe a travessia nos Portais Multidimensionais, permitindo que ele acesse quaisquer dos ambientes que constituem nosso habitat. Isto equivale dizer que ROR terá livre acesso a quaisquer pontos de Gaia, incluindo aqueles onde nenhum ser vivo é capaz de ir....

Niksa:

Estamos prontos para revelar três dos Cristais Mestres. Por muito tempo os mantivemos sob a nossa guarda, nas profundezas Oceânicas. Traremos de volta assim que solicitado....

Djinn:

Ao recebermos o sinal, procederemos com alteração gradual do magnetismo de Gaia. Também faremos a alteração dos polos magnéticos de modo a inverter o atual padrão do Portal do Tempo...

Ghob:

Unidos pela sincronicidade, aqui permaneceremos até a abertura do primeiro Portal Multidimensional. Devemos recepcionar o Guardião ROR que nos confiará importante objeto e dirá quando e a quem devemos entrega-lo...

Djinn:

O visitante está chegando! Abrimos o caminho de fogo para que ele atravessasse. Irá se juntar a nós em alguns instantes...

Paralda:

Enviaremos o sinal... E ele saberá que recebeu... Terá certeza de que estamos com ele...

Havia muitos dias, Zym-Hur caminhava pela trilha através da qual seria possível alcançar a cratera do Vulcão Sagrado.

Inconformado com o silêncio da deusa Pele, apesar de suas várias súplicas, o Kahuna estaria disposto a se expor ao perigo da travessia pelos rios de lava. Embora esta façanha fosse algo normal na vida de um sacerdote, Zym-Hur precisava testar-se! Mais uma vez!

Acampado na base do vulcão, a subida até a cratera e seu posterior retorno era algo que teria de ser feito de uma vez só. E assim o fez!

Faz tempo que não venho aqui... preciso encontrar a base do antigo mirador... talvez um pouco mais adiante... Ah! Ali está!

Havia um mirador, de onde os sacerdotes observavam o lago incandescente, elevavam seus pedidos, proferiam conjurações e conversavam com a deusa Pele. Restara apenas sua base, coberta com cinza vulcânica... Desde o Grande Cataclismo, ninguém mais fora naquele local.

- Oh grandiosa deusa Pele... peço licença para entrar em vosso Sagrado Ventre. Mãe Divina das criações... eis aqui o vosso humilde servo que, tendo recebido a permissão de atravessar o rio incandescente, agora vos pede um conselho... Agradeço humildemente a Djinn, pois fui capaz de compreender sua benevolência em abrir os caminhos que me trouxeram até aqui... Grandes Irmãos Sagrados, vos trago alguns questionamentos... Zym-Tohr, meu bisavô... Interceda por mim junto à deusa Pele...

Naquele momento, por estar de olhos fechados, Zym- Hur não foi capaz de perceber que os Reis Elementais se agruparam a fim de causar um fenômeno como resposta ao seu chamado. Repentinamente sentiu forte brisa em seu rosto, então abriu os olhos... Um tornado se formara bem no centro da cratera, fazendo-lhe sentir o calor do lago... ao mesmo tempo, cairia uma chuva torrencial. Logo sentiu a Divina Presença da deusa Pele e, tomado pela emoção, derramou grossas lágrimas.

Então eu não perdi meus poderes! Os Reis Elementais se manifestaram... Desde antes havia percebido isto, quando, diante daquele rio de lava incandescente, abriu-se um caminho permitindo-me atravessar! Agora tenho todas as respostas, menos uma...

Colocando-se em posição de súplica, Zym-Hur sentiu sua alma serenar...

Ghob:

Volte e prepare-se! Você receberá muitas visitas pelos próximos tempos! O período de solidão acabou... Muitos eventos acontecerão... Gaia não mais será a mesma... Acima de tudo, olhe para dentro de si e terá a maior das respostas!

Novamente o tornado se formou... a mensagem foi entregue e, sobretudo, compreendida!

Era preciso retornar ao platô. Um novo ciclo estaria por começar!

CAPÍTULO DOZE

Na Casa de Loo-Ni-Fehr

Desde que chegara da casa de Yan-Mei, Loo-Ni-Fehr não pensava noutra coisa senão resolver suas pendências com Zym-Hur. Os dias passavam e, com o perigeu se aproximando, era o momento de agir.

Aquele maldito... Se interpôs no caminho atrapalhando meus planos... Quanto tempo esperar... Merece vingança... Não desistirei, ainda que seja necessário me associar à mais temível criatura das sombras... se preciso for... farei tudo para ter de vo... Hã? O quê? O que foi, Baku? Por que está me cutucando no braço? Já não tinha dito que não queria ninguém aqui me atrapalhando?

O capanga de nome Baku, não somente era desengonçado como também cometia gafes o tempo todo. Enquanto os demais evitavam se aproximar de Loo-Ni-Fehr temendo algum xingamento ou punição, Baku, por nutrir grande sentimento de admiração, não se importava de roubar para si a atenção de seu senhor. Inconveniente, aparecia nos piores momentos, porém, sempre conseguia bajular Loo-Ni-Fehr, que lhe dirigia algum insulto.

- Si... Sim, patrão. Já me disse. Mas eu precisava vir aqui avisar sobre o homem que o senhor mandou chamar. Ele já chegou!

- Ele quem? Ah! O verme! Agora vá! Mande-o entrar! ordenou o infame ao pobre Baku.

Loo-Ni-Fehr estava furioso! Naquele estado de espírito, seria capaz de esganar qualquer um que lhe cruzasse o caminho.

- Queria falar comigo? Afinal de contas, o que mais você quer de mim? - disse o visitante.

O infame dirigiu-lhe um olhar possesso! E em tom agressivo disse:

- Nosso acordo está desfeito! Deste momento em diante, não temos mais negócios!

- Como assim? Eu não cumpri com a minha parte? Não fiz o que me pediu?

- Não interessa! Agora volte e avise sua família que você irá comigo ter com o velho Kahuna!

- Eu não posso fazer isso! Não posso deixar que minha família descubra...

- Isso não é da minha conta! Você vai subir a montanha comigo, ou sua família realmente não irá descobrir suas tramas sórdidas, pois eu os exterminarei um a um!

Era Merih! Naquele instante ele teve a mais límpida certeza de que não valera à pena fazer negócios com Loo-Ni-Fehr. As energias de seu corpo esvaíram-se, então caiu de joelhos diante do infame, suplicando para que nenhum mal acontecesse à sua família.

- Você já tirou a vida de duas pessoas inocentes, de quem eu muito amava! Por que os matou? Agora quer matar a todos de minha família? Nosso acordo envolvia apenas a mão de minha irmã, nada mais!

Do alpendre, Baku assistia aquela cena. O medo lhe havia tomado até os ossos! Dava para ver Merih, prostrado ao chão, enquanto seu patrão caminhava ao redor.

- Se te contasse a razão de tê-los matado, teria que matar você também! Estou diante de um homem ganancioso... Sua proposta não seria nada simples de ser cumprida... Riquezas, riquezas e mais riquezas! Merih, você é um verme asqueroso! Traiu a família na esperança de ficar rico! Depois tentou vender a própria irmã! Eu não a quero! Jamais a quis! Você bem sabe disto!

- Você me confunde! Meus pais morreram por nada? Minha irmã foi exposta a um grande sofrimento, tanto pela perda deles quanto pelo medo de te desposar e agora você vem me dizer que jamais a quis?

- Você é tão ganancioso que se tornou cego e incapaz de entender o verdadeiro sentido das coisas! Quanto vale a vida de um homem sem caráter feito você? Quanto vale a vida de um traidor que vende a própria família? Não se sente culpado? E quanto vale a vida de um assassino?- gritou Merih.

- Assassino sim! Traidor, nunca! Quando faço algo, faço em plena e sã consciência! Jamais me arrependi... Jamais traí os meus princípios!

Merih ainda estava prostrado quando Loo-Ni-Fehr se aproximou face a face e disse:

- Agora suma... Volte amanhã antes do Sol nascer! Iremos ao encontro de Zym-Hur! Ou isso, ou a morte de tua família! Compreendeu?

O irmão de Yan-Mei estava em apuros! Sua situação se tornara seríssima e, sem saída, aceitou ir com o infame.

- Tudo bem. Amanhã estarei aqui!

A amarga experiência se tornaria o martírio de Merih. A caminho de casa, seu olhar perdera a cor, suas pernas se recusavam andar. Um conflito imenso lhe tomara por completo.

Agora consigo enxergar o quão importante é minha família! De que valeria eu ter me tornado um homem rico às custas da morte de meus próprios pais? Isto sem contar que a felicidade de minha irmã também estaria em jogo! Eu destruí tudo, tudo aquilo que era mais importante em minha vida... Além disto, não mais terei as riquezas que Loo-Ni-Fehr prometeu! Fiquei sem nada... Terei de acompanha-lo! O que será de minha esposa... e meus filhos a quem tanto amo? Que maneira mais dolorosa para se descobrir que a maior riqueza de um homem consiste em receber amor daqueles que lhe são caros. Amar e ser amado... Nada é mais importante que isto!

Em casa, Loo-Ni-Fehr ordenara que seus capangas preparassem mantimentos e outros objetos necessários para a viagem. Aqueles homens estavam amedrontados com a situação. Conheciam a fama de Zym-Hur e, portanto, estavam certos de que levariam a pior. O infame, no entanto, estava irascível. Levaria aquilo até o fim.

Apesar do medo que sentia por seu patrão, o excesso de curiosidade por parte de Baku, o impedia de ficar calado. Muito observador notou que, já fazia alguns dias, Loo-Ni-Fehr usava um artefato pendurado em seu pescoço. Sem poder conter-se, logo perguntou:

- O que o patrão está usando? Seria algum amuleto para dar sorte?

Desta vez o infame resolveu agir de maneira diferente, e, em vez de escorraçar, chamou-lhe para ter uma conversa.

- Venha, Baku! Sente-se aqui!

De forma rápida, a aparência medrosa e intimidada cedeu espaço, fazendo com que Baku sorrisse feito criança.

- Pois não, patrão! O que quer me dizer?

- Escute bem! Eu sei que vocês todos falam pelas minhas costas. Pois cada vez que me aproximo, vejo todos se olhando, como quem acabara de

combinar alguma coisa... combinar ou tramar... não sei! Me diga, o que vocês tanto cochicham?

- Mas patrão... Pensei que iríamos conversar sobre a pergunta que te fiz...

- Sou eu quem faz as perguntas por aqui!

- N... não conversamos sobre o senhor... Os homens têm medo. Eles sentem que o senhor possui algo, mas são incapazes de explicar...

- Você também sente isso?

- Sim. Eu sinto!

- E isso te dá medo também?

- Mais ou menos, patrão! Eu sou um sujeito fraco, medroso desde sempre... Mas ao lado do senhor, me sinto mais forte... não sei explicar.

- Acha que alguns deles seriam capazes de me trair algum dia?

- Não! Claro que não! Por que me pergunta isso?

- Sou eu quem faz as perguntas aqui! E você, seria capaz de me trair algum dia?

- Cla... claro que não, patrão! Eu tenho sido um servo leal durante todos estes anos. Por que faria isso agora?

- Porque até agora você não foi de fato testado! Mas em breve será! Então veremos até onde vai a lealdade de Baku! Agora vá! Arrume também as suas coisas e oriente os homens para que todos estejam prontos!

- Mas... e minha pergunta? Queria saber para que serve esta coi...

- Vá! E não me pergunte mais nada! ... Só mais uma coisa: Não tire os olhos de Merih! Ele não é de confiança!

- Sim senhor!

Esses frouxos... eles apenas estão leais... por temor, por puro e simples medo de que lhes faça algum mal. E prefiro que seja exatamente assim! Pois somente desta forma serão capazes de me respeitar. Enquanto houver temor, haverá submissão!

Assim que Baku se retirou, Loo-Ni-Fehr também foi organizar suas coisas. No cômodo onde costumava repousar, havia um baú. Dentro dele, vários artefatos há muito tempo guardados, revelavam uma face que mais ninguém, exceto o próprio Loo-Ni-Fehr, conhecia.

Por ser homem destemido, recebera o apelido de "o infame". Não tinha medo da morte e demonstrara isso inúmeras vezes, expondo-se ao perigo iminente. As pessoas se aterro- rizavam com tamanho destemor! No

entanto, era incapaz de atentar contra si mesmo, precavendo-se de todas as formas, com o intuito de evitar morrer pelas próprias mãos. Diziam que ele era imortal... e ele poderia ser quase isto!

CAPÍTULO TREZE

Sobre as Dores da Alma

Yan-Mei e seu protetor estavam colhendo alguns frutos no pomar, além de algumas hortaliças e raízes. A jovem estava muito feliz e cantarolava, até que, em dado momento, calou-se, esboçando uma expressão de tristeza.

- Posso saber por que parou de cantar? Que cara é essa? Conte-me!

- É que lembrei de meus familiares, pai e mãe, dos filhos de meu irmão Merih... Tilo... Queria que tudo fosse diferente... que estivéssemos todos juntos neste momento... saudade aperta o meu coração! Dói muito!

Ao perceber a dor da jovem, Zym-Hur abraçou-a carinhosa e demoradamente.

- Entendo muito bem desta sua dor! Também gostaria que a realidade fosse outra. Muito me alegraria dividir este lugar com filhos, netos e quem sabe até bisnetos... Um dia eu também fui criança... tive pais amorosos, brinquei com meus irmãos... Enfim, passei por tudo o que as outras pessoas passam... Sinto saudades e não há um único dia que não lembre de meus entes queridos! Então, eu sei como se sente!

- Por que as coisas têm de ser assim? Por que precisamos perder as pessoas que amamos? Por que existe a morte? Quem a criou?

Enquanto fazia seus questionamentos, a jovem chorava ao ponto de soluçar.

- Saiba que eu tenho um imenso respeito por sua dor! Pois reconheço nela algo que também existe em mim! Sua dor é a minha dor! Sei o quão difícil é para uma jovem como você, ter que enfrentar o mundo sozinha...

- Faça algo, por favor... algo que acalme esta dor! Minha querida, nós não pertencemos ao mundo físico. Nossa estada aqui é temporária! A morte é apenas um ritual de passagem para o mundo definitivo. Gaia nos empresta tudo aquilo que é necessário à nossa mais perfeita manifestação em seus domínios. Ela nos empresta este corpo. Veja que nosso corpo físico é absolutamente perfeito e adaptado à natureza. Não existe desperdício e tudo o que absorvemos da natureza, de alguma forma é

devolvido a ela. Então Gaia reaproveita, reintegra... Um dia ela tomará de volta aquilo que nos emprestou, e não teremos outra escolha senão devolver. Daí a morte; daí a necessidade do ritual de passagem.

- Diga-me, por favor, que iremos ver novamente aqueles a quem amamos!

- Sim! Algum dia, quando retornarmos ao mundo dos mortos, nossos entes queridos estarão lá, aguardando ansiosa- mente por nós! Por esta razão, precisamos nos tornar criaturas cada vez melhores, pois assim não somente honraremos a memória de nossos antepassados como também fortaleceremos os laços do Amor.

— O Amor pode se perder?

— Os laços do Amor verdadeiro são inquebrantáveis, e, ainda que fiquemos incontáveis ciclos sem ver aqueles a quem amamos, uma vez que estivermos em sua presença, o Amor verterá como a água pura de uma nascente! Nem o tempo, nem mesmo a distância serão capazes de fazer desaparecer este sentimento tão belo que nos eleva à Consciência Criadora!

— Obrigada! Mais uma vez, obrigada! Tuas palavras confortam meu coração! Ainda não estou bem, mas estou certa de que ficarei!

— Levemos nossa colheita para casa.

— Lembrei de algo... Talvez não seja assim tão importante.

— Tudo é importante! Conte-me, do que lembrou?

— Durante minha subida pela montanha, ouvi vozes. Quero dizer... O vento soprava de maneira estranha. Alguns momentos aquilo parecia ser um gemido, noutros, parecia que alguém me chamava de maldita. Aquilo me assustou muito e só parou quando clamei por meus pais. O que poderia ser?
— Isso não era apenas o vento! À propósito, saberia dizer em qual trecho do caminho você estava no momento em que isto ocorreu?

— Não sei...

— De toda forma, eles estão muito próximos daqui...

— Eles quem?

— Eles... os mortos e a quem chamamos Espíritos Subconscientes... uma legião inteira...

— Fiquei toda arrepiada agora!

— Vamos! Depois conversaremos sobre este assunto!

Algo estava acontecendo em relação aos Espíritos Subconscientes. Zym-Hur, embora tivesse noção sobre a estranheza dos tempos, no entanto

era momentaneamente incapaz de avaliar a situação como um todo. Sabia que estava acontecendo uma gigantesca migração de almas, e todos os indícios levavam a compreender que seu destino seria o platô. Por qual razão? O Kahuna ainda não sabia responder, até porque jamais havia presenciado tal fenômeno!

Yan-Mei entrosara-se com grande facilidade, já que não tinha dificuldades em fazer perguntas. Por sua vez, Zym-Hur apreciava muito quando a jovem lhe dirigia algum questionamento. Gostava que fosse desta forma, pois era um sujeito metódico e devoto do ritualismo. Isso quer dizer que sempre mantinha um modo de proceder para todas as coisas. Vez por outra a jovem se cansava daquilo, mas logo compreendia as razões e, aceitando-o como ele realmente era, passou a amá-lo de todo o coração.

Chegando à casa de pedra, ambos se envolveram no preparo da refeição, alimentaram-se em silêncio, conforme os ensinamentos de Zym-Hur para em seguida retomar os afazeres.

— Por que está me olhando desta forma? – questionou Zym-Hur ao flagrar a jovem olhando-o como se estivesse hipnotizada.

A jovem sequer lhe respondeu.

— Yan-Mei...

— Hã... O que foi? Ah! Nada não! Estava pensando bem longe...

— Pensando em que? Posso saber? – insistiu.

— Já disse que não é nada! Aliás, não se atreva a ler meus pensamentos enquanto eu estiver assim! Quero um lugar onde possa ser livre!

— Você é livre! E aqui neste lugar, muito mais!

— Que ótimo saber disto! Agora, caso não se importe, que tal me falar um pouco mais sobre a legião de... como é mesmo o nome...

— Espíritos Subconscientes!

— Isso mesmo! Ouvi você falar com meus pais sobre isso algumas vezes, quando esteve lá em casa.

— Em sua absoluta maioria, os Espíritos Subconscientes constituem as vítimas da Fúria de Gaia. O choque por eles sofrido foi de tal forma aterrador que suas mentes espirituais se separaram de seu corpo espiritual, resultando numa imensa legião de almas penadas, seres que vagam por Gaia sem rumo nem destino.

— Eles são espíritos maus?

— Nem todos são maus! Eu diria que a maioria deles possui um nível de bondade superior ao de maldade.

— E existe a possibilidade de suas mentes espirituais serem reintegradas ao corpo espiritual?

— Sim. Claro. Se isto acontecesse, eles reviveriam os horrores daqueles dias com uma violência tão grande que suas mentes espirituais tornariam a separar.

— Parece ser triste...

— Sim. E não há nada que se possa fazer exceto esperar...

— Esperar pelo que?

— Esperar que Gaia, através dos tempos, cure esse infeliz estado de alma o qual essas criaturas se encontram!

— Pode levar muito tempo?

— Mais do que todo o tempo em que meu clã seria capaz de viver!

— Por que você disse que eles estavam muito próximos daqui? O que quis dizer com isso?

— Este lugar é especial por várias razões. Pois existiu um templo, e isto você já sabe... No entanto, me surpreende que uma legião inteira esteja aqui por perto. Quero dizer, dadas às condições do local, deveria ser o último lugar onde essas criaturas desejassem estar!

— E quem sabe não seja o último? Afinal de contas, não há mais para onde ir...

— Belo raciocínio! Mas não foi isso o que eu quis dizer! Entenda, eles parecem estar respondendo a um chamado. Ou seja, há alguém que os está mandando para cá... eles estão se aproximando lentamente!

— Será que estariam atrás de mim?

— Não! Caso estivessem, teriam te alcançado em qualquer tempo! Você sequer teria conseguido chegar até aqui.

— Pararam de me seguir no momento em que clamei por meus pais...

— Não foi tão somente por isto. Acredite! Há algo mais...

— Estou assustada com tudo isso! Eles estão se preparando para um ataque?

— Talvez. Mas compreenda que, sozinhos, eles não seriam capazes de articular absolutamente nada. Teria que haver uma mente pensante por trás disto...

— Você fala, uma pessoa, alguém que tenha conhecimentos semelhantes aos seus?

— Sim. Um indivíduo. Mas não se trata de um indivíduo comum, pois é necessário um grande poder mental e conhecimentos que vão além da compreensão dos homens...

— Alguém que não seja de Gaia?

— Exatamente!

— Os deuses?

— Quem sabe? Como isto é algo que não podemos mudar, entretanto há algo que está ao nosso alcance, e que podemos fazer: Proteger-nos!

— Como?

— Vou te mostrar a prática da invisibilidade. Precisará se dedicar muito para conseguir realizar isto. E uma vez que consiga, aonde quer que vá, estará protegida!

— Quando começamos?

— Agora mesmo! Lá no Portal!

Durante o tempo de caminhada até o Portal, Zym-Hur continuou suas explicações sobre os Espíritos Subconscientes. A jovem, por sua vez, escutava com grande atenção, já que a disciplina da mente passaria a ser uma constante em sua vida. Yan-Mei não fazia a menor ideia, mas as lições de seu protetor se tornariam tremendamente úteis num futuro próximo!

Uma vez no Portal, Zym-Hur deu início a uma importante explicação sobre os Espíritos Subconscientes:

— Tudo o que compartilharei, faz parte do código secreto de meu clã. Trata-se de algo muito simples, mas absolutamente eficaz, desde que se faça da maneira correta! Portanto, mantenha-se atenta ao que vou dizer e, caso tenha alguma pergunta a fazer, deixe-a para depois. Se for necessário, repetiremos o exercício quantas vezes for necessário, até que você consiga assimilar tudo! Compreendeu?

— Sim! Nada de perguntas por enquanto!

— Ótimo! A primeira coisa a se observar é que todos nós somos capazes de emitir sinais através de nossos pensamentos, emoções e mesmo através de nossos corpos físicos. Começaremos pelo corpo físico... Emitimos, geralmente, odores, e alguns destes odores não são percebidos pelos humanos. No entanto, se você estiver à meia distância de um animal,

e se o vento soprar a favor dele, ainda que esteja escondida, ele perceberá a sua presença...

— Sim... Isto é verdade...

— Nossas emoções também emitem um sinal. Se, por exemplo, você estiver próxima de alguém que está muito triste, poderá ser contagiada pela tristeza daquela pessoa e, num curto espaço de tempo você também se entristece... A ira é contagiosa... O pessimismo também...

— Correto! Isso também é verdade...

— Agora vamos para as emissões mentais... Elas são facilmente captadas pelos animais... Nós humanos somos capazes de não somente emitir sinais mentais como também poderemos recebe-los com impressionante exatidão, praticamente da mesma forma que eles foram emitidos...

— Bem... Eu não sabia disto... Explique melhor!

— Antes da Fúria de Gaia, havia um complexo sistema de comunicação entre os povos. Contudo, havia um segundo sistema, mais eficaz, através dos sinais mentais. Apenas uma minoria possuía o domínio deste sistema de comunicação. O processo era de tal forma rápido que, no momento em que alguém emitisse uma informação através da mente, a outra pessoa, por mais distante que estivesse, captaria aquela informação no mesmo instante, sem nenhum intervalo de tempo! Era necessário muito treinamento para enviar sinais mentais... e um treinamento ainda maior e mais complexo para receber estes sinais com exatidão.

— Quer dizer que eu poderia aprender a ler pensamentos?

— Sim. Qualquer indivíduo pode aprender... Mas não é isso que desejo te ensinar, ao menos por enquanto...

— Certo... Então vamos continuar.

— De acordo com as minhas percepções, há uma grande legião de Espíritos Subconscientes vindo para cá. Eles ainda não nos alcançaram por causa da existência de um grande campo que nos protege. Uma vez que estamos, eu e você dentro dele, isso nos torna invisíveis para os Espíritos Subconscientes. Lembra-se de ter dito que, em algum momento de tua viagem, houve um profundo silêncio?

— Sim. Lembro!

— Então, não foi somente o clamor de teus pais... Você adentrou o campo de proteção externo e com isso, tuas pegadas sumiram de forma

repentina, como se uma trilha acabasse num despenhadeiro... Eles, que te seguiam de perto, em algum momento perderam teu rastro... Compreende o que quero dizer?

— Sim, compreendo... Mas me pareceu que eles já estivessem ali, prontos para me emboscar...

— Quantas vezes você percorreu aquela trilha a caminho do platô?

— Duas...

— Isso quer dizer que você trouxe, ao menos uma boa parte deles, ainda na vez passada!

— Eu os trouxe? Estou perplexa! Tem certeza disto?

— Absoluta certeza! Alguém te usou para trazê-los até aqui! Este alguém sabia que você seria bem recebida, que conseguiria adentrar ao campo de proteção...

— Por Gaia! Seria Loo-Ni-Fehr? Ou Merih? Difícil acreditar... Por que fariam isto?

— Não estou certo quanto a essa questão... Eles podem estar sendo usados por uma terceira pessoa... Sinto que saberemos em breve!

— Desculpe-me, mas preciso perguntar algo... Eu fiquei confusa. Afinal de contas, quantos campos de proteção existem por aqui?

— Dois campos. O maior deles guarda praticamente toda a montanha, impedindo que os Espíritos Subconscientes avancem... Quanto ao menor, mas não menos poderoso campo, você já sabe...

— Sim... ele protege este platô...

— Correto... Apesar de constituir uma enorme proteção, ainda assim dois tipos de pessoa entrariam com facilidade... Já conversamos sobre isso...

— Sim. Os puros de coração e os Sacerdotes Iniciados... Existe a possibilidade destes campos enfraquecerem?

— É difícil, mas não impossível... Estes campos existem há muito tempo e até o momento ninguém foi capaz de faze-los enfraquecer ou até mesmo coloca-los em situação de colapso...

— O que seria isso?

— Ao colapsar, os campos de proteção simplesmente desapareceriam. Então o platô ficaria vulnerável.

— Não quero nem pensar no que aconteceria se...

— Mas é justamente nisso que devemos pensar!

— O que seria de nós caso acontecesse?

Ao conversar com a jovem no sentido de orienta-la, Zym-Hur lembrou das orientações que recebera de Ghob, o Rei dos Elementais da Terra, quando em sua visita ao vulcão.

— Quando estive no mirador do Vulcão Sagrado, recebi uma mensagem peculiar... Creio que algo irá acontecer já nos próximos dias... Haverá grande movimentação no platô... Não sei exatamente do que se trata, mas devemos estar preparados.

— Agora você me deixou assustada!

— Pois você precisa aprender a vencer o temor já que ele enfraquece as nossas proteções. Quem se mantém no medo, está completamente desprotegido! O medo aprisiona, escraviza... Se você quiser destruir alguém, faça-o se encher de medo e não será necessário fazer mais nada!

— Vivi isso toda a minha vida! Meus pais... Merih... Tilo...

— Provavelmente eles o faziam por desconhecimento... Os pais geralmente enchem suas crianças de medo. Acreditam que com isso, estão ensinando a respeitar a natureza das coisas. Contudo, é um grave engano. Seus filhos tornam-se, depois, adultos cheios de conflitos emocionais e absolutamente vulneráveis a qualquer tipo de vicissitude!

— Quero vencer o medo!

— Você venceu o medo quando decidiu subir a montanha... Quando escolheu lutar por algo que te pareceu justo, quando ficou só e precisou resistir apesar de tudo... Agora necessita apenas tomar consciência disto, nada mais!

Os olhos de Yan-Mei brilhavam cada vez mais! A jovem não seria capaz de imaginar o quão valioso poderia ser o convívio com seu protetor. No geral, as pessoas empenhavam suas vidas na sobrevivência e parecia não haver tempo para outras coisas, exceto a vida humana ordinária. Entretanto, ali no platô sobrava tempo para tudo! A alimentação era abundante e saudável, os afazeres domésticos deixaram de ser algo desagradável, a prática das orações se tornou o ponto de fortalecimento e as ricas lições, estas sim faziam toda a diferença em sua vida!

— Me dei conta de algo importante. Queria te contar...

— Conte-me então!

— Realmente experimentei alguns momentos onde parecia não sentir medo... Porém, em todos eles, eu não conseguia pensar em absolutamente

nada... Ou seja, eu agia por puro e simples instinto e as situações... bem, eu me livrei de cada enrascada...

— Sua mente não estava exatamente bloqueada, mas sim, ela havia se colocado à serviço de uma Consciência Superior! Há algo divino em todos nós... que possui profunda sabedoria. Infelizmente, quase nunca deixamos isto aparecer, pois nossas mentes interferem... Lembra-se do ato de "sentir-o-mental"?

— Sim! É claro que lembro! Quero saber mais...

— Esta é uma lição mais avançada. Você a terá, porém, mais adiante!

— Ah! Que decepção...

— Mocinha, um pássaro não aprende a voar sem que antes tenha saído do ovo! Em outras palavras, você ainda está presa na casca, dentro do ovo! Tenha paciência e leve à sério todas as lições que te estão sendo dadas. Do contrário, sentirá falta delas mais à frente!

— Qual vai ser a próxima lição?

— Agora! Feche os olhos, mantenha-se no mais profundo silêncio e... respire fundo... Sinta o ar sendo inspirado... prenda-o por alguns instantes... ...agora expire o ar e sinta-o saindo de teu corpo... repita isso mais vezes.... silencie a mente... Use os olhos do pensamento... eles te guiarão por todo o platô... Imagine-se caminhando... caminhando por entre as árvores... sinta os pés tocarem a grama... tente ver mais detalhadamente as coisas que te cercam... as nuances... as cores... texturas... sinta a brisa... ative o olhar da mente... o olhar da mente.... da mente... não se preocupe, pois estarei aqui te esperando quando voltar... e desta vez, volte apenas quando quiser... quando quiser... passeie livremente pelo platô e veja a vida que existe ao teu redor...

Mergulhada intensamente no exercício que Zym-Hur lhe dera, a jovem manteve-se, desta vez, por mais tempo. Seu semblante demonstrava que a experiência estava sendo absolutamente agradável. Ao sentir que havia encerrado o passeio mental pelo platô, Yan-Mei abriu os olhos, porém, manteve-se calada por algum tempo.

— Imagino que teu passeio foi bem-sucedido, não?

— Quem são aquelas criaturas que se escondem por entre as árvores? E por que elas têm algo parecido com o Sol ao seu redor?

— Ah! Você quer dizer, uma coroa solar, é isso?

— Sim! Como aquela que enxergamos em torno do Sol...

— Aquilo é um campo de proteção natural... Todos os seres o possuem...

— Todos?

— Absolutamente todos! Até mesmo as pedras!

— E aquelas criaturas?

— São seres que habitam um reino intermediário... Elas estão entre os animais e os homens... São chamados de Seres Elementais.

— E o que eles fazem?

— Com o tempo você aprenderá mais sobre eles, especialmente porque conseguiu despertar os olhos do pensamento!

— Sim... eu segui tuas instruções... procurei ver com os olhos da mente... Achei que foi algo fácil de ser feito...

— É algo absolutamente fácil. Porém, requer continuidade de exercício. Para aprimorar esta espécie de olhar, é necessário exercitar quase que o tempo todo. Na medida em que exercita, a visão psíquica se torna cada vez mais límpida e poderosa. Então você conseguirá enxergar várias outras coisas.

— Quais coisas mais?

— Conseguirá enxergar tanto os pensamentos quanto os sentimentos das pessoas!

— É sério?

— Eu jamais brinco quando estou falando destas coisas!

— Está certo. Me desculpe! Eu não quis...

— Eu sei que você não teve a intenção, minha jovem... Vamos ao que realmente nos interessa por agora! Aquele campo de proteção natural é algo que pode ser manipulado pelo ato de nossa vontade. Quanto mais concentração e vontade impusermos, tão mais forte ele se torna.

— E aquela coisa de ficar invisível?

— Precisa perceber se é capaz de controlar o medo... O que acha?

— Sim! Provavelmente sou capaz!

— Quando sentimos medo, nosso campo de proteção se enfraquece e nos deixa vulneráveis aos ataques psíquicos... Você percebe que há pessoas cujo poder mental é forte ao ponto de fazerem uma planta secar e morrer?

— Claro! Conheço várias... Algumas, especialmente, são, como se diz, invejosas!

— Exato! Pessoas assim, lançam más energias contra as pessoas por quem sentem inveja. Há certas espécies de plantas que fazem o papel de guardiãs, atraindo para si estas más energias. Algumas são absolutamente capazes de transmutar as energias. Outras, porém, acabam secando: Ao secar, estão emitindo um sinal de alerta.

— E o que devemos fazer?

— Devemos ativar nossa proteção psíquica emitindo um comando para que nosso campo de proteção se reforce!

— Como se faz isto?

— Imagine o Sol nascendo no horizonte... Assim que ele surge, aos poucos sua luz chega até nós... Gradualmente ele vai aparecendo mais e mais, então a luz se torna mais intensa... Quando ele aparece por completo, já não é mais possível olhar diretamente...

— Acho que entendi... Devemos imaginar nosso campo de proteção tornando-se cada vez mais luminoso, intenso... É isso mesmo?

— Você realmente compreendeu! Porém, só é possível manter este processo se for capaz de controlar pensamentos e emoções. Ou seja, é necessário manter absoluta concentração a ponto de não pensar ou sentir mais nada além da imensa vontade de fazer com que seu campo se torne poderoso! É o poder da vontade que conta! Lembre-se: “sentir-o-mental”!

— Entendi... Mas dá para ficar invisível com isso?

Ao ouvir o questionamento, Zym-Hur deixou escapar uma risada, pois achou engraçada a forma como a jovem perguntou.

— Ainda ri de minha pergunta!

— Desculpe-me, não pude segurar... Ainda não dá para ficar invisível somente com este procedimento, pois há outra coisa que você precisa compreender, e que necessita ser igualmente exercitada.

— Conte-me!

— Ao controlar o medo, a raiva, enfim, os sentimentos, e ao canaliza-los visando o fortalecimento do campo de proteção, você criará um fluxo; uma torrente estável e contínua. É exatamente isso que te tornará invisível diante dos Espíritos Subconscientes, pois normalmente eles buscam a instabilidade, o medo, a raiva, sentimentos que costumamos ter.

— E eles saberão onde estamos?

— Alguns deles, ainda que conseguissem saber onde estamos, nada poderiam fazer contra nós.

— Poderíamos usar este campo de proteção em relação às pessoas...

— Sim. Podemos usar perante tudo aquilo que atente contra a nossa integridade emocional, mental ou espiritual!

— Acho que compreendi tudo. Vou exercitar o fortalecimento do campo de proteção...

— Daqui para a frente, durante todos os momentos! E se houver algo que não tenha compreendido, pergunte-me! É necessário fazer do modo certo!

— Perguntarei! Aliás, é o que sei fazer de melhor!

Ambos riram. Em seguida, rumaram para a casa de pedra.

Em meio à caminhada, Zym-Hur sente uma forte fisgada na região de sua nuca. Tão forte que o fez parar. Yan-Mei, sem poder compreender o que acontecera, olhou assustada.

— O que aconteceu? Você está bem?

— Não foi nada!

— Foi sim! Você apenas não quer que fique preocupada, não é mesmo?

— Se está pronta para saber, então vamos lá! Não há mais dúvidas, vamos receber visitas pelos próximos dias! O campo de proteção externo já está sendo duramente testado...

— Existe algo que possamos fazer?

— Não, exceto nos prepararmos para recebe-los!

— Então, vamos nos preparar! Já estou em pleno exercício para fortalecer meu campo de proteção!

— Ótimo! Vamos nos preparar! ... Ah! Você está com fome?

— Um pouco. Por que?

— Ainda temos algum tempo de luz natural. Gostaria de leva-la a um lugar muito próximo daqui, seguindo a trilha do bosque. O que me diz?

— Posso ir comendo algo?

— Claro! Vai lá e pega alguns frutos ou qualquer outra coisa que deseje. Te espero aqui!

— Está certo! Volto logo!

Afinal de contas, quem poderia estar por trás de toda esta movimentação? Apenas sei que não se trata de uma pessoa comum! Estariam os deuses envolvidos nisso? Ao que sei, este lugar já não é mais tão especial quanto já foi um dia. Excetuando a privilegiada vista do Vulcão Sagrado e a ótima trilha que a ele conduz... Não! As coisas não se

encaixam! No entanto, para mim faz um sentido enorme que essa pobre jovem tenha sido usada como isca... Seu irmão é muito estúpido para articular alguma coisa... Já o infame... este eu...

- Pronto! Vamos? disse a jovem, interrompendo os pensamentos de seu protetor. Ah... Certo! Vamos! Queria te mostrar um lugar que também considero sagrado...

- Este lugar é realmente cheio de surpresas! Para onde estamos indo?

Ao Vale dos Mortos!

- Me arrepiei toda! O que significa este Vale dos Mortos? - É onde meus antepassados descansam.

- Quanto tempo, mais ou menos, teremos de luz natural?

Um pouco... Voltaremos antes do anoitecer!

Acho bom... Tenho medo dos mortos... e do escuro!

- Então esta é uma excelente oportunidade para colocar em prática o exercício de hoje! Lembra-se sobre o que havia dito em relação ao medo?

- Lembro sim...

- Pois agora exercite!

Zym-Hur ia praticamente todos os dias ao cemitério. Lá ele chorava suas dores, conversava com seus entes queridos e matava um pouco da saudade que constantemente lhe sufocava o coração. Porém, desde que Yan-Mei chegou, ele não mais havia ido.

- Sei que talvez você pudesse ficar meio sem jeito ao visitar este local, mas há dias, ao perguntar se já tive família, achei apropriado trazê-la até aqui.

- O local é grande. Quantos de seus antepassados estão aqui?

- Muitos! No entanto, minha família está logo mais ali, naquele quadrante.

— Ali onde estão aquelas pedras brancas?

- Sim. São cristais de rocha. Vamos até lá.

O semblante de Zym-Hur mudou rapidamente, revelando feridas que ainda necessitavam ser curadas.

- Então... Quer me contar sobre eles?

- Sim. Aqui, lado a lado, estão a companheira que tive, Ayla, que me deu duas filhas e um filho. Infelizmente ela morreu durante o parto de

nosso filho... e ele, instantes depois. Seu nome é Behrem... Penso que seria muito difícil para ele... Coloco-me em seu lugar e não consigo imaginar... Quero dizer...

- Eu sei! Já entendi! Não precisa dizer! Não machuque suas feridas! Deixe-as cicatrizar!

- Não! Eu preciso... Por muito tempo senti raiva deste filho! Culpei-o por ter matado a própria mãe... Por ter sido ingrato ao dar a ela a morte, enquanto ela lhe dava a vida! Ayla era de uma amorosidade rara... mãe atenciosa, esposa dedicada, servia-me de companhia nas muitas noites em que, olhando para as estrelas, conversávamos sobre nossos anseios... fazíamos planos para o futuro... Eu a amava... Mais do que a mim mesmo! Ela me dava um sentido de plenitude... Foi difícil ter que lidar com sua morte e depois com a morte de Behrem. É doloroso demais olhar para um recém-nascido morto. Muito mais se ele é seu filho! Minhas filhas ainda eram meninas... Não podiam acreditar que estávamos vivendo aquilo... Olhavam para o corpo da mãe, e ao lado, o irmão, ambos sem vida, então chorávamos abraçados... Quando a dor parecia querer rasgar nossas almas, ela ganhou proporções ainda maiores, já que precisávamos coloca-los aqui neste local... A ideia de que você jamais tornará a olhar para aqueles olhos, que jamais voltará a ver aquele sorriso ou receber o caloroso abraço... é algo que dilacera a alma! Simplesmente faz você questionar a ordem da vida!

- Quais eram os nomes de suas filhas?

- Minha filha mais velha se chamava Anan e, a segunda filha, Derya. Eram a minha esperança por dias melhores. Por anos, não conseguimos nos afastar, pois tínhamos medo de perder uns aos outros...

- Elas se casaram? Tiveram filhos?

- Somente Anan se casou... teve um único filho...

- Ela morava aqui?

- Não. Foi morar com o esposo e a família dele. Visitavam-me periodicamente, trazendo consigo meu neto... Que- riam que ele não esquecesse o rosto do avô. Um dia, o esposo a trouxe muito doente. Pedi que me deixasse ficar com ela por alguns dias, pois julguei que poderia trata-la. Ela acabou morrendo sem reagir às ervas e tratamentos que ministrei... Sofri com a morte dela, mas não tanto, pois ainda tinha Derya comigo.

- E Derya?

- Fez-me companhia por longos anos. Não queria se afastar de mim, apesar de minha constante insistência para que construísse sua própria família... Derya, numa tarde linda, com céu limpo e brisa mansa, morreu em meus braços... Estava velhinha... Sabe... A longevidade é uma maldição! Eu era seu pai... e ela aparentava ser minha avó...

- E seu neto?

- Assim que Anan morreu, esperei os dias passarem... Então resolvi ir atrás de seu esposo, pois queria dar notícias sobre o que havia acontecido com minha filha. Além disto, queria saber de meu neto. Mas qual foi a minha surpresa ao descobrir que ele já havia se casado novamente... Parecia ter certeza que Anan morreria... Meu neto não me reconheceu...tratou-me como estranho... Eu não o culpo. Afinal de contas ele era apenas uma criança!

- E você não insistiu em conviver com ele?

- Tempos depois, decidi que deveria visita-los. Queria saber da criança, se estava bem... Ao chegar lá, os vizinhos disseram que a família havia se mudado... Não souberam in- formar para onde! Desde então, passou tempo mais que o sufi- ciente para que meu neto também tivesse morrido de velhice, se é que não morrera antes... Fiz um memorial para ele... Sei que, de alguma forma, ele também está aqui!

- Você os consegue ver? Digo, consegue enxerga-lo com os olhos do pensamento?

- Sim. Eu consigo. Porém, no mais das vezes sou tomado por uma tristeza tão grande e, mesmo compreendendo que a morte é um ritual de passagem, ainda assim pesa-me a saudade de não poder tê-los... Aqui neste platô, minha companhia tem sido a solidão... até você chegar!

- A vida não mais será solidão daqui para a frente! É meu desejo permanecer aqui!

– Oh, minha querida Yan-Mei. Você tem dado um sabor especial aos meus dias!

- Espero que sim! Que venham dias ensolarados neste platô!

- Também espero por dias ensolarados!

- Gostaria de perguntar sobre os demais familiares que aqui estão. Quem são eles?

- Meus irmãos, pais, avós, minha bisavó... tios, primos, e assim por diante! Todos aqui!

- Você é o único que restou?

- Sim. O único e último!

- Sinto que tudo aqui é organizado...

- Harmonioso, você quer dizer...

- Isto! Harmonioso! Diferente do que tenho visto no vilarejo, e até mesmo com relação a meus antepassados. Minha família e outras pessoas que conheço, não costumam dar importância a esta coisa de antepassados.

– É natural que eles ajam desta forma! Depois da Fúria - de Gaia, todos os poucos sobreviventes tiveram que reavaliar seus costumes. Não havia tempo para chorar os mortos. Era necessário seguir em frente, refazer a vida, pensar na própria sobrevivência...

- Pode ser, mas é natural nem ao menos querer relembrar o passado? Pois eu vejo você contando sobre os ensina- mentos que recebeu de seus antepassados...

Em geral, as pessoas preferem esquecer aquilo que lhes causa dor. Não há uma única família em Hur que não tenha uma história triste para contar! Relembrar também implica em reviver os sentimentos daquela experiência. Em vez de relembrar, as pessoas deveriam cultuar...

- É verdade... Em minha família, ao que sei, houve muitas mortes, assassinatos, doenças... Todos lá, algumas vezes sentiam até mesmo vergonha em tocar no assunto...

- Não devemos ter vergonha de nossos familiares. Eles são o que são! Precisamos compreender que, na condição de indivíduos, eles são seres livres... Como integrantes da família, dividem conosco as mesmas dores.

- O que quer dizer isso, de dividir as mesmas dores?

- De alguma forma, todos os membros familiares são importantes... E por causa disto, não devemos esquecê-los, não importa como viveram, nem tampouco o destino que tiveram.

- Mesmo aqueles que escolheram ter um final triste?

- O destino das pessoas geralmente é orientado pelos Desígnios Divinos. A Consciência Superior nos impulsiona a viver aquilo que de fato é necessário ao nosso crescimento não importando se o final seja triste ou feliz... pois bem sabemos que não se trata exatamente de um final!

- Não foi exatamente isso que quis dizer... Por exemplo, alguns de meus familiares comportavam-se de maneira inadequada, tanto que acabaram assassinados.

- Quantos outros há que se comportam de maneira até pior, mas nem por isto acabam tendo um final semelhante...

— É verdade... Desculpe, eu não entendi aonde você quer chegar!

- Há uma força que orienta os grupos familiares... Como se houvesse vários corpos para uma única alma. Esta força varia de família para família... Tanto que vemos algumas famílias cujos membros não precisam ter uma vida tão difícil, enquanto outras parecem não ter sorte alguma à ponto de seus membros sofrerem os mais diversos males... Enquanto algumas famílias vivem, outras sobrevivem...

- Neste caso, é possível mudar o destino?

- Sempre!

- O futuro?

- Evidente!

- Você pode me ensinar mais sobre isso?

- Posso... no momento certo! Apenas gostaria de fina- lizar esta conversa dizendo que, de acordo com a experiência de meus antepassados, devemos honrar aqueles que estiveram aqui antes de nós... Eles sofreram, passaram por grandes dificuldades, enfrentaram várias doenças, perderam sua pátria, sobreviveram enquanto muitos de seus entes queridos pereceram... No entanto superaram todas as adversidades para nos entregar valores, conhecimentos, toda uma cultura... Devemos carrega-los em nossas memórias por todo o sempre! Devemos falar com eles, mas não precisa ser em voz alta... Podemos apenas pensar, elevar nossos melhores sentimentos de gratidão pelo que eles nos entregaram... Nem mesmo a Fúria de Gaia conseguiu acabar com a coragem deles... Tanto que estamos aqui por causa das escolhas que eles fizeram... Lembre-se de todos os dias cultuar aqueles que vieram antes de ti!

- Como se faz isso?

- Primeiro pense em teus familiares. Depois diga em voz alta ou através do pensamento: "Eu lhes sou "grata" por terem me acolhido em vosso seio... pela oportunidade de evoluir em Gaia; pela vida... Em nome desta gratidão, o meu pensar... o meu sentir... o meu falar... e o meu agir... estarão sempre em sincronia... a serviço da manifestação do Bem."

Ao ouvir a prece de agradecimento, Yan-Mei ficou um tanto confusa.

- Espero que não fique aborrecido com a pergunta que farei. Afinal de contas, se eu não pedi para nascer, por qual razão deveria agradecer?

Devemos sempre agradecer... Pelo alimento que recebemos, pelo ar que respiramos, pelo chão que pisamos... Há uma causa, uma razão de você estar em Gaia exatamente neste momento... A razão, bem, isso ainda não sabemos... mas a causa... tua família é a causa!

- Faz todo o sentido! Obrigada mais uma vez! - Pense no aqui e agora! Pensou?

- Sim!

- Qual é teu estado de espírito neste momento?

- Feliz por estar aqui!

- Então pense em teus pais... Pense em Merih...

- Sinto raiva agora!

- Era o destino de teus pais... Não havia outro caminho a seguir, exceto aquele!

- Eles foram emboscados... Os dois... Eu era a mais jovem dentre os filhos... Convivi menos tempo com eles... Merih e Tilo aproveitaram mais...

- É disto que sente raiva?

- Sim! Raiva e ciúmes!

- Estes sentimentos são naturais e, até certo ponto, justos. Entretanto, você não precisa carrega-los por toda a vida! Merih e Tilo também perderam os pais, assim como você! Neste ponto, vocês estão em pé de igualdade!

- Está dizendo que não devo viver a minha dor? Por acaso você não viveu a sua? Não sentiu raiva do próprio filho? Não o acusou de ter...

- Ei mocinha... Tenha calma... Eu tenho as minhas dores... Você tem as suas... Não estou dizendo que não deve viver a sua dor... Estou dizendo que é necessário compreender e aceitar o destino que teus pais tiveram, assim como eu aceitei o destino dos meus. Quando isto acontece, a dor abranda. Tal- vez a saudade nunca passe, mas a revolta, desaparece!

- Não é tão simples assim...

- Eu sei que não é simples! Por ora, apenas aceite o destino deles. Se por enquanto não for possível, ao menos tente... todos os dias um pouquinho... até conseguir!

- Se importa de irmos para casa? Estou cansada... e com fome!

- Sim! Eu também!

A jovem e seu protetor haviam dado um grande passo em relação à cura mútua. Apesar de suas tragédias pessoais, o destino certamente reservaria algo especial para eles, como, aliás, reserva para todas as pessoas que, mesmo diante das pio- res adversidades, são capazes de perseverar.

As dores e feridas da alma são as mais intensas e difíceis de se curar. Requerem tempo, amadurecimento e coragem para fazer as escolhas certas, mesmo em meio às grandes tempestades. Em geral, as pessoas perdem-se pelo caminho, pois se deixam tomar pelo sentimento de revolta... Frustram-se com a vida, passam a crer na injustiça, na maldade e, não raro, ao olhar para a felicidade alheia, desejam destruí-la; não que sintam inveja, mas porque nesta hora, são obrigadas a olhar para dentro de si, consequentemente entrando em contato com suas próprias frustrações!

CAPÍTULO QUATORZE

Na Ravina

Havia dois dias, Loo-Ni-Fehr, seu fiel escudeiro Baku e meia dúzia de capangas, percorriam a trilha que levaria ao platô. Merih os acompanhava mais ao longe, contrariado, não querendo participar daquela pequena caravana, pois sabia as intenções do infame.

- Vamos dormir na ravina! - disse Loo-Ni-Fehr, olhando para todos os homens. - Preciso ter uma conversa com você! - apontou para Merih.

O irmão de Yan-Mei estava tomado pelo medo, pois começara a perceber que o infame era capaz de ir bem mais longe do que supunha. Terei subestimado Loo-Ni-Fehr? - pensava.

- O que mais quer de mim? - disse Merih.

- Posso sentir o seu medo! Oh, sujeito covarde! - gritou Loo-Ni-Fehr em tom de deboche, provocando riso entre seus capangas. E vocês, seus idiotas! O que estão esperando? Mexam-se! Quero este acampamento montado antes do anoitecer! Anda, Baku! Faça estes palermas trabalharem!

- Sim senhor, patrão! - respondeu o escudeiro para em seguida ordenar aos homens. - Vocês ouviram... Mexam-se!

- Você também, Baku! Sou eu quem dá as ordens por aqui!

- Sim senhor...

- Agora vão! Deixem-me a sós com o traidor!

Assim que ouviu Loo-Ni-Fehr chama-lo de traidor, Merih sentiu-se gélido, e, na medida em que o infame se aproximava, o medo só fazia aumentar.

- Deixe-me dizer algo a você! Ficaremos nesta ravina por dois dias! Tenho coisas a fazer por aqui! Vou te dar uma última chance. Vá até o platô e convença Yan-Mei a retornar em tua companhia. Traga-a junto e os deixo ir para casa! E não diga que estamos aqui! Quero fazer uma visita surpresa ao velho Kahuna!

- Receio que ela não queira voltar comigo! - tomado pelo medo, respondeu de um modo que sua voz quase não saiu.

- Não me interessa como fará ou o que dirá para ela!

- E... e se eu retornar sem ela, o que irá acontecer?

Loo-Ni-Fehr soltou uma gargalhada que ecoou pelo vale. Merih agora estava apavorado.

- Me diga, seu covarde... O que vale mais: tua vida ou a vida de teus filhos?

- Deixe minha família fora disto, seu... Merih não conseguiu terminar de falar... sentiu sua garganta apertar de forma tão violenta que se prostrou no chão, de joelhos, babando e fazendo enorme esforço para respirar. Seus olhos estavam arregalados de tanto medo, visto que Loo-Ni-Fehr não o tinha tocado um único dedo sequer.

- Você bem sabe que sou um homem de palavra! Volte com tua irmã e os deixarei em paz! Se, no entanto, voltar só, terá que escolher... Já sabe!

- Mas isto não é justo! - protestou Merih, assim que conseguiu respirar.

- Não se trata de justiça! Está prometido! Agora vá! Seja homem! Enfrente os próprios medos! Resolva os próprios problemas!

Humilhado, Merih se pôs a andar pela trilha montanha acima. Nem olhou para trás. Estava arrasado, com medo, sem saber o que aconteceria consigo ou com sua família. Sua única esperança estava nas mãos de Yan-Mei.

Ao longe, Baku observava a situação e, dentro de suas parcas compreensões, tentava entender o que se passava. Com ouvidos de quem é acostumado a escutar pelos cantos, conseguira ouvir todo o diálogo. Não era novidade que seu patrão agisse com truculência, porém, havia algo atípico naquela situação. Quando Loo-Ni-Fehr quer matar alguém, não envia recados, não faz promessas... simplesmente faz! Por qual razão resolveu ameaçar Merih? – pensava o capanga, tentando concatenar os pensamentos.

Assim que Merih desapareceu trilha acima, o infame voltou-se para o penhasco, passando a olhar linda paisagem. Em seguida, esticou os braços para o alto entrepondo as palmas das mãos. Baku ficou atiçado. Sua curiosidade era tamanha que não se conteve em ir especular o patrão. Seus pesados passos denunciavam-lhe o desengonço. Certamente não

seria de nenhuma utilidade a Loo-Ni-Fehr caso resolvesse fazer tocaia: Baku entregaria a todos com sua barulhada!

- O que houve patrão! Merih foi embora? - perguntou, fazendo-se de desentendido.

- Você o viu descer pela trilha, não foi? - disse Loo-Ni-Fehr em tom debochado.

- Não patrão! Ele subiu... O senhor não o viu sub... - Trilha acima, aonde vai dar?

- Na casa de Zym-Hur, patrão!

- E para onde estamos indo?

- Em direção à casa de Zym-Hur, patrão!

- E por qual razão você me pergunta se o verme foi em- bora? Acaso eu tenho cara de imbecil?

- Na... não, patrão! Eu não quis dizer is...

- Eu sempre vejo tudo, Baku! Tudo! Quer um exemplo? Quando, por alguma razão eu preciso me ausentar, meu "fiel escudeiro", tomado pela curiosidade, vai até os meus aposentos bisbilhotar... Aliás, já tentou, por diversas vezes, ver o que há dentro de meu baú. Não é verdade? - disse encarando Baku, que estremeceu imediatamente.

- Co... como o senhor sabe disto? Alguém contou? Eu não fiz por mal... Me perdoe... Sou curioso... muito curioso... – desta vez foi Baku quem se prostrou de joelhos, tentando fazer- se de vítima.

- Nenhum de meus homens tem coragem de me contar o que se passa em minhas costas! Vocês são todos iguais! E por favor, levante-se! Eu não suporto gente fraca! Elas traem na primeira oportunidade!

- Mas eu sou fiel ao senhor...

- Veremos se é... Agora levante-se e junte-se aos homens! Passarei instruções a todos logo mais!

Palermas! O que seria de mim caso realmente precisasse deles? Certamente estaria em apuros!

Assim que o capanga se afastou, Loo-Ni-Fehr voltou novamente sua atenção para o vale. Ele permaneceria ali por várias horas. Da ravina, os capangas observavam com grande estranheza: tinham a impressão de que seu patrão estava a conversar em voz alta, sozinho. Melhor não o incomodar desta vez! - disse Baku, cochichando para si mesmo.

Ao cair da noite, com o acampamento já organizado, fogo de chão aceso, Loo-Ni-Fehr juntou-se a seus capangas que, sem a menor cerimônia, olharam-se uns para os outros para, em seguida, todos olharem para Baku. O infame assistia a cena, calado, analisando as reações de cada um dos homens. Percebendo a atitude de seu patrão, Baku tratou de disfarçar, perguntando-lhe:

- O patrão está com fome? Cansado?

- Traga-me comida... - ao ordenar, o infame permaneceu em silêncio, deixando Baku desconfiado, postado em sua frente, inerte. Não me ouviu? - mais que rapidamente, o desengonçado homem foi fazer aquilo que seu patrão havia pedido, e ao trazer a comida, recebeu como agradecimento um olhar frio e penetrante.

A noite estava calma e, excetuando os sons emitidos pelos seres de vida noturna, podia-se dizer que tudo estava tranquilo. Na ravina, entretanto, um clima tenso havia se instalado, especialmente porque Loo-Ni-Fehr, desde que ali chegaram, mantivera-se em silêncio quase que o tempo todo, algo que, além de intrigar os homens, os deixava mais ansiosos que o normal. Em seu lugar, Baku mal podia se conter e, prestes a explodir, terminou por quebrar o silêncio.

- O patrão anda tão quieto... Isso nos angustia a todos! Aguardamos pelas instruções que o pat... - ao tomar para si a atenção de seu patrão, Baku calou-se imediatamente, percebendo que, mais uma vez, agia de maneira inconveniente. Por sua vez, Loo-Ni-Fehr olhou demoradamente para cada um dos homens procurando extrair-lhes o pouco da coragem que lhes restava.

- Olhem para vocês... - disse, cheio de desprezo por aqueles homens. – Tenho me perguntado todos os dias sobre como é possível para alguém, viver com medo, pois enxergo isso em seus olhares! - todos se entreolharam, desconfiados. - Alguns de vocês têm grande estatura, corpulência, são homens fortes e ágeis, porém vencidos pelo medo... Medo de quê? Já pensaram sobre isto?

- Temos medo do que vemos, senhor. - disse um deles.

- E o que vocês veem que tanto os assusta?

- É que o patrão faz coisas esquisitas. - disse outro.

- Não somos capazes de entender o que acontece... O patrão é sempre muito quieto, misterioso. As pessoas do vilarejo, de um modo geral, o

temem. Além do mais, parece que o patrão é capaz e ler nossos pensamentos de modo que, o tempo todo, aonde quer que vamos, sua presença costuma ser muito forte, como que estivesse a nos vigiar. - disse Baku enquanto os demais homens cochichavam entre si, falando sobre o modo estranho como Loo-Ni-Fehr costumava se comportar.

- Eu bem sei de tudo isso... Fiz, faço e farei coisas que as ditas "pessoas de bem" certamente não fariam. Minhas ações são típicas de um transgressor. Um dia vocês haverão de compreender as razões de tudo isso. - Loo-Ni-Fehr olhou, em seguida, para cada um de seus homens que, confusos, olharam uns para os outros.

- Mas não é só isso, patrão... já disse... aquelas coisas esquisitas, o que são?

- Coisas esquisitas acontecem o tempo todo! Basta estar sempre atento! Caso esteja no lugar e momento certos, então será capaz de ver coisas ainda mais esquisitas! Para os tolos, existe o acaso. Para os despertos, a sincronicidade...

— E o que é a sincronicidade, patrão?

- A sincronicidade ocorre quando várias forças, distintas entre si, tornam-se uma só. Então, num piscar de olhos, coisas inacreditáveis acontecem! Os tolos apenas a observam sem entender. Os despertos, estes percebem de imediato que se trata de algo especial! Mais ainda! Toda e qualquer criatura desperta será capaz de provocar a sincronicidade! Aliás, ela é a verdadeira razão de estarmos aqui, neste exato momento!

Os homens se olharam novamente! Tinham a impressão que Loo-Ni-Fehr havia enlouquecido. Baku, percebendo a perplexidade dos demais, tentou contemporizar a situação.

- Não sabemos o que quer dizer, patrão... Aliás, nos parece que o senhor é de outro mundo!

- Você está certo, Baku! Eu sou de outro mundo! Todos somos! Você e cada um dos rapazes... - disse Loo-Ni-Fehr após ter soltado uma longa e alta gargalhada.

- Como assim?

- Um dia vocês entenderão! Um dia!

- Espero que sim... - disse Baku, que continuava sem compreender.

Os homens estranharam a postura do patrão, pois desconheciam sua capacidade de ser paciente e, ainda que fossem incapazes de compreender suas palavras, até então jamais haviam compartilhado um momento como aquele. Durante boa parte da noite, Loo-Ni-Fehr exporia seu plano, orientando os homens sobre como deveriam agir tão logo chegassem ao platô.

CAPÍTULO QUINZE

A Visita de Merih

O Sol ainda não havia surgido quando Zym-Hur acordou. Notando que a jovem dormia profundamente, desta vez resolveu ir sozinho ao Portal. Acordara diferente. Seu coração estava palpitante e a psicosfera do local estava agitada. No fundo, o Kahuna sabia estar próximo o dia em que a profecia deveria se cumprir. Ao menos, sentia isto com uma intensidade bem maior que o normal. Tanto que passara a observar, de maneira mais criteriosa, todas as reações do Vulcão Sagrado. Além disto, tornou-se mais atento em relação ao campo de proteção, atitude que o fez perceber a existência de uma ação externa, atentando contra a segurança daquele local. Antes de sua meditação, resolveu caminhar pelo platô a fim e exercitar suas percepções e, ao mesmo tempo, checar e reforçar todos os pontos vibracionais do campo de proteção.

Por Gaia! Por que Ho-Mir veio ao meu pensamento neste exato momento? Sim! Ho-Mir! Onde estará aquele tão leal servidor que acompanhou meu clã durante quase toda a sua existência? Por qual razão deixara de nos atender após o desaparecimento de meu bisavô? Devo ir ao Portal... preciso de algumas respostas.

Após elevar suas orações à deusa Pele, Zym-Hur deu início ao exercício de conexão com a psicosfera da ilha. Tratava- se de um antigo artifício muito utilizado em tempos remotos, que permitia aos Kahunas se comunicarem uns com os outros, enviando e recebendo informações ou notícias via ondas mentais através da telepatia. No entanto, seu objetivo agora era mais específico: Precisava saber se havia emissões de ondas mentais combinadas, ou seja, quando várias pessoas ajustam seus pensamentos num mesmo objeto. Em último caso, desejava saber se havia algo na psicosfera relacionado ao platô!

Ao despertar, Yan-Mei notou que a casa estava vazia, de modo que bastou dar uma simples conferida para saber que seu protetor já havia saído para sua rotina de orações. Entendera que ele queria, ao menos por algum tempo, ficar só. Aproveitando o momento, saiu a caminhar pelo

quintal, assim poderia respirar um pouco do ar puro da manhã ao passo que também faria suas reflexões.

Faz tão pouco tempo que estou aqui e, no entanto, aprendi muito, provavelmente muito mais que durante toda a minha vida... É claro que meus pais foram amorosos, devo reconhecer, mas por outro lado, havia muitas dificuldades ao nosso redor, problemas criados por Merih e Tilo... Nossas conversas geralmente causavam pouco ou nenhuma reflexão... É verdade que aprendi a ser diligente e organizada, além de alguns valores morais sólidos transmitidos por meus pais... Porém, somente agora consigo entender a razão de viver sempre insatisfeita, repleta de perguntas em minha mente, desejosa de sair e conhecer outros lugares, pessoas, aprender coisas novas, descobrir outras formas de viver... Preciso agradecer a Zym-Hur... Ele compartilhou conhecimentos de imenso valor... O ar puro faz bem... a natureza tem um cheiro maravilhoso, vívido... posso sentir o ar entrando em meu corpo... posso sentir a vida que há em mim... meus pés sentem a textura da grama, do chão, alguma pedra... a brisa mansa acaricia meu rosto, esvoaça meus cabelos... sinto-me integrada, corpo e alma, com a natureza... minha mente não vive em conflito... não mais! Sinto-me em harmonia... gosto daqui... Há diferença, claro, entre estar com pessoas de difícil convivência, que adoram criar confusões, daquelas que sempre têm algo de bom a compartilhar. É isto! Zym-Hur sempre oferece o bom diálogo, mesmo quando é necessário falar coisas duras... e isto resulta em ótimas reflexões... Ele não impõe seu ponto de vista, mas ao contrário, vive me instigando a ir sempre um pouco mais além, fazendo-me descobrir potenciais que jamais imaginava existir.

A jovem estava tão compenetrada em suas reflexões que nem percebera o tempo passar. Alguns passos atrás, alguém The observava com grande satisfação.

Olhe para aquela flor... veja o quão linda ela é! Vá além... sinta o perfume que ela exala... suas forma e textura tão delica- das... perceba que ela não é só beleza aparente... há muito mais que isso... procure olhar através dela... há um ser ali habitando... uma forma de vida ainda desconhecida por você... apenas uma dentre várias outras que habitam este lugar... aproxime-se... chegue bem mais perto... consegue perceber a existência de outros seres ali presentes? Aqueles tão minúsculos e erroneamente tidos como criaturas de pouca ou nenhuma importância...

eles estão em Gaia há muito tempo... comunicam-se uns com os outros através de uma linguagem desconhecida pelos homens... pensam... sentem... agem de maneira organizada... Os homens julgam que não, mas todos os seres são importantes! Há uma poderosa troca de energias ocorrendo o tempo inteiro... Os humanos são, também, como aquela flor... um ser habita seus corpos... um ser imortal que transcende o tempo... e onde quer que estejam, como a flor, os humanos também exalam perfume...

- Obrigada pela belíssima lição! - disse a jovem ao concluir sua reflexão, e, virando-se rapidamente, notou que não havia ninguém por ali! - Como assim? Eu senti a presença de alguém e ouvi esta pessoa falar! Não era Zym-Hur? Devo estar ficando louca! - rindo de si própria e feliz pela experiência que acabara de ter, tratou de ir ao encontro de seu protetor.

No Portal, ao encerrar o exercício, Zym-Hur abriu os olhos e contemplou a paisagem ao seu redor. Suas feições mostravam alguém exultante, em plena harmonia consigo próprio e com o mundo que lhe cercava. Mais que isso! Embora não admitisse, seu coração estava pleno de felicidade pela presença de Yan-Mei. Ao fim da contemplação, o Kahuna levantou fazendo uma última saudação à deusa Pele no exato momento em que a jovem se aproximava.

- Não quis a minha companhia? Por que resolveu vir só? - indagou a jovem, porém num tom mais suave do que o habitual.

- Você dormia tão bem... pela fisionomia, devia estar sonhando com os deuses. Preferi deixar que continuasse...

- Você agora anda me observando enquanto durmo?

- Não! Não é isso! Foi muito rapidamente...

- Eu sei... E se quer saber, não importa que me observe!

Ambos se entreolharam de maneira diferente, de uma forma bela, repleta de afeto e bem querer. Bastou aquele instante para a jovem descobrir que havia, dentro de si, um amor puro, tão puro quanto intenso.

- E o que andou fazendo enquanto estive aqui no Portal? - perguntou o Kahuna, enquanto propositadamente dissipava a atmosfera que se criara entre os dois.

- Passeei pelo quintal. Fiz minhas reflexões. Descobri como é bom viver neste lugar... Ah! Enquanto contemplava uma flor, tive a ligeira impressão de que alguém falava... alguém com sua voz...

- Então você conseguiu ouvir... - disse Zym-Hur, admirado com a rápida evolução da jovem. - Não foi a minha voz... Você ouviu Ghob!

- E quem é este... Ghob?

- Ele é um amigo, um irmão, excelente conselheiro.... alguém que sempre vem aqui trazendo importantes avisos e grandes ensinamentos sobre como devemos cuidar uns dos outros, e isso vale para todos os seres que habitam Gaia.

- Onde ele está neste momento? Estou surpresa por não o ter visto!

- Ele está bem aqui junto de nós!

- Como, se não o vejo!

- Nossos olhos físicos são limitados. Eles enxergam uma pequena parte do que acontece em Gaia. A vida não se manifesta apenas no plano da existência física. Na verdade, ela ocorre com maior intensidade num lugar onde nossos olhos são incapazes de alcançar! Por esta razão, fomos dotados de outros recursos que nos permitem estar em vários mundos ao mesmo tempo. Ghob habita num destes mundos e, usando os recursos adequados, poderemos facilmente nos comunicar com ele!

- Mas como ele conseguiu se manifestar a ponto de me fazer ouvir sua voz?

- Ele conhece profundamente os mistérios de Gaia. É capaz de fazer coisas maravilhosas! Olhe ao seu redor nova- mente! Tudo o que seus olhos veem... não é linda a paisagem?

- Sim! Não me canso de olhar... nos últimos tempos, tenho aprendido muito mais sobre a beleza, os detalhes... sobre a multiplicidade da vida em Gaia. Ghob me ensinou sobre isto há pouco...

- Ghob é um dos construtores de tudo o que você está vendo. Sempre que estiver contemplando a natureza, atente para os ensinamentos daquele bom amigo...

- É possível falar com ele?

- Se você foi capaz de ouvi-lo, então será capaz de se comunicar com ele sempre que desejar. Mas atenção! A forma como esta comunicação deve ocorrer, difere-se em muito da maneira como acontece entre mim e você. Primeiro, mostre respeito e consciência até mesmo pelo pedaço de chão em que pisa. Compreenda que você é parte de tudo o que está aqui, e até mesmo a menor criatura ou a forma mais estranha de vida têm importância para Ghob. Honre tudo aquilo que te cerca bem como o corpo

que Gaia te deu. Honre a vida! Ao agir desta forma, chegará o dia em que Ghob passará a atender teu chamado.

Qualquer criatura pode interagir com a natureza evocando suas forças. Há duas formas de fazer isto: Honrar todos os seres que habitam Gaia ou atentar contra seu equilíbrio. No primeiro caso, usufrui-se de seu maravilhoso potencial. No segundo, experimenta-se o poder de sua fúria!

- Você ouviu? Sim! disseram os dois ao mesmo tempo, estupefatos.

- Minha querida... Ghob acabou de transmitir mais um ensinamento e você foi capaz de ouvi-lo! Ao que tudo indica, você possui dons especiais e sua vinda ao platô não parece ter sido ao acaso...

- E o que isso quer dizer? - perguntou a jovem.

Como de hábito, o Kahuna coçou o cenho, pensou por alguns instantes e depois disse:

- Mesmo por trás de uma aparente desgraça, a sabedoria da vida pode estar agindo com o intuito de nos levar a determinado lugar. Às vezes é necessário compreendermos certos desígnios. Eles são como um chamado dos deuses... Está falando de meus pais? É isso? Está dizendo que eles morreram para que eu pudesse estar aqui neste momento?

- Bem... é mais ou menos isso que estou querendo dizer. Pois o que acabei de presenciar é algo inédito! Quero dizer... Ghob veio até você... Nunca tive notícias de algo semelhante... Veja... nós, os Sacerdotes Kahunas, aprendemos sobre como evocar os Reis Elementais que, com o tempo, tendem a nos responder. Se estabelecemos uma relação de lealdade, eles jamais deixam de atender ao nosso chamado... o que aconteceu aqui foi mais ou menos o inverso... ou seja, Ghob veio até você.... - disse Zym-Hur, intrigado com a situação.

- Se você está deste jeito, sem entender direito, imagine eu que nada sei sobre a vida... - divagou a jovem.

- Tempos estranhos... tempos estranhos! - concluiu o Kahuna com a plena certeza de que deveria preparar-se para um acontecimento iminente. Sabia, entretanto, que era necessário ampliar o nível de proteção do platô, bem como orientar Yan-Mei de uma forma que ela própria fosse capaz de cuidar-se caso acontecesse algo com ele. Tinha consciência de suas proteções e sabia, como poucos, lidar com as adversidades da vida, tanto que conseguiu, ao longo do tempo, manter a qualidade dos conhecimentos transmitidos por seus ancestrais, além de aprimorar suas

habilidades relacionadas à subsistência. Mesmo em tempos difíceis, seria capaz de viver só. No entanto, uma vez que a jovem ficasse sozinha, estaria exposta a todo tipo de perigo.

Ambos estavam conversando, satisfeitos com a experiência de terem ouvido Ghob quando, lá ao fundo, alguém surgiu gritando.

- Yan-Mei... Yan-Mei... minha irmã... - era Merih a chamar.

A jovem, ao reconhece-lo, imediatamente mudou o semblante: Estava aterrorizada!

- O que ele quer comigo? - perguntou-se em voz alta.

- Logo saberemos. Tenha calma. - disse Zym-Hur abraçando apertadamente sua protegida. – Vamos lá saber o que se passa, mas lembre-se, não ultrapassaremos os limites do campo de proteção!

Merih observava, parado mais ou menos no mesmo lugar onde estivera da última vez, sua irmã e o velho Kahuna virem ao seu encontro. Estava cansado, faminto e muito as- sustado. Sabia que estaria perdido caso não conseguisse levar Yan-Mei consigo. Tentaria encontrar algum meio de convence-la. À meia distância, ambos pararam adotando uma postura de resguardo. Merih logo percebeu que, de algum modo, não era bem-vindo ali. Isso, no entanto, não seria o suficiente para fazê-lo desistir.

- Aproxime-se minha irmã, tenho algo a dizer!

A jovem deu um profundo suspiro e, chorando, tentou ir ao encontro do irmão, sendo, porém, contida por Zym-Hur, que a puxou de volta.

- Deixe-me ir até ele! - insistiu a jovem.

- Não está vendo que ele parou no mesmo lugar? De- vemos respeitar o campo de proteção, do contrário, ficaremos vulneráveis. Se quer saber, a percepção que tenho é de que ele não veio só...

- Como assim? Ele está ali, sozinho. Quem mais poderia ter vindo, se não vejo ninguém?

— Lembra do que te havia dito, sobre manter-se em equilíbrio a fim de ficar invisível?

- Sim, lembro! Mas o que isso tem a ver...

- Merih não está só! Junto dele há uma horda de Espíritos Subconscientes! Alguém os mandou aqui! Por favor, recomponha-se!

Busque o equilíbrio agora mesmo! Precisa se ajudar e me ajudar... Não precisamos de problemas por aqui! Logo saberemos o que seu irmão quer.

Enquanto respirava fundo, Yan-Mei sintonizou-se com as forças da natureza buscando se fortalecer. Milhões de coisas vieram à sua mente, desde a lembrança dos sobrinhos, seus pais e a grande saudade que lhe apertava o coração. Mesmo sentindo raiva do irmão, graças aos ensinamentos de seu protetor, aquilo já não lhe incomodava tanto.

- Estou pronta! O que faremos agora?

- Chame-o. Peça para que se aproxime!

- Venha até nós, meu irmão. Não somos inimigos.

No fundo, Merih tinha medo do velho Kahuna. Sabia que, muito provavelmente, sua irmã havia contado a Zym-Hur sobre o que acontecera a respeito de Loo-Ni-Fehr. Seu desespero, contudo, era maior. Preferiria enfrentar Zym-Hur e correr o risco de lograr êxito a ter que voltar de mãos vazias e encarar a ira do infame.

- Está bem! Eu vou! - disse Merih em tom vacilante.

Enquanto segurava a mão da jovem, Zym-Hur falou em tom mais baixo:

- Observe as reações de Merih na medida em que se aproxima do campo de proteção. Logo saberemos se o coração de seu irmão está cheio de culpa ou se de alguma forma ele é inocente.

Ao chegar nos limites do campo de proteção, Merih levou uma descarga de energia tão forte que o lançou alguns passos atrás. Atordoado e sem entender o que lhe acontecera, retomou a caminhada resoluto, pois queria resolver aquela situação a todo custo. Novamente uma descarga de energia que desta vez lhe derrubou. Assustado, mirava para ambos com os olhos arregalados. Sua irmã, estupefata, observava a cena sem poder acreditar no que estava acontecendo, e Zym-Hur, por sua vez certificara-se que o campo de proteção estava em plenas condições de funcionamento.

- Diga-nos Merih, que culpa carrega em teu coração? - disse Zym-Hur olhando firmemente para o irmão de Yan-Mei.

- Não tenho culpa! Vim conversar com minha irmã! Preciso leva-la comigo!

- Não vou a lugar algum, meu irmão! Sinto-me tranquila e protegida por aqui! Se veio buscar-me, lamento, mas sua viagem será perdida! –

disse a jovem, com a alma corroída pela dor ao ter que tratar o irmão como alguém estranho.

- Loo-Ni-Fehr prometeu matar todo resto de nossa família caso retorne sozinho... Meus filhos... irmã... temo por eles... são crianças ainda.

As palavras de Merih soaram como uma facada no coração da jovem, que chorava compulsivamente. Zym-Hur trouxe-a para perto de si, num abraço apertado, procurando dar-lhe forças para suportar a difícil situação.

- Não me casarei com ele, Merih! Não posso pagar o preço de qualquer acordo feito entre vocês! Quanto aos meus familiares, sempre fui muito dedicada a todos... Jamais os usa- ria como garantia para algum negócio tal como você fez! - dizia a jovem, ainda em prantos. - Você não tinha o direito de nos causar tanta dor! Nem mesmo diante da declaração de Loo-Ni-Fehr, sobre vocês terem um acordo, ainda assim você é incapaz de assumir a verdade! E agora vem aqui me dizer que devo voltar para assumir a desgraça criada por você? Que responsabilidades tenho eu em relação às tuas escolhas?

Merih continuava mudo e cabisbaixo. Nada que lhe dissessem naquele momento, daria resultado. Sua ganância havia chegado ao extremo ao passo que o medo de enfrentar as consequências também alcançara seu limite. Nenhum argumento contrário teria efeito em sua mente. Nem mesmo o amor da irmã e a memória de seus familiares mortos seriam capazes de chamarem-no à consciência dos fatos. Desde que Merih não precisasse pagar o preço de suas escolhas erradas, tudo estaria bem.

- Loo-Ni-Fehr não está interessado em você! Ele me prometeu que, caso voltasse comigo, seríamos deixados em paz... iríamos embora!

- Mentira! Você sempre insistiu com este assunto... sempre tentou me empurrar para aquele maldito assassino! Por que não aproveita este momento para me contar a verdade?

- Estou falando a verdade... Minha irmã... ele nunca desejou casar-se contigo...

- Conte-me toda a verdade, Merih! Se ele não queria a mim, então qual foi o motivo de ter feito tudo o que fez? Por que ele matou nossos pais? Que acordo vocês fizeram? - disse a jovem, atônita.

Merih praticamente jogou-se ao chão e, pondo as mãos na cabeça, passou a chorar compulsivamente. Seu grito chegava a ecoar por todo o

platô. A jovem assistia o pranto do irmão sem nada poder fazer. Apesar disto, estava penalizada com as dores de Merih e, por conseguinte de sua família.

- Por que não vai buscar comida e água para seu irmão? Deixe-me a sós com ele por alguns instantes. - disse o Kahuna.

- Está bem. - concordou a jovem.

Zym-Hur manteve-se em silêncio por alguns instantes, procurando captar a atmosfera que cercava Merih. Ao mesmo tempo, analisou a integridade do campo de proteção a fim não se expor às forças ocultas que acompanhavam o irmão de Yan-Mei. Era evidente que algo estranho acontecia naquele momento, porém, tinha a mais clara certeza de que Merih não possuía consciência alguma sobre aquilo.

- Olhe para mim, meu jovem. Tenho algo importante a lhe dizer. - disse o Kahuna dando mais alguns passos à frente, porém sem ultrapassar os limites do campo de proteção. Merih continuava cabisbaixo, inconsolável e momentaneamente in- capaz de ouvir qualquer coisa que não fosse uma resposta positiva de Yan-Mei. O que tenho a dizer não irá mudar os fatos nem mesmo as consequências, mas servirá para que você pense com cautela sobre tudo aquilo que vier a desejar daqui para a frente! Sempre que desejamos algo, forças pode- rosas imediatamente se movem para que, ao nosso comando, cristalizem com exatidão tudo aquilo que representar objeto de nosso desejo. Estou certo de que parte daquilo que você diz, é verdade. Porém, também sinto que tuas ambições não somente não te levaram a alcançar aquilo que tanto desejava, como também, arrastaram para a desgraça pessoas que te amavam. Além disto, sem medir as consequências, você se aliou a certas pessoas, desconhecendo completamente as intenções delas. Há algo mais sério ainda: Estas pessoas, provavelmente estão vinculadas à seres do mundo invisível e são capazes de fazer qualquer coisa para alcançar seus objetivos. Neste ponto, você participou do acionamento de algo cujas consequências somos incapazes de calcular. Se teus pais morreram inocentemente, não haverá nada que possa ser feito em relação a teus descendentes! Em algum momento, eles também arcarão com as consequências disto! Talvez não seja de teu conhecimento, mas a Sabedoria da Vida exigirá a reparação de teus atos!

Ao ouvir as ponderações do Kahuna, Merih passou a olha-lo firmemente. Suas feições expressavam medo, culpa remorso... Agora estava tomando consciência sobre o quão longe havia ido, movido por suas ambições desmedidas.

- Por que meus filhos arcarão com minhas escolhas? Eu não entendo o que isto quer dizer!

- Porque são tua família... uma extensão de ti... estão conectados através da mesma força criadora! Qualquer decisão por você tomada, refletirá neles. Quem pensa sobre o Bem, chega a um resultado... quem pensa e deseja, chega a outro resultado, mais abrangente. O mesmo acontece as forças opostas... Se você pensar o mal a outrem... imagine pensar e desejar o mal... Às vezes, quando nos aborrecemos com as pessoas, é natural pensarmos coisas ruins em relação a elas. Em geral, este comportamento é até compreensível e, na maioria dos casos, inofensivo. Contudo, quando movemos uma ação de modo a prejudica-las, inferimos num mal maior. O ato de agir consiste numa poderosa e rápida ferramenta que possibilita a materialização de nossos desejos. Porém, no mais das vezes, somos incapazes de medir suas consequências. Teus desejos foram desmedidos... Há alguma dúvida de que as consequências serão desastrosas?

Merih novamente baixou a cabeça. O Kahuna continuou:

- Haverá uma chance para os teus, desde que você assuma o peso da verdade tomando-o para si, ao menos aquilo que te diz respeito. Não permita que teus filhos se envergonhem ou paguem o preço de uma dívida por você contraída! O mesmo eu digo em relação à tua irmã! Não é justo que ela enfrente a verdade em teu lugar! Não basta ela ter sido privada da companhia dos pais a quem tanto amava?

- Eu sei! Eram meus pais também... - disse Merih, num breve ato de revolta.

- Qualquer justificativa seria algo inócuo! Por vezes tentamos distorcer a realidade das coisas, procurando dar a nossa versão para os fatos. A questão é que, diante a Sabedoria da Vida, as opiniões dos homens necessitam ser adaptadas! Há coisas que são imutáveis e, portanto, nos cabe segui-las! Por isso a importância de nos deixarmos ser guiados pelo Espírito Superior que há em cada um de nós. Ele nos ajudará a escolher

sempre os caminhos mais acertados bem como tomar as melhores decisões para nossas vidas.

- Agora já está feito...

- Sim! Está feito e haverá consequências futuras. Contudo, você poderá ajudar a amenizá-las!

- Como fazer para amenizar as consequências?

- Tua irmã está voltando. Sugiro que converse com ela de forma honesta, usando de uma sinceridade que você jamais usou. Não permita que ela e teus familiares sofram as consequências de teus atos!

Ao chegar trazendo alimentos e água, a jovem olhou para seu protetor que, com um discreto movimento, assentiu que ela fosse até o irmão. Isto compreenderia permitir que ela ultrapassasse os limites do campo de proteção e, assim que o fez, sentiu forte fisgada na região da nuca. Em seguida, uma rajada de vento uivou pelo platô. Merih foi incapaz de perceber o que se passava. No entanto, Yan-Mei e o Kahuna, que já haviam conversado a respeito, se entreolharam concordando que de fato Merih não estava só. Enquanto o irmão se alimentava, a jovem retornou para a segurança, colocando-se novamente ao lado de Zym-Hur.

- Este é o momento de Merih! - disse o Kahuna para Yan-Mei. - Posso deixá-los à sós se preferir. Vocês têm muito a conversar!

- Por favor, fique! Não há nada que você não possa ouvir! - respondeu a jovem.

- Minha irmã... - disse Merih. - é difícil para mim admitir que fui traído por minha própria ganância. Sinto vergonha, arrependimento, medo do que irá acontecer... Mas antes de voltar, quero que saiba a verdade. Quanto às consequências, estou convencido de que caberá a mim, e a mais ninguém, as- sumir e sofrer as consequências de meus próprios atos.

- Te antecipo de que esta é a sua última oportunidade, Merih, de agir com a verdade! Depois disto, quero que vá em- bora e nunca mais volte aqui! Aquela irmã que você tinha, não existe mais! Ela morreu junto com os pais! - disse a jovem, em tom revoltoso, ao mesmo tempo que chorava.

- Você sabe... nosso pai trabalhou para Loo-Ni-Fehr na pesca. Em algum momento eles conversaram sobre Zym-Hur. - disse Merih.

- Sobre mim? E o que exatamente eles conversaram? perguntou o Kahuna, surpreso com o rumo que a conversa estava tomando.

- Sim. Nosso pai havia comentado sobre como Yan-Mei fora curada e isso acabou por despertar a atenção de Loo-Ni-Fehr. Certa vez, fomos eu e a mãe ao encontro de nosso pai. Ele estava por chegar da pesca e nesta ocasião, Loo-Ni-Fehr também estava lá, aguardando a chegada dos pescadores. Foi um momento bastante angustiante, pois ele fez várias perguntas a ponto de deixar nossa mãe nervosa e preocupada. Em casa, eles conversaram sobre as razões de Loo-Ni-Fehr possuir grande interesse por Zym-Hur. Eu não era capaz de entender exata- mente o que ele queria, mas achei que poderia tirar algum proveito daquela situação já que ele é um homem de muitas posses. Então, certo dia, fui ao encontro dele dizendo-lhe que poderia ajudar a respeito de Zym-Hur. Seus olhos cresceram! Então ele me disse que, desde que eu realmente pudesse ajuda-lo, poderia pedir o que quisesse. Eu simplesmente concordei!

- O que te fez ir ao encontro dele a fim de fazer negócios, mesmo sabendo que se trata de um sujeito perigoso? - pergunou Yan-Mei.

- Eu não sei... ganância talvez... queria ficar rico. Julguei que poderia tirar proveito de alguma coisa. E o que ele queria saber a meu respeito? - perguntou o Kahuna.

- Muitas coisas que eu não entendo... Não sei exatamente! Ele fazia perguntas complicadas...

- Quais perguntas, Merih! Por qual razão ainda insiste em não dizer toda a verdade? - questionou a jovem, perdendo a paciência com o irmão.

- Eu não sei, minha irmã... Ele queria saber se algum de nós já tinha vindo aqui. Também quis saber com qual frequência Zym-Hur nos visitava e quanto tempo costumava ficar.

- E o que você disse a ele? - perguntou a jovem.

- Disse que Zym-Hur era um grande amigo da família e que nos visitava frequentemente. Então ele me pediu que, caso ocorresse uma nova visita, eu fosse até sua casa avisá-lo. Ah! Eu também disse a ele que tinha vindo aqui várias vezes...

- Estou desapontada contigo, meu irmão. Jamais pensei que pudesse ser tão mentiroso! - disse Yan-Mei, inconformada com postura de Merih.

- Minha irmã, a ganância me deixou cego! Num primeiro momento ele acreditou e, quer saber, Loo-Ni-Fehr ficou muitíssimo animado com toda a

situação. Mas aos poucos, vendo que eu era incapaz de responder a seus questionamentos, percebeu que eu estava mentindo.

- Confesso que estou surpreso com o interesse de Loo-Ni-Fehr acerca deste lugar, já que não o conheço e nem sequer o vi uma única vez em toda a minha vida. Ele perguntou sobre algo específico? - questionou o Kahuna.

- Ele me perguntou sobre várias coisas... sobre a existência de um... bem... eu não lembro... alguma coisa, um objeto talvez... Eu nunca tinha vindo aqui... Quando ele percebeu que estava mentindo, ficou furioso comigo e passou a fazer ameaças.

- Agora estou compreendendo aquele teu interesse sobre me acompanhar até o platô... quando Loo-Ni-Fehr fez sua primeira ameaça a nossos pais, eu sugeri a eles que deveria procurar Zym-Hur. Lembra disto? - disse a jovem.

- Claro que lembro! Aquela teria sido a oportunidade perfeita para conhecer este lugar e, com isto, levar a Loo-Ni-Fehr toda e qualquer informação obtida.

- E você saberia dizer a razão dele ter assassinado nossos pais?

- Nunca pude saber. Contudo, há três dias ele veio com novas ameaças e, em meio à conversa, disse-me que nossos pais haviam descoberto algo sobre ele... algo que, caso ele me contasse, também teria que me matar!

- Por Gaia! Quais coisas este homem tem a esconder? - questionou-se Yan-Mei.

- Há outra coisa que preciso dizer... Loo-Ni-Fehr está na ravina com seus capangas! Assim que eu sair daqui, terei de ir ao encontro dele... não sei o que vai acontecer comigo, mas sei que ele virá até aqui!

- Ele virá atrás de mim? - questionou a jovem, que já ia ficando novamente desesperada.

- Não! Ele não quer você! - disse Merih.

- Mas como você pode garantir isso? Eu não confio no infame! - alegou a jovem.

- Preciso te contar mais isso... A ideia de que ele queria casar-se contigo foi algo que propus e, portanto, foi uma farsa. Tratava-se de um plano para fazer você vir até o platô... eu viria contigo e o poria à par do

que havia por aqui. A verdade é que não consegui falar muita coisa exceto que... sinto-me envergonhado em dizer isso...

- Pois diga... Agora você irá concluir! - insistiu Yan-Mei.

- Eu disse a ele que Zym-Hur havia perdido seus poderes, já que o vi queixando-se para a deusa...

- Então foi você... - disse a jovem. - Como pode fazer isso? Estou desapontada e triste com tuas atitudes, meu irmão.

- Eu sei... Fiz tudo errado... Agora não adianta mais... Loo-Ni-Fehr orientou-me que levasse Yan-Mei... após, subiria ao platô com seus capangas. É tudo o que sei!

- Devemos nos preparar! - disse a jovem.

- "Devo" me preparar! - corrigiu Zym-Hur ao tomar para si a responsabilidade dos fatos. - E ainda que ele estivesse vindo atrás de você, é meu dever, como guardião, proteger este lugar e as pessoas que vivem aqui.

- Preciso voltar. Não sei o que acontecerá comigo e com minha família, mas queria que soubessem que estou profundamente arrependido por ter me aliado a Loo-Ni-Fehr. - disse Merih, numa última tentativa de sensibilizar sua irmã.

- Sinto tanto por tudo isso, Merih... Faça algo de bom por sua família... Quanto a mim, ficarei aqui. Este é o meu novo lar de agora em diante! Sentirei falta de todos vocês. - disse a jovem, muito sensibilizada com a situação enquanto Merih permaneceu calado por alguns instantes, olhando ao redor.

- Minha irmã, isto é uma despedida?

- Não se trata de uma despedida! Nossas escolhas determinaram este afastamento. Agora é o momento em que cada qual deverá trilhar o seu próprio caminho para quem sabe um dia nos reencontrarmos!

- Adeus minha irmã!

A jovem não se conteve. Correu ao encontro do irmão para um último abraço de despedida. Chorava compulsivamente. Merih estava atônito. Faltava-lhe o brilho do olhar. Era quase um morto-vivo.

- Tenha juízo, meu irmão! - disse enquanto o abraçava apertadamente. - Minhas percepções são as piores possíveis... Sinto que isso não irá ter um bom final. Cuide-se!

— Me cuidarei! Seja feliz neste lugar! Adeus!

- Adeus!

Assim que Merih desapareceu na trilha, Yan-Mei, chorando, correu para a casa de pedra. Era necessário deixar ir embora toda aquela dor, e o Kahuna, mais do que ninguém, sabia o que aquilo significava. Por esta razão, daria todo o tempo e espaço necessários a fim de que a jovem se recuperasse. Imprescindível, agora, é preparar-me para a visita de Loo-Ni-Fehr! - pensou enquanto caminhava pelo platô, refletindo sobre a melhor maneira de esperar pelo infame e seus capangas.

Yan-Mei já havia se acalmado quando seu protetor apareceu.

- Oh! Vejo seu rosto mais lúcido e tranquilo. - disse Zym-Hur. - Como você está?

- Ainda estou muito abalada. Depois de saber sobre tanta coisa... Na hora pensei que iria morrer. Mas agora está tudo bem! - respondeu a jovem.

- Temos que estar preparados para as decepções! As pessoas são assim... Em algum momento, revelam algo que poderemos não gostar e isto faz parte da natureza delas! Quanto a Merih, realmente acredito que ele foi usado por Loo-Ni-Fehr. É claro que ele tem grande responsabilidade em tudo o que aconteceu...

- Eu bem sei e compreendo... Já aceitei... Apesar de tudo, Merih continuará sendo meu irmão.

- É bom saber que assimila rapidamente as lições da vida... Mas escute, agora temos que nos preparar, pois Loo-Ni-Fehr poderá chegar a qualquer momento!

- E você tem algum plano em mente?

- Não há muito o que ser feito... Você deve ter percebido que Merih, sem saber da existência do campo de proteção, tentou, por duas vezes, avançar...

- Sim. Fiquei impressionada com a força daquilo!

- Pois bem! Eu acho pouco provável que qualquer um deles consiga adentrar os limites daquele campo. No entanto, se isto vier acontecer, você precisa saber que nossa rota de fuga será através de um caminho que leva ao Vale dos Mortos. Lá existe uma passagem secreta que não tive tempo de te mostrar...

- Uma passagem secreta? E onde ela vai dar?

- Em dois lugares... Um destes lugares fica exatamente aqui onde estamos!

- Aqui dentro da casa de pedra?

- Exatamente! Venha comigo... vou mostrar.

Zym-Hur conduziu a jovem até o final do corredor que, por sua vez, dava acesso à uma escada e, por fim a uma espécie de sala subterrânea ampla, repleta de objetos tais como estatuetas, manuscritos e muitos, muitos cristais.

- Estou impressionada... Jamais poderia imaginar que houvesse uma sala com todos estes objetos!

- Achei que já tinha vindo aqui! Afinal de contas, esta sua curiosidade... - disse Zym-Hur, soltando uma grande risada enquanto a jovem olhava ao redor, admirada com todas aquelas relíquias.

- Andei ocupada aprendendo tantas coisas interessantes nos últimos tempos que minha curiosidade passou longe desta sala! Aliás, de onde vem esta luz? Parece que estamos lá fora!

- Há vários dutos contendo cristais em seu interior. Estes cristais estão devidamente posicionados de modo a transferir a luz do Sol para o interior desta sala.

- E quem inventou esta coisa maravilhosa?

- Nossos antepassados eram engenhosos! Possuíam grandes conhecimentos! - disse o Kahuna enquanto aproximava-se de um monólito que mais se assemelhava à uma porta, decorada com magníficos relevos. Venha até aqui! Quero mostrar algo... Preste atenção! Isto é um supedâneo... – disse Zym-Hur enquanto apontava para o objeto. - Ele foi colocado ali por uma razão muito especial. Sua base garante o encaixe de uma única pedra que está aqui nesta sala. Quando mostrá-la a você, verá que ela possui características únicas, já que é capaz de provocar um fenômeno interessante. Além disto, identifica-la em meio à todas as outras é algo simples e rápido.

O Kahuna foi até o canto da sala e juntou um belo cristal de rocha. Em seu interior havia múltiplos filamentos dourados e resplandecentes que se tornavam ainda mais lindos ao reflexo da luz.

- Não há outro igual nesta sala! Na verdade, não há outro igual em lugar algum.... Colocaremos este cristal bem aqui, no supedâneo... e então... O fenômeno acontece!

Assim que o cristal repousou no supedâneo, o monólito começou a se mover lentamente revelando uma passagem secreta.

- Mas como... como essa enorme pedra se moveu?

- Não é necessário saber isto! Nem mesmo eu sei... Basta apenas compreender que somente este cristal é capaz de fazer a porta se abrir! Se colocar outro, a porta não abre! Vamos adentrar esta passagem... há algo ali que também precisa ser mostrado.

Ao adentrarem, havia outro cristal repousando noutro supedâneo.

- Este aqui é igual ao outro... Quero dizer este... como é mesmo o nome?

- Supedâneo... Sim. São iguais! Agora preste atenção... Este cristal é quase idêntico ao outro. Ambos são antigos e, segundo meus antepassados, estes cristais não são de Gaia... - disse Zym-Hur enquanto removia-o do supedâneo, fazendo então com que a porta se fechasse. A jovem olhou, estupefata. – Está vendo? Ao retirá-lo, a porta se fecha e... ao colocá-lo novamente, a porta se abre. Compreendeu o funcionamento?

- Sim... Acho que compreendi. Quando os dois cristais são posicionados no...

— Supedâneo...

- Isso... a porta se abre. Se removermos um dos cristais, então a porta se fecha!

- Exatamente! Você entendeu como funciona! Caso esteja em perigo, certifique-se de vir para cá em tempo de conseguir abrir e fechar esta porta! Uma vez aqui dentro, estará segura!

- É possível que vários homens consigam abri-la usando a força?

- O fenômeno que faz a porta abrir e fechar é idêntico ao que acontece no Portal, quando tentamos encaixar o Cristal Negro. Ou seja, é impossível abrir esta porta, exceto da maneira como o fizemos. Devo advertir que este é mais um dos segredos bem guardados por meu clã. Agora você também sabe disto!

- E este túnel todo iluminado... onde vai dar?

- O sistema que permite sua iluminação é semelhante ao que ocorre na sala. Todos os templos que existiam antes da Fúria de Gaia usavam esse mesmo sistema. Quanto ao túnel, ele vai até o Vale dos Mortos. Contudo, há outra passagem secreta, que dá acesso à Câmara Sacerdotal...

- Que você vai me mostrar, não é mesmo?

- Talvez um dia! Por ora precisamos saber se você compreendeu o funcionamento desta porta. Por favor, coloque o cristal do túnel novamente no supedâneo.

Yan-Mei, com algum esforço, suspendeu o cristal, colocando-o conforme as orientações de Zym-Hur: A porta se abriu!

- Agora, por favor, vá até o cristal da sala, pois quero mostrar outra coisa importante. - disse o Kahuna à jovem que, rapidamente saiu do túnel e posicionou-se do outro lado da porta, em frente ao cristal. - Atenção! Vou retirar o cristal do supedâneo, então a porta irá se fechar. Assim que estiver completamente fechada, tente, apenas por alguns instantes, remover o cristal de seu lugar. Se conseguir, em seguida coloque-o de volta. Compreendeu o que deve ser feito?

- Sim. Compreendi! - disse a jovem.

Zym-Hur iniciou o procedimento, movendo o cristal de seu lugar. Então a porta se fechou. Alguns instantes se passaram até que o Kahuna reposicionasse o cristal... A porta tornou a abrir: A jovem estava absolutamente surpresa!

- E então? Notou algo diferente?

- Sim... disse Yan-Mei, com a empolgação de quem - havia descoberto algo incrível. - Impossível mover o cristal!

- Pois experimente move-lo agora, mas apenas por alguns instantes... Em seguida, antes que a porta se feche por completo, devolva-o ao supedâneo!

A jovem tentou novamente e desta vez conseguiu sus- pende-lo com grande facilidade, fazendo com que a porta iniciasse o processo de fechamento...

- Incrível! - disse a jovem. - Explique-me o que é isso!

- Assim que entramos e, ao acionar o fechamento da porta, o cristal prende-se ao supedâneo sendo impossível removê-lo: A porta somente poderá ser aberta pelo lado de dentro. Este dispositivo nos coloca em total segurança.

Yan-Mei observou a engenhoca por alguns instantes, pois queria ter certeza de que entendera seu funcionamento. Em seguida, deu alguns passos em direção ao túnel, tentando enxergar o que havia lá, ao fundo.

- Já sei... Você quer ir até lá! - disse o Kahuna. - Contudo, temos outras coisas a fazer. Afinal de contas, Loo-Ni-Fehr pode chegar a qualquer momento! Então, por medida de segurança, vamos trazer água e alimentos para o túnel!

- Está bem! Vamos fazer logo!

Ambos voltaram à sala. Zym-Hur removeu o cristal, colocando-o desta vez mais próximo ao supedâneo. Assim a jovem poderia identifica-lo com facilidade, além de que, bastaria apenas colocá-lo devidamente em seu local de descanso para ter acesso ao túnel.

- Notei que você não ficou apreensivo em momento algum. - disse a jovem ao Kahuna.

- Em toda a minha vida, passei por situações bem mais difíceis. Poucas coisas me surpreendem, e destas, um número menor me deixaria apreensivo.

- Mas Loo-Ni-Fehr é um homem perigoso!

- Não tenho dúvidas que realmente seja. Porém, es- taremos em absoluta segurança! Acredite, não há nada mais poderoso do que andar em conformidade com as forças da natureza, e isto é algo que eu conheço muito bem! Meus antepassados faziam coisas que você não acreditaria, ainda que acontecessem diante de teus olhos! Eles construíram este local e sabiam exatamente onde cada pedra deveria ser colocada. Todos os materiais aqui empregados têm uma razão de ser. Não é como simplesmente pegar várias coisas encontradas a esmo para construir uma casa. Não por acaso, este local jamais foi alvo de invasores. Até mesmo Gaia teve a sensibilidade de poupa-lo enquanto fez desaparecer grandes porções de terras contendo cidades inteiras!

Se quer saber, ouvir isso tranquiliza minha alma!

- Agora devemos ir! Gostaria que separasse os alimentos enquanto busco a água. Pode fazer isto? Sim. Posso.

- Combinado! Porém, fique atenta... Na dúvida, corra e refugie-se no túnel! Está claro para você?

- Sim. Farei isto! Mas e você?

- Não se preocupe comigo. Conheço muito bem este platô. Além do mais, há outros refúgios.

Enquanto a jovem organizava o estoque de alimentos a serem levados para o túnel, Zym-Hur deslocou-se até o reservatório de água. Pelo

caminho, novas percepções lhe vieram à mente. O dia estava lindo e o clima agradável. Já os presságios, nem tanto. Ao retornar à casa de pedra, ambos desceram até a passagem secreta deixando os mantimentos na entrada do túnel, conforme haviam combinado.

Havia, noutro cômodo da casa, um grande baú que há tempos não era aberto. Zym-Hur levara a jovem até lá, pois queria lhe mostrar algumas coisas.

- Este baú contém vários tipos de tecidos e roupas que deverão servir em você. A partir de hoje, isto é seu! Há, no entanto, uma em especial. - disse o Kahuna ao tomar em suas mãos uma linda túnica. - Gostaria que a usasse hoje à noite, durante uma cerimônia que faremos lá no Portal.

- Cerimônia? Não deveríamos estar nos preparando a fim de não sermos surpreendidos por Loo-Ni-Fehr? - questionou a jovem.

- E quem disse que isto não faz parte de nossa preparação? - disse à jovem, que permaneceu pensativa e calada enquanto olhava para o conteúdo do baú. - Preciso levar alguns objetos até o Portal. Então, veja quais roupas quer pegar agora. Deve haver alguma que combine com você e com a túnica. Vista-se, pegue alguns alimentos, água o suficiente para nós dois e encontre-me lá!

Enquanto Yan-Mei escolhia algo para si, o Kahuna vestiu seu traje sacerdotal e foi até a sala da passagem secreta para juntar alguns objetos, colocando-os numa bolsa. Em seguida, postou-se diante de um dos itens mais especiais existentes naquele recinto: O Cristal Negro! Após breve momento em posição de reverência, carregou-o consigo.

No Portal, o Kahuna pôs-se a organizar cada um dos itens que trouxera consigo. Alguns amuletos, pedras e ervas mágicas, uma adaga, dois punhais iniciaticos, um cristal do tempo e o velho Grimório que recebera como herança de seus ancestrais. Além disto, havia reservado um lugar especial para o Cristal Negro. Todos os objetos estavam perfeitamente posicionados quando a jovem chegou.

- Coloque-os aqui. À propósito, este traje permite que sua beleza resplandeça ainda mais! Seus olhos estão luminosos... Você está tão diferente com essas roupas!

- Obrigada! Pode me ajudar com isso? - disse a jovem, alcançando-lhe o cesto repleto de frutas, outros alimentos e água.

Zym-Hur levantou-se para apanhar o cesto e, pela primeira vez desde há muito tempo, sentiu seu coração palpitar. Por um instante que mais parecia a eternidade, os dois se olharam... suas almas tocaram-se mutuamente. Então uma pequena fagulha de sentimento surgiu mostrando a ambos que algo de muito belo estava por ser descoberto.

- Precisamos conversar sobre os próximos passos... disse o Kahuna, trazendo a jovem à realidade.

- Eu não quero saber... Aquela sensação estava tão boa! - protestou a jovem, como que houvesse sido tirada de um sonho bom.

- Tenho que concordar que estava! Porém, neste mo- mento há coisas mais importantes a serem feitas!

- Aqui? Agora? Faremos algo?

- Sim! Um ritual... é verdade que muito simples, nada comparado ao que se costumava fazer tempos atrás. Tudo o que precisamos para evocar os Reis Elementais pedindo sua proteção, está aqui neste Portal.

- Você está falando destes objetos?

- Sim! Eram de meu bisavô... Cada item, incluindo estes trazidos por você, dá um significado especial ao ritual e, à exceção do Cristal Negro, todos estes objetos repousam em seu devido lugar. Como pode ver, as quatro forças naturais estão presentes: água, terra, ar e fogo. A água você trouxe, as ervas e os alimentos também contêm água, mas interligam-se com a terra; A terra, nos cristais, pedras e demais elementos que compõem estes amuletos e punhais, forjados no fogo; O fogo queimando nas tochas que iluminam o Portal, necessita do ar... e; O ar... o sopro da vida, fonte do mana que absorvemos todos os dias. Finalmente, a adaga, que representa os deuses. Segundo consta, ela não foi construída em Gaia.

A jovem observava cada item que lhe era mostrado com grande atenção e interesse. Sabia que aquilo não consistia somente numa situação protocolar, mas acima de tudo, Zym- Hur estava lhe entregando novos e importantes conhecimentos.

- O que são estes objetos que você está usando? - perguntou a jovem com grande curiosidade.

- São os meus paramentos. Braceletes, cinto e amuletos pessoais foram entregues por meu pai, seguindo o caminho de nossa linhagem. Este colar, apesar de ter sido entregue juntamente com os demais itens,

entretanto é apenas algo simbólico. A peça original perdeu-se ao longo do tempo.

- Existe alguma diferença entre essa e a peça original?

Provavelmente sim! São instrumentos de poder, entregues ao Sacerdote Kahuna no dia de sua iniciação. Então, é difícil imaginar que diferença faria sobre algo que nunca se teve!

- E este outro... O que é?

- Isto é um Grimório! De tudo o que há neste lugar, ele é o objeto mais precioso, pois contém as palavras mágicas, orações de poder e segredos mantidos ao longo de toda a minha linhagem.

- O que poderia acontecer caso ele caísse em mãos erradas?

- Provavelmente os conhecimentos nele contidos perder-se-iam para sempre! Este Grimório foi escrito numa língua já extinta que, até onde sei, apenas uma pessoa conhece...

- Você seria esta pessoa?

- Sim! Todos os demais capazes de compreende-la, já estão mortos. Se ninguém sabe ler o que nele está escrito, é natural que se torne um objeto inútil!

- E se houvesse alguém capaz de decifra-lo?

- Bem... Há uma lenda contada por meus antepassados e, segundo eles, um grupo de sacerdotes dedicou sua vida a registrar várias coisas, incluindo os idiomas existentes antes da Fúria de Gaia. Estes registros foram levados daqui, no rumo aonde o Sol se põe, para terras muito distantes. Se estes registros ainda existirem, e eu acho pouco provável, alguns deles poderiam fornecer elementos para a compreensão deste Grimório. Porém, como te disse, é apenas uma lenda! Pode ser real... pode não ser.

A jovem olhou com grande curiosidade para aquele artefato e, desejosa de tê-lo em suas mãos, disse:

- Gostaria toca-lo. Posso?

- Pode... numa situação especial como esta... Contudo, há objetos que não devem ser tocados exceto por mim... punhais, adaga, amuletos, pedras e quaisquer outros usados em meus paramentos.

Ao receber o Grimório em suas mãos, Yan-Mei passou a folheá-lo com tanta avidez que mais parecia querer devorar os segredos ali contidos.

Estava maravilhada com aqueles escritos tão diferentes. Havia inúmeros símbolos que evidentemente possuíam grande significado. Sentia-se ao mesmo tempo grata por estar participando daquele momento tão especial.

Eu poderia estar agora com meus pais a quem tanto amo! Poderia ter me revoltado com tudo e todos por ter sofrido o que sofri... Por outro lado, estar neste lugar tem me mostrado que a vida possui uma Sabedoria muito pouco compreendida. Ela não nos tira as coisas que possuímos, apenas nos reposiciona oferecendo-nos outras perspectivas para estas mesmas coisas. Aonde quer que vá, meus pais estarão comigo... Precisei perder coisas tão preciosas para descobrir que as verdadeiras riquezas vêm da alma! Não é o que temos, mas sim o que somos. Isto é o que real- mente importa! - pensava a jovem enquanto manuseava o antigo Grimório.

- Sabe... sobre como... disse Yan-Mei Eu estava aqui pensando

- Sim! Eu já sei! disse o Kahuna, interrompendo a - Sabe o que? jovem.

- Este Grimório é especial justamente porque, além de conter coisas valiosas, também tem o poder de nos fazer enxergar através dos acontecimentos da vida! Esta é uma visão que apenas os iniciados possuem.

- E o que isto quer dizer? - indagou Yan-Mei, sem entender muito do que o Kahuna falava.

- Os iniciados têm o poder de enxergar a verdadeira causa dos acontecimentos. Eles sabem que experiências ruins e desagradáveis precedem maravilhosas transformações e por isto as aceitam de bom grado. Ao reconhecer os próprios erros, manifestam a honesta disposição em corrigi-los, o que lhes faz donos de seus próprios destinos. Por conseguinte, são capazes de alterar eventos futuros granjeando para si, incontável número de bem-aventuranças.

- Quer dizer que estou pensando como um iniciado? - questionou a jovem.

- Ainda não! Mas já está começando a perceber que pode pensar como um deles e, convenhamos, isto é uma grande coisa!

Sem lembrar que estavam prestes a iniciar o ritual, Yan- Mei continuou folheando o Grimório como que pudesse entender cada símbolo ali contido. Não sabia que seu protetor preparava uma surpresa.

- Queria que experimentasse algo. - disse o Kahuna, tirando um pequeno embrulho de sua bolsa.

- São lindos! Eles devem ter algum significado, não?

- Sim... Preciso te explicar sobre eles, e depois, faremos o ritual de modo que eles sejam preparados para se tornarem teus objetos pessoais. Tome este anel... experimente-o!

- Que objeto maravilhoso! Lindo de fato! Veja, encaixou perfeitamente em meu dedo! Ficou harmonioso em minha mão! - disse a jovem, transbordando de emoção.

- Este anel foi de minha mãe! Antes de chegar a ela, passou por uma longa linhagem das mulheres de meu clã. Certa vez, ao entregar-me esta preciosidade, disse que sua próxima dona viria de fora do clã Zym. Pediu-me que o guardasse com cuidado... Estou surpreso que tenha encaixado em teu dedo, parece que foi feito para você! Então, agora ele é seu!

- Me sinto honrada! De hoje em diante, sempre elevarei orações em memória à sua mãe! Especialmente porque, ao que tudo indica, ela previu minha chegada! Não te parece que foi isso?

- Sim! É isso mesmo! Ela previu... Este é um anel de proteção e como tal, deve ser usado sempre! Ele emite um sinal contínuo, informando ao mundo dos mortos que você é um membro de nosso clã. Por onde quer que vá, de hoje em diante, estará protegida de qualquer ataque vindo de Espíritos Subconscientes e sempre que solicitar, a força de nossos ante-passados se colocará à sua disposição para que a use conforme desejar.

- Eu já posso usá-lo, ou há algo que precisa ser feito antes disso?

- Depois do ritual ele será completamente seu, assim como este colar cujo pingente é legítimo bem como suas contas. O cordame é a única peça que precisa ser substituída de tempos em tempos... Mas tem mais! - disse o Kahuna ao desembrulhar cuidadosamente outro artefato.

- Ah! Um cajado! - disse a jovem, admirada com a beleza do objeto.

- Sim! Este cajado pertenceu à sacerdotisa que inspirou a construção do Templo de Maaht. Ela existiu antes da Fúria de Gaia e realizou, em sua época, um lindo e poderoso trabalho de cura utilizando ervas sagradas. Além disto, costumava evocar as forças da natureza que sempre lhe atendiam. Suas predições se concretizavam. Diziam que ela tinha o dom de mudar o futuro, já que o acertava nos mínimos detalhes.

- Como era o nome dela?

- Você não prestou atenção no que eu disse...

- Ah! Maaht era o nome dela...

- Sim! Maaht! Veja os detalhes deste cajado! Ele está repleto de símbolos mágicos e escrituras poderosas. Em sua extremidade, encaixa-se outro objeto muito especial.

- Oh! Que lindo cristal! - disse a jovem, que não parava de se admirar com tantas coisas novas.

- Esse é um Cristal Semeador. Está repleto de memórias ancestrais. Provavelmente ele contém mais informações do que todo meu clã seria capaz de aprender. - explicou Zym-Hur, sem, no entanto, encaixar as peças, cajado e cristal.

- Este artefato também será meu?

- Hoje evocaremos o espírito da sacerdotisa Maaht, então pediremos sua permissão...

- Como saberemos se ela concordará ou não?

- Mocinha, primeiro devemos evoca-la!

- Está bem! É que fiquei ansiosa com tantas coisas novas! À propósito, por que resolveu fazer isso, digo, presentear-me com estes objetos logo às vésperas do infame aparecer?

- Decidi fazer isso depois de ter certeza sobre duas coisas: Que o momento seria agora, e que a pessoa é você!

- Posso saber o que te levou a esta certeza?

- Várias coisas aconteceram demonstrando que você possui uma percepção especial... Não resta dúvidas que você foi enviada a este local!

- Este ritual será feito com o intuito de saber se eu sou esta pessoa que você está dizendo?

- Não! Este será um ritual de consagração! Será o momento em que a jovem Yan-Mei receberá os objetos sagrados que, por sua vez, lhe permitirão um contato mais efetivo e direto com as forças da natureza bem como os seres do mundo invisível!

- Tem certeza que estou pronta para isso?

- Teus dons são inatos! Você apenas não sabe que sabe! Será necessário despertá-los aprimorando-os gradualmente! Então, respondendo à tua pergunta, você está pronta... para iniciar um longo caminho!

- Nem sei por onde começar! - exclamou a jovem – Na verdade, agora penso que, caso estivesse seguindo as tradições de minha família, e caso resolvesse levar uma vida baseada no exemplo de meus pais e antepassados, provavelmente jamais saberia sobre certos mistérios. É neste ponto que passo a acreditar na Sabedoria da Vida, pois me parece claro que a morte de meus pais não foi algo em vão... Quero dizer, sinto que tudo isso já havia sido determinado... Como se já soubesse que iria receber estes objetos... Na verdade, a sensação é de que eles não me são estranhos!

- Provavelmente você não conseguiria seguir as tradições de tua família! O que te trouxe aqui, não foi exatamente o medo que sente por Loo-Ni-Fehr, mas sim, um sentimento de urgência no Despertar de teu Ser! Ou seja, você está respondendo a um chamado! Muito embora não sejamos capazes de entender as razões disto, tenho comigo que esta compreensão não tardará a chegar!

Enquanto conversava com Yan-Mei, o Kahuna fazia os ajustes finais, checando cautelosamente a posição de cada objeto. Ao concluir a verificação, pôs-se de frente para o Vulcão Sagrado. Seus braços ergueram-se ao alto e a respiração profunda e compassada, cumpria o papel de ajustar as frequências de seu corpo/mente/espírito em relação ao Espírito da Natureza. Zym-Hur agora captava o mana - a poderosa energia que permeia todos os seres habitantes do universo interligando-os; mantendo-os conectados com a Consciência Criadora.

- Ó grande e magnífica deusa do vulcão sagrado... Que possamos sempre trilhar pelos caminhos do esclarecimento promovendo o bem acima de tudo. Que tenhamos força e perseverança para cumprir nossos destinos, enfrentando as adversidades com a alma tranquila, lucidez para compreender que, tanto no caminho das bem-aventuranças quanto nos espinhos de uma vida funesta, há sempre as mais belas e importantes lições a serem aprendidas, e que delas, possamos extrair o sumo que purifica a alma, eleva o espírito e nos põe cada vez mais em harmonia com todas as coisas existentes! Que nossa jornada se cumpra e que possamos alcançar tudo aquilo a que nos propusemos, para efeito de evolução. Deusa Pele... evoco, diante de tua presença, os Reis Elementais, tomando-os por testemunha deste momento onde os sagrados objetos pertencentes à minha linhagem serão entregues àquela que respondeu ao teu chamado.

Também conclamo a nobre presença do espírito da Sacerdotisa de Maaht, para a qual desejo perguntar se já é tempo de dar um novo destino a seu cajado.

Todos os seres que habitavam o platô, pareciam aguar- dar ansiosamente pela manifestação em resposta ao chamado de Zym-Hur que, após a evocação, olhou para a jovem convidando-a para que ficasse em pé a seu lado, ambos voltados para o Vulcão Sagrado, num ritual que seguiria noite adentro.

O platô estava silencioso e todos os seres habitantes daquele lugar pareciam aguardar pela resposta ao chamado feito pelo Kahuna, já que há tempos, um ritual daqueles não era feito. O momento era, sem sombra de dúvidas, especial por várias razões, mas principalmente porque ambos, Zym-Hur e a jovem, haviam compreendido – embora não em profundidade - que faziam parte de um grande processo de sincronicidade. Isto equivale a dizer que a pessoa certa, no local certo, no momento certo e, uma vez esteja consciente disto, torna- se poderoso agente através do qual se processam magníficos acontecimentos.

O firmamento, que estava limpo e estrelado, rapidamente cedeu espaço a um grupo de nuvens carregadas. Alguns relâmpagos lá ao longe, próximos ao Vulcão Sagrado, completavam a estranha reação da natureza.

No platô, exatamente na base onde os três cristais outrora repousavam, surge a visão fantasmagórica de um ser vestindo roupagem translúcida, portando um cajado em sua mão direita, pés descalços e cabelos que desciam até um pouco abaixo da cintura. O clarão foi tão forte a ponto de ofuscar a luz emitida pelas tochas, fazendo com que ambos se virassem ao mesmo tempo, mirando em direção ao fenômeno enquanto o platô era tomado por uma ventania.

- É ela! - exclamou o Kahuna.

- Quem? A Sacerdotisa? Ela continua lá, parada... - disse a jovem, de olhos arregalados, pasmada com aquela situação jamais vivenciada anteriormente.

- Sim! A Sacerdotisa de Maaht! - disse Zym-Hur, mesmerizado com a cena que se desenrolava diante de seus próprios olhos. - Nunca a vi desta forma... quero dizer, esta é a primeira vez que ela se materializa diante de meus olhos! Antes eu apenas a percebia através de minha visão psíquica.

Um breve momento de silêncio bastou para que o Kahuna entendesse o que precisava ser feito. Num rápido movimento, pegou ambos, cajado e Cristal Semeador. Então disse:

- Eu havia esquecido! Afinal de contas, faz tanto tempo!

- E o que esqueceu, homem? Não me mate de aflição... Estou aqui me segurando para não sair correndo, tamanho o medo que sinto, pois nunca vi um fantasma em minha vida... - disse a jovem fazendo com que o Kahuna não conseguisse segurar o riso.

- Desculpe. Estou rindo de mim mesmo, pois também fui pego de surpresa. - cochichou para a jovem, como se a Sacerdotisa pudesse ouvi-lo. - Tome estas duas peças. É necessário uni-las. Ao fazer isto, você terá ativado o Cristal Semeador devolvendo todo o poder do cajado...

Assim que Yan-Mei recebeu as peças, e antes de uni-las, a Sacerdotisa de Maaht desapareceu de seu lugar inicial para reaparecer, instantes depois, diante dos dois. A jovem soltou um grito, tomando outro susto que a fez deixar cair o Cristal Semeador. Aquele instante fez o tempo andar mais lentamente deixando ambos sem fôlego. Antes que pudesse espatifar-se ao chão, o cristal emitiu um forte raio de luz e então pairou no ar, subindo lentamente até a altura da face de Yan-Mei. Estavam, ela e o Kahuna, maravilhados com a cena... quase não acreditavam que seu chamado havia sido respondido. Os relâmpagos agora estavam mais próximos, alumiando os céus, prenunciando um novo tempo!

Meus queridos... Há muito, muito tempo esperávamos por este chamado! Depois da fúria de Gaia, muitos de nossos bem- amados filhos e irmãos extraviaram-se e ainda se encontram perdidos. Cá do mundo espiritual, iniciamos um incansável trabalho de preparação, visando recolher cada alma perdida. Mas enquanto isto acontecia, com a colaboração do Alto, enviamos alguns de nossos mais amados colaboradores para uma jornada na matéria. Muitos destes, lamentavelmente fracassaram ao encontrar condições de grande hostilidade até mesmo no seio de seus lares, não encontrando forças suficientes para manter-se no caminho que haviam proposto seguir. Com isto, várias missões de resgate fracassaram, obrigando-nos ao recomeço, pois jamais desistiríamos de cumprir com a tarefa outrora delegada pelos deuses.

Conhecemos o coração de cada um de vós. Sabemos das angústias, incertezas e inseguranças que você, jovem Yan-Mei, possui. Mas também sabemos que, diante das adversidades, teu espírito de lealdade falou mais alto, fazendo com que, mesmo solitária, enfrentasse as ameaças e o medo superando uma a uma, todas as adversidades, mantendo-se no caminho que te trouxe a este encontro. Apesar de tudo, foste corajosa mostrando destemor em diversas situações onde vários daqueles ditos "homens fortes" tremeram apavorados! Saiba que muitos desistiram... Mas tu não! Tua fibra e comprometimento são a prova inconteste de que está mais do que pronta para iniciar uma nova jornada, ainda que não possua todas as respostas. Com o tempo, tuas inseguranças desaparecerão e a Sabedoria Ancestral verterá do âmago de teu Ser. Então te tornarás a Sacerdotisa rediviva do Templo de Maaht!

Enquanto a Sacerdotisa emitia suas ondas mentais, ambos, a jovem e o Kahuna ouviam-na com a mais absoluta nitidez. Estavam tomados pela emoção, como que estivessem matando a saudade de alguém muito querido que há muito tempo não viam.

A Sacerdotisa, então, num leve movimento, tocou a ponta de seu cajado no Cristal Semeador, transferindo todo o poder que outrora lhe haviam conferido, para o corpo cristalino daquela peça que agora pertenceria à Yan-Mei. Todos os seres ali presentes, habitantes do platô ou do mundo invisível, presenciaram o magnífico espetáculo de energias multicores: O Cristal Semeador finalmente despertara de um sono longo e profundo!

Toda a lealdade demonstrada por ti e teus antepassados será, a partir deste momento, revertida em bem-aventuranças. Teu clã se revitalizará e dele, uma nova civilização emergirá com o firme propósito de resgatar os valores primordiais há muito tempo ensinados pelos deuses!

Zym-Hur havia sido, até aquele momento, o leal guardião daquele local, mantendo todos os objetos sob o mais criterioso cuidado de modo a preserva-los pelo máximo de tempo que fosse possível. Ao captar as emissões mentais da Sacerdotisa de Maaht, em reconhecimento ao seu trabalho, o homem de coração empedernido tornou-se, quase que de imediato, a mais pura manifestação do Amor!

Sabemos muito bem de tuas dores, acompanhamos tuas perdas, presenciamos todos os momentos em que tua alma se revoltou com os

deuses. Ouvimos cada uma de tuas dúvidas sobre ser o último dos últimos... Tu não lembras senão o que viveu nesta vida! Um dia lembrarás o que viveu noutras vidas, então encontrarás todas as respostas e tua alma experimentará o alívio do esclarecimento! Teu papel de guardião dos instrumentos da Sacerdotisa de Maaht encerra neste exato momento e por isto, receba a nossa mais profunda gratidão!

Grossas lágrimas agora vertiam pelos olhos do Kahuna. Sua alma estava sendo lavada pelo bálsamo do esclarecimento, mas principalmente porque agora ele tinha a mais plena certeza de que jamais estivera só, mesmo nos momentos mais difíceis em que experimentou o silêncio aterrador como res- posta às suas súplicas aos deuses. Com a humildade que sempre lhe foi peculiar, Zym-Hur disse à jovem:

- Querida Yan-Mei. Passo a ti dois dos mais importantes objetos que um dia me foram confiados por meus antepassados. De hoje em diante, será a guardiã deles e, tendo como testemunho a presença espiritual da Sacerdotisa de Maaht, peço que una as duas peças, ativando todos os poderes deste cajado!

Yan-Mei, embora estivesse bastante emocionada com o momento, no entanto conseguira, mais uma vez surpreender- se com a nova e inusitada situação: Quanta generosidade da vida! - pensou. Desta vez segurou com firmeza o Cristal Semeador e, com cuidado, encaixou-o no cajado formando uma peça única. O objeto tomou-se por um brilho ao passo que o cajado da Sacerdotisa de Maaht começou a perder sua forma original e, transformando-se numa espécie de névoa luminosa, pairou o ar cercando e sendo absorvido pelo agora cajado de Yan-Mei.

Teu cajado agora tem alma! Nele habita um Ser amigável às forças da natureza! Respeite-o e terá toda a lealdade deste maravilhoso instrumento de auxílio ao próximo! Muitos virão até ti em busca de respostas, e acredite, nenhum deles voltará sem algo que lhes transforme a vida! Sempre que necessário, basta evocar-me e a teu serviço estarei! E sim, a vida sempre é generosa com todos aqueles que assumem seus verdadeiros papéis!

Ao transmitir suas outorgas espirituais à jovem, a Sacerdotisa de Maaht olhou para Zym-Hur que, por sua vez, retribuiu o olhar de forma carinhosa.

Teus compromissos como guardião deste lugar perdurarão até o fim de teus dias... Além disto, cumprirás o papel de protetor de Yan-Mei. Atente para o fato de que, por enquanto, ela ficará mais segura na passagem secreta da Câmara Sacerdotal! Em breve, um grandioso evento marcará o início de uma longa e desafiadora jornada... Atente aos sinais emitidos pelo Vulcão Sagrado! Esta é a última de minhas predições... Todas, de agora em diante, virão pela boca de Yan-Mei, a Sacerdotisa rediviva do Templo de Maaht!

Relâmpagos clarearam todo o vale e a ventania correu por aquele lugar. As árvores se curvaram soltando milhares de folhas, e estas foram impiedosamente sugadas pelo forte e inesperado redemoinho que se formara ao centro do platô. Daquele evento, seguiu-se o desaparecimento da Sacerdotisa de Maaht, deixando grande calmaria e a forte sensação de bem-estar. Ambos, a jovem e o Kahuna estavam em êxtase!

CAPÍTULO DEZESSEIS

A Profecia se Cumpre

O Templo de Maaht fora uma dessas maravilhas onde as mais avançadas técnicas de construção foram empregadas. Era do conhecimento de Zym-Hur que aquele lugar possuía vários túneis e passagens secretas que davam acesso a um desconhecido número de câmaras, todas repletas de mistérios. Provavelmente, muitas delas haviam desmoronado ou tiveram suas passagens de acesso bloqueadas como resultado do Grande Cataclismo. Apesar de ter ouvido seus antepassa- dos falarem, o Kahuna jamais se aventurara a explorar aquele mundo subterrâneo.

Duas tochas iluminaram o túnel onde a jovem se refugiaria caso fosse necessário. A luz natural não alcançava aquele lugar, pois era noite. Os passos foram ficando cada vez mais fortes bem como a claridade das tochas que o Kahuna e a jovem carregavam. Foram necessários muitos passos, corredor adentro, até que se depararam com outro monólito, desta vez dos grandes, todo trabalhado em baixo-relevo e repleto de símbolos antigos, ladeado por dois Cristais Guardiões cujo tamanho correspondia à metade da altura de um homem.

- Que peça mais linda! - disse a jovem, maravilhada com o que acabara de ver. - E estes cristais... nem tenho palavras para descrever!

- Não é algo somente belo... Estamos diante de outro segredo... e de outro mistério. - disse o Kahuna enquanto movia sua tocha o mais próximo possível da porta.

- Quais?

- O segredo, este você saberá, pois trata-se de como fazer com que a porta se abra. E o mistério... bem... eu não tenho a menor ideia do dispositivo que possibilita sua abertura. Pois como pode ver, esta porta é muito pesada! São questionamentos antigos... Alguém trouxe estes objetos para cá, e sua força, sem dúvidas era superior à nossa.

Enquanto Yan-Mei se maravilhava com os ricos detalhes empregados na ornamentação daquele monólito, Zym-Hur continuava em busca de

algo.

- Segure minha tocha. Preciso consultar o Grimório. - disse, entregando a tocha para a jovem, enquanto se punha a folheá-lo em busca de algo. - Ah! Sim! Aqui está! Como pude esquecer? Deixe-me ver... Não trouxe comigo...

- Mas o que você está querendo dizer, e por que está se revirando todo, homem? - perguntou a jovem, um tanto confusa.

- Nada não... Estava pensando alto. Fazia um bom tempo que não vinha neste lugar. Preciso voltar ao Portal, pois na intenção de seguir os conselhos da Sacerdotisa, acabei esquecendo de trazer a adaga. Sem ela, a porta não se abrirá!

- Certo! Então vamos lá!

- Vou sozinho! É mais seguro! Lembre-se de que já estamos na iminência de receber a visita de Loo-Ni-Fehr. E se quer saber, os conselhos da Sacerdotisa revelaram grande urgência! O infame e seus capangas podem até já estar no platô! Por- tanto, você fica!

- Está bem! - concordou a jovem. - Mas procure se cuidar! E volte logo!

- Vamos até a entrada do túnel... por enquanto você ficará ali. Há mais tochas caso necessário, assim você não ficará no escuro.

- Sim. Os mantimentos também estão ali... Tenho uma pergunta. Como saberei quando tiver voltado?

- Não se preocupe com isto. Basta que esteja segura! Voltarei em seguida... Acione o fechamento da porta! - disse Zym- Hur, rumando apressadamente até o Portal.

Assim que a porta se fechou, a jovem colocou as tochas nos suportes que haviam na parede. Pensativa, sentou-se num pequeno banco propositadamente trazido por eles, junto com os mantimentos. Sua mente fervilhava! A experiência de ter visto e ouvido a Sacerdotisa de Maaht foi tão profunda quanto transformadora. Estava feliz, mas também sabia que grande responsabilidade acabara de repousar em seus ombros.

Ao sair da casa de pedra, Zym-Hur sentiu novamente a fisgada na base de sua nuca seguido da forte percepção de que já não estavam mais sozinhos. A noite não estava tão escura, de modo que era possível enxergar boa parte do platô. No Por- tal, as tochas ainda permaneciam queimando

e, à exceção dos animais noturnos, não havia outro ruído. Embora caminhasse apressadamente, o Kahuna mantinha-se atento em relação à trilha de acesso.

Na extremidade do platô, Loo-Ni-Fehr e seus capangas acabavam de chegar e Baku, esbaforido, logo disse:

- Olha patrão! Há alguém lá do outro lado!

— Já vi, Baku... Vamos seguir o plano!

O grupo se posicionou de modo a observar todos os movimentos de Zym-Hur sem, no entanto, serem vistos por este. De longe era possível perceber que o Kahuna mexia em algumas coisas, até que finalmente empunhou sua adaga e iniciou sua caminhada de retorno à casa de pedra. Os capangas se eriçaram e, julgando que Zym-Hur tentava escapar, pediram autorização ao infame para invadir o platô.

- Aproveitem o momento e peguem-no antes que escape! - disse Loo-Ni-Fehr, enquanto se mantinha escondido atrás de um monte de pedras.

Como uma verdadeira horda de bárbaros, partiram em direção a Zym-Hur até que inadvertidamente atingiram o campo de proteção. O choque provocou um clarão, revelando suas presenças ao Kahuna, e os homens, estes foram lançados para trás com tanta violência à ponto de sofrerem várias escoriações. O choque os deixaria atordoados por um bom tempo. Baku não teve a mesma sorte. Devido ao seu peso, ao cair, fraturou uma de suas pernas e os ossos, rasgando músculos e pele, foram expostos. O pobre homem soltou um pavoroso grito de dor! Loo-Ni-Fehr gargalhou ao ver aquela cena ao mesmo tempo patética e desastrosa, então disse:

- Mas é claro! Como pude me esquecer deste pequeno detalhe?

Do outro lado, Zym-Hur percebeu que talvez não tivesse tempo suficiente para entrar na casa de pedra. Ele sabia que o campo de proteção poderia falhar diante de uma segunda tentativa de invasão, o que exporia não somente ele, mas especialmente sua protegida, a um risco impossível de ser calculado. Isto o fez posicionar-se junto ao Portal, assumindo as consequências do encontro que estaria por acontecer!

Diante do fracasso de seus capangas, Loo-Ni-Fehr sai da posição onde estava e vai até Baku.

- Minha perna, patrão... Não consigo mexe-la! - disse o capanga, gemendo de dor.

- É... Você está fora de combate, Baku! Tente não se movimentar, pois o ferimento em tua perna é bastante sério. - disse o infame para em seguida voltar-se aos demais homens. - E vocês, como estão?

- Estou zonzo... não consigo me levantar! - disse um deles. Os outros continuavam desorientados, gemendo de dor.

- Recuperem-se logo e fiquem atentos ao meu chamado! E quanto a você, Baku, fique aí quieto, sem se mover!

Alguns passos mais à frente e Loo-Ni-Fehr chega exata- mente nos limites do campo de proteção. E como que pudesse enxergar aquela barreira invisível, avançou firmemente atravessando-a. O Kahuna ficou bestificado com a situação enquanto assistia o infame avançar tranquilamente até o Portal.

- Quem é você? -perguntou Zym-Hur, surpreso, mas ao mesmo tempo assustado com o que acabara de presenciar.

Loo-Ni-Fehr parou diante do Kahuna, porém mantendo- se a alguns passos de distância. Então olhou detalhadamente para todos os objetos depositados no Portal e, por fim, voltou seu olhar para Zym-Hur respondendo de maneira debochada.

- Quem sou eu? Talvez isso não seja tão importante, já que se trata de apenas um nome... um nome comum, muito diferente do seu, não é mesmo, ó grande Zym...

- Imagino que me conheça de algum lugar... Quanto a mim, não tenho a menor lembrança de ti! - disse Zym-Hur, ainda perplexo com a situação.

- Memória curta, Zym! Você não lembra... E eu jamais esqueço!

- Diga-me de uma vez por todas: Quem é você? O que de fato você quer? Por qual razão veio até aqui? - insistiu o Kahuna em vias de perder a calma com o visitante.

- Ah! Não perca sua calma, nobre sacerdote, pois isto, você sabe, te deixaria vulnerável aos nossos amiguinhos invisíveis, não é mesmo? Equilíbrio, acima de tudo! - disse debochadamente o infame. - Vim buscar algo que me pertence!

- E qual objeto de tua propriedade poderia haver aqui?

Enquanto era questionado, o infame deu uma olhada ao redor, bocejou, coçou os olhos e fez um vagaroso movimento indo em direção ao Portal.

- Deixe-me fazer algo... Vamos ver se isto ainda funciona direito.

O Kahuna, embora parado, mantinha o olhar firme aos movimentos de Loo-Ni-Fehr que, por sua vez, entrou nos domínios do Portal. Por alguns instantes, o infame manteve- se em posição de reverência para finalmente aproximar-se do Cristal Negro com o claro intuito de tocá-lo.

- Não faça isso! – disse Zym-Hur ao agir na tentativa de impedir que o infame tocasse no cristal. - Eu te proíbo! Não importa quem você seja, este objeto está sob os meus cuidados desde sempre...

- Fique onde está! - ordenou Loo-Ni-Fehr, impondo a mão na direção do Kahuna, fazendo-o recuar imediatamente, atordoado e chacoalhando a cabeça como se tivesse recebido um golpe.

O que se seguiu foi algo aterrador... Loo-Ni-Fehr posicionou as duas mãos e finalmente tocou o Cristal Negro, que resplandeceu como que estivesse a responder àquele toque. Em seguida, o campo magnético existente no Portal, que antes repelia o Cristal Negro, invertera-se imediatamente atraindo-o para o centro, permitindo seu perfeito encaixe no relevo. Zym- Hur, incrédulo, assistia àquela cena: Jamais soubera, desde seu bisavô, que alguém fosse capaz de fazer tal prodígio!

Aquele ato fez com que o campo de proteção desativasse. Milhares de Espíritos Subconscientes surgiram do invisível pairando acima de todo o platô. Um grande redemoinho se formou, seguido daquela ventania uivante e medonha - a mesma que assustou Yan-Mei durante sua caminhada solitária, obrigando o Kahuna a proteger os olhos devido à poeira.

Logo atrás de Loo-Ni-Fehr, uma criatura fantasmagórica de aparência horrenda e animalesca surgiu, seguida de outras tantas. Zym-Hur agora tinha a mais clara certeza de que o platô se encontrava em total estado de vulnerabilidade!

- Isso mesmo, meus amigos! O grande dia chegou! Venham todos... sirvam-se de meu banquete! Este é um momento especial! - gritava o infame enquanto mantinha os braços elevados.

Zym-Hur, perplexo, observava a tudo! Suas pernas estavam congeladas e um fio contínuo de eletricidade percorria sua coluna e nervos: Era impossível mover-se! Tampouco conseguia falar!

Naquele meio tempo, excetuando Baku, os capangas de Loo-Ni-Fehr se aproximaram e era curioso observar que eles estavam completamente

alheios ao que acontecia, já que eram incapazes de perceber algo além da forte ventania.

- Dois de vocês... segurem o velho Kahuna! Não façam nada além de mantê-lo sob controle! Fui claro? - ordenou o infame cujo rosto transfigurara-se devido a manifestação de todos aqueles seres fantasmagóricos. Os capangas, apavorados com as feições de seu patrão, apenas gesticularam positiva- mente as cabeças - Outros dois venham comigo, e você - disse apontando para o último homem - vá até Baku e traga-o aqui. Depois verei o que posso fazer por aquele desastrado!

Ao observar Loo-Ni-Fehr e seus homens irem na direção da casa de pedra, Zym-Hur percebeu que, diante de tudo o que acabara de presenciar, Yan-Mei de fato estava correndo perigo e nada poderia ser feito! Restava-lhe fazer suas orações de evocação aos seres que o protegiam e esperar pelo melhor.

Demoraria apenas alguns instantes para que Baku fosse trazido ao Portal, gemendo e gritando de dor. Logo depois, Loo-Ni-Fehr e seus homens trariam Yan-Mei. A jovem chorava compulsivamente.

- Creio que temos tudo aquilo que precisamos! - disse o infame em voz alta. - Mantenham-na sob controle assim como o Kahuna!

Acontece que Loo-Ni-Fehr também possuía uma bolsa e dela tirou, para a surpresa de Zym-Hur, dois punhais iniciáticos, amuletos, anéis e braceletes. Por fim, havia uma adaga. Todos os objetos eram idênticos aos do Kahuna!

- Ah! Falta algo! - disse o infame para, em seguida, ir até - Zym-Hur. - Dê-me o Grimório!

O Kahuna ficou mais que perplexo ao ouvir aquilo! Olhou para Yan-Mei e viu nela as mesmas expressões de perplexidade. Sem saída, tirou o Grimório de sua bolsa e entregou a Loo-Ni-Fehr, não sem antes dizer:

Parece que você conhece este local! Como sabia sobre o Grimório? Teus objetos são idênticos aos meus... Você é um Sacerdote? Um Iniciado? Afinal de contas, quem é você?

Apesar da insistência de Zym-Hur, o infame ignorava-lhe todo e qualquer questionamento. Estava mais interessado no Grimório e assim que o tomou para si, deu meia volta retornando ao Portal. Sob os olhares curiosos de todos que estavam ali presentes, Loo-Ni-Fehr virou-se para o

Vulcão Sagrado e, em voz alta, iniciou a conjuração usando palavras de um idioma desconhecido. Seus capangas olhavam uns para os outros. Estavam surpresos e assustados, pois aquilo era algo novo para eles.

- O que ele está dizendo? - cochichou a jovem para o Kahuna.

- Estou estupefato! Ele está conjurando uma oração muito antiga, recitada apenas pelos Altos Sacerdotes de Mu!

- Você entende o que ele fala?

- Sim! Há muito tempo não ouvia isso! Conversávamos, eu e meu pai neste idioma, e ele com seu pai; e assim por diante.

- E o que ele está falando? - insistiu a jovem.

- São palavras de poder cujo significado tem sido mantido em segredo desde sempre! Este homem é de um atrevi- mento aterrador...

Loo-Ni-Fehr parecia ignorar a presença de todos. Sequer Ouvira os cochichos. Em dado momento, folheou o Grimório para encontrar, com grande facilidade, aquilo que procurava. Então passou a recitar o que estava ali escrito.

- Agora ele está lendo o Grimório em voz alta... é um ritual de sacrifício... - disse Zym-Hur para o desespero da jovem.

Ambos tentariam se desvencilhar dos capangas, porém sem sucesso. Àquela altura, as forças que o infame havia movimentado eram imensamente mais poderosas. Em meio às tentativas falhas, a jovem lembrou do importante ensina- mento que recebera de Zym-Hur: Controle o medo... a raiva... os sentimentos... Canalize as energias de modo a fortalecer teu campo de proteção! No exato instante desta lembrança, ambos se olharam percebendo que haviam estabelecido o mais forte contato telepático ocorrido até então! E diante do perigo, sorriram, o que deu à jovem um novo sopro de vida!

No Portal, Loo-Ni-Fehr acabava de realizar a primeira etapa de seu ritual e, virando-se, grita para seus capangas:

- Tragam-me a jovem! Vou dá-la em sacrifício aos deuses!

Certamente a jovem sabia o que significava ser dada em sacrifício! Entretanto, desta vez manteve-se firme! Se a Sacerdotisa de Maaht veio até mim e, após entregar-me seu cajado, falou bons presságios, então este não é o fim. - pensou enquanto era levada. - Eu aceito passar por tudo aquilo que o destino me reservou!

- Mantenham os olhos nela! - disse o infame, assim que seus homens trouxeram Yan-Mei. - Mais para a frente! Quero ela diante do Vulcão Sagrado!

Na presença da jovem, Loo-Ni-Fehr, erguendo os braços para o alto, proferiu nova oração naquele desconhecido idioma e, muito embora não estivesse tão perto, a jovem mantinha-o em seu campo de visão a uma distância onde era possível observar os detalhes dos objetos usados pelo infame, inclusive... um colar de aparência quase idêntica ao que Zym-Hur havia lhe mostrado. Por Gaia! Será este o colar original? Mas este homem não possui vínculos com Zym-Hur!

Durante o ato, de forma repentina, um grande zumbido a fez deixar de ouvir o infame. Era, no entanto, capaz de ver, quadro a quadro, as gotas de suor escorrendo pelo rosto e até mesmo as partículas de saliva expelidas durante a fala de Loo-Ni-Fehr. Ali mesmo, Yan-Mei sentiu a presença da Sacerdotisa de Maaht, como se aquela entidade houvesse tomado seu corpo... Foi quando o infame a pegou pelo braço enquanto empunhava sua adaga com a outra mão. Zym-Hur, desesperado com o que iria acontecer, fez um movimento brusco na tentativa de livrar-se dos homens, que rapidamente o contiveram.

- Nãaaoooo! Deixe-a fora disto! - gritou o Kahuna. Sua voz, no entanto, saiu abafada... sequer fora ouvido.

Ao encerrar seu ritual de evocação, Loo-Ni-Fehr conduziu a jovem até o centro do Portal, ordenando que, voltada para o Vulcão Sagrado, se ajoelhasse diante do Cristal Negro. Yan- Mei prontamente obedeceu e, com o intuito de apoiar-se, pôs as mãos no objeto. O infame então empunhou a adaga, posicionando-a na altura da clavícula esquerda, de modo a acertar o coração da jovem sacrificando-a num único golpe...

O Kahuna, num último esforço, clamou pela presença de seu bisavô, Zym-Tohr, gritando em voz alta:

- Foi para isto que os deuses construíram este local? Será este o legado que meu clã deixará? Por que vós deuses fizeram-me longevo? Então não existe um propósito exceto viver para assistir a morte daqueles a quem amo? Oh, Sacerdote Zym-Tohr, evoco tua imediata presença no Templo de Maaht! Não permita que o sacrifício de uma jovem de coração puro transforme este lugar no reduto das injustiças!

Ao longe, surge o clarão. Poucos instantes depois, um estrondo ensurdecedor acompanhado de uma onda de choque derrubou a todos: O Vulcão Sagrado havia entrado em erupção expelindo sua lava incandescente a uma altura nunca vista pelo Kahuna. Em seguida, a dança dos relâmpagos, rodeada de pequenos tornados.

Embora tivesse sido jogado ao chão, Loo-Ni-Fehr continuava a empunhar sua adaga. Incapaz de tirar os olhos do Vulcão Sagrado, distraiu-se por alguns instantes, deixando Yan- Mei em segundo plano.

O colar... o colar... o colar... - gritava uma voz insistente no pensamento da jovem que, tomada pela influência do espírito da Sacerdotisa de Maaht, saltou em Loo-Ni-Fehr mirando- lhe o pescoço. Num rápido golpe, surpreendeu o infame agarrando-se ao colar até arrebentá-lo. As contas voaram para todos os lados e o pingente caiu no chão.

No Vulcão Sagrado, agora era possível avistar uma abóbada gigantesca, de tom azul-violáceo: O Portal Multidimensional que traria ROR à Gaia finalmente fora aberto!

A linda, porém, assustadora imagem causou pavor nos capangas de Loo-Ni-Fehr. - Vamos sair daqui! - disse um deles. Mas o infame foi prontamente obedecido após soltar um grito ordenando que ficassem.

Zym-Hur, que também havia sido jogado ao chão, levantou-se e correu até a jovem, pegando-a pela mão. Yan-Mei rapidamente compreendeu que deveriam sair em fuga, buscando refúgio no túnel. Durante o trajeto até a casa de pedra, foi possível ouvir um novo e maior estrondo, seguido por um forte e contínuo clarão que, desta vez, fez a noite parecer dia! Então ouviram Loo-Ni-Fehr gritar:

- A profecia finalmente está se cumprindo! Eis-me aqui, o servo das trevas! Estamos prontos, eu e meu exército, para a batalha final!

- Olha lá! Por Gaia! Nunca imaginei viver para enxergar com meus próprios olhos uma coisa dessas! - disse a jovem, impressionada com a cena.

O Kahuna olhou em direção àquela abóbada para ver um objeto voador que, após pairar por alguns instantes, desapareceu na cratera do Vulcão Sagrado. - Vamos! - disse. - Precisamos correr. Agora sei que não estamos seguros nem mesmo dentro do túnel! E entrando na casa de pedra, desapareceram nos subterrâneos do antigo Templo de Maaht.

As tochas ainda estavam acesas e suas sombras, projeta- das nas paredes do túnel, agora davam a impressão de se estar adentrando a uma assombrosa catacumba. Apenas alguns instantes eram necessários para se percorrer o trajeto entre o acesso ao túnel e a passagem secreta ladeada pelos Cristais Guardiões. Contudo, aquele lugar já não era mais seguro!

Desta vez, devido ao uso adequado dos objetos, Zym-Hur fez com que o grande monólito se abrisse revelando a antes-sala repleta de gravuras em suas paredes e teto além de vários objetos muito bem organizados, incluindo esculturas, cerâmicas, mais cristais e uma espécie de banco de pedra, onde era possível sentar e até mesmo recostar-se. Havia também duas estátuas guardando um pórtico.

Ainda impactada com o que acabara de presenciar, a jovem entrou calada, limitando-se a observar o novo ambiente. Nada ali, ao menos por enquanto, despertaria sua curiosidade! Pudera! Não é sempre que se avista uma grande erupção vulcânica, acompanhada de vários outros fenômenos surreais! Além disto, os últimos dias haviam sido bastante movimentados!

- Estamos seguros aqui? - questionou a jovem, após olhar para a grande porta, que já havia se fechado.

- Este lugar era seguro até a chegada de Loo-Ni-Fehr. Agora já não sei mais... Tudo isso é muito novo para mim...Precisamos confiar nos aconselhamentos da Sacerdotisa de

Maaht, afinal de contas, ela estava certa em suas predições.

– Deixe-me quieta por agora... Foi um dia difícil! Espero que seja mais um de meus pesadelos, e que possa acordar daqui a pouco...

- Tente descansar... Ficarei em vigília. - disse Zym-Hur. Mesmo exaurido, sabia que era necessário manter-se acordado e atento a qualquer investida de Loo-Ni-Fehr e seus capangas.

Por questões de segurança, as tochas que ambos carregavam foram apagadas, pois sua luminosidade poderia denuncia-los caso o infame resolvesse segui-los. Ademais, assim que amanhecesse, aquele ambiente receberia a luz natural, já que também era dotado com o engenhoso sistema de iluminação.

Enquanto vigiava, Zym-Hur não conseguia deixar de pensar em tudo o que ocorrera nos últimos dias.

Quantas surpresas em tão pouco tempo! Primeiro, o aparecimento desta jovem... Agora estou em dúvida se ela veio até aqui porque fugia de Loo-Ni-Fehr, ou porque recebera o chamado da Sacerdotisa de Maaht. Além disto, sua adaptação se deu de maneira tão rápida... Suas visões, a maneira como se comunicou tão facilmente com o Cristal Negro... Enquanto algumas pessoas levariam uma vida inteira para aprender algo, esta jovem demonstrou ter certas habilidades inatas, mas acima de tudo, facilidade em aprender coisas novas num nível que somente alguns poucos iniciados seriam capazes de entender. Pensando bem, não me surpreende que a Sacerdotisa tenha escolhido Yan-Mei... As duas, aliás, possuem grandes semelhanças, seja no modo de agir ou na aparência! Mas, e quanto a Loo-Ni-Fehr? Quem é aquele homem que conhece detalhadamente os procedimentos ritualísticos praticados pelos Altos Sacerdotes de Mu? Será que estive enganado este tempo todo ao pensar que seria o único a existir na Grande Ilha de Hur? Sabendo que cada clã possuía um modo específico para a realização de seus rituais, o que dizer sobre o fato de que Loo-Ni-Fehr tomou-me o Grimório para então proferir palavras e conjurar orações de um modo que somente meu clã costumava fazer? Quem o teria ensinado? E seus objetos pessoais... Todos idênticos aos meus! Eu poderia jurar que a mesma pedra caída do firmamento, fez nossas adagas! E a profecia... finalmente... Estaria Yan-Mei correta quanto à afirmação de que isto é um pesadelo? Se for, estamos juntos no mesmo...

Tão cansado que estava, com a mente repleta de questionamentos, o Kahuna não suportou cumprir sua vigília e acabou adormecendo profundamente.

Do lado de fora, o corredor estava escuro e silencioso. A casa de pedra ficara aberta, no entanto, não havia ninguém que desejasse invadi-la. Uma brisa mansa tomou conta daquele lugar serenando as almas ali presentes. Após recolher todos os seus pertences, Loo-Ni-Fehr, na companhia de seus capangas, deixaria o platô.

CAPÍTULO DEZESSETE

Ilan, O Amaka

No dia seguinte, o céu estava nublado e ao longe era possível avistar o Vulcão Sagrado expelindo a lava incandescente. No Portal, vários dos objetos de Zym-Hur estavam espalhados em desalinho como que tivessem sofrido pela força de uma ventania. Um pouco mais ao lado, deitado na relva, alguém agonizava.

Impossibilitado de caminhar devido à séria fratura causada em sua perna, o desastrado capanga de Loo-Ni-Fehr, enfraquecido com a perda de sangue, fora abandonado ali. Estava desacordado, mas conseguiu voltar à consciência, abrindo os olhos com grande dificuldade após ser cutucado pela ponta de um cajado.

- Quem está aí? - perguntou Baku. - É que não consigo ver nada além de uma grande mancha escura...

- Fique tranquilo, filho. Quem está aqui é alguém que não te fará mal algum! - respondeu o homem cuja voz era grave e sonora. - Percebi que há um ferimento em tua perna, feio por sinal. Então, isto é algo que precisamos resolver.

- Onde estão os rapazes? E o patrão?

- Não há mais ninguém aqui exceto nós dois!

- Terão me abandonado?

- Se te abandonaram, será que algum dia estiveram contigo?

- Esta é uma boa pergunta... Uma vida inteira de devoção acordando mais cedo para ir dormir mais tarde. Todos os dias, sempre! Jamais reclamei de algo. Tudo o que me pedia era realizado com extremo afinco, atenção e boa vontade. Claro... Sou desastrado! Sempre fui! Mas também sou disciplinado, fiel e cumpridor de meus deveres.

Ao tomar consciência, o fiel escudeiro de Loo-Ni-Fehr chorou. Estava decepcionado com a atitude do patrão.

- Isso, filho! Chora! Lava tua alma, mas deixa que a lucidez tome conta de teus pensamentos. Pois tuas intenções quase sempre são boas e teu caminho não era aquele pela trilha das sombras! Agora terás a chance de

reencontrar teu verdadeiro e mais puro Ser, escondido aí dentro, sob os escombros dos vários malfeitos que fizeste. Tens o direito de errar incontáveis vezes, mas não deves repetir o mesmo erro! Ser fiel e cumpridor dos deveres são virtudes raras, porém naturais e sempre presentes na vida de um homem de bem. Quando nos propomos realizar algo, devemos usar nossas mais altas intenções empregando as melhores energias. No entanto, nem sempre as coisas saem conforme desejamos. Se fizeste o bem, ainda que teu beneficiário não reconheça, n'algum momento Gaia te recompensará. - disse o homem enquanto examinava a extensão da fratura.

Por várias vezes os homens desejaram se amotinar, revoltados com as ofensas que recebiam. Um deles sugeriu aos demais acabarem com a vida do patrão. Mas eu... eu sempre apaziguei sua revolta e o desejo de retaliação às ofensas. Eles realmente tinham razão, claro... Sou capaz de ver o outro lado... Por eles, o patrão estaria morto... bem morto, aliás... Isto sem contar com as reações esquisitas que sempre o acompanharam deixando-o vulnerável... Quantas e quantas vezes o vigiei cuidando para que nada lhe acontecesse... E agora cá estou... deixado para trás... abandonado por aquele a quem servi. Vai ver, para ele é melhor estar entre os inimigos...

- Então devias reconsiderar tua opinião a respeito do abandono! Eles não te deixaram entregue à própria sorte. Ao contrário disto, te livraram de um destino funesto e um fim certamente trágico! Creio que este não é o melhor momento para se preocupar com quem já não mais faz parte de tua vida... Vamos tratar tua perna!

- Minha perna não está nada bem... eu nem a sinto!

- Estás vivo... pelo menos por enquanto... Vou providenciar algumas ervas e água para lavar este ferimento. Por favor, evite se movimentar e me aguarde. Voltarei em breve! - disse o homem antes de rumar em direção ao bosque.

E agora, para onde vou? Sequer tenho onde morar! Não tenho amigos... nem mesmo alguém que pudesse me estender a mão neste momento tão difícil. Minha vida foi inteiramente dedicada a cumprir as ordens do patrão, e somente agora consigo perceber que ele não me respeitava... Provavelmente não tinha nenhum apreço por minha pessoa, talvez ele não goste de ninguém! Jamais o deixaria abandonado... o

carregaria em minhas costas pela distância que fosse necessária, mas não o deixaria...

Para de choramingar! Não foste tu que escolheste segui-lo? Te cercaste de comparsas em vez de criar laços de amizade verdadeira com pessoas de bem! - disse o homem, mais ao longe, trazendo ervas e água enquanto caminhava em direção a Baku.

- Você pode me ouvir?

- Posso!

- Mas eu não estava falando...

- E quem disse que é preciso falar para ser ouvido?

- O patrão era assim... parecia saber de tudo, até mesmo sobre o que pensávamos...

- Teu patrão era o medo! O medo te mantinha preso à dúvida, insegurança, incerteza, angústia e tantos outros grilhões. Entretanto, és agora um homem livre! Recomeçarás tua vida e, com perseverança, alcançarás tudo aquilo que deseja- res! Mas antes, precisa curar as feridas... do corpo e da alma!

- Não! - contestou Baku. - Meu patrão se chamava L...

- Ele não vivia te ameaçando?

- Sim! Ele ameaçava a nós todos! Mas o que isso tem a ver?

- Acima de tudo, tu o amavas?

- Não! Com certeza não! Todos nós o temíamos...

- Então agora percebes que, quem mandava em ti era o medo que sentias por teu patrão? Percebes que dele bastaria um simples olhar para que teu corpo tremesse?

- Exato! Às vezes bastava imagina-lo bravo, então o medo me tomava por completo... Como sabe de tudo isso? Conhece Loo-Ni-Fehr?

- Conheço o fantasma do medo e bem sei o que ele é capaz de fazer com as pessoas! - disse o homem ao passo que examinava a perna de Baku, com o intuito aplicar algumas folhas em cima do ferimento. - Tocarei tua perna... Sentes dor?

- Um pouco.

- Talvez doa um pouco mais, já que preciso mexer em tua perna de modo a colocar os ossos no lugar. Toma aqui... Mastiga esta folha, vai te aliviar a dor.

Enquanto Baku mastigava a folha, sua boca, além de produzir grande salivação, passou a formigar. Em alguns instantes, a anestesia fez efeito e o homem pode então manejar a fratura exposta, procedendo com a limpeza para depois aplicar a devida correção. Uma espécie de cataplasma envolvera o feri- mento e, finalmente, uma tala.

- Já consegues me enxergar? - disse o homem ao se levantar, procurando uma posição que lhe permitisse ser visto por Baku.

- Vejo apenas a claridade, mas nenhuma imagem definida...

- Estás muito fraco ainda. Com as ervas que colhi, fica- rás ótimo em pouco tempo. Ah! Deixa-me fazer algo... Estas folhas que ponho em tua mão... caso sinta dor, mastigue uma por vez. E aqui ao teu lado, há outras folhas que poderás mastigar, engolindo-as caso sintas fome. Para a sede, eis aqui um pouco d'água.

- Vai embora? Você me ajudou e sequer perguntei teu nome...

- Meu nome é Ilan. Da Ordem dos Amakas. Acabei de chegar. Vim atrás do velho Kahuna. E tu, qual teu nome?

- Meu nome é Baku. Nasci numa noite de grande ventania e meus pais morreram enquanto ainda era criança. Criei-me sozinho, dependendo de favores de uma ou outra pessoa. Sei muito bem o que é necessitar de algo sem ter a quem pedir. Tenho, agora, uma dívida de gratidão para contigo!

- Não é necessário, filho! Tua perna quebrou porque não suportava mais carregar o peso de teus atos! Como eu havia dito, tens a alma pura, até demais... Contudo, necessitas preenche-la com algo que a torne leve. Trate isto como um recomeço!

- Servi a Loo-Ni-Fehr por toda a minha vida, e mesmo sabendo que ele é homem que comete coisas erradas, encontrei ali um lugar onde pudesse me sentir seguro e abrigado. Até as pessoas boas às vezes não agem como tal. Todos temos falhas, então para mim, que cresci sem amparo, afeto ou proteção, aquilo que o patrão me dava, era o melhor que eu já havia recebido! Confesso que não sei por onde começar...

- És a pessoa certa, no lugar certo e no momento certo! Qualquer outro poderia estar em teu lugar, mas foste tu o escolhido para ter a perna quebrada... Talvez não entendas, mas certos acontecimentos são, na verdade, um chamado!

- E quem poderia ter me chamado para este lugar senão o patrão?

- Teu patrão foi apenas o instrumento. Acho bastante provável que ele também tenha respondido a um chamado, do contrário não teria vindo até aqui! Todos, indistintamente, seguem em direção a seus destinos, como um rio que, seguindo seu percurso, desagua no mar... Se não encontraste acolhida entre as ditas pessoas de bem, é porque elas seriam incapazes de trazer-te ao exato lugar onde estás neste momento! Este ferimento em tua perna não é mais do que um claro sinal de que necessitas cessar imediatamente todo e qualquer ato praticado em nome deste que ainda insistes em chamar de patrão. Ele te ajudou, te acolheu, mas tu pagaste cada favor dele recebido! Ambos estão quites! Tanto é verdade que foste deixado aqui: Teu patrão não mais precisa de ti, e tu não mais precisas de teu patrão!

No bosque, entre as árvores, alguém discretamente os observava há algum tempo e o Amaka, virando-se para aquela direção, sem a menor cerimônia disse:

– Espreitar não é uma de tuas melhores virtudes! A conversa aqui está muito boa. Não queres participar?

- Quem é? Tem alguém nos espreitando? – perguntou Baku, assustado, porém sem receber nenhuma resposta do Amaka.

Ao perceber que fora descoberto, o interlocutor saiu dentre as árvores e caminhou em direção a ambos, Ilan e Baku.

- Ora, ora... Eis que bons ventos trouxeram aquele que envelhece, mas não morre! - disse Zym-Hur abrindo os braços para acolher o Amaka. - Seja bem-vindo a este lugar, meu grande amigo!

- Parece-me que tu não estás tão longe desta condição, não é mesmo? - disse Ilan, bem-humorado. - É grande a minha satisfação em reencontrar-te! Estou feliz por vê-lo em plena forma!

Ambos se abraçaram.

Durante alguns instantes, Zym-Hur olhou ao redor observando o platô de maneira detalhada e cautelosa, notando a falta de algo. Então, passou a juntar os objetos que, durante a fuga, fora obrigado a deixar, incluindo seu tão precioso Grimório. Finalmente, olhou para Ilan e disse:

- Em contraste à felicidade que sinto ao revê-lo, meu grande amigo, causa-me aflição perceber que um dos mais importantes objetos, mantido sob a guarda de meu clã por tanto tempo, ao que tudo indica, fora levado!

- A noite deve ter sido agitada... Cheguei muito cedo, seguindo os sinais do Vulcão Sagrado e encontrei este rapaz, ferido e muito fraco. Estou certo de que sobreviverá, porém requer cuidados. - disse Ilan.

O Kahuna, ainda impactado com tudo o que havia presenciado, coçou o cenho, pensou mais um pouco e então falou:

- Poderemos ajuda-lo! Mas este jovem terá que nos responder a várias perguntas!

- Que respostas ele teria para você?

- Os últimos dias têm sido atípicos, repletos de revelações e evidências concretas de que a profecia de fato iria se cumprir. Apesar de termos recebido vários avisos, no sentido de que estivéssemos prontos para viver dias agitados neste lugar, fomos surpreendidos pelo bando do qual este jovem pertence. Alguns homens invadiram o platô ontem à noite, e um deles, de nome Loo-Ni-Fehr, ultrapassou os limites do campo de proteção com absoluta facilidade.

- Francamente, meu bom amigo, nada disso me causa surpresa! Fosse noutros tempos, tudo bem... No entanto, sabíamos desde sempre sobre a natureza deste local! - disse o Amaka, enquanto mantinha sua mão no ombro do Kahuna. Olhe para o Vulcão Sagrado. Não parece estranho que os ventos estejam soprando em direção ao mar? Noutras épocas, este lugar não estaria repleto de cinzas como de fato já esteve?

- Não fosse a manifestação da deusa Pele, a situação por aqui teria sido pior! Estivemos, eu e minha protegida, a jovem Yan-Mei, diante de um ritual de sacrifício que somente não se consumou porque uma força maior impediu! E eu ainda não sei quem é este homem que tomou de minhas mãos o Grimório de meu clã, recitando-o como se soubesse de cor. Aliás, ele parecia conhecer tudo por aqui, até mesmo as passagens secretas...

- E isto te causa estranheza?

- Até certo ponto sim! Afinal de contas, por qual razão ele desejaria levar consigo o Cristal Negro?

- Foste apenas surpreendido pelos detalhes de uma situação que, no fundo, esperavas acontecer bem diante de teus olhos! É verdade que, provavelmente, todos nesta ilha devem ter visto o que se passou. E depois, o estrondo ensurdecedor e a abóbada não deixam dúvidas... Sei e acho provável que estejas impressionado com a força conjunta, movimentada pela deusa Pele bem como pelos Reis Elementais. Mas o momento é

chegado e finalmente estamos presenciando algo que muitos de nossos ancestrais tratavam como apenas uma lenda! - ponderou o Amaka enquanto era atenciosamente ouvido por Zym-Hur. Deixemos este assunto um pouco de lado... Agora não tens apenas uma protegida, mas também dois hóspedes com quem dividir tua atenção! À Propósito, onde ela está?

- Minha protegida está em segurança, na antessala da Câmara Sacerdotal. Preciso verificar as condições do platô, pois não estou certo de que Loo-Ni-Fehr tenha realmente ido embora.

- Com certeza o patrão foi embora! Aparentemente conseguiu o que queria... depois disto, ordenou aos homens que se retirassem. A esta altura, devem estar longe daqui.

- Está dizendo que ele veio atrás do Cristal Negro? Afinal de contas, o que você sabe sobre isso? - perguntou o Kahuna.

- Não sei de nada além do fato de que o vi carregando um objeto muito brilhante, o maior dentre todos os que estavam aqui.

- Oh! Havíamos esquecido de ti, filho! - disse Ilan.

- Disse que o objeto brilhava! É isso mesmo? Será que estamos falando da mesma coisa? - perguntou Zym-Hur, confuso com o que Baku estava a lhe dizer.

- Aquele objeto que estava bem ao centro... um cristal, não é isso? - disse Baku.

- Vamos leva-lo para a casa de pedra. Vou providenciar um espaço para este jovem repousar. Como é mesmo o seu nome?

- Baku, senhor.

- Está certo, Baku. Apesar dos acontecimentos, seja bem-vindo a este lugar! Vamos Ilan! Minha casa é também de vocês, pelo tempo que desejarem permanecer!

Antes de carrega-lo, o Amaka deu mais uma olhada na fratura, palpando levemente o local do ferimento para saber se Baku sentia dor. Então olhou para Zym-Hur e disse:

- Antigamente havia um velho Kahuna capaz de realizar grandes feitos, inclusive arrumar ossos quebrados com impressionante rapidez, diante dos olhos de todos. Ele morava neste lugar. O que aconteceu com ele?

- Ele ainda mora aqui... Mas desde há algum tempo, suas capacidades parecem ter mudado para outro lugar! Por- tanto, receio não poder auxiliar o jovem Baku no sentido de que sua perna se restabeleça prontamente. -

respondeu Zym-Hur, demonstrando certo desapontamento consigo mesmo, especialmente por saber que Loo-Ni-Fehr havia levado o Cristal Negro.

- Perdeste teus poderes? É isso que estás a me dizer?

- De certa forma sim... Alguns deles! Dias atrás, no Vulcão Sagrado, percebi que tanto a deusa Pele quanto os Reis Elementais ainda respondem ao meu chamado. Além disto, a visita de Ghob e da Sacerdotisa de Maaht, não deixaram dúvidas de que o contato entre mim e as forças da natureza ainda existe! Por outro lado, parece-me que todos estes acontecimentos estão relacionados à Yan-Mei, e sua presença aqui no platô, tem me devolvido gradualmente as forças que julgava ter perdido.

- Então, se entendi bem, o Kahuna está se tornando cada dia mais forte devido à presença de sua protegida...

- É mais ou menos isso!

Sábio, o Amaka olhou para Zym-Hur como quem é capaz de enxergar todos os segredos mais bem escondidos e, sorrindo de forma simpática enquanto movimentava as sobrancelhas, disse:

- De onde venho, damos outro nome para esta coisa que acabaste de dizer! O Kahuna não aguentou, deixando escapar a risada que o denunciaria.

- Além disto, teus olhos brilham ao falar de tua protegida... Sei bem o que é isso! - completou Ilan. - Vamos leva-lo de uma vez! É, filho... Ficarás curado, mas o processo será mais lento, já que não poderemos contar, ainda que momentaneamente, com os poderes do velho Kahuna. Por outro lado, terás tempo para pensar na vida!

Enquanto levavam Baku até a casa de pedra, Zym-Hur foi descrevendo em pormenores o acontecimento da noite anterior. Por sua vez, Baku, extrovertido que era, mesmo fraco, participou das conversas como se fosse um deles, ora fazendo perguntas, ora respondendo aos fatos. Uma coisa era certa, a presença de Baku tornaria bem mais barulhenta a vida naquele lugar!

CAPÍTULO DEZOITO

O Sonho de Yan-Mei

Na antessala, depois de ter vivido a experiência mais intensa de sua vida, a jovem agora dormia profundamente. Zym-Hur, por sua vez, fora até lá com o intuito de leva-la para conhecer Ilan, além de que, desejava lhe contar sobre os últimos acontecimentos. Contudo, preferiu não interromper o sono da jovem, voltando para a companhia de Baku e Ilan, pois sabia que o sono constitui a ponte entre os mundos visível e invisível.

"Que lugar lindo... Uma floresta repleta de árvores verde- jantes, em meio ao descampado... Animais convivendo em harmonia e o contínuo som emitido pelos pássaros... linda canção para meus ouvidos... Aqui o azul é mais azul, o verde é mais verde... tudo é mais límpido e o ar, carregado de aromas da natureza... em meio à floresta uma clareira... Há um templo de pedra cujo frontispício repousa três enormes cristais guardiões e ao topo, uma espécie de plataforma... mas o que é aquilo? Quem é aquele homem esguio que surgiu repentinamente, do nada, naquela plataforma? E a caixa que ele traz consigo, o que tem nela? Quem são estas pessoas que acabaram de aparecer? Elas não me veem... que estranho isso... posso passar através das pessoas... Quero ir mais perto para ver o que há na caixa... Uma pequena multidão agora... Haverá algum ritual? Vou pelas escadas... Há quatro pessoas subindo até o topo, aonde está aquele homem... não me veem... posso ir em segurança. Ele vai abrir a caixa... Oh! Cristais... cada qual com uma tonalidade específica... absoluta-mente luminosos e resplandecentes. O que aquele homem está dizendo? Ah, não são cristais comuns... Cristais Estelares... Não foram criados por Gaia... Vieram de muito longe, viajando no tempo e no espaço... trazem consigo incontável número de informações cósmicas e, quando perfeitamente alinhados, permitem estabelecer contato direto com os deuses... O Cristal Negro... o maior de todos eles! ... Está aqui, bem diante de meus olhos! ... ao coloca-lo em alinhamento com os Cristais Estelares, ele se tornará um poderoso gerador de energia... de quê?... Ele me viu... e disse que posso assistir aquilo... Os outros continuam não me

enxergando... sou invisível para eles. O homem continua a falar... Gaia entrou na terceira... terceira o quê... dimensão... e a exemplo de mundos superiores... deverá avançar para a quarta dimensão... O que será isso? Por que ele fala coisas tão difíceis de serem compreendidas... Os Cristais Estelares os tornarão criaturas capazes de conceber e executar coisas comuns aos mundos superiores, mas algo totalmente novo e nunca visto em Gaia... Agora ele está entregando os Cristais Estelares a um daqueles homens... "Sob os auspícios do Conselho Estelar e na condição de membro de Os Doze Guardiões Celestiais, eis que ponho em tuas mãos o Cristal Negro, os Cristais Estelares, os braceletes e amuletos, todos estes forjados a partir de uma única estrela, Alnitak! Nomeio-te Zym e concedo todas as prerrogativas para que possas executar a tarefa de fazer emergir a Raça..."

Yan-Mei acordou de súbito, como se tivesse caído, ofegante e banhada no próprio suor. Havia tido mais um daqueles sonhos. Será uma revelação dos deuses? Preciso contar a Zym- Hur. - pensou enquanto olhava ao redor, observando melhor os detalhes da antessala, onde era possível saber que o dia já estava claro, pois o engenhoso sistema de iluminação, mesmo depois de tanto tempo, ainda funcionava perfeitamente.

Na casa de pedra, Baku havia sido alojado e vez por outra, mascava aquelas folhas anestésicas enquanto resmungava alguma coisa. Ilan e Zym-Hur observavam-no enquanto colocavam em dia suas conversas.

- Noto que tua preocupação só faz aumentar, meu bom amigo! Além do Cristal Negro, algo mais te causa aflição? - perguntou Ilan enquanto manipulava um punhado de ervas especiais.

- Estava lembrando que todas as vezes em que manuseei aquele objeto, coisas estranhas aconteceram e, provavelmente pela força encerrada no Cristal Negro, desta vez, parece que fomos longe demais... - respondeu o Kahuna.

- Longe demais? Algo único desdobrou-se bem diante de teus olhos... Isto não indica ter ido longe demais, e sim, para perto dos Desígnios Superiores! Não te parece óbvio que exata- mente no dia mais esperado por ti, fosse também o dia em que o Cristal Negro retornasse às mãos de seu dono?

- Loo-Ni-Fehr dono do Cristal Negro? Escute, Ilan, este cristal está em nosso clã há muitas gerações! Sabemos de sua história, contada através dos tempos pelos meus antepassa- dos. Logo, não me parece nenhum

pouco lógico que ele seja seu dono. Aparentemente veio até aqui para tomar algo... Inicialmente prefiro assim pensar... Se não encontrarmos uma resposta condizente com toda esta situação, Loo-Ni-Fehr terá se tornado um ladrão comum, que tomou posse de um objeto cuja utilidade sequer é capaz de imaginar!

- Ao que sempre soube, consta que teu clã exercia a função de protetor do Cristal Negro. Não pensaste que algum dia seu dono reclamaria a propriedade? E depois, quem é Loo-Ni-Fehr, o homem que foi capaz de adentrar ao campo de proteção outrora criado para resguardar o Templo de Maaht? Que poderes este homem possui, que lhe facultaram desativar este mesmo campo de proteção?

- É verdade... Ele demonstrou saber como desativar o campo de proteção... Fez até mais do que isso... Buscou Yan-Mei em seu refúgio, numa clara indicação de que conhecia também os dispositivos que acionam as passagens secretas!

- Bem lembro o que aconteceu quando aqui chegamos... Eu, os homens e patrão observávamos de longe o Kahuna. Em seguida o patrão nos ordenou que atacássemos com o intuito de imobiliza-lo. Em dado momento tive a impressão de ter batido com muita força num grande muro de pedra, então fui jo- gado para trás restando quebrada a minha perna. - disse Baku relativamente impressionado com tudo o que estava ouvindo.

- Então esta é a prova de que o campo de proteção real- mente estava funcionando. - disse Ilan.

- Estava... Não está mais! Se Loo-Ni-Fehr invadiu este lugar uma vez, poderá invadir tantas quantas vezes desejar! E agora, será ainda mais fácil! - disse Zym-Hur, novamente esboçando grande preocupação.

- Tudo está muito recente! Deves deixar tua preocupação momentaneamente de lado. Há coisas mais importantes a serem tratadas por aqui. - disse Ilan enquanto retirava de seus pertences um cachimbo de piteira alongada. – Agora é o momento de me conectar com os espíritos de meus ancestrais...umas baforadas na ferida do jovem Baku a fim de que isto não infeccione.

- O que são estas ervas? - perguntou Baku.

- São Ervas Sagradas, filho. Capazes de trazer da morte até mesmo o pior dos moribundos! - respondeu o Amaka enquanto improvisava uma

cantiga ancestral.

Não demoraria muito até que Yan-Mei chegasse ao recinto limitando-se apenas a observar a atividade orquestrada por Ilan. Ficaria em pé durante alguns instantes até que o Amaka, percebendo sua presença, olhou-a, assentindo com a cabeça para que entrasse. Então a jovem sentou-se ao lado de Zym-Hur permanecendo em silêncio até que o ritual fosse concluído.

- Agora relaxa, filho. Deves dormir por algum tempo. O sono também te ajudará na reparação deste ferimento. – disse Ilan imediatamente virando-se para a jovem. - Oh! Esta deve ser a protegida! Como é mesmo teu nome, filha?

A jovem, levemente envergonhada, olhou para Zym-Hur que lhe sorriu como que estivesse permitindo a resposta. Então disse:

- Yan-Mei, senhor!

- Nome lindo para uma jovem linda! - disse Ilan, fazendo com que a jovem esboçasse um sorriso meio envergonhado ao tempo que também abaixava a cabeça. - Meu nome é Ilan.

- O senhor cuida dos doentes, senhor Ilan? - perguntou a jovem, curiosa com o que acabara de ver.

- Também cuido dos doentes... - respondeu o Amaka.

- Conseguiu descansar? Pois fui até lá e, ao ver que estava dormindo profundamente, preferi não interromper teu sono! - disse o Kahuna à jovem.

- Sim. Consegui descansar... tive um sonho muito...

- Não queria interromper agora, mas talvez seja melhor conversar sobre isto lá fora. Assim deixamos o jovem Baku descansar um pouco. O que acham? - disse Ilan para a concordância de todos. Então rumaram para o Portal.

- E então? Conte-nos sobre teu sonho! - disse o Kahuna.

- Antes de contar sobre o sonho, diga-me sobre o Cristal Negro. Ele está aqui, não está?

- Por que a pergunta?

- Porque foi justamente com ele que sonhei. Aliás, havia mais coisas em meu sonho e, dentre elas, o Cristal Negro!

- Oh! Conte-nos logo, filha! A curiosidade das crianças é a mesma que habita num velho como eu! - disse Ilan.

- Parecia que eu estava invisível para todos... podia até mesmo passar através das pessoas... À exceção de um único ser, os demais eram incapazes de me enxergar. Este ser não se parecia com os demais. Era alto e esguio. Muito alto, aliás. Então expôs uma espécie de caixa contendo vários e maravilhosos cristais que ele chamou de Cristais Estelares...

- Não é possível! - disse Ilan, impressionado com o que acabara de ouvir. - Não tiveste um sonho, filha! Isto foi uma visão! Mas por favor, continue... Conte-nos tudo!

- Havia também o Cristal Negro... Segundo aquele ser, uma vez em alinhamento com os Cristais Estelares, ele se tornaria capaz de gerar um tipo de energia... Não sou capaz de dizer o nome...

- Energia Vril! - completou Ilan, arrepiado com o que acabara de ouvir.

- Mas o que é energia Vril? - perguntou a jovem. — Filha, há algo mais a ser dito? Se sim, por favor, continue!

- Sim! Em seguida, havia alguns objetos semelhantes aos que Zym-Hur me mostrara. Na verdade, eram idênticos! Então, o ser entregou todos os objetos àquele homem, citando coisas que desconheço, mas que jamais serei capaz de esquecer...

- Quais coisas ele disse, filha?

- Sob os auspícios do Conselho Estelar e na condição de membro de Os Doze Guardiões Celestiais, eis que ponho em tuas mãos o Cristal Negro, os Cristais Estelares, os braceletes e amuletos, todos estes forjados a partir de uma única estrela, Alnitak...

Ambos, Zym-Hur e Ilan estavam assombrados com a visão da jovem! Tanto que se olharam, olhos arregalados e corações palpitantes para em coro, completarem a declaração:

- Nomeio-te Zyme concedo todas as prerrogativas para que possas executar a tarefa de fazer emergir a Raça Lemuriana, e que esta possa espalhar-se por Gaia, tornando-se a pedra fundamental, o marco zero para o surgimento de uma nova humanidade!

Yan-Mei ficou estarrecida! Seus interlocutores não somente foram capazes de repetir o que ocorrera no sonho, mas também foram além, trazendo o restante das informações que a jovem, por ter despertado subitamente, não conseguiu trazer. - Como sabem de tudo isso? - disse olhando para os dois.

- Por que sabemos... - responderam ambos, ao mesmo tempo, deixando a jovem bastante irritada.

- Não me parece nenhum pouco sensato que dois homens de grande sabedoria respondam como se estivessem conversando com uma criança... Acredito que, se isto de fato é uma visão, então estou pronta para saber absolutamente tudo...

- Minha querida Yan-Mei. - disse o Kahuna - Não há problema algum em saber sobre isto. A questão é que fomos pegos de surpresa... ao menos eu fui! Causa-me espanto saber que os deuses estão te revelando coisas que até então eram mantidas em segredo!

- Algo aqui não faz sentido! - disse a jovem - Lembra da visão que tive, e que você me explicou sobre três entidades terem retirado o Cristal Negro das mãos de seu verdadeiro dono?

- Sim! Lembro! - respondeu o Kahuna.

- Por qual razão tirariam o Cristal Negro das mãos de um Zym para entregar a outros indivíduos pertencentes ao mesmo clã? Isto não traria desordem para dentro do grupo?

- Talvez devesses contar toda a história para esta jovem, não concordas, meu amigo? - disse Ilan em tom de ponderação.

- E o que mais eu deveria saber? Responda-me, por favor! - insistiu a jovem, olhando firmemente para Zym-Hur.

- Deixe-me pensar sobre isto! Você bem sabe, Ilan, quanto sofrimento estas coisas trazem para mim!

- Diga-me que algum dia eu saberia de tudo, caso não houvesse tido a visão... Diga-me, por favor, que me contaria... - insistiu a jovem.

- Não tenho segredos para ti, minha querida! É que as coisas têm andado muito rapidamente por aqui! Você sabe... faz pouco tempo que você chegou e, no entanto, aconteceram mais coisas que durante todo o período de minha vida... Talvez meu pai jamais tenha recebido a visita da Sacerdotisa de Maaht...

- Quem era o ser que entregou todas aquelas peças ao homem dando-lhe posteriormente o nome de Zym?

O Kahuna, normalmente solícito aos questionamentos de Yan-Mei, desta vez ficou engasgado. As palavras não vinham e sua aparência, antes tranquila, agora cedia espaço à de um homem mergulhado no mais profundo dos conflitos da alma! De cabeça baixa, Zym-Hur não seria capaz

de dizer algo a respeito! Ilan, por sua vez, resolveu tomar a liberdade de responder ao questionamento da jovem.

- Esta pergunta não fere a memória de teu clã, meu amigo! - disse Ilan, olhando para Zym-Hur. - Minha filha, naqueles tempos, os deuses desceram até Gaia. Eles tinham o propósito de transmitir conhecimentos e compartilhar ferramentas mais avançadas aos seres aqui existentes. O propósito era bastante simples: Trazer a evolução para Gaia, a exemplo do que acontece noutros mundos superiores! Suas visitas eram constantes e seu amor por Gaia era algo de tal forma grande que não há palavras capazes de descrever. Éramos tratados como os filhos dos deuses!

- E aqueles objetos, o que de fato significavam?

- Esta é uma pergunta inteligente, filha, e, portanto, difícil de ser respondida. Tenho comigo que, quem sabe perguntar, é porque está pronto para ouvir a resposta! Bem... Aqueles são instrumentos de poder. Cada um deles é capaz de controlar forças incomensuráveis. Porém, para extrair todo o potencial daqueles objetos, é necessário seu correto alinhamento... Isto foi algo que penso ter visto em minha visão... o ser falou algo como "perfeito alinhamento". Seria isto?

- Estás correta! Não basta ter todos os objetos que, aliás, nas mãos de um leigo, não passariam de "coisas" sem o menor sentido. Alguns usariam aquilo como ornamento... Mas os Iniciados, estes poderiam realizar grandes prodígios ao ponto de serem confundidos como deuses! - disse Ilan sob o olhar de consentimento do Kahuna.

- Aquela era uma cerimônia iniciática?

- De certa forma era! Por que a pergunta? - questionou Ilan, percebendo que a jovem era capaz de ir mais a fundo em tudo aquilo.

- Na verdade eu quero saber se o homem que recebeu os objetos era um iniciado ou...

- Ou se era um deus! - completou Zym-Hur. - Não sabemos, de fato, se o primeiro Zym era um deus. Apenas alguns poucos indícios nos levaram crer que se tratava de uma criatura especial...

- E porque acreditam que ele era uma pessoa especial?

- Por que seria de uma imprudência desmedida entregar instrumentos tão poderosos nas mãos de um único habitante de Gaia! - respondeu Zym-Hur.

- Se estou entendendo, é bem possível que os deuses entregaram vários objetos de poder nas mãos de... outro deus... e a ele deram o nome de Zym. Seria isto?

- Exato!

- É neste ponto que eu volto à primeira questão: Por qual razão tirariam o Cristal Negro de um deus de nome Zym para entregar a seu próprio clã? - insistiu a jovem.

- Por favor... te peço, me dê mais um tempo a fim de que te responda com toda a propriedade. - disse Zym-Hur, demonstrando certo constrangimento.

– Sim, filha. Dê este tempo... Saber disto não mudará em nada aquilo que já aconteceu, nem tampouco alterará a ordem das coisas!

- Tudo bem. Eu aceito que seja assim. Entretanto, gostaria de comentar sobre algo que vi... Todos aqueles objetos se parecem muito com os de Zym-Hur. Seriam os mesmos?

- Eu já havia dito que todos os paramentos me foram entregues por meu pai... e, em princípio, todos os demais objetos foram originalmente entregues ao primeiro Zym. Também é de teu conhecimento que o colar original se perdeu...

- Você observou que Loo-Ni-Fehr possuía paramentos semelhantes? Observou que ele também possuía uma adaga igual à sua? Ah... Lembrei de algo... como pude esquecer? Sim! Eu notei que ele possuía objetos bastante semelhantes aos meus, e isto foi algo que me causou espanto! Mas diga, o que você lembrou?

- Assim que o Vulcão Sagrado entrou em erupção, minha mente foi inundada por um forte pensamento de que deveria me agarrar ao colar que Loo-Ni-Fehr usava... E num impulso, agarrei-me ao ponto de arrebentá-lo de modo que as contas se espalharam pelo chão, exceto o pingente... trouxe-o comigo... Aqui está!

Zym-Hur tomou o objeto em suas mãos, analisando-o demorada e criteriosamente. Seus olhos denunciavam o valor do objeto que repousava em suas mãos e, após alguns instantes, olhou para Ilan, dizendo:

- Tome este pingente, Ilan. Veja se é mesmo aquilo que estou pensando...

- Não tenho a menor sombra de dúvida, meu amigo! - disse o Amaka após uma breve olhada no pingente. - Trata-se do objeto original, entregue

pelos deuses ao primeiro Zym!

- Tem certeza disto? - perguntou a jovem.

- Absoluta certeza! Eu mesmo o peguei em minhas mãos algumas vezes. Jamais esqueceria estes detalhes tão bem elaborados que, aliás, ninguém seria capaz de reproduzir... Ao menos não em Gaia!

- E por que este pingente estaria no pescoço de Loo-Ni-Fehr? - questionou Zym-Hur, incrédulo com a situação.

- Se você não sabe, quem poderia saber? – perguntou Yan-Mei.

- Deve haver uma boa razão para isso! Loo-Ni-Fehr andou por este lugar demonstrando total conhecimento de tudo! E agora você me diz que arrancou de seu pescoço um pingente cuja cópia simplória, recebi de meu pai. É a primeira vez que ponho meus olhos neste objeto e, confesso, estou ao mesmo tempo maravilhado com a linda peça, mas também in- quieto diante do fato de que Loo-Ni-Fehr o possuía. Pensando bem, agora não resta dúvidas, ele veio buscar algo que tinha certeza estar aqui.

- Agora fiquei confusa! O que ele veio buscar?

- O Cristal Negro! Levou consigo... Aquele objeto já não está mais conosco!

- O que? Ele roubou o Cristal Negro?

- Filha, se me permite... não sabemos se ele roubou... Alguns fatos necessitam ser clareados levando em conta que este homem estava em posse de um objeto que, sabemos, outrora fora entregue ao primeiro Zym.

- Você está certo, Ilan! Loo-Ni-Fehr invadiu o platô justamente no dia em que a profecia se cumpriu! Ainda me arrepia lembrar que vi um objeto voador pairando sobre o Vulcão Sagrado, muito embora tenha sido algo repentino, pois buscávamos abrigo na passagem secreta. No entanto, agora me parece sensato pensar que Loo-Ni-Fehr faça parte de meu clã e que veio até o platô para que a profecia se cumprisse!

- Faz todo o sentido! - disse Yan-Mei enquanto olhava para Zym-Hur. - Segundo entendi, ele demonstrou conheci- mentos que, conforme você disse, apenas os Altos Sacerdotes de Mu detinham.

- Talvez o jovem Baku possa nos ajudar a esclarecer algo! - disse Ilan. Mas é necessário deixa-lo se recuperar já que está fraco e um pouco confuso.

Num breve momento de silêncio, Zym-Hur caminhou até a extremidade do Portal voltando-se para o Vulcão Sa- grado. A vista era, ao mesmo tempo grandiosa e surreal. A lava escorria pela encosta chegando até o mar, e as cinzas expelidas pelo vulcão tomavam direção contrária ao platô. Quase nem acredito que esteja acontecendo! Impossível não perceber a ação dos Reis Elementais em tudo isso! Então, a profecia finalmente se cumpriu! - pensava. Talvez esteja muito mais confuso que Baku! - gritou Zym-Hur, virando-se para o Amaka e a jovem. Se Loo-Ni-Fehr realmente pertence a meu clã, por qual razão nos tratou com tanta hostilidade a ponto de me fazer refém enquanto oferecia Yan-Mei em sacrifício? Preciso de respostas!

- Realmente estás confuso, meu amigo. As respostas estão todas dentro de ti, em algum lugar de tua alma. Tenha calma e dê tempo ao tempo. Enquanto isso, devemos nos organizar... as coisas por aqui estão empoeiradas e ainda presas ao passado. Há um momento em que precisamos deixar o antigo para trás e abrir nossas almas para o novo! E quanto a ti, filha, sei que tens incontáveis dúvidas, mas por outro lado, há algo realmente grandioso em teu interior, pulsando como a luz do Sol, apenas esperando pelo momento certo... então, teus raios luminosos dissiparão as trevas da ignorância dos homens, conduzindo-os ao rumo de sua própria iluminação!

- O senhor fala como a Sacerdotisa de Maaht. Ela esteve aqui e viu algo em mim que eu mesma não sou capaz de enxergar. Tive algumas experiências bastante significativas, é verdade, mas não vivi tempo suficiente para saber mais que vocês. Acredito que sabedoria é algo que se adquire com o passar do tempo.

- Sim. De fato, a sabedoria é algo que se alcança com o passar do tempo. Muitos confundem-na com o puro e simples conhecimento. Saber muito não equivale a ser sábio. Assim como a felicidade, a sabedoria é também um estado de espírito e está relacionada ao Ser. E sobre isso, há algo muito importante que preciso dizer a vocês!

- Pois diga-nos! Estou curiosa!

- Até os dias atuais, os mais jovens aprendiam com os mais velhos. Mas a partir deste novo tempo, os mais velhos aprenderão com os mais jovens! Esta é, aliás, a razão pela qual estou aqui entre vocês!

- Em minhas meditações, muitas vezes notei que grande mudança se aproxima. Também percebi que este lugar, outrora importante para Maaht, parece estar passando por todo um processo de revitalização e, talvez, por ter ficado tanto tempo no mais completo isolamento, fui incapaz de notar as mudanças a nível mais amplo. Aliás, a vida aqui no platô tem sido de solitude, ao menos até a chegada de Yan-Mei.

- Teu isolamento foi necessário! Provavelmente sem ter plena consciência do que acontecia, te preparavas para este momento. Não te parece curioso que estejamos nós quatro neste lugar?

- Nós quatro? Ah... Baku? Ele está incluído nisso? - disse a jovem, entrando na conversa.

- Sim, filha! Embora não saiba, ele é tão importante quanto cada um de nós! Porém, isto é só o começo... Outros virão!

- Acabei de ficar arrepiada...

- Eu também fiquei! - disse Zym-Hur.

- Já que todos estamos arrepiados, que tal prepararmos uma bela fogueira e conversarmos o restante da noite? Há coisas que desejo compartilhar com vocês.

- E Baku? - perguntou a jovem.

- Estará conosco! Tens alguma dúvida sobre ele, filha?

- Sim, tenho muitas dúvidas... Mas tudo bem... Está tudo certo! Vou lá separar algumas coisas para comermos. Aproveito para ver como Baku está.

- Para os buscadores da Verdade, a dúvida sempre será um instrumento de impulsão, já que os instigará a desvendarem os mistérios da vida. Para os inseguros, o cruel e im- piedoso escravizador disposto a aplicar o imediato castigo ao menor sinal de hesitação!

- Vou buscar a lenha. Pelo visto, teremos uma grande noite, já que Ilan está muitíssimo inspirado!

- Eu ajudo! - disse Ilan.

No Vulcão Sagrado, após a bem-sucedida passagem pelo Portal Multidimensional, ROR, o Segundo Guardião Celestial, preparava-se para iniciar sua jornada. Fora recebido pelos Reis Elementais e agora, reunidos, discutiam alguns pontos importantes visando a aplicação do Plano de Ajuste Planetário.

Djinn (Rei das Salamandras, Elemento Fogo):

Querido amigo de todos os tempos! Receba o caloroso abraço daqueles que, com imensa alegria, cooperam seguindo os designios do Alto! Sabemos que todos somos micropartículas gestadas no seio da Consciência Criadora. Portanto, os átomos que habitam teu Ser, são irmãos dos átomos que habitam o meu Ser, o que nos torna, para sempre, membros da mais verdadeira e inquebrantável Irmandade Cósmica!

ROR:

Meus queridos... Estou feliz por novamente partilhar de vossa companhia! O tempo urge e temos uma importante missão pela frente. Deverei me ausentar por alguns tempos, mas como sabem, este foi o local escolhido para ser o Marco Zero. Logo, assim que concluir as medições em Gaia, me reunirei a vocês para que possamos exercer, de maneira efetiva, cada um dos passos do Plano de Ajuste Planetário.

Djinn:

Adotamos todos os parâmetros sugeridos por KIM. Neste momento o antigo Portal Multidimensional, localizado nas ruí- nas do Templo de Maaht está sendo restaurado. Entretanto, o desafio será reconstruir todo o circuito quântico... que não está completo! Caso estivesse, uma simples alteração e ele passaria a funcionar como um portal de acesso aos Umbrais Astralinos.

Paralda (Rei dos Elfos, Elemento Ar):

De fato, é algo simples! O portal de acesso consistirá numa espécie de torvelinho cuja função será remoinhar todas as almas que pereceram no Grande Cataclismo. Devido às condições vibracionais de Gaia, haverá uma série de fenômenos físicos que retorcerão as nuvens, lembrando um grande furacão, mas sem seus efeitos catastróficos.

ROR:

Quais partes faltam e quanto tempo levaria para reconstruir o circuito quântico bem como recuperar e posicionar os três Cristais Mestres...

Djinn:

Quanto ao circuito quântico... Faltam todas as partes!

ROR:
Está nas mãos de alguém?

Djinn:
Sim! Alguém que, no último momento, resolveu mudar de ideia.

Niksa (Rei dos Tritões e Ondinas, Elemento Água):
Os Cristais Mestres já foram trazidos das profundezas dos oceanos e, portanto, podem ser facilmente transportados até o Templo de Maaht.

Ghob (Rei dos Gnomos, Elemento Terra):
Estamos aguardando vossa autorização para fazer o transporte e posicionamento dos Cristais Mestres. Sabemos que, embora tenha restado apenas as ruínas do Templo de Maaht, entretanto, toda a sua construção etérica ainda permanece intacta. Nos últimos dias, com o intuito de reajustar os vários pontos geo-biológicos e vibracionais daquele local, constatei que, caso seja de vosso desejo, é possível reconstruir todo o templo, e com isto res- gatar a mesma atmosfera de outrora, quando vós descestes para contemplar os humanos com vossos instrumentos de evolução. Também devo informar que realizei algumas interações fazendo-me ser notado pelos que lá habitam, sem que houvesse quaisquer dificuldades de comunicação!

ROR:
A interação deve continuar! Quanto à reconstrução do Templo de Maaht, isto deverá ser feito após o posicionamento dos Cristais Mestres. Agora, fale-me sobre nosso emissário.

Ghob:
Como é inerente ao mundo físico, será necessário algum tempo até que ele consiga se fazer entender. Aliás, é curioso notar que, embora tenha dado fortes pistas sobre a razão de sua visita, ainda assim os demais foram incapazes de compreende-lo.

ROR:

É natural! A vida na matéria entorpece a alma! Aguarde-mos que entendam as razões da visita de nosso emissário!

Djinn:
Em relação ao circuito quântico, como devemos proceder?

ROR:
Tenho orientações expressas de que não devemos, sob hi- pótese alguma, interferir no livre-arbítrio deles. Por outro lado, há um plano de proporções gigantescas em andamento, o qual precisamos executar. Sem o circuito quântico, não conseguiremos lançar as almas nos Umbrais Astralinos e isto impedirá a perfeita equalização do padrão vibracional de Gaia! Encontraremos a solução em tempo hábil, pois como sabemos, há uma leva de missionários rumando para cá, neste exato momento e, ao chegarem aqui, precisarão encontrar condições vibracionais compatíveis! Do contrário, toda a missão correrá sério risco!

Ghob:
O que devo fazer com a caixa que me entregaste?

ROR:
Guarde-a por enquanto!
Queridos amigos... Preciso realizar as medições... É o momento de ir! Que a sincronicidade favoreça a transição de Gaia!

Até breve!

No platô, as labaredas queimavam vigorosamente a lenha posta organizadamente por Zym-Hur, produzindo um clarão que iluminava a noite escura. Enquanto as brasas não se formavam, Yan-Mei separava alguns dos alimentos que seriam assados na brasa. Baku, acomodado de maneira confortável, coçava as mãos enquanto olhava para a comida. Ilan, por sua vez, baforava seu cachimbo.
- Sinto a presença dos espíritos de nossos antepassados. Vieram nos visitar! - disse Zym-Hur.

- Sim! Estão aqui... Foram trazidos pelos Amakas. Não sei se és capaz de perceber, filha, mas eles estão na companhia de pessoas que te são muito caras.

Rapidamente o ambiente fora tomado por um clima de saudosismo, ao menos para Yan-Mei que, constatando a presença de seus familiares, sentiu verter grossas lágrimas através de seus olhos.

- São meus pais! Ao lado deles está Merih... Oh, meu irmão, o que fez de tua própria vida? - disse a jovem ao perceber a presença do irmão, que por sua vez chorava copiosa- mente, inconsolável, já que não mais poderia voltar para sua família.

Agora você está noutra vida! Eu e teu pai estamos tranquilos... Merih ficará bem... Cuidaremos dele. O platô é teu novo lar... Cuida bem disto!

- Gostaria tanto de descer ao vilarejo para ver meus sobrinhos, aquelas pobres e inocentes crianças devem estar sentindo a falta do pai... Ao menos saberiam que estou bem e que as amo!

Isto era algo que Merih devia ter previsto antes de se envolver, por pura e simples ganância, com quem se envolveu... Toda escolha traz uma consequência! Apesar de serem nossos filhos e netos, não há nada que se possa fazer por eles, exceto alimentar as vibrações amorosas que nos mantêm ligados uns aos outros, no anseio de que cumpram, cada qual, sua missão em Gaia!

- Merih está morto. Eu o vi morrer... foi uma cena estranha... repentinamente voou despenhadeiro abaixo. O patrão o chamava de traidor. Não havia nada que pudéssemos fazer para evitar aquilo!

- Basta! Não é necessário que diga mais nada! - disse a jovem, que continuava a chorar compulsivamente.

- A vida em Gaia consiste num contínuo movimento de superação. Todos necessitamos nos adaptar aceitando aquilo que o destino oferece. E mesmo diante das piores perdas, é necessário seguir em frente! Sempre! - disse Zym-Hur enquanto consolava a jovem.

- Todos, do mais afortunado ao terrivelmente desgraçado, somos de fato sobreviventes! Estamos em Gaia para uma travessia nem tão longa, nem tão curta, mas suficiente para que nela possamos enxergar a maravilhosa paisagem que, por vezes, escapa aos nossos olhares... - disse Ilan.

—Julgar-se desgraçado é egoísmo? - perguntou Baku.

- Aquele que se julga desgraçado não é egoísta, filho, mas sim, um cego!

- Por que seria um cego em vez de egoísta? - tornou a perguntar.

- Porque há um princípio, uma origem que rege cada acontecimento. Nada acontece ao acaso e isto tem um nome: Sincronicidade! Equivale dizer que, se estamos aqui neste momento, é porque existe uma razão grandiosa! Todos os acontecimentos ruins que antecederam a este encontro, não foram mais do que meios utilizados pela Sabedoria da Vida para que respondêssemos a um chamado...

- Chamado de quem?

- Chamado dos deuses, filho!

- Ainda não entendo...

- Mas não tardarás a entender!

- Conte sobre a Ordem dos Amakas, Ilan. Creio que estes jovens gostariam de saber. - disse Zym-Hur enquanto se reposicionava em torno da fogueira, ao passo que ajeitava, com o auxílio de Yan-Mei, os alimentos a serem assados na brasa.

- Numa época tão antiga e já perdida no tempo, surgiu um grupo de anciãos cuja missão era aconselhar a humanidade. Éramos chamados de Espíritos Paternais, pois nossa transmigração ocorreu de maneira diferente aos demais humanos...

- Quer dizer que o senhor não é humano? - perguntou Yan-Mei, impressionada com o relato de Ilan.

- Sou humano, mas não como você! Todos os nativos e remanescentes de Mu são descendentes da Raça Lemuriana. Quanto a mim, faço parte da já extinta Raça das Sombras, outrora formada por indivíduos que não possuíam corpos físicos. Isto nos coloca numa condição, digamos, diferente... Nossos corpos são fluídicos, etéricos... somos invisíveis aos olhos humanos!

- Mas como o enxergamos? - perguntou Baku.

- Dominamos certas forças da natureza ao ponto de provocarmos, sempre que for de nosso desejo, um fenômeno conhecido por tangenciamento ou materialização. Isso quer dizer que criamos nossos próprios corpos físicos conforme o poder de nossa vontade! - disse Ilan

enquanto exibia seu braço, fazendo-o momentaneamente desaparecer para em seguida reaparecer, bem diante dos olhos de todos.

- Então o senhor é um fantasma... - disse Yan-Mei, de olhos arregalados.

- Sou um fantasma... Diferente de vocês, que se utilizam da visão psíquica para avistar os espíritos, a mim, por viver nestes dois mundos, enxergo os espíritos com a mesma nitidez de vossos olhos físicos! Por favor, olhem uns para os outros! É exatamente desta forma que eu enxergo o mundo invisível!

- Que conversa mais estranha! - disse Baku - O senhor até ajudou a carregar-me para a casa... Endireitou meus ossos quebrados... Como pode ser um fantasma?

- Tudo o que Ilan está contando é a mais absoluta verdade! Há apenas uma diferença entre ele e nós: O corpo físico! Isto equivale dizer que, quando morrermos, habitaremos o mundo onde ele vive! No entanto, talvez não sejamos capazes de fazer o que ele faz, que é tangenciar-se a ponto de parecer possuir um corpo físico. - disse Zym-Hur.

- Já que pode enxergar além de nossos olhares, o que o senhor vê neste platô? - perguntou Yan-Mei.

- O Templo de Maaht, lindo e resplandecente! Porém em seu estado vibracional! Ele está rodeado pelas árvores que existiam naqueles tempos em que os deuses entregaram os objetos ao primeiro Zym.

- E os cristais? - perguntou Zym-Hur.

- Não estão aqui, mas em breve estarão!

- Os três cristais?

- Cristais Mestres! Assim eram chamados!

- O Templo de Maaht está relacionado ao surgimento do primeiro Zym? - perguntou a jovem.

- Sim! E isto é algo que gostaria de trazer ao conhecimento de todos! – disse Ilan. – Exatamente neste lugar, há muito tempo, os deuses desceram para iniciar a formação da Raça Lemuriana. Este local fora escolhido porque encerra um poderosíssimo ponto magnético que propicia a formação de um Portal Multidimensional. Em Gaia, há muitos pontos semelhantes a este, de modo que há também muitos Portais Multidimensionais... Porém, este aqui é algo especial...

- E o que eles fazem? - perguntou a jovem.

- Permitem a rápida passagem para o lugar mais distante em Gaia. Mas não é só isso! Uma vez que adentre ao Portal Multidimensional, não haverá barreira entre o mundo dos vivos e dos mortos, de modo que será possível enxerga-los enquanto eles te enxergam, ouvi-los enquanto eles te ouvem, tocá-los enquanto eles te tocam...

- É como se os mortos voltassem à vida? - perguntou Baku.

- Ou, também, como se os vivos atravessassem a barreira da morte sem de fato terem morrido! Adentrando ao portal, encontrarás aqueles que um dia morreram, amigos ou inimigos, familiares, conhecidos ou estranhos.

Todos ouviam com absoluta atenção, e até mesmo Baku demonstrava compreender tudo aquilo que o Amaka estava falando. Após uma breve pausa para acender seu cachimbo, Ilan continuou:

- A partir do momento em que o Portal Multidimensional se abre, exibe uma cor luminosa e homogênea, então podemos passar de um lado para o outro. Geralmente ele permanece aberto por vários dias e, quando está prestes a se fechar, sua luminosidade oscila e ocorre uma emissão de raios multicoloridos... então ele se fecha! Quando isso acontece, é melhor que estejamos aqui, do lado de fora!

- Ficaríamos presos para sempre? - perguntou a jovem.

- Não exatamente! - disse Ilan. Mas provavelmente vagaríamos pelo mundo dos mortos durante um bom tempo, aguardando que, de alguma sorte, o portal voltasse a se abrir.

- Se estes portais se abrem de tempos em tempos, então seria correto afirmar que ao morrer, uma pessoa deveria esperar por sua abertura para finalmente adentrar ao mundo dos mortos? - perguntou a jovem.

- Inteligente a tua pergunta, filha! Ouviste falar em almas penadas?

- Sim! E as vi muitas vezes! Lembrei de algo... quando resolvi subir ao platô, ouvi vozes e gemidos, gritos horríveis e até mesmo o vento parecia ter vida!...

- Pois ouviste as almas penadas! Há outro nome para isto! Chamamos de Espíritos Subconscientes, já que a maioria deles não possui consciência de sua realidade. Julgam estar vivos, porém não conseguem entender por que seus familiares não lhes respondem... Depois de algum tempo, adotam um comportamento errante, e passam a vaguear por Gaia até perderem a

memória sobre si mesmos. Transcorrido algum tempo, não sabem quem são nem tampouco se estão vivos ou mortos.

- Eles devem esperar a abertura destes portais para finalmente entrarem no mundo dos mortos? - perguntou Baku.

- Estou gostando, filho! Tens melhorado a olhos vistos! A Ordem dos Amakas nasceu com o propósito de auxiliar estes espíritos sofredores a encontrarem o caminho de volta! Resgatamos suas memórias, os levamos para o seio de sua alma familiar, composta por antepassados e entes queridos já mortos e, muitas vezes intervimos junto aos deuses rogando para que lhes deem uma nova chance, pois muitos não somente perderam-se pelo caminho como também se afastaram de seu propósito evolutivo. - respondeu Ilan enquanto dava mais umas baforadas em seu cachimbo.

- Você sabe, Ilan... É da cultura de meu clã contar com o auxílio dos Espíritos Subconscientes... Tenho notado desde algum tempo, que já não posso mais contar com eles. Ao mesmo tempo, noto a presença de um número muito grande dessas entidades, não somente nos arredores do platô como também por toda a montanha... Observe, aliás, que Yan-Mei foi capaz de percebê-los enquanto vinha para cá, não faz muitos dias... - disse Zym-Hur, com o claro intuito de encontrar uma explicação para aquele fenômeno.

- Meu bom amigo, este verdadeiro êxodo não está acontecendo ao acaso. Todos aqueles que vagueiam desde a Fúria de Gaia, finalmente encontrarão um lugar no mundo dos mortos.

- Então eles estão vindo para cá? - perguntou a jovem. - Por razões óbvias, estão sendo trazidos para este lugar! - disse Ilan.

- Quer dizer que está próximo o dia em que um Portal Multidimensional se abrirá? - perguntou a jovem. Deves ter visto um destes portais se abrirem, não? - disse Ilan, olhando para a jovem enquanto apontava para o Vulcão Sagrado.

- Vimos! -responderam os três, em coro.

- Aquele, de acordo com a profecia, era o portal de acesso a um orbe superior onde moram os deuses. Portanto, somente eles transitam por ali!

- Então o Vulcão Sagrado possui outro destes pontos magnéticos? - perguntou Baku.

- A Grande Ilha de Hur é, na verdade, um dos mais poderosos pontos magnéticos dentre outros existentes! Iguais a este, haverá não mais do que quatro pontos em Gaia! Portanto, estamos pisando em solo sagrado, razão pela qual os deuses escolheram este lugar para a criação da Raça Lemuriana! disse Ilan enquanto levantava-se para caminhar em torno da fogueira. - Contudo, há outra coisa não menos importante, a ser dita! De tempos em tempos, abre-se, neste mesmo lugar, um Portal Cósmico, através do qual os viajores estelares visitam mundos como Gaia ou retornam a seus mundos de origem após o término de suas missões.

- Este assunto já está ficando difícil de ser compreendido... disse Baku. Acho que é a fome! Posso pegar algo para comer?

- Deixa que te alcanço! - disse Yan-Mei, rindo muito e sendo acompanhada pelos demais, já que Baku havia falado de uma forma bastante engraçada.

- Eis algo ainda mais importante! - disse Ilan. - Parece haver uma orquestração sempre muito bem conduzida pelos deuses no sentido de que um portal não seja aberto enquanto o outro estiver. Ou seja, abre-se o Portal Multidimensional esperando seu completo fechamento, então abre-se o Portal Cós- mico...

- Existe a possibilidade que ambos os portais sejam abertos ao mesmo tempo? - perguntou a jovem.

- Isto já ocorreu... e os resultados foram catastróficos! - disse Ilan. - Agora chegamos no ponto alto de nossa conversa! Explicarei sobre a visão da jovem Yan-Mei!

— Já estou apavorada! - disse a jovem.

- Eu também! - replicou Baku.

- Conte-nos, Ilan. Afinal de contas, você é o único dentre nós que esteve lá! - disse o Kahuna.

- Foi uma cerimônia linda que envolveu vários mundos. Os deuses vieram até nós trazendo vários objetos, cada qual relacionado a um tipo de poder. Estes objetos foram entregues, um a um, para um grupo de escolhidos. Finalmente, um destes indivíduos, possuidor da mais alta estima dos deuses e considerado por eles como um predestinado, recebeu vários objetos. Na verdade, todos os objetos vistos pela jovem Yan-Mei! - disse Ilan.

- O senhor saberia explicar o significado de cada um daqueles objetos? - perguntou a jovem.

- Os paramentos serviriam para identificar aquele que seria elevado ao posto de primeiro Alto Sacerdote de Mu. Todos os seus objetos eram autênticos e produzidos por mãos não humanas! Houve, depois disto, através de rituais, a consagração de muitos Altos Sacerdotes, porém, seus paramentos foram construídos à imagem e semelhança daqueles outros originais e, muito embora carregassem a mística, já não eram mais instrumentos de poder. O povo não sabia deste pequeno detalhe, de que se tratava de objetos simbólicos e sem poder algum. Portanto, sua ignorância perpetuava o poder dos Altos Sacerdotes! Havia, contudo, dois objetos importantes que compunham os paramentos do primeiro Alto Sacerdote: O pingente e a adaga! Eles constituem os instrumentos da imunidade cármica!

- O pingente que estava no pescoço de Loo-Ni-Fehr... E o que é imunidade cármica? - disse a jovem.

- Sim! Aquele é de fato o pingente original - disse Ilan. - Imunidade cármica diz respeito ao equilíbrio das forças e neste ponto, a luz e a escuridão, a força e a fraqueza, a conquista e a derrota, o amor e o ódio, o perdão e a vingança passam a ter o mesmo peso, tornando-se, portanto, forças equânimes! Seu detentor pode uma coisa e pode outra. Ele pode amar ou odiar, pode perdoar ou vingar-se... E ainda assim estará em conformidade com a Sabedoria da Vida!

- Entendi! - disse a jovem, espantada. Isto parece ser perigoso, não? - disse Baku.

- Sim, jovem Baku! Por esta razão, aquele que detém a imunidade cármica, normalmente faz tudo o que deve ser feito a despeito de suas próprias vontades e desejos. Ele jamais realiza algo em benefício próprio! Age sempre em nome do bem coletivo! Há uma questão importante: Ambos os instrumentos devem ser carregados pelo Alto Sacerdote o tempo inteiro!

- Ele nunca se separa destes objetos? – perguntou Zym-Hur.

- Desde que os recebe, até o final de sua vida, ele deve carregar ambos. Caso separe-se de apenas um deles, quebra-se a imunidade cármica e ele estará sujeito às consequências, inclusive de atos que tenha praticado anteriormente! - disse Ilan.

- E após sua morte, o que é feito destes objetos? – tornou a perguntar.

- Após a morte do primeiro Zym, os objetos deveriam ficar sob os cuidados de seu clã. Transmitidos geração após geração, jamais deveriam tornar a ser usados!

- Quer dizer que somente o primeiro Zym poderia fazer uso daqueles objetos? - perguntou a jovem.

- Somente ele, ninguém mais! - disse Ilan. Porém, a simples posse destes dois objetos, transfere ao seu portador a imunidade cármica! Por esta razão, jamais deveria cair em mãos erradas!

- Até onde sei, a adaga original estava sob os cuidados de meu clã. Está, portanto, comigo! - disse o Kahuna para em seguida apresentar sua adaga, entregando-a para Ilan. - Tome. Verifique se é de fato o objeto original, entregue pelos deuses ao primeiro Zym!

- Já estou vendo... Trata-se da adaga entregue pelos deuses ao primeiro Zym! - disse Ilan. - Se o pingente estava no pescoço de Loo-Ni-Fehr, e a adaga contigo, onde, quando e quem os terá separado?

- E os Cristais Estelares? - perguntou a jovem.

- Os Cristais Estelares constituem um poder extra, entregue ao primeiro Zym. Mas não se trata de um poder qualquer... Havia um segredo apenas compartilhado entre os deuses e o primeiro Zym... - disse Ilan, coçando a barba. - Alinhados da maneira correta, os Cristais Estelares criariam um Portal Multidimensional. Ou seja, não mais seria necessário esperar pelos deuses! Conseguem imaginar o tamanho da confiança depositada na alma do primeiro Zym?

- Isso o tornaria praticamente um deus! - disse o Kahuna.

- Quanto ao Cristal Negro, trata-se de algo ainda mais poderoso! Sozinho, ele cria um Portal Cósmico! Porém, alguém descobriu que, ao alinha-lo em perfeição aos Cristais Estelares, seria possível abrir, ao mesmo tempo, os Portais Multidimensional e Cósmico! - disse Ilan.

Por Gaia! E o que acontece depois disto? - perguntou a jovem.

- Abre-se uma brecha atemporal onde é possível percorrer, através de uma espécie de trilha, tanto o caminho que leva ao tempo passado quanto ao futuro. Evidentemente esta é apenas uma das incontáveis coisas que esta combinação é capaz de fazer! - disse Ilan.

- Mas o que isto realmente significa? - perguntou o Kahuna.

- Significa que a pessoa que abrir os portais, terá o domínio absoluto da massa das multidões e poderá manipular todos os acontecimentos em Gaia por tempo indeterminado!

- O Cristal Negro agora está nas mãos de Loo-Ni-Fehr! - disse Yan-Mei.

- Sim. Mas acho pouco provável que ele saiba a res- peito desta peculiaridade. Eu mesmo não sabia disto. - disse o Kahuna.

- Deves considerar que ele levou consigo apenas o Cris- tal Negro, quando poderia ter levado qualquer outra coisa. - disse Ilan.

- Qual seria o intuito de Loo-Ni-Fehr? Falar com os deuses? - retrucou o Kahuna. - E depois, ele acabou por ficar sem o pingente...

- Os instrumentos que permitem a imunidade cármica não têm a menor relevância para alguém inconsequente! disse Ilan.

- Por onde andam os Cristais Estelares? - perguntou-se Yan-Mei.

- Alguém que os possuísse, provavelmente os manteria acondicionados dentro da caixa!

- E como seria esta caixa? - perguntou Baku.

- Semelhante a um pequeno baú feito de material imperecível. Sua cor é mais escura. - respondeu Ilan.

- Ela teria mais ou menos esta altura e este comprimento? - perguntou Baku, enquanto mensurava com os braços.

- Exato! - respondeu Ilan. - A viste em algum lugar?

- Há uma destas na casa de patrão. A vi muitas vezes. Certa vez tentei abri-la, porém não obtive sucesso. Aliás, o patrão sempre teve um cuidado extremo com esta caixa. Não é possível! - disse Yan-Mei, espantada com o que acabara de ouvir.

- Ilan nos disse que estes objetos, nas mãos de um leigo, não são mais do que simples ornamentos! E depois, o Cristal Negro sempre esteve muito bem guardado, escondido até, eu diria! Mas reconheço que, as poucas vezes que o desembrulhei de seu manto, coisas sinistras aconteceram! - disse o Kahuna.

- É verdade que um leigo não viria até aqui buscar algo inexistente. E depois, se guardaste o Cristal Negro com tanto zelo a ponto de ninguém mais ter conhecimento sobre ele, por qual razão Loo-Ni-Fehr agiria como agiu? - perguntou Ilan.

- O senhor está certo! - disse a jovem. - Para quê negar tanto? Afinal de contas, alguém pode ter encomendado este serviço a Loo-Ni-Fehr, mas

também é possível que ele tenha agido em seu próprio interesse!

- Somente um Alto Sacerdote de Mu seria capaz de conjurar aquela oração! E depois, ele soube ler o Grimório! Loo-Ni-Fehr veio aqui por conta própria! - disse Zym-Hur.

- Supondo que ele tenha conhecimento suficiente para fazer o perfeito alinhamento entre os cristais, seria ele capaz de abrir os portais mesmo estando desprotegido? Quero dizer... ele seria capaz de agir de maneira inconsequente, já que não dispõe da adaga e o pingente? - perguntou a jovem.

- A sede pelo poder... Esse é o limite para Loo-Ni-Fehr! – disse Ilan.

- O patrão sempre foi ganancioso! - disse Baku. - Desde que o conheço, o vi fazer coisas aterradoras, tudo porque sempre queria mais e mais!

- Aparentemente é uma imagem que contrasta com o que vi naquele dia quando fui transmitir-lhe o recado de Zym- Hur. - disse a jovem. - A percepção que tive foi de que ele sentiu medo... ficou muito nervoso... Teve até um mal-estar...

- Quem sentiu medo fui eu! - disse Baku. - A possibilidade de enfrentar a ira do Kahuna me deixou tão nervoso que... Bem, você sabe!

- Então foi você... - disse a jovem, segurando-se para não rir da situação que Baku ficara.

- Não ria! Sou medroso...

- Não vou rir! É que lembrei de tudo, inclusive da boa sensação que tive, pois me senti protegida! Mas conte-me, por qual razão tiveram que socorrê-lo?

- O patrão costuma ter crises seguidas de ódio. Então acaba por sofrer aquela reação... Ninguém sabe o porquê. Ele próprio, assim que se recupera, diz não lembrar de nada.... disse Baku.

A psicosfera ao redor da fogueira estava harmoniosa, convidativa e causava impressão de que todos eram amigos de longa data. Continuariam conversando noite adentro...

- Que os deuses nos protejam, e que possamos lhes ser- vir como fiéis instrumentos ante a propagação do Bem! - concluiu Ilan.

CAPÍTULO DEZENOVE

O Marco Zero

Gaia inicia seu processo de transformação, porém, muitos ainda estão entorpecidos e momentaneamente incapacitados de perceber o chamado que veio do Alto.

Percorremos toda a Grande Ilha de Hur, cobrindo cada um de seus pontos. Até mesmo aqueles de acesso mais difícil foram vasculhados, pois não desejávamos que ninguém fosse esquecido, resultando no fato de que todos foram avisados sobre a chegada do grande dia!

De alguma forma, o ser humano parece não ter aptidão para ouvir a voz de seu Sagrado Interior. Em contraponto a isto, todos os demais seres vivos demonstram estar muitíssimo mais adiantados, já que vibram em consonância com a frequência cósmica. Trata-se de um aprendizado necessário e urgente!

Acontecimentos como o Grande Cataclismo, tendem a ser erroneamente compreendidos. Não se trata da Fúria de Gaia conforme a Raça Lemuriana se convencionou chamar, mas do vigoroso exercício de retomada ao verdadeiro e único caminho que reconduz a Centelha Divina ao seio da Consciência Criadora!

O Despertar do Ser é, no fundo, o primeiro de muitos passos... Todos deverão fazê-lo... a seu próprio tempo! Dentre milha- res de habitantes na Grande Ilha de Hur, apenas alguns poucos demonstraram estar no tempo certo... Alguns deles precisaram sofrer com a travessia de seus entes queridos para o mundo dos mortos. Outros, precisaram ir para o mundo dos mortos, deixando os seus entregues à guisa do destino. Outros, ainda, receberam de Gaia, sinais indubitáveis sobre a necessidade de uma profunda mudança interior. Mas houve também aqueles que, de última hora, resolveram afastar-se do propósito com o qual, tempos atrás, haviam se comprometido...

Não há nada mais poderoso do que ser a pessoa certa no momento certo! Esta sincronicidade movimenta forças poderosíssimas e, quase sempre, permite que alguns poucos transformem o destino de muitos!

Claro! É desejável que se transforme para melhor! Porém, isto nem sempre acontece, pois, aqueles ditos "bons" acomodam-se em sua pretensa bondade enquanto os "maus" movimentam forças dinâmicas em sua aparente maldade. Disto resulta a falsa percepção de que são os maus que dominam Gaia, e isso é apenas uma desculpa que os "bons e acomodados" costumam dar, já que tendem a não se empenhar tanto quanto poderiam... ou deveriam...

A maldade humana não deve ser considerada algo ruim. Da mesma forma, a bondade não deve ser considerada algo bom. Nem somente uma coisa, nem somente outra... Disto resultaria a ilusão de que alguns são melhores que os outros, e é justamente por isto que Gaia, muitas vezes movimenta suas entranhas sacudindo o chão daqueles que se autodenominam donos da verdade.

A dualidade normalmente cria um abismo entre as pessoas, pois divide aqueles que podem realizar dos que não podem... Os belos aos feios... Os ricos aos pobres... o bem ao mal... A verdade é que todos os seres humanos são poderosos realizadores, dotados de incomensurável capacidade de inspiração e possuidores dos mesmos potenciais... A beleza está no Ser, no interior de cada um e ela se manifesta através dos movimentos da alma... quanto mais mobilidade a alma tiver, tão mais bela será, mas quanto mais inerte, estagnada, preguiçosa, mais feia se tornará!

Pobreza... da alma que sofre com a indolência, apatia! Riqueza... de ideias, potenciais, coragem para mudar o destino fazendo algo de bom e útil ao coletivo! O Bem não é um estado de espírito, mas de ação! Uma criatura dita "do bem", pratica diuturnamente ações em prol da transformação... enquanto a criatura do mal espalha o medo, a dúvida, joga uns contra os outros, alimenta- se de discussões falaciosas... Mas afinal de contas, quem já não passou por tudo isso? Tomai consciência desta dualidade existente no interior de cada ser humano e vos garanto, o Despertar do Ser acontecerá! Somente aquele profundo conhecedor de suas sombras será capaz de reconhecer a intensidade e o brilho de sua própria luz!

Para muitos, este será o Marco Zero... É tempo de recomeçar... de retomar a caminhada evolutiva há muito tempo abandonada. Para isto, não é necessário perder tudo, ou quase tudo. Ninguém precisa sofrer para evoluir, mas o sofrimento, este é resultado dos apegos e desejos mais

esquisitos da alma humana... Todo sofredor é, também, alguém que vive insatisfeito com o que a vida lhe deu... Ele, no entanto, ignora que recebeu abundância, mas só quis para si a carestia e escassez. Recebeu a liberdade, mas escolheu o cerceamento... Sua justificativa? Disse que amou muito, até demais... não percebe seu coração transbordante de rancor e cobranças por tudo aquilo que deu... No fundo, queria algo em troca! Mas quem não quer? Todos esperam receber algo... o dar e receber traz de volta o equilíbrio do vínculo nas relações. Mas é o amor incondicional que liberta das amarras, purifica o Ego, elimina o ranço de uma vida repleta de exigências desnecessárias, aquelas onde um abdica de sua própria essência para satisfazer ao outro! Ame até mesmo os animais peçonhentos, mas respeite seu espaço! Do contrário, receberá uma boa dose de veneno... E por falar em veneno, como estão teus pensamentos, tuas emoções, tua fala e tuas atitudes? Venenosas e tóxicas, ou repletas de leveza e bem-estar? Que tal começar deste ponto em diante? Eu, Ilan, o Amaka, te convido a fazer deste, o Marco Zero de tua transformação interior! Se teu desejo é este, saiba que todas as forças já estão mobilizadas em prol de teu Despertar!

CONTINUA EM OS FILHOS DAS Estrelas - SEGUNDA PARTE.